

Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá
Josailton Fernandes de Mendonça
Sebastião Marques Cardoso
(Organizadores)

Sígnos em Trátese:

Novas Abordagens Acadêmicas Sobre
Linguagem, Discurso e Literatura



Podes Editora

Signos em Transe:

Novas Abordagens Acadêmicas Sobre
Linguagem, Discurso e Literatura

Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá
Josailton Fernandes de Mendonça
Sebastião Marques Cardoso

Organizadores

Apoio:



Podes Editora

Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá
Josailton Fernandes de Mendonça
Sebastião Marques Cardoso
(Organizadores)

Signos em Transe:

Novas Abordagens Acadêmicas Sobre
Linguagem, Discurso e Literatura

VOLUME I

Copyright © da Podes Editora Ltda

Editora-Chefe: Ana Maria Carneiro Almeida Diniz
Diagramação: Kaline Cavalheiro da Silva
Capa: Kaline Cavalheiro da Silva
Revisão: Autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Signos em transe [livro eletrônico] : novas abordagens acadêmicas sobre linguagem, discurso e literatura / Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá, Josailton Fernandes de Mendonça, Sebastião Marques Cardoso, organizadores. -- Mossoró, RN : Editora Podes, 2022. -- (Cadernos de estudos da linguagem, do discurso e da literatura ; v. 1)
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-995722-4-1

1. Ciências da linguagem 2. Discursos 3. Linguagem
4. Linguagem e línguas - Discursos 5. Literatura
I. Sá, Jammara Oliveira Vasconcelos de. II. Mendonça, Josailton Fernandes de. III. Cardoso, Sebastião Marques. IV. Série.

22-103827

CDD-401

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências da linguagem : Linguística 401

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Coleção

Cadernos de estudos da linguagem, do discurso e da literatura

Esta coleção visa promover o debate teórico-metodológico a)- acerca da estrutura e funcionamento da linguagem em contextos diversos, b)- sobre os variados mecanismos de produção de sentido e práticas sociais e c)- sobre as literaturas a partir de campos epistemológicos multi, pluri e interdisciplinares.

Conselho Editorial

Paula Daniela Bianchi (Universidad de Buenos Aires, CONICET)

Francisco Vieira da Silva (UFERSA)

José Veranildo Lopes da Costa Júnior (UFPB)

Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE-PR)

Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

Sebastião Marques Cardoso (UERN)

Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

Comitê Científico

Profa. Dra. Ady Canário de Souza Estevão (UFERSA)

Prof. Dr. Marco Antonio Lima do Bonfim (UFPE)

Profa. Dra. Maria Eliane Souza da Silva (UERN)

Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho (UESPI)

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)

Profa. Dra. Ana Maria Carneiro Almeida Diniz (SEEC/PB)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1: ANÁLISE DOS ATOS DE FALA NO TEXTO *A MID-SUMMER NIGHT'S DREAM* DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA UNO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Camila Petrochely Borges Mendonça

Pedro Adrião da Silva Júnior

CAPÍTULO 2: LITERATURA, IDENTIDADE E MEMÓRIAS ANGOLANAS NO ROMANCE *O VENDEDOR DE PASSADOS*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Pedro do Vale Carlos

Sebastião Marques Cardoso

CAPÍTULO 3: A ÚLTIMA ESTRELINHA SE PINGOU PARA DENTRO: O FANTÁSTICO EM PRESEPE DE *TUTAMÉIA*: TERCEIRAS ESTÓRIAS

Lidiane Moraes Fernandes

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DAS MÁXIMAS DE GRICE EM RESUMOS MONOGRÁFICOS DE UM CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Diva Wellk de Oliveira Santos

Pedro Adrião da Silva Júnior

CAPÍTULO 5: O DISCURSO DOS VALORES MORAIS ‘CRISTÃOS’: ANÁLISE CRÍTICA DE LIÇÕES PARA O ENSINO RELIGIOSO

José Roberto Alves Barbosa

CAPÍTULO 6: AS FACES DO FEMININO EM *A DESCOBERTA DO MUNDO*, DE CLARICE LISPECTOR

Lara Marques de Oliveira

CAPÍTULO 7: A VAMPIRA CARMILLA ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DO MONSTRO FEMININO NA LITERATURA GÓTICA

Ylana Karla de França Lopes e Tavares

Emílio Soares Ribeiro

CAPÍTULO 8: A REALIZAÇÃO DO MORFEMA –ED POR APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

Maria Gadêlha da Silva

Katiene Rozy Santos do Nascimento

CAPÍTULO 9: ANÁLISE CRÍTICA MULTIMODAL DOS DISCURSOS DE PROTESTOS #ELESIM

Francisca Janiele Buriti

Moisés Batista da Silva

CAPÍTULO 10: LITERATURA E RESISTÊNCIA NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA* DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Wilma Mesquita de Almeida

Francisca Fabiana da Silva

CAPÍTULO 11: A REPRESENTAÇÃO DA HOSTILIDADE AO ESTRANGEIRO NO CONTO ‘A CIDADE’, DE MURILO RUBIÃO

Ana Keila Tavares de Souza

CAPÍTULO 12: OS GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DA PRODUÇÃO ESCRITA: UM ESTUDO DAS PROPOSTAS DO LIVRO *TOUCHSTONE 1*

Débora Brenda Teixeira Silva

Adriana Morais Jales

CAPÍTULO 13: AS ANÁFORAS ENCAPSULADORAS NO GÊNERO REDAÇÃO DO ENEM: DIALOGANDO SOBRE CONTRIBUIÇÕES PARA A COESÃO TEXTUAL

Emanuelle Kelly Alves de Souza

Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá

CAPÍTULO 14: CLARA DOS ANJOS: PERSPECTIVAS FEMINISTAS SOBRE A PERSONAGEM CLARA NA OBRA DE LIMA BARRETO

Ana Karulyne Lopes de Oliveira

CAPÍTULO 15: AS ANÁFORAS CORREFERENCIAIS NO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO: REFLEXÕES SOBRE A MANUTENÇÃO TÓPICA

Franciedson Pinto da Silva

Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá

CAPÍTULO 16: DE EVA A LILITH: FIGURAÇÕES DO FEMININO EM A SAUNA, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Ana Carolina da Silveira Costa Santiago

Antonia Marly Moura da Silva

CAPÍTULO 17: TRANSFERÊNCIA PRAGMÁTICA: ESTUDO COMPARATIVO DE HISPANOFALANTES E BRASILEIROS COM O ATO DE FALA AGRADECER

Marta Regina de Oliveira

Pedro Adrião da Silva Júnior

CAPÍTULO 18: ANÁLISE DA INTERFONOLOGIA RÓTICA PB-ELE EM FALA ESPONTÂNEA/CONTROLADA SOB A ÓTICA DA TEORIA DE EXEMPLARES

José Rodrigues de Mesquita Neto

Clerton Luiz Felix Barboza

CAPÍTULO 19: CARTOGRAFIAS IDENTITÁRIAS EM *VOZES DO DESERTO* DE NÉLIDA PIÑON: RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA

Maria do Socorro Souza Silva

Roniê Rodrigues da Silva

CAPÍTULO 20: AS MULHERES GUINEENSES NA NARRATIVA *SUNGUILA* DE FILOMENA EMBALÓ

Marília Gabrielly Peixoto de Sousa

Sebastião Marques Cardoso

CAPÍTULO 21: SACRIFÍCIO, RESISTÊNCIA E CONSTITUIÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE LÍTERO DISCURSIVA DO CONTO *THE LOTTERY* DE SHIRLEY JACKSON

José Roberto Alves Barbosa

Lucas Sales Barbosa

CAPÍTULO 22: DEVIR-MULHER E DEVIR-IMPERCEPTÍVEL EM *FOGO MORTO*

Antônio Cleonildo da Silva Costa



APRESENTAÇÃO

Gosto mais de viajar por palavras do que de trem.
Manoel de Barros - *Retrato do Artista Quando Coisa*, 1998.

A maior parte dos textos reunidos, neste livro, decorre dos trabalhos desenvolvidos a partir do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL– da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Situado no *campus* Central, em Mossoró, esse Programa de Pós-Graduação em Letras se concentra em estudos teóricos e aplicados no âmbito das linguagens em variadas conexões com as práticas sociais. O Programa, ainda recente, tem contribuído para a pesquisa acadêmica, através, sobretudo, do desenvolvimento de várias linhas de pesquisa. Nesse contexto, apresentamos o presente livro como parte das atividades realizadas pelo Programa.

No livro, como espelho das atividades acadêmicas de docentes e de alunos do Programa, encontraremos textos com posicionamentos teórico-metodológicos diversos, que preenchem tanto os espaços das representações discursivas literárias quanto de aspectos mais particulares acerca do funcionamento da linguagem e seus usos postos em evidência. Lembramos, também, que o livro se insere na coleção “Cadernos de estudos da linguagem, do discurso e da literatura”, da Editora Podes, cuja proposta está em linha com as atividades acadêmicas regulares do PPCL. Assim, a

existência do presente livro pode ser vista como também o desejo de iniciar, dialogar, garantir e apoiar a continuidade das pesquisas e das intervenções promovidas pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem.

Com relação à disposição dos textos presentes no livro, os variados capítulos estão arrolados linearmente sem obedecer a uma divisão rígida por áreas ou preferências temáticas. Ao todo, são 22 capítulos que dão unidade ao livro.

O primeiro capítulo do livro, com “Análise dos atos de fala no texto *A Midsummer Night’s dream* do livro didático de língua inglesa UNO: descrição e análise”, os autores Camila Petrochely Borges Mendonça e Pedro Adrião da Silva Júnior analisam, nesse texto literário de Shakespeare, os atos de fala assertivos, diretivos, expressivos, compromissivos e declarativos, em face da teoria pragmática da linguagem, de acordo com Searle (1969). No capítulo seguinte, com “Literatura, identidade e memórias angolanas no romance *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa”, os pesquisadores Pedro do Vale Carlos e Sebastião Marques Cardoso problematizam a questão da identidade e da memória angolanas no texto ficcional de Agualusa em recortes teóricos que partem da crítica pós-colonial.

O capítulo 3, “A última estrelinha se pingou para dentro: o fantástico em Presepe de *Tutaméia*: terceiras estórias”, da autora Lidiane Morais Fernandes, apresenta uma análise do referido conto de João Guimarães Rosa. Nessa análise, a pesquisadora atribui maior ênfase no traço do fantástico que pode ser vislumbrado na escrita do autor mineiro. No capítulo seguinte, com “Análise das máximas de Grice em resumos monográficos de um curso de Letras – Língua Portuguesa”, a autora Diva Wellk de Oliveira Santos analisa a presença das violações das máximas de Grice nos resumos monográficos de alunos de Letras – Língua Portuguesa.

O capítulo 5 examina “O discurso dos valores morais ‘cristãos’: análise crítica de lições para o ensino religioso”. Examinado o artigo intitulado “Valores Cristão” publicado por uma das denominações evangélicas do Brasil no 2 trimestre de 2018, José Roberto Alves Barbosa avalia os “valores cristão” que se encon-

tram alinhados ao conservadorismo moralista cujo objetivo é neutralizar ideologicamente as crenças. Com “As faces do feminino em *A descoberta do mundo*, de Clarice Lispector”, a pesquisadora Lara Marques de Oliveira faz um recorte da referida obra de Clarice, concentrando-se, sobretudo, na análise das representações do feminino. Além disso, a pesquisadora dialoga com algumas das contribuições da crítica feminista e também com a crítica instituída sobre a escritora brasileira.

No capítulo 7, através do texto “A vampira Carmilla enquanto representação do monstro feminino na literatura gótica”, os pesquisadores Ylana Karla de França Lopes e Tavares e Emílio Soares Ribeiro analisam e problematizam a identidade da personagem Carmilla, presente na ficção do escritor irlandês Joseph Sheridan Le Fanu. No capítulo seguinte, com “A realização do morfema *-ed* por aprendizes brasileiros de Inglês Língua Estrangeira”, as pesquisadoras Maria Gadêlha da Silva e Katiene Rozy Santos do Nascimento, fundamentadas em uma perspectiva multirrepresentacional da linguagem, investigam a realização do morfema *-ed* no passado de verbos regulares por aprendizes de Inglês como Língua Estrangeira (ILE) no curso de Licenciatura em Letras - Inglês.

Já no capítulo 9, “Análise crítica multimodal dos discursos de protestos #elesim”, os autores Francisca Janiele Buriti e Moisés Batista da Silva utilizam a crítica multimodal do discurso para examinarem os movimentos de protesto #Elesim a partir da análise das imagens que circularam nas redes sociais virtuais Facebook, Instagram e Twitter, durante as pré-eleições no Brasil, em 2018. De acordo com os autores, esta análise possibilita descrever e explicar as práticas sociais e discursivas que estão envolvidas nos textos imagéticos, neste sentido, é ressaltado a relação que há entre linguagem, ideologia e poder. O capítulo 10, “Literatura e resistência na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus”, das pesquisadoras Wilma Mesquita de Almeida e Francisca Fabiana da Silva, traz uma reflexão analítica posta a partir da literatura afro-brasileira. As pesquisadoras põem em evidência as conflituosas representações da literatura feminina e da resistência

cultural e de gênero sob véu da memória, presente na obra de Carolina Maria de Jesus.

O capítulo seguinte, “A representação da hostilidade ao estrangeiro no conto A cidade, de Murilo Rubião”, da autora Ana Keila Tavares de Souza, traz um estudo sobre a repreensão/hostilidade dos nativos para com o estrangeiro/estranho. Na análise, a pesquisadora busca, também, relacionar referências teóricas diversas para discutir a situação de estrangeiro no texto de Rubião, tais como Julia Kisteva e Homi Bhabha, por exemplo. Com “Os gêneros textuais e o ensino da produção escrita: um estudo das propostas do livro *Touchstone 1*”, as pesquisadoras Débora Brenda Teixeira Silva e Adriana Morais Jales analisam como as propostas de produção escrita são orientadas no primeiro livro didático dessa coleção para o ensino de Língua Inglesa.

No capítulo 13 tem-se o estudo “As anáforas encapsuladoras no gênero redação do ENEM: dialogando sobre contribuições para a coesão textual”. As pesquisadoras Emanuelle Kelly Alves de Souza e Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá promovem uma análise da anáfora encapsuladora entendendo que este recurso se mostra um grande subsídio para uma boa pontuação na competência IV, no gênero dissertativo-argumentativo produzido para o ENEM. Como resultado do estudo, mostrou-se que o recurso é ágil na costura coesiva do texto possibilitando o perfeito encadeamento das ideias e de porções textuais nas redações analisadas. No capítulo 14, “*Clara dos Anjos*: perspectivas feministas sobre a personagem Clara na obra de Lima Barreto”, da pesquisadora Ana Karulyne Lopes de Oliveira, há um estudo multidimensional sobre a construção da personagem Clara, considerando o espaço literário do autor carioca como um lugar de ressignificações, sobretudo no âmbito de questões de gênero e raça.

Tratando-se do capítulo 15, “As anáforas correferenciais no gênero artigo de opinião: reflexões sobre a manutenção tópica”, examinam como ocorre a referenciação anafórica na manutenção do tema por meio de anáforas correferenciais em artigos de opinião. A questão fundamental é como o processo de referenciação anafórica e suas funções discursivas contribuem para a

manutenção temática e para a construção global dos sentidos do texto. Para tanto, analisam um artigo de opinião intitulado “Incêndios” escrito por Leila Guerriero e publicado no jornal *El País* em 13/09/2019. As autoras Ana Carolina da Silveira Costa Santiago e Antonia Marly Moura da Silva, com o texto “De Eva a Lilith: figurações do feminino em A sauna, de Lygia Fagundes Telles”, analisam, sob a perspectiva do gótico feminino, o contexto narrativo do referido conto, no qual esboços das representações de perfis de mulheres são delineados.

Com “Transferência pragmática: estudo comparativo de hispanofalantes e brasileiros com o ato de fala agradecer”, os pesquisadores Marta Regina de Oliveira e Pedro Adrião da Silva Júnior investigam os estudos que concernem à interlíngua pragmática com o objetivo geral de analisar a TRP em hispanofalantes na aquisição do português brasileiro (PB) como segunda língua (L2). No estudo “Análise da interfonologia rótica PB-ELE em fala espontânea/controlada sob a ótica da teoria de exemplares”, os pesquisadores José Rodrigues de Mesquita Neto e Clerton Luiz Felix Barboza exploram o campo da interfonologia rótica PB-ELE com foco na realização de experimentos e fundamento na teoria de exemplares. Apoiando-se na metodologia quali-quantitativa usando parâmetros acústicos para realizar a análise quantitativa, o estudo confirma a sua hipótese básica segundo a qual no experimento de fala controlada há uma maior proximidade entre a realização dos informantes e a forma-alvo do ELE.

O próximo capítulo, “Cartografias identitárias em *Vozes do deserto* de Nélide Piñon: relações entre literatura e filosofia”, dos pesquisadores Maria do Socorro Souza Silva e Roniê Rodrigues da Silva, traz um estudo que procura investigar como se configuram as representações identitárias dos protagonistas do referido romance da escritora Nélide Piñon, sob o viés da leitura crítica dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. O capítulo 20, “As mulheres guineenses na narrativa *Sunguila* de Filomena Embaló”, os autores Marília Gabrielly Peixoto de Sousa e Sebastião Marques Cardoso buscam, através da leitura do texto literário de Embaló, destacar a relação entre os fatos históricos com os relatos

das personagens, considerando tanto a importância das mulheres como guardiãs da memória dos povos quando a importância delas no processo de luta pela libertação.

O estudo que se apresenta no capítulo 21, “Sacrifício, resistência e constituição social: uma análise lítero discursiva do conto *The Lottery* de Shirley Jackson”, os pesquisadores, José Roberto Alves Barbosa e Lucas Sales Barbosa analisam a constituição do sacrifício enquanto constituição social, a partir de um conto de Shirley Jackson, intitulado “*A Loteria*”, identificando como acontece o processo de naturalização social, que se impõe como “verdade”, ancorada na tradição, principalmente a religiosa. Finalizando o livro, com o capítulo “Devir-mulher e devir-imperceptível em *Fogo Morto*”, o pesquisador Antônio Cleonildo da Silva Costa procura analisar como José Lins do Rego representa os perfis femininos neste romance.

Isso posto, esperamos que a multiplicidade de estudos presentes neste livro estimule o interesse do leitor na reflexão sobre os temas propostos. Além disso, pesamos que a leitura do livro possa também auxiliar na prática da crítica e do exercício da pesquisa acadêmica.

Os organizadores.



CAPÍTULO 1

ANÁLISE DOS ATOS DE FALA NO TEXTO A *MIDSUMMER NIGHT'S DREAM* DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA UNO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Camila Petrochely Borges Mendonça
Pedro Adrião da Silva Júnior

1 Introdução

A análise disposta nesse trabalho está inserida na dissertação “Os atos de fala em textos do livro didático de língua inglesa Uno: descrição e análise”. Este estudo analisou em um texto literário de Shakespeare, presente na seção *Become a Reader*, de um livro didático de língua inglesa do 9º ano da coleção UNO, os atos de fala assertivos, diretivos, expressivos, compromissivos e declarativos, em face da teoria pragmática da linguagem, de acordo com Searle (1969). Com a variância de gêneros e contexto, procurou conhecer os variados atos de fala e sua força, considerando se realmente havia uma intenção dos autores dentro de seus textos propostos, dos personagens e se o enfoque pragmático ajudaria a conhecer melhor a interação locutor e interlocutor.

Abordando a teoria pragmática que como relata Mey (2000) é a ciência da linguagem nos contextos sociais, na qual fortalece uma relação utilitária entre linguagem e seu contexto de comunicação, sujeito a fatores do mundo sociocultural externo, aos inter-

locutores, e sua capacidade de formação de conceitos e emoções, ao falarmos de pragmática, fazemos referência como a língua é utilizada para construir significados.

Trazendo essa concepção para o livro didático que contém funções de informação, estruturação e organização da aprendizagem, sendo um guia do aluno na sua percepção do mundo exterior, como apontam Santos e Carneiro (2006). O estudo da pragmática, através da especificação dos atos de fala nos livros didáticos de língua inglesa nos livros UNO, identificou vários tipos de enunciados, textos e diálogos, abrangendo na análise, além disso, aspectos gramaticais e semânticos entre os interlocutores.

A partir da indagação de como os atos de fala estão organizados no texto *A Midsummer Night's dream*, dentro do livro didático de língua inglesa UNO, buscamos compreender a influência que a frequência dos atos de fala incide nos textos de livro didático de língua inglesa.

Desta forma temos como objetivo geral analisar os atos de fala do texto *A Midsummer Night's dream*, inserido no livro didático Uno de língua inglesa. Para tanto, foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos: Classificar e descrever os atos de fala presentes no texto literário analisado; e analisar a frequência dos atos de fala contidos no texto literário e como esta influencia as posições e intenções dos locutores e interlocutores dentro do diálogo.

A análise de *A Midsummer Night's dream* pautou-se nessas realizações linguísticas dentro do texto, seu contexto possível, a intenção do autor, e intenções entre locutor e interlocutor, assim como nas relações tecidas entre os atos de fala dentro de uma mesma sentença, dadas as relações de a frequência, e se as características dos gêneros textuais poderiam direcionar a quantidade de atos de fala já característicos deles. Com essa análise observamos algumas percepções de aspectos pragmáticos não transparentes dentro do enunciado.

2 Os atos de fala

Na percepção de Searle (1969), a filosofia da linguagem traz uma descrição para traços gerais da linguagem, como referência, verdade, voltada para a linguagem e não especificamente para uma língua. Com a obra póstuma de Austin, *How To do Things with words*, de 1962, muitos fatos, deixados de antemão pelos estudos filosóficos e linguísticos, ganham força. Sobre a influência da filosofia do senso comum de G. E. Moore, Austin propõe uma abordagem ligada à língua como ação. Austin (1962) produziu os seus “atos de fala”, que Searle (1969) aprofundaria em uma das mais divulgadas tendências da moderna Filosofia da Linguagem.

John Searle lançou, em 1969, sua obra *Speech acts*. Para Rajagopalan (2010), com essa obra, ele afirmou seu status de herdeiro de Austin. Searle (1969) retoma às ideias de Austin e as amplia no *Speech Acts*. Nele, defende a ideia de que significado e ato ilocucionário não devem ser tratados como a mesma coisa. Por exemplo, um enunciado como “Passe-me o pão” pode ser perfeitamente entendido no seu significado, embora o ouvinte possa ter dificuldade de saber se trata de um pedido ou uma ordem. Rejeitando a distinção austiniana entre o ato ilocucionário e locucionário, ele reformula os atos em: Atos de proferimentos: são os atos de articulação da cadeia sonora; Atos proposicionais: atos nos quais o locutor refere-se a um objeto e predica algo dele; Atos ilocucionários: asserções, promessas, pedidos, advertências; e Atos perlocucionários: são as consequências e os efeitos provocados pelos atos ilocucionários.

Como descrito acima, as noções de atos de fala são retomadas e sistematizadas por John Searle no *Speech acts* (1969) e, depois, em *Expression and meaning* (1979). Ele distingue 5 atos que serão analisados nesse estudo, sendo eles: a) Assertivos (afirmar, asseverar, dizer); b) Diretivos (ordenar, pedir, mandar); c) Comissivos (prometer, garantir); d) Expressivos (desculpar, agradecer, dar boas-vindas); e) Declarativos (batizar, demitir, condenar).

Para Searle (2002), o falante procura produzir certo efeito para que o ouvinte reconheça sua intenção, e observa que esse reconhecimento está associado com o que foi dito pelo locutor

como sendo algo convencional. Apesar de formal e universalista, sua teoria influenciou alguns autores em suas interpretações dos atos de fala.

3 O percurso metodológico

A pesquisa caracteriza-se por ser quali-quantitativa, caracterizada por Minayo (2013, p. 21), como uma abordagem que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Em vista da escolha metodológica realizada, esta abordagem foi utilizada pelo seu caráter híbrido ser capaz de não tão somente tornar possível qualificar as percepções através do aprofundamento do objeto, de forma quantificável, assim como de maneira mais subjetiva.

Para fins desta pesquisa, foi elencado como objetivo a análise dos atos de fala em um texto do livro didático UNO de língua inglesa do 9^a ano, de acordo com a teoria pragmática. Mais especificamente, um texto da seção *Become a Reader* foi escolhido, com enfoque no contexto pragmático e atos de fala. A pesquisa é qualitativa, pois classifica, descreve e interpreta a partir da análise dos cinco atos de fala assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarativos. A pesquisa também tem uma base quantitativa, pois quantifica e analisa a frequência dos atos de fala.

Os passos dentro dessa metodologia foram: a) Classificação e descrição dos atos de fala assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarativos no texto *A Midsummer Night's Dream*, presente no livro didático de língua inglesa da coleção UNO do 9^a ano, inseridos na seção *Become A Reader*; b) Análise da frequência dos cinco atos de fala propostos para a pesquisa. Para a localização dos atos de fala, foi usada uma tabela qualitativa, em que, oposto ao ato de fala escrito, estará o enunciado encontrado no livro da pesquisa. Para fins práticos selecionamos alguns enunciados das tabelas para a análise disposta neste estudo.

Posteriormente, a frequência destes atos de fala foi demonstrada a partir de representação gráfica, contendo a porcentagem

de incidência de cada ato de fala no texto. Assim, foi representada não apenas a quantidade, mas, também, o percentual de vezes no texto analisado. Assim sendo, a frequência foi analisada observando a importância dos atos de fala no texto, aspectos contextuais, gênero textual, sujeito, o ambiente inerente ao texto e as características que condicionam a linguagem e uso, revelando os atos de fala principais no texto analisado.

A análise dos atos de fala foi constituída, observando diferentes falas dos personagens da obra de William Shakespeare, *A Midsummer Night's Dream*, adaptado por Simone Ribke, no qual trouxemos a análise para este estudo.

4 Análise e discussão dos resultados

Na obra de Shakespeare *A Midsummer night's dream*, o autor utiliza do recurso dialógico quando escolhe elementos da peça de Ovídeo, Píramo e Tisbe, em que as obras dialogam constantemente. A paródia é outro aspecto da obra, além de ter elementos da estética renascentista. Logo abaixo, analisaremos os atos e em seguida, as frequências destes atos, presentes no texto estudado.

4.1 Atos de fala expressivos

O ato de fala expressivo, que norteia os desejos dos personagens e as expressões de seus sentimentos - até como resposta aos atos de fala diretivos impostos -, em falas como:

Abaixo, retiramos algumas sentenças do ato de fala expressivo:

“I no longer love you, so stop following me”, said Demetrius

“Demetrius had once loved and wooed poor Helena. But he quickly fell out of love with her when he met her friend Hermia”.

Observamos, a percepção de sentimentos do personagem por terceiros, que relatam os sentimentos deste criando uma atmosfera de romance, visto que na história, os personagens estão

enamorados, ou não. Tal aspecto pode ser observado nos enunciados:

He is still furious about the beautiful young boy she stole from that Indian King.

You do not love me, you love my best friend, Hermia! This is too cruel of you, Lysander.

Because I love Helena and not you, said Lysander.

Para Gouveia (1996), mesmo se alguns atos expressivos não forem totalmente sinceros por parte do locutor, não impedem que sejam expressivos, podendo vir a ser a emissão de um estado psicológico negativo. Algumas vezes, os atos diretivos e expressivos ganham entoação e força em um mesmo enunciado, conferindo ordem e expressividade, conforme podemos visualizar na frase *Don't be cruel! Demetrius!*.

Também estão presentes na história atos de fala que expresam elogio, como em: *Well done, said Oberon*; atos de fala que expressam saudação, como em: *Hello, sprite called Puck*; que expresam surpresa: *Uh oh...*; e mesmo susto: *Demetrius's exclamation startled both the youths*. Algumas expressões usadas são *He is still furious*; *You're so wonderful* e *You do not love me*, que representam observações sobre os sentimentos de terceiros.

Através dessas observações, percebemos que os personagens, além de falarem sobre seus sentimentos, também descrevem suas percepções sobre outrem. Em várias situações da história, esse olhar sobre outro é revelado. Esse tipo de sentimento, que passa ao personagem o ambiente da história, é parte importante para entender as sensações dos personagens em dados momentos.

Nessa peça se insere o gênero comédia, porém além de trazer esse tom, ela também traz um pouco de dramaticidade, o que enleva, como também o faz nas peças de Shakespeare. Os atos de fala analisados perpassam essas nuances, e nesse caso, o ato expressivo também veio a ser influenciado pelo contexto de romantismo da obra, presente na sensação dos personagens e na percepção de sentimentos pelos outros, uma vez que a palavra *love* surge constantemente num recorte melodramático entre os personagens. Para Searle (1969) os atos expressivos não têm uma direção de

ajuste, sua intenção é determinar certo efeito no ouvinte. O que se observa no contexto em relação aos personagens é essa intenção de efeito ao expressar ou descrever sentimentos.

4.2 Atos de fala assertivos

O ato assertivo descreve informações sobre personagens específicos e cenas, contendo dois ou mais personagens, como nas sentenças:

The sprite was a servant to Oberon, king of the fairies, and rather well known in his own right.

He fairy served Queen Titania, Oberon's wife.

Através do ato assertivo, o narrador descreve algumas ações dos personagens que acontecem em algumas cenas da história, como na sentença: *Oberon hurried over to the sleeping Demetrius and hastily smeared the potion on his eyelids.*

Além de informações sobre os personagens e suas ações, o narrador descreve o contexto da história e algumas cenas que ajudarão no entendimento de alguns fatos ocorridos com os personagens, conforme observamos nas sentenças:

A sprite and a fairy happened upon each other one warm midsummer eve in the thick forest outside Athens.

I have an errand to run for Queen Titania, replied the fairy.

Os atos assertivos descrevem informações sobre fatos da história, personagens e ações. Porém, muitas observações afirmativas e negativas sobre a história se dão, também, pelos atos expressivos, em que os personagens emitem seus sentimentos com relação a situações. No caso assertivo, esse tom sentimental não é percebido, pois caracteriza uma informação que o locutor traz sobre a história.

Como observado, os atos assertivos trazem descrições das ações dos personagens em dadas situações ou informação para os possíveis atos de fala que irão ser apresentados na história. Já expressões inerentes a eles são mais difíceis de ser padronizadas por estarem pautadas a diferentes gêneros e contextos, visto que eles

trazem esse plano de fundo e informações sobre os personagens junto com o fator verdadeiro ou falso do enunciado.

Para Said Ali (1964), na questão informativa é relacionado o posicionamento do locutor ao fato de querer informar determinado fato, o que se assemelha, nesse aspecto, a teoria de Searle. Corroborando o exposto, Bechara (2005) destaca que esse enunciado procura expor relatos a partir das percepções dos personagens afirmando ou negando certos fatos. Nisso, procuramos entender o sentido da informação e da afirmação ou veracidade em que os fatos são expostos nos contextos com o ato de fala assertivo.

4.3 Atos de fala diretivos

Os atos diretivos, que descrevem ordens/pedidos, aparecem nos enunciados:

Step aside, here comes Oberon with his party now!

You are my wife and supposed to obey me!

"Stop making fun of me, Lysander!" cried Helena.

Para Searle (1969), o ato de fala diretivo consiste no esforço do falante para que o ouvinte realize uma ação, o que pode ser percebido na história através de fatos como: as ordens do rei a seus súditos; relações da época e o modo de tratamento da sociedade influenciada pela mitologia Greco-romana.

Outra característica desse ato presente no texto se dá pelo fato de os atos diretivos serem repletos de emoção e promessas. De acordo com as características da história, os personagens passarão esse tom, que se aproxima do diretivo, porém com aspectos bem expressivos. Isso confere emoção ao ato de fala, mesmo quando este é imperativo, o que se torna evidente na percepção do sentimento presente na fala do personagem, como em: *Don't be cruel! Demetrius.*

Vejam os alguns questionamentos sobre algumas situações no texto:

Where are you going?

Oh, Lysander, it is you! I thought I heard you, called Hermia

from across the grove. A moment passed as she caught up with the other three.

Em alguns enunciados, temos exemplos de conselhos, influências, influências e propostas:

The couple's tenacious argument interested him, so Oberon made himself invisible in order to eavesdrop on them.

Os personagens aprovam e desaprovam algumas ações, como na sentença:

Oberon wants the boy for his army, but she refuse.

Por último, temos atos diretivos, que destacam personagens que tomam decisões ou fazem escolhas influenciados por pessoas, situações ou especulam alguns fatos:

Forget it, but you can join us in our dance tonight if you like

To tell the truth, I've forgotten the way. Let us lie down in this copse and rest for the night.

Na história, o ato diretivo é expressado em ordens que caracterizam a relação entre senhor e servo. Em outras situações, ele é usado para propor algo entre os personagens, desde uma alternativa até o fato de ter que se provar alguma coisa. Com relação às ordens nos diálogos, elas indicam uma mudança de lugar, obediência ou de consertar uma situação anterior que foi conduzida de maneira errada. Esses mal entendidos vão construindo esse contexto. Também percebemos que, em determinados diálogos, os atos diretivos tem um tom expressivo ou compromissivo, isto é, mesmo sendo uma ordem expressa, ela é dotada de sentimento do personagem.

Algumas expressões que observamos são: *Doesn't come; Here comes, Stop! once more; Wait; e never*, que sugerem essa movimentação junto com um ar imperativo. *Don't be cruel; Never e Never mind* são exemplos de atos diretivos com mais sentimentos, visto que os personagens usam essa margem dramática.

O que percebemos nos atos diretivos que além de sua variação e força ilocucionária que advém de ordens, pedidos, assim como os personagens que assumem essas posições, alinhado ao contexto humorístico e dramático fazem os atos diretivos ter por vezes "tom", de outro ato de fala ou como relata Searle (2002) que

um ato de fala secundário poderá mascarar a ação almejada pelo locutor tendo em vista a estar de acordo com particularidades referentes a estilo, discursos de acertada composição textual. Então essas características observadas na peça fomentam vários por menores para se compor o ato de fala diretivo.

4.4 Atos de fala compromissivos

O ato compromissivo, apesar dos personagens estarem em uma atmosfera, por vezes, romântica – que detém promessas e atravessa certo lirismo –, aparece de forma menos frequente que os atos expressivos. Temos promessas pessoais dos personagens com relação à maternidade, casamento e trocas de favores, que foram observadas em algumas sentenças:

I want to use this on Titania so she'll fall in love with some ridiculous creature. I'll only give her the antidote once she promises the Indian boy to me. Now, ...

I am here to found my beautiful Hermia, who was promised to me in marriage.

Nesse caso, observamos um ato compromissivo com uma intensidade maior, diferente de outros exemplos, como uma promessa cotidiana de se reencontrar mais tarde. Os atos compromissivos relatam essa promessa futura junto com o romantismo e as situações que os personagens passam na peça, e assim, podem os perceber uma intenção intrínseca dos personagens ao fazerem outros cumprirem ações futuras de acordo com seus interesses.

Ademais, nas *promisses*, percebemos que o contexto e intenções caracterizam esses atos para além de algo que o personagem faça por si, mas por algo que se cumpra através de outra pessoa. De acordo com Searle (2002) esse ato procura fazer mudanças no mundo de acordo com o correspondente ao conteúdo proposicional no ato de fala. As expressões podem ser padrões, mas o contexto, gênero, e principalmente o posicionamento dos personagens, podem mudar, onde a mensagem para o interlocutor parece ter uma força maior.

O ato declarativo está ausente na análise, que mesmo com a presença da figura do rei e de personagens de relevância social, não depreendeu na expressão dos personagens atos declarativos. Contudo, verificamos o uso dos diretivos para os diálogos em que ocorrem ordem, obediência e conselhos dentro da história.

Uma vez encerrados os aspectos qualitativos da pesquisa, será procedida a seguir a análise quantitativa, organizada através das frequências dos atos de fala no texto analisado. Abaixo, está a distribuição da frequência dos atos de fala do texto:

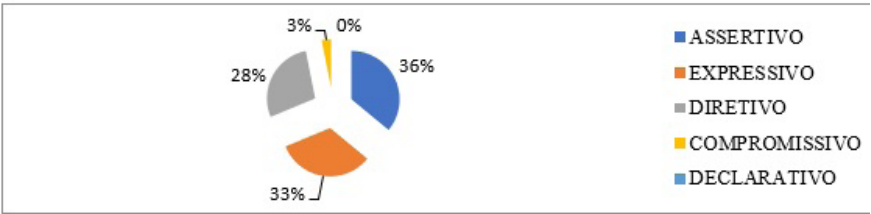
Tabela 1: Frequência de categorias de atos de fala presentes em “*A midsummer night’s dream*”

ATOS DE FALA	FREQUÊNCIA
Assertivos	46
Expressivos	42
Diretivos	36
Compromissivos	4
Declarativos	0

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No gráfico abaixo, está demonstrada a porcentagem de cada ato de fala do texto:

Gráfico 1: Distribuição porcentual das categorias de atos de fala presentes em “*A midsummer night’s dream*”



Fonte: elaborado pela autora (2020).

No texto, há atos assertivos em 36% dos enunciados analisados, observando alguns fatos da história ou informações sobre

os personagens. Há atos expressivos em 33% das frases. Percebeu-se, também, que, algumas vezes, os dois atos de fala, diretivo e expressivo, fazem parte do mesmo ato de fala. Para Norrick (1978), há três condições preparatórias para a realização de um ato expressivo: a pressuposição factiva, o julgamento de valor e as condições de identificação de papéis. Parte dessa junção dos dois atos corroboram em um tom imperativo junto aos sentimentos dos personagens; em dadas situações, por exemplo, *Never, Never mind* e *Let's go!*

Consideradas as ordens do rei, influências entre os personagens, conselhos e pedidos, observamos, em 28%, o ato diretivo. Posteriormente, temos em menor frequência (3%) os atos com promissivos. Neles, temos promessas de casamento ou promessas com uma força maior dentro do ambiente da história. Os atos declarativos, apesar das figuras de realza contidas na história, não são utilizados, sendo usados com maior frequência os atos assertivos.

Nesta obra, observamos uma aproximação dos atos assertivos e expressivos; o primeiro para informar o ambiente e proposições acerca dos personagens; e o segundo, um lirismo. Em um contexto permeado por ordens, observamos os sentimentos dos personagens; mesmo quando uma ordem é relatada, ela traz certa expressividade. O ato compromissivo aparece de maneira secundária, porém, percebemos sua intensidade através da relação entre os personagens. Os atos declarativos são ausentes. Existe a figura do rei, porém, no contexto, apesar das promessas e ordens, não é concluído nenhum ato com um “declaro”.

No texto analisado esperava-se a maior frequência de atos de fala expressivos caracterizando o ar dramático e emotivo nas obras de Shakespeare, porém o ato assertivo é o de maior frequência. Como destacado, ele traz o contexto da história, informações sobre os personagens e suas ações, exploradas nos atos expressivos e diretivos. Um aspecto a ser refletido no texto é a intencionalidade do autor, outro fator é porque os atos assertivos, diretivos e expressivo tiveram maior recorrência no texto, e por último o tom que alguns atos dão às expressões que já detém um ato específico.

Primeiro vamos discorrer o que seria intencionalidade para Searle (2002). Ele descreve intencionalidade como a relação mundo-palavra, que segundo o autor, é intrínseca aos estados mentais de crença, temor, esperança, desejo, amor, ódio, aversão, agrado, desagrado, dúvida, alegria, exaltação, ansiedade. Uma observação é que Searle dispõe de intencionalidade (direcionalidade) e intenção (forma de intencionalidade) uma vez que o indivíduo pode vivenciar o estado intencional sem que o objeto ou o estado de coisas a que ele está “direcionado” sequer exista. Isso porque existem casos em que um falante apenas representa um estado de coisas, sem se preocupar em comunicar algo ao ouvinte.

Usando o olhar de Searle e a visão de Derrida (1977) no qual relata que a intenção do autor não tem a força que a palavra “intenção” pode lhe dar, isso porque um contexto não seria determinável e se fosse, o sujeito teria plena consciência do que enuncia, havendo uma comunicação transparente na comunicação, sem ruídos. O que de fato não acontece, trazendo a frequência analisada percebemos que o fato de ocorrer mais atos assertivos traz essa visão de contexto indeterminável, e a partir dos atos de fala, e da intencionalidade dos locutores através dos diálogos encontraríamos características referentes ao gênero da obra, contudo, não em relação a frequência.

Outro ponto observado são os atos assertivos, expressivos e diretivos terem maior recorrência. A análise sugere um ato de fala que será preponderante no texto e outros que vão ocorrer em contextos influenciados pelos preponderantes, visto que em acordo com Van Dijk (1992) os atos de fala devem ser analisados em sua totalidade, pois para o autor eles não podem ser analisados de forma isolada. Nesse caso entender sua frequência e como eles se sobressaem em alguns textos, nos fez compreender as relações dentro do diálogo, o contexto que traz os atos de fala e o gênero textual.

Nesse sentido, essa quantidade e distribuição tem uma relação com a forma que a história vai tomando. Já que não há algo estabelecido, o que entendemos é como essa interação sobre os atos e o fato de a quantidade de sua recorrência ser mais relevante

influenciar os diálogos e intenções dos locutores, assim como ao tom que é dado a história, junto com a ótica e percepção do leitor.

Finalizamos com alguns atos de fala que apesar de serem denominados a partir de características da teoria estudada, aparentam ter o tom de outro ato. Como no texto os atos diretivos têm um tom mais expressivo e dramático, as vezes se confundem. Porém, em face da teoria e do contexto podemos discriminar qual seria o ato preponderante e o secundário que descrevemos como um “tom” ou “entoação” dentro da sentença. Um fator que pode influenciar esse processo é a característica do gênero e como a estilística do texto pode apresentar essas formas.

5 Considerações finais

Quando começamos a análise estávamos preocupados em observar se haviam todos os atos de fala propostos. Posteriormente, percebemos se haveria mesmo a intenção do autor do texto, então estudamos contextos e intenções, e percebemos que realmente o contexto não podia ser pré-estabelecido, contudo, em alguns gêneros o autor poderia escolher sentenças para causar efeitos. Outro aspecto analisado foi como alguns atos de fala podem estar na mesma sentença dando um tom, ao que um enunciado diretivo pode ter um tom expressivo, e assim, entendemos mais a ligação no contexto dos atos de fala. Outro aspecto visto foi a força ilocutória e a “intensidade” de alguns atos de fala, uma promessa de se ver mais tarde em contrapartida a uma promessa de casamento tem a mesma força ilocutória se de fato atender as condições de felicidade (acontecer), ou mesmo poderíamos dizer que elas têm uma força ilocucionária ou intensidade diferente.

A frequência no texto de Shakespeare não foi expressiva como o esperado, dado seu gênero, mas destacada pelo ato assertivo, porém com um tom mais expressivo. O ato assertivo descreve o contexto da história, informações dos personagens, de sua vida pessoal, contextos passados e informações. Dependendo da intenção do locutor, ações dos personagens dão um contexto

com muitas informações para posteriormente usá-las de justificativa para outro ato. Informações sobre outros personagens, e sua distribuição decorre da intenção do locutor, ao relatar fatos do contexto, informações sobre os personagens, ações, e persuadir o interlocutor através do ato diretivo.

O ato diretivo insere ordem, conselho, e algumas vezes está dentro de outro ato de fala ou traz um tom expressivo; o locutor direciona “ordem”, “conselho” para ele e outras pessoas. Sua frequência é secundária, ele está próximo do ato assertivo para o entendimento das intenções dos personagens e do expressivo, às vezes no mesmo enunciado, ou antecedendo um ato expressivo.

O ato compromissivo, de acordo com o contexto, pode ser uma promessa cotidiana, algo subjetivo do personagem ou uma promessa que ele pretende que outro realize. A frequência dos atos compromissivos no texto não é constante, o que o torna importante é sua força ilocucionária, desde uma promessa cotidiana a algo subjetivo do locutor referente às suas intenções.

A compreensão da intencionalidade de cada ato de fala num diálogo torna a comunicação coesa. Na pragmática, que delinea linguagem em uso e contexto, as intenções dos personagens trazem as mensagens que o texto quer passar de forma mais clara, até mesmo para o conhecimento das entrelinhas sugeridas, e a compreensão do contexto, quanto à inserção dos atos de fala. Se antes temos a intenção do personagem, ele age em função de determinado contexto, o que significa que o autor pode ter intenções num gênero específico e usar os atos de fala para alcançar seus objetivos.

A frequência de atos de fala é importante para o estudo dentro da pragmática porque observamos as relações das respostas e ações dos personagens nos diálogos dentro de uma conversa, as entrelinhas, justificativas de comportamentos, e ambiguidade nas comunicações e interações, significado e a mensagem passada para o leitor.

Analisando o texto percebemos que os cinco atos de fala propostos por Searle estavam lá de maneira às vezes intrínsecas nas relações de contexto e pessoais dentro da linguagem em uso.

Podemos entender não apenas essas interações e intenções, mas o comportamento dos personagens a partir desses atos, como em um novo estudo dentro da teoria dos atos de fala dentro da pragmática dentro dos fenômenos sociológicos e comportamentais inerentes a linguagem em uso em determinados contextos e gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

ALI, M. S. **Dificuldades da língua portuguesa**. 6 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.1966.

AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. Oxford University Press, 1962.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva. 1977.

FRANCO, A.C. M; PINTO, J.P. **Introduções a Austin no Brasil: leituras oficiais ou heterodoxas?** Relatório Final de Iniciação Científica, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Goiás, 2005.

GOUVEIA, C. A. M. "Pragmática". In: FARIA, I. H. *et al.* (Org.). **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Ed. Caminho, 1996, p. 383-419.

MEY, Jacob. **Pragmatics: an introduction**. Oxford: Blackwell, 2000.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

NORRICK, N. R. "Expressive illocutionary acts". **Journal of Pragmatics**, p. 277-291, 1978.

RAJAGOPALAN, K. "Os caminhos da pragmática no Brasil". *D.E.L.T.A*, v.15, número especial, p. 323-338, 2010.

SANTOS, W. L; CARNEIRO, M. H. S. "Livro Didático de Ciências: Fonte de informação ou apostila de exercícios". **Contexto e**

Educação, Ano 21, Ijuí: Editora Unijuí, julho/dezembro, 2006.

SEARLE, J. R. **Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEARLE, J. R. **Expression and meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SEARLE, J. R. **Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala**, 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.



CAPÍTULO 2

LITERATURA, IDENTIDADE E MEMÓRIAS ANGOLANAS NO ROMANCE *O VENDEDOR DE PASSADOS*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Pedro do Vale Carlos
Sebastião Marques Cardoso

1 Literatura e pós-colonialismo em Angola

A literatura africana de língua portuguesa, incluindo a angolana, começa a se desenvolver de maneira concreta a partir do surgimento, no século XIX, da imprensa e do jornalismo nos países colonizados por Portugal no continente africano. Esse desenvolvimento se dá muito também por causa da instalação do prelo nesses países, um aparelho manual ou mecânico utilizado para impressão e reprodução de livros, nos anos de “1842 em Cabo Verde; 1845 em Angola; 1854 em Moçambique; 1857 em São Tomé e Príncipe e 1879 em Guiné-Bissau” (BERNED; PAZ, 2018, p. 131). Nesse período, também marcado pela Conferência de Berlim (188-1885), na qual as potências imperialistas da Europa basicamente dividiram o continente da África entre si, a literatura africana se desenvolve a partir de uma visão colonial, “define-se essencialmente pelo facto de o centro do universo narrativo ou poético se vincular ao homem europeu e não ao homem africano” (FERREIRA, 1977, p. 10).

Apesar disso, ao longo do século XIX e durante o século XX, é notório o desenvolvimento de uma literatura africana mais ciente de sua realidade e também mais politizada, incluindo em Angola. Nesse sentido, Manuel Ferreira (*apud* FONSECA; MOREIRA, 2007) destaca o desenvolvimento das literaturas africanas de língua portuguesa através de quatro períodos diferentes:

No primeiro, destaca o teórico que o escritor está em estado quase absoluto de alienação. Os seus textos poderiam ter sido produzidos em qualquer outra parte do mundo: é o momento da alienação cultural. Ao segundo momento corresponde a fase em que o escritor manifesta a percepção da realidade. O seu discurso revela influência do meio, bem como os primeiros sinais de sentimento nacional: a dor de ser negro, o negrismo e o indigenismo. O terceiro momento é aquele em que o escritor adquire a consciência de colonizado. A prática literária enraíza-se no meio sociocultural e geográfico: é o momento da desalienação e do discurso da revolta. O quarto momento corresponde à fase histórica da independência nacional, quando se dá a reconstituição da individualidade plena do escritor africano: é o momento da produção do texto em liberdade, da criatividade e do aparecimento de outros temas, como o do mestiço, o da identificação com África, o do orgulho conquistado. (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 14-15)

Esses períodos citados, no entanto, não são necessariamente rígidos e bem definidos, mas, sim, flexíveis e maleáveis. Dessa maneira, um mesmo escritor pode, por exemplo, ser capaz de produzir um material de algum gênero que acabe por englobar dois ou mais desses períodos, de forma a unir valores assimilados do colonizador com a consciência nacionalista que se formou a partir do contexto africano da época. A literatura, nesse sentido, é entendida como algo vivo e que está sempre aberto a mudanças e diferentes formações.

No caso específico de Angola, país onde se passa a narrativa de *O vendedor de passados*, o jornalismo também tem um papel

de muita importância no desenvolvimento da literatura nacional com noções anti-colonialistas. Isso porque surge no país o chamado Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA) em 1948, por exemplo, com reivindicações nacionalistas que incentivavam e batalhavam pela independência política de Angola. No período entre o surgimento do MNIA em 1948, a independência de Angola em 1975 e a guerra civil que durou até o ano de 2002, destacam-se alguns autores e escritores como Agostinho Neto (*A renúncia impossível*, 1982), Boaventura Cardoso (*A morte do Velho Kipacaça*, 1987), José Luandino Vieira (*Luuanda*, 1963), Pepetela (*A geração da utopia*, 1992) e Uanhenga Xitu (*Os sobreviventes da máquina colonial depõem*, 1980) (BERNED; PAZ, 2018).

Na perspectiva de Laranjeira (2000), O Movimento dos Novos Intelectuais de Angola também foi importante para o desenvolvimento de novos veículos jornalísticos e de comunicação no país, como a revista *Mensagem* em 1951, que se caracterizava por abraçar o ideal da busca por uma literatura angolana com teor independente e politizado contra o colonialismo e suas consequências. Já no século XXI, com a Angola independente e com o fim da violenta guerra civil que se alastrou pelo país depois da saída dos portugueses do poder, pode-se destacar autores como Ondjaki (*Quantas madrugadas tem a noite*, 2004; *Os transparentes*, 2012) e José Eduardo Agualusa (*O vendedor de passados*, 2004; *Teoria geral do esquecimento*, 2012) como alguns dos expoentes da literatura de Angola (BERNED; PAZ, 2018).

Esse referido ideal de desenvolvimento de uma literatura que fosse anti-colonial em Angola e nos demais países de colonização portuguesa na África, juntamente com uma consciência social e racial por parte do sujeito africano, resulta em inúmeros processos sociais, políticos, culturais e até mesmo econômicos, com a possibilidade de construir uma autonomia em relação ao imperialismo e expansionismo europeu. Assim, as manifestações literárias em Angola e demais países ex-colônias de Portugal se estabelecem com base na percepção dos africanos em relação ao etnocentrismo português e de como eles se opõem ao sistema de dominação colonial e imperialista da Europa.

De maneira geral, a autonomia desses países africanos de língua portuguesa e de suas literaturas se constrói em relação a uma série de fatores históricos e políticos, como: independência literária dos padrões europeus, reivindicação pela independência e contra o colonialismo e afirmação nacional e racial do sujeito africano. Ainda de acordo com Laranjeira (2000), a literatura desses países não pode ou deve mais se relacionar com as noções colonialistas que tendem a compreender a África com uma percepção de algo exótico ou selvagem. A literatura desses países, dessa maneira, também pode ser compreendida aqui até mesmo como anterior à independência política da Angola e dos demais países colonizados por Portugal no continente, visto que “a autonomia literária é irreversível, não só porque a anuncia mas também porque ajuda a constituí-la” (LARANJEIRA, 2000, p. 243). Entende-se neste artigo que a literatura desenvolvida nas ex-colônias de Portugal na África, especialmente no período do pós-independência, é colocada como oposição ao eurocentrismo e expansionismo da Europa.

A partir dessas noções da literatura em Angola e nos outros países colonizados por Portugal no continente africano, como Moçambique e Cabo Verde, por exemplo, pode-se discutir aqui também os índices das críticas pós-coloniais. De acordo com Machado (2004), as críticas do pós-colonialismo são relativamente recentes de um ponto de vista histórico, surgindo e se desenvolvendo a partir da década de 1970. Embora inicialmente o termo faça referência ao período após a independência das ex-colônias da Europa por todo o mundo, o conceito também faz referência a ideais de valorização do sujeito, da cultura e do contexto africano contrários aos pensamentos imperialistas europeus.

Originalmente restrito a essa esfera espaço-temporal o termo era uma referência não ao período imediatamente após as independências, mas sim ao fim das ilusões dos projetos nacionais levados a cabo numa série de países recém-independentes. O surgimento de inúmeras ditaduras e de elites governamentais nativas corruptas, de sistemas políticos não-democráticos, violentos, do florescimento radical de disputas “étnicas”, todos esses fe-

nômenos foram responsáveis por um repensar sobre as heranças coloniais, numa tentativa de entender e, também, de pensar a superação dos problemas relativos aos tumultuados processos de descolonização. (MACHADO, 2004, p. 19-20)

Nessa perspectiva, o termo pós-colonialismo também pode ser compreendido com base no fim dos ideais de projetos nacionais desses novos países independentes, que logo se viram diante de instabilidades políticas e econômicas, além de novas formas de hierarquização e subalternidade. Para Said (1995), o colonialismo e o imperialismo, embora fossem muito motivados por questões econômicas, também se guiavam bastante pelo ideal do sujeito europeu e branco como superior em relação a diferentes povos e culturas. Essa ideia colonialista e imperialista dos europeus

por um lado, permitia que pessoas decentes aceitassem a ideia de que territórios distantes e respectivos habitantes *deviam* ser subjugados e, por outro, revigorava as energias metropolitanas, de maneira que essas pessoas decentes pudessem pensar no *imperium* como um dever planejado, quase metafísico de governar povos subordinados, inferiores ou menos avançados. (SAID, 1995, p. 41)

Outro autor importante que discute sobre o pós-colonialismo, Homi Bhabha, tem a visão de que o discurso do colonialismo se apoia

no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas. Sua função estratégica predominante é a criação de um espaço para “povos sujeitos” através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/desprazer. Ele busca legitimação para suas estratégias através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados mas avaliados antiteticamente. O objetivo do discurso colonial é

apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. (BHABHA, 1998, p. 111)

O discurso do colonialismo, então, entende que o sujeito não-europeu é inferior ao sujeito europeu por inúmeras razões, tratando o sujeito estrangeiro à Europa como inferior ou subalternizado.

A população colonizada é então tomada como a causa e o efeito do sistema, presa no círculo da interpretação. O que é visível é a *necessidade* de uma regra dessas, o que é justificado por aquelas ideologias moralistas e normativas de aperfeiçoamento reconhecidas como Missão Civilizatória ou o Ônus do Homem Branco. No entanto, coexistem dentro do mesmo aparato de poder colonial sistemas e ciências de governo modernos, formas “ocidentais” progressistas de organização social e econômica que fornecem a justificativa manifesta para o projeto do colonialismo. (BHABHA, 1998, p. 127)

Nesse sentido, destaca-se aqui também a autora Gayatri Spivak, que compreende o sujeito subalterno, majoritariamente, como indivíduos de países do chamado Terceiro Mundo, vítimas históricas dos processos de colonização e do imperialismo europeu. Dessa maneira, um sujeito subalternizado é aquele visto e tratado como inferior através da visão dos europeus. No contexto do pós-independência, novas formas de subalternidade foram se desenvolvendo nos países recém libertos, sendo o sujeito subalterno entendido como aquele que é marginalizado socialmente, incluindo hierarquizações de gênero, raça, etnia, sexualidade, religião, etc. Spivak discute essa perspectiva e, segundo ela, é possível compreender que

um relato das etapas de desenvolvimento do subalterno é desarticulado da conjuntura quando se opera sua macrologia cultural, ainda que remotamente, pela inter-

ferência epistêmica nas definições legais e disciplinares que acompanham o projeto imperialista. (SPIVAK, 2010, p. 55)

Levando em consideração esse contexto da hierarquização e da subalternidade do sujeito africano antes e após a independência dos países ex-colônias da Europa, também é possível compreender que o termo e as críticas do pós-colonialismo devem ser interpretadas a partir de duas noções:

A primeira é a de um período histórico, aquele que se sucede à independência das colônias, e a segunda é a de um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial escrita pelo colonizador e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado. Na primeira acepção o pós-colonialismo traduz-se num conjunto de análises econômicas, sociológicas e políticas sobre a construção dos novos Estados, sua base social, sua institucionalidade e sua inserção no sistema mundial, as rupturas e continuidades com o sistema colonial, as relações com a ex-potência colonial e a questão do neocolonialismo, as alianças regionais etc. Na segunda acepção, insere-se nos estudos culturais, lingüísticos e literários e usa privilegiadamente a exegese textual e as práticas performativas para analisar os sistemas de representação e os processos identitários. Nessa acepção o pós-colonialismo contém uma crítica, implícita ou explícita, aos silêncios das análises pós-coloniais na primeira acepção. (SANTOS, 2003, p. 26)

As discussões sobre pós-colonialismo, portanto, são imprescindíveis para que se estabeleça um reparo histórico sobre o sujeito africano subalternizado, contribuindo para uma noção que lute contra a ideia e a perpetuação do etnocentrismo europeu. Dessa maneira, pode-se pensar em um país, e também em uma literatura, que valorize o sujeito africano, sua cultura e seus valores de maneira mais apropriada.

2. Identidade e memória

Na perspectiva de Stuart Hall (2006), o conceito de identidade é algo que vem ao longo do tempo sendo bastante discutido pelas teorias sociais, tendo em vista que antigos significados atribuídos ao termo vêm entrando em declínio e novos entendimentos são mais aceitos hoje em dia. Nesse sentido, o entendimento do autor sobre identidade está atrelado ao sujeito pós-moderno no que ele chama de “crise de identidade”, ou seja, um processo de fragmentação do sujeito e de sua identidade que abala até mesmo estruturas culturais, permitindo que o indivíduo se manifeste no mundo social.

Para Hall (2006), essa crise de identidade está relacionada à perda da noção de estabilidade que o indivíduo tinha de si próprio, o que acaba por descentralizar ou fragmentar o sujeito social. Dessa maneira, o autor estabelece três concepções simplificadas de identidade: em relação ao sujeito do Iluminismo (que surge interior ao indivíduo em seu nascimento, mantendo-se inalterável ao longo de sua vida); em relação ao sujeito sociológico (ligada à interatividade do sujeito com o seu ambiente e com a sociedade); e em relação ao sujeito pós-moderno (ligada à descentralização e fragmentação do sujeito a partir do final do século XX, quando um mesmo sujeito pode assumir múltiplas identidades não rígidas).

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2006, p. 9)

Pensamento semelhante pode ser encontrado em outro teórico, Zygmund Bauman (2005, p. 17), que considera que

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatos cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Nesse sentido, pode-se compreender aqui que a identidade de um indivíduo social hoje não pode mais ser vista como completamente sólida e permanentemente definida logo no momento de seu nascimento. Ao contrário, a identidade é atualmente entendida de acordo com a comunidade e sociedade às quais o sujeito pertence, assim como também é um conceito maleável a partir dos inúmeros grupos sociais, cada qual com suas características próprias, nos quais o sujeito também está inserido.

Outro conceito que se relaciona bastante com a identidade, inclusive no romance *O vendedor de passados*, é a memória. Na percepção de Tedesco (2014), o interesse sobre os estudos da memória vem aumentando consideravelmente nos últimos tempos, especialmente a partir da década de 1970, voltando-se para as características da memória e o seu cotidiano dentro das sociedades, bem como das ciências humanas e sociais. Nesse sentido, para Passerini (*apud* TEDESCO, 2014, p. 29), o crescimento dos estudos da memória está mais voltado para a relação da memória entre grupos sociais e políticos, a fim de reencontrar e compreender motivações e raízes históricas e culturais desses grupos. Além disso, a própria globalização e as transformações que ela impacta no mundo também contribuem para o aumento do estudo sobre o campo da memória, uma vez que esse estudo

faz parte de um cenário, de uma realidade que determinados ramos das ciências estão problematizando em razão de novos valores, de novas alterações culturais, econômicas, geográficas, da possibilidade de instrumentalizar novos recursos de análise, sejam eles do arcabou-

ção técnico (informática, internet, por exemplo), na esfera da oralidade, da narração, da abertura de arquivos, de novos valores democráticos e de cidadania social e de subjetiva/individual. [...] A esfera da memória e dos depoimentos orais, genealógicos e biográficos está contribuindo, em muito, para o campo de análise histórica, ligando temporalidades, fazendo-as se entrecruzar, bem como resgatando atores sociais silenciados, dimensões do real muito pouco visíveis. É nesse sentido que a proliferação de estudos em torno do campo de análise da memória revela um olhar das ciências humanas, sociais, históricas e pedagógicas sobre si mesmas; um olhar crítico, inovador, problematizador e projetivo do passado e do futuro. (TEDESCO, 2014, p. 31-32)

Nesse sentido, o autor considera que a temática da memória não está relacionada apenas ao sentido biológico e psíquico, ou seja, o ato de lembrar de alguma coisa, mas está também relacionada a intervenções e interesses de determinados sujeitos ou grupos sociais históricos, por exemplo. De acordo com Jedlowski (*apud* TEDESCO, 201, p. 36), em um contexto geral, a memória pode ser compreendida como

aquilo que fornece aos indivíduos o sentido da própria colocação no tempo, interligando o passado, o presente e o futuro numa rede de afetos, de reflexão e de esperança, ainda que sabedores de que, na realidade, o passado não permanece mais idêntico a si mesmo; ao contrário, é incorporado seletivamente e reformulado constantemente, com base nas alterações das exigências da vida

Com isso, pode-se inferir aqui que, como consequência dos processos relacionados à memória, determinados acontecimentos, culturas, períodos históricos e grupos sociais podem ser completamente esquecidos ou apagados do inconsciente coletivo de uma sociedade ou pelo menos reinterpretados levando em consideração os interesses de uma elite específica. Pra Halbwachs (1990, p. 80-81), nesse sentido, a memória coletiva

conclui que a memória coletiva não se confunde com a história. [...] A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras que não se impunham aos círculos de homens que deles guardaram por muito tempo a lembrança viva. [...] Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança. [...] Certamente, um dos objetivos da história pode ser, exatamente, lançar uma ponte entre o passado e o presente, e restabelecer essa continuidade interrompida.

De acordo com o pensamento do autor, é possível compreender que o contexto histórico de uma memória não se resume unicamente ao exercício da memória coletiva de um único grupo, tendo em vista que acontecimentos são relembrados e reinterpretados historicamente de acordo com os interesses políticos, sociais, culturais e econômicos dos indivíduos que ocupam altas hierarquias nas sociedades.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2003, p. 476)

Dessa maneira, por fim, também pode-se entender a ligação da memória com a identidade de um indivíduo social ou de um grupo social, tendo em vista que ambos os conceitos são essenciais para a vida em sociedade. Dentro desse contexto, a utilização da memória pode ser compreendida como um instrumento de poder e controle, sobretudo em sociedades com fortes hábitos ou costumes orais, nas quais há um confronto maior entre memórias da tradição com as memórias da modernidade.

3. *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa

Como mencionado anteriormente, o romance *O vendedor de passados*, do escritor e jornalista angolano José Eduardo Agualusa, é centrado na figura do negro albino Félix Ventura, que ganha a vida com o ofício de reescrever o passado e a genealogia da nova elite angolana que surgiu no país depois da independência e depois do fim da guerra civil. Narrado a partir da perspectiva de uma lagartixa, posteriormente chamada de Eulálio, o romance se passa majoritariamente dentro da casa de Félix. As exceções a isso se tratam dos capítulos passados em sonhos de Eulálio, que na verdade é a reencarnação de um angolano que viveu como humano no país ainda durante o período colonial.

Procurava-o, explicou, toda uma classe, a nova burguesia. Eram empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas, generais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes a árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias dos avôs e bisavôs, cavalheiros de fina estampa, senhoras do tempo antigo. Os empresários, os ministros, gostariam de ter como tias aquelas senhoras, prosseguiu, apontando os retratos nas paredes – velhas donas de panos, legítimas bessanganas –, gostariam de ter um avô com o porte ilustre de um Machado de Assis, de um Cruz e Sousa, de um

Alexandre Dumas, e ele vende-lhes esse sonho singelo.
(AGUALUSA, 2018, p. 25)

A ação da narrativa se inicia após a chegada de um estrangeiro, homem branco, à casa de Félix, pedindo não apenas por um novo passado, mas também pela criação de toda uma identidade angolana, incluindo um novo nome e documentação. Embora relutante de início por ser algo que não costuma fazer e nem achar correto, Félix acaba aceitando o serviço e mais adiante até mesmo desenvolvendo uma espécie de amizade com o homem, que passa a ser chamado de José Buchmann.

– Posso saber o seu nome?

O estrangeiro estudou o vinho contra a luz do candeeiro. Baixou as pálpebras e bebeu devagar, atento, feliz, como quem segue o voo de uma fuga de Bach. Pousou o copo numa pequena mesa, mesmo à sua frente, um móvel em mogno, com tampo de vidro; finalmente, endireitou-se e respondeu:

– Tive muitos nomes, mas quero esquecê-los a todos. Prefiro que seja você a batizar-me. [...]

Explicou que pretendia fixar-se no país. Queria mais do que um passado decente, do que uma família numerosa, tios e tias, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, avós e avôs, inclusive duas ou três bessanganas, embora já todos mortos, naturalmente, ou a viverem no exílio, queria mais do que retratos e relatos. Precisava de um novo nome e de documentos nacionais, autênticos, que dessem testemunho dessa identidade. (AGUALUSA, 2018, p. 25-26)

Mais adiante, descobre-se que o nome verdade de Buchmann, na verdade, é Pedro Gouveia e que ele é um português que residia em Angola durante o período da colonização, chegando até mesmo a se envolver com uma mulher angolana e tendo uma filha chamada Ângela Lúcia, que por sua vez é o interesse amoroso de Félix Ventura. A razão para a nova identidade pedida por Buchmann/Gouveia é que ele buscava vingança contra Ed-

mundo Barata dos Reis, um ex-agente do governo que, por razões políticas durante a luta pela independência e posteriormente com o desenvolvimento da guerra civil, torturou e esposou e a filha de Gouveia/Buchmann. A história se encerra com a morte de Edmundo pelas mãos de Ângela, que depois decide sair viajando pelo mundo enquanto Félix se decide por ir procurá-la.

As discussões sobre identidade no romance de Agualusa podem ser vistas até mesmo na escolha de nomes para os personagens, como Félix Ventura (que apesar de albino e ser alvo de preconceito, superstições e rejeição, consegue levar uma vida razoavelmente boa e tranquila), Eulálio (nome escolhido por causa da boa oratória do personagem em seus sonhos), Ângela Lúcia (descrita por Félix como tendo uma imagem e uma beleza quase divinas, como um anjo, e por sua paixão pela fotografia) e Edmundo Barata dos Reis (com seu sobrenome fazendo alusão aos seus antigos serviços para os chefes de governo).

Além disso, a identidade no romance também é compreendida de acordo com as percepções discutidas anteriormente neste artigo, ou seja, não como algo sólido e imutável, mas, sim, como algo maleável e passível de mudança de acordo com o contexto. Nesse sentido, as identidades dos personagens também variam ao longo do tempo, sendo reconfiguradas de acordo com o contexto em que vivem no momento. O personagem de Pedro Gouveia/José Buchmann, por exemplo, é um português que já não mais se identifica com a própria nacionalidade, tendo em vista que passou a maior parte da sua vida em Angola e foi lá que construiu uma família antes de tudo acontecer. Edmundo Barata dos Reis também sofre processo semelhante, enquanto o caso dele se dá devido à sua atuação juntamente com o governo. Além disso, há ainda o caso da lagartixa Eulálio, que já foi um homem humano durante o período colonial de Angola, mas que reencarnou na forma do réptil e agora acompanha o cotidiano de Félix Ventura na Angola pós-colonial.

Investiga-se esse percurso histórico através da metáfora do vendedor de passados a fim de desmistificar não só os

discursos que viriam depois pelas “armas” do colonizador, que intentavam estabelecer uma redoma que os definissem como soberanos frente aos negros colonizados, mas também pela prática dos próprios africanos, principalmente no tocante a uma classe intelectual insurgente. Esses últimos, carregados de nacionalismo na busca de fomentar a construção de uma nação, tornam necessária “a invenção de uma continuidade histórica” (Hobsbawm; Ranger 1984: 15) na busca de elementos da antiga tradição para forjar pela literatura uma arma nacional. (BEZERRA, 2011, p. 134)

Dessa maneira, pode-se averiguar que, no romance de Agualusa, há também uma forte crítica e sátira a respeito da busca por uma identidade nacional por parte da nova elite do país, que queria uma nova história mais baseada numa visão eurocêntrica.

Nesse cenário, o conflito de identidades e projeções, no discurso da obra, revelará um passeio por verdades encobertas, e um passado questionável. Agualusa, nesse sentido, permite ao leitor ouvir, durante sua leitura, diversas vozes e outras dimensões do pensamento humano. [...] Nesse sentido, a narrativa de Agualusa, em especial em *O Vendedor de Passados*, explora esse espaço literário de vozes e fraturas identitárias para compor uma trama crítica da sociedade africana, desse revisitar o passado que a contemporaneidade explora, dos interesses políticos na ocultação de alguns fatos. (MARTINS; MARTINS, 2015, p. 348)

Já no âmbito da memória, pode-se destacar a discussão proposta por Agualusa a respeito da memória histórica desenvolvida por uma sociedade acerca dos processos e acontecimentos que marcaram e ainda marcam o cotidiano das pessoas. A própria presença de Gouveia/Buchmann é por si só uma referência à memória da colonização do país pelos portugueses, por exemplo. Embora hoje a Angola já seja independente, as marcas e consequências do colonialismo são muito presentes no cotidiano daque-

la sociedade.

Além disso, há ainda o entendimento, no romance de Agualusa, que a memória é algo impossível de se escapar, por mais que se tente. Embora a nova elite busque reescrever seu passado em busca de uma historiografia, a seus olhos, mais valiosa e mais condizente com o contexto atual do país, o passado colonial do país ainda se mantém presente na atualidade para a maior parte da sociedade angolana. Além disso, no contexto individual dos personagens, a memória também é sempre presente, uma vez que é ela o motor principal que move a trama, tendo em vista a vingança de Gouveia/Buchmann contra Edmundo Barata dos Reis. Nesse sentido, é necessário o exercício da memória para que haja a manutenção do passado em relação ao presente.

Como colocado por Granja (2009, p. 22), a perspectiva crítica de Agualusa em *O vendedor de passados* se desenvolve a partir de como

[...] Elementos de suma importância para o projeto de construção da Nação angolana, como fronteiras, histórias, tradição, raça, etc., são colocados à prova no discurso proposto por Agualusa. Se as gerações anteriores, e mesmo as atuais, ainda buscam a afirmação de uma identidade de essência angolana, que possa apaziguar toda a diversidade cultural existente em Angola, para poder retomar o sonho de construção da nação, Agualusa se pergunta, e nos pergunta: o que é identidade, o que é ser angolano, português, goês, brasileiro?

Esses questionamentos sobre os conceitos de identidades individuais e nacionais em *O vendedor de passados* se desenvolvem e são discutidos na escrita de José Eduardo Agualusa através da exploração das memórias da Angola enquanto uma nação múltipla em diferentes períodos da história. Por meio da lagartixa narradora Eulálio, Agualusa discute as implicações do colonialismo português no país enquanto ele ainda estava presente diretamente. Além disso, as memórias dos períodos da independência e da guerra civil no país se desenvolvem a partir da memória dos

conflitos entre os personagens Pedro Gouveia/José Buchmann, Ângela Lúcia e Edmundo Barata dos Reis.

4 Considerações finais

Com a breve discussão proposta neste artigo, considera-se que a obra de José Eduardo Agualusa no romance *O vendedor de passados* se trata de uma literatura contemporânea acerca da situação social e política de Angola, tanto no período colonial, quanto no período pós-colonial. Nesse sentido, entende-se aqui que, mesmo após o fim do colonialismo no país, novas formas de subalternidade vão se fazendo presentes na sociedade angolana, como é o caso da nova elite que surgiu no país após a independência e o fim da guerra civil, que buscam justamente reescrever as próprias histórias e genealogias no país.

José Eduardo Agualusa, por fim, é autor de um romance que lida, diretamente ou indiretamente, com o passado da história de Angola e como esse passado se relaciona com o real presente do país e com as perspectivas de futuro que a sociedade angolana espera ainda alcançar. Considera-se aqui que a narrativa de Agualusa desenvolve essas discussões especialmente através das temáticas da identidade e da memória, como discutido brevemente aqui. Os dois personagens mais proeminentes de *O vendedor de passados*, a lagartixa narradora Eulálio e o protagonista Félix Ventura, são utilizados por Agualusa de modo a construir uma ponte entre o passado colonial e a atualidade pós-colonial de Angola, contribuindo para o entendimento da pluralidade de identidades e memórias dentro do país.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vec-

chi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERNED, Pablo Lemos; PAZ, Demétrio Alves. Uma proposta para a educação básica: o conto de língua portuguesa em sala de aula. **Caderno Seminal**, v. 29, n. 29, p. 122-153, 2018.

BEZERRA, Ana Cristina Pinto. Entre memórias e tradições na escrita de O vendedor de passados, de Agualusa. **Estação Literária**, v. 8, parte A, p. 132-141, 2011.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FERREIRA, Manuel. **Literatura africana de expressão portuguesa-I**. Portugal: Bertrand Venda Nova, 1977.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, v. 16, p. 13-69, 2007.

GRANJA, Sofia Helena de Vasconcelos Horta. **As teias da palavra**: Análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade na obra de José Eduardo Agualusa. 2009. 82 p. Dissertação (Mestrado em Letras_ - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

LARANJEIRA, Pires. As literaturas africanas de língua portuguesa. **Scripta**, v. 4, n. 6, p. 237-244, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Maria Clarice Sampaio Villac. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MACHADO, Igor José de Renó. Reflexões sobre o pós-colonialismo. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v.1, n 44-45, p. 19-32, 2004.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira; MARTINS, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira. A inquietude de Eduardo Agualusa: Passado, identidade e transculturação na Literatura Africana. **Let-**

ras & Letras, v. 31, n. 1, p. 34-365, 2015.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. **Novos estudos CEBRAP**, n. 66, p. 23-52, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**. 2. ed. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2014.



CAPÍTULO 3

A ÚLTIMA ESTRELINHA SE PINGOU PARA DENTRO: O FANTÁSTICO EM PRESEPE DE TUTAMÉIA: TERCEIRAS ESTÓRIAS

Lidiane Morais Fernandes

1 Introdução

O texto fantástico é um tipo de narrativa que tem como marca a transgressão das leis naturais e racionais, sobretudo aquilo que entendemos como normalidade. A vertente fantástica no texto literário irrompe a racionalidade com a introdução de elementos irrealis, por exemplo, sobrenatural, monstros, sombras, duplos, alucinações, exaltação ao mundo onírico, que se confundem e rompem com a realidade, com normas e com regras sociais. Ana Luiza Camarani em recente estudo, *A literatura fantástica: caminhos teóricos* (2014), sobre a importância das narrativas fantásticas e sua relevância para a ficção, de um modo geral, afirma que as narrativas consideradas fantásticas são aquelas que “ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo a ambiguidade, a incerteza no que se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais” (CAMARANI, 2014, p. 7-8).

Os textos teóricos fundadores sobre a literatura fantástica trazem visões distintas acerca da sua natureza: o fantástico, o ro-

mance gótico, o realismo mágico, o fantástico contemporâneo e o neofantástico. Entre estudiosos da área, há um consenso que o estudo do fantástico se origina no século XIX, no Romantismo europeu com o contista e crítico literário Charles Nodier (1780-1844) e tem como sucessor Guy de Maupassant (1850-1893), também contista e autor de alguns ensaios críticos-teóricos sobre a literatura fantástica (CAMARANI, 2014, p. 35). De acordo com a mesma autora, os dois contistas franceses tecem perspectivas distintas para a noção de fantástico. O primeiro elege o fantástico puro em que os personagens possuem modo de figuração dos seres ficcionais visionários e não há quaisquer explicações para os eventos que sucedem as suas narrativas. Já Maupassant, elege um tipo de fantástico interior da alma humana, cujo medo é o principal causador das alucinações e visões, porém há, de maneira geral, uma explicação para os fenômenos que ocorrem nas narrativas.

Desse modo, tal como Ítalo Calvino elege em sua célebre antologia dos contos fantásticos do século XIX, *Contos fantástico do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano* (2004), uma coletânea de contos fantásticos mundiais, cuja conceituação se dá na separação do clássico e do moderno, ou seja, respectivamente, fantástico visionário e fantástico cotidiano. O modo considerado visionário tem sua predominância no início do século XIX, cujas narrativas têm a prevalência de elementos visuais que irrompem a realidade habitual das coisas, como por exemplo, fantasmas, espectros, monstros, vampiros, feitiços, bruxas, ou seja, há uma supremacia dos elementos que envolvem a atmosfera do macabro, do demoníaco e do sobrenatural. A segunda configuração dada por Calvino (2004) segue a perspectiva do cotidiano ou psicológico, inclusive tem relevante predominância no final do século XIX e início do século XX. Vale salientar que, nesse cenário, as narrativas trazem o elemento insólito dentro da realidade cotidiana, assim pode-se entender como abstrato, mental ou psicológico, visto que o “[...] o sobrenatural permanece invisível, é mais ‘sentido’ do que ‘visto’, participando de uma dimensão interior como estado de ânimo ou como conjectura” (CALVINO, 2004, p. 13). Dessa maneira, no fantástico contemporâneo o aspecto sobrenatural se configu-

ra de maneira diferente do visionário, sobretudo, porque há uma naturalização do irreal no cotidiano real.

2 A última estrelinha se pingou para dentro: o fantástico em “Presepe”

O conto “Presepe”, vigésimo sétimo conto da coletânea *Tutaméia: terceiras histórias* verifica-se um fato incomum. Trata-se da história de um velho que resolve teatralizar e reviver o espetáculo da história do nascimento de Jesus Menino, a sagrada criança das religiões cristãs. O narrador da estória apresenta-se em terceira pessoa e observa todas as ações do protagonista Tio Bola. O velhinho arquiteta e organiza o evento natalino com os personagens que vivem na fazenda: um boi, um burro e os empregados da casa, escolhidos para figurar como integrantes da família cristã, o espaço do evento é o estábulo. Dessa forma, Tio Bola revive a cena no papel do menino Jesus.

Covizzi (1978) assegura que a estrutura ficcional de *Tutaméia* é permeada por uma atmosfera mítica em que imagens e símbolos reforçam a natureza mística, fabular e lendária das histórias narradas. Contudo, no conto proposto para estudo, “Presepe”, desde seu título há uma leve reminiscência com reatualização do Natal, uma espécie de apropriação metafórica do mito judaico-cristão do nascimento de Jesus Cristo. Seguindo essa perspectiva, consideramos que o conto recupera na ação dos personagens e na configuração do ambiente um acontecimento que dialoga diretamente com o mito, relato que por sua natureza remonta um tempo primordial, isto é, o tempo fabuloso do princípio, “[...] é sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente” (ELIADE, 2007, p. 11). Nessa concepção, o mito conta uma história verdadeira “[...] graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento” (ELIADE, 2007, p. 9).

Tomando a narrativa “Presepe”, vemos que se configura como uma narrativa marcada por estranhamento. Observamos que a caracterização estética do título faz alusão ao presépio, símbolo comum do Natal cristão como percebemos através do neologismo do vocábulo “Presepe”, cujo significado remete ao vocábulo “presépio”. Contudo, o significado literal do termo segundo o verbete (**pre.sé.pi.o**) sm. 1. Representação em maquete do estábulo em que nasceu Jesus e da cena do nascimento [F.: Do lat. *praesepeum*,ii] (AULETE DIGITAL, 2019).

Vale ressaltar que o vocábulo presepe remete a acepção dicionarizada de e dois outros vocábulos cognatos: presepada e presepeiro, cujos significados remetem, respectivamente, a pessoa que organiza presépios, enquanto, o outro adquire denotação de brincação, engraçado, fanfarrão. Os seguintes termos “reforçam as conotações de brincadeira, farra, divertimento e busca de alegria por parte do velhinho” (VOLANTE; LEITE, 2012, p. 78).

O personagem protagonista, Tio Bola, um homem de idade avançada, se propõe a ritualizar o nascimento de Cristo, assim como no mito primitivo cristão em que um recém-nascido dado por Deus ao povo judeu, um Messias com o objetivo de salvar o povo judeu da opressão de outros povos e nações. Segundo Westphalen (2004) em seu livro *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*, a representação da simbologia do recém-nascido se dá na figurativização dos aspectos da renovação e do renascimento. Contudo, segundo Chevalier (2012) em sua obra *Dicionário de Símbolos* aborda que no Cristianismo a simbologia do recém-nascido se apresenta como uma regeneração, uma nova era com o nascimento de Jesus. Para a religião do Judaísmo o símbolo do menino recém-nascido é atribuído aos aspectos de salvação e redenção dos pecados. Em síntese, a simbologia do nascimento de uma criança “[...] está, pois, desde os primórdios associada à regeneração, à redenção e à salvação de uma determinada coletividade” (WESTPHALEN, 2004, p. 548).

No Antigo Testamento podemos observar diversos trechos que falam da vinda do menino (Deus), dentre eles, destacamos o profeta Isaías, que profetiza o reino do Messias em que se es-

tabelece a simbologia da vinda do Messias Salvador “[...] porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado; a soberania repousa sobre seus ombros, e ele se chama: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz” (BÍBLIA, 1991, ISAÍAS, 9:4-5).

Nas religiões cristãs observamos no Novo Testamento a realização da profecia do menino cujo nascimento resgatará o povo do pecado. Diante do axioma de que o mito é sacralizado pelo o acontecimento de uma realidade verdadeira, ocorrendo assim, uma história sagrada, da família de judeus, Maria e José, como observamos no trecho a seguir:

Estando eles ali, completaram-se os dias dela. E deu à luz seu filho primogênito, e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Havia nos arredores uns pastores, que vigiavam e guardavam seu rebanho nos campos durante as vigílias da noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhe e a glória do Senhor refulgiu ao redor deles, e tiveram grande temor. O anjo disse-lhes: “Não temais, eis que vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura”. [...]. Foram com grande pressa e acharam Maria e José, e o menino deitado na manjedoura (BÍBLIA, 2009, LUCAS, 2:6-16).

Nesse sentido, a sacralização do mito é efetivada pelo acontecimento real e vivenciada, e, conseqüentemente, diante de uma nova realidade outras passam a existir, isto é, a criação primitiva dá origem ao arquétipo¹ e símbolo² que se apresentam no mito do

1 O conceito do arquétipo é entendido segundo a concepção de Jung (1964) como estruturas do inconsciente coletivo, como resíduos arcaicos ou imagens primordiais, ou seja, se manifesta como uma tendência para formar as representações de um motivo – representações que podem ter inúmeras variações de detalhes – sem perder sua configuração original [...]. O arquétipo é, na realidade, uma *tendência* instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer ninho ou das formigas para se organizarem em colônias (JUNG, 1964, p. 67-68, grifo nosso).

2 Segundo Eliade (1979, p. 167), “[...] as imagens, os arquétipos, os símbolos são diversamente vividos e valorizados: o produto destas atualizações múltiplas constitui, em grande parte, os estilos culturais”. Dessa maneira, os símbolos são “[...] imagens constituem aberturas para um mundo trans-histórico. Mas não é esse o seu menor mérito:

Judaísmo e do Cristianismo.

Em “Presepe” temos um narrador em terceira pessoa que observa as ações em discurso indireto livre. Na narrativa, há duas categorias de personagens: os humanos e os animais. Na primeira categoria temos o protagonista Tio Bola, a empregada Nhota “[...] a cardíaca cozinheira” (ROSA, 1979, p. 119) e Anjão, tido pelo narrador com imbecil. Na segunda categoria temos o boi Guarani e o burrinho da cor de chumbo, chamado Jacatirão. O enredo conta a história de um ancião chamado por Tio Bola que se encontra sozinho e entediado, na extrema solidão, “[...] por achaques de velhice” (ROSA, 1979, p. 119) que a idade traz consigo, encontra alento e alegria na teatralização do nascimento de Jesus Cristo. Vale ressaltar que a personagem tio nas narrativas de *Tutaméia*, conforme observou Novis (1989) como figura masculina recorrente:

Além do tio Dô, mestre de Ladislau em “O outro ou o outro”, o Tio Nhácio de “Hiato”, o Tio Quim de “Rebimba, o bom”, o Tio Bola de “Presepe”, o Tio Borba de “Curta-mão”. Ainda o Tio Cândido no prefácio “Sobre a escova e a dúvida” que os depoimentos biográficos sobre o autor indicam ser o Mestre Cândido de Cordisburgo, **que se configura como arquétipo do grande mestre**. Antes de *Tutaméia* há outros memoráveis tios: o Tio Terez de “Miguilim”, em “Campo Geral”, o tio Man’Antônio de “Nenhum, nenhuma” **de Primeiras estórias** e o “Meu tio, o lauretê” **de Estas estórias** (NOVIS, 1989, p. 116, grifo nosso).

A figura da personagem “Tio” é bastante recorrente nas narrativas de Rosa, como pudemos verificar no fragmento acima. Sob essa visão, o tio se configura como um ser sábio, de vasta experiência que habita determinado lugar fixo no sertão mítico rosiano, tendo como atribuição daquele que ensina algo, ou seja, um mestre, um sábio.

Com o intuito de rememorar e celebrar a noite de Natal, o velhinho organiza em sua pequena morada rural um presépio vivo. Nessa encenação, as ações dos seres ficcionais causam sen-
ças a elas, as diversas histórias podem comunicar” (ELIADE, 1979, p. 169).

timentos de estranheza, uma vez que um velho se passa por um recém-nascido. As ações ferem a lei do natural, do cotidiano real e aceitável.

Dessa maneira, é importante apresentar alguns sentidos dicionarizados do termo estranho:

1 Que ou o que é muito diferente dos padrões usuais, que se caracteriza pelo caráter ou aspecto excêntrico; insólito, esquisito, extraordinário.

2 Que ou o que é de fora, do exterior; estrangeiro.

Adj.

1. Que provoca espanto ou admiração por ser novo, desconhecido ou nunca visto.

2 Que é incomum, contrário ao uso ou aos padrões e costumes vigentes na sociedade.

3 Que não se conhece ou reconhece; que produz a sensação desconfortável de estranheza. [...].

4 Que não apresenta nenhuma relação com, que não pode ser identificado ou reconhecido como parte integrante de. [...].

5 Diz-se de pessoa que não faz parte do círculo familiar; desconhecido. [...].

6 Diz-se daquele que se isola, que se esquia ou que é arredio ao convívio social. [...].

7 Que é misterioso, enigmático ou que desperta suspeitas (<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=estranho>).

Acerca disso, considera-se importante recuperar os estudos de Freud vistos no capítulo anterior sobre o inquietante, uma vez que, neste conto o efeito estranho vai se constituindo no decorrer da narrativa causando o estranhamento nesse percurso mimético, tendo em vista que o “[...] estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. Como isso é possível, em que circunstâncias o familiar pode tornar-se estranho e assustador” (FREUD, 1919, p. 3).

Seguindo esse raciocínio, observamos que os personagens representam José, Maria e Jesus (criança recém-nascida), respec-

tivamente, Anjão, Nhota, Tio Bola e ainda o burro e o boi faziam parte da encenação insólita. O espaço em que narrativa se passa é uma fazenda, ambiente rural, em cujo quintal havia um curral, onde acontece a ritualização do presépio vivo.

No conto prevalece o tempo cronológico, configurado em uma sequência lógico-temporal, uma vez que as horas são marcadas pelo relógio, como percebemos nos trechos a seguir: “Missa-do-galo e Natal” (ROSA, 1979, p. 119); “[...] pelas 10 horas” (ROSA, 1979, p. 120); “[...] a hora dobrou de escura. Meia-noite já bateu?”; “[...] Acordou, no tremeclarear” (ROSA, 1979, p. 121). As marcações de tempo no relato rosiano datam de um tempo determinado cronologicamente, no entanto ao mesmo tempo indeterminado, pois se manifesta como atemporal, isto é, aconteceu ou poderá acontecer na realidade cotidiana ou imagética.

Nesse sentido, o conto rosiano “Presepe” trata também de uma perspectiva do nascimento-renascimento ou renovação, como solução para a solidão vivida pelo personagem, Tio Bola, já idoso e na finitude da vida. O personagem busca através do presépio uma modificação de suas ações cotidianas com alusão direta a história do nascimento cristão: “[...] Tio Bola devia de distrair saudades, a velhice entristecia-o só um pouco. Riu do que não sentiu; riu e não cuspiu. Estava ali a não imaginar o mundo” (ROSA, 1979, p. 121). Sob esse aspecto Novis (1989) pondera que a transformação de Tio Bola ou a busca pela transformação é um tema recorrente nas histórias de *Tutaméia*, visto que essas histórias:

Focalizam um momento de transformação nos personagens. Essa transformação tem sempre uma direção ascendente, e portanto um sentido positivo, de passagem de um estado de carência para um estado de plenitude ou de “completamento”. Para que ocorra essa mudança qualitativa de estado, os personagens têm necessariamente que passar por provas, como num ritual iniciático (NOVIS, 1989, p 26).

Nessa perspectiva, nota-se, na ação do protagonista, uma pré-disposição ao sentimento carência, pois o idoso é suposta-

mente abandonado ou esquecido pelos familiares em uma data em que as famílias se unem para celebrar seus laços como membros de um mesmo grupo, o Natal. Possivelmente, a aceitação de estar só de Tio Bola deve-se ao fato de não poder mais questionar e modificar seu estado, por conta de suas forças físicas, por isso toda situação vivenciada por ele, de desprezo e solidão, diante da idade que se encontra, é encarada com paciência, seja pela sua condição de finitude ou pela sabedoria que transforma o indivíduo nesta etapa da vida.

Todos foram à vila, para missa-do-galo e Natal, deixando na fazenda Tio Bola, por achaques de velhice, com o terreireiro Anjão, imbecil, e a cardíaca cozinheira Nhota. Tio Bola aceitara ficar, de boa graça, dando visíveis sinais de paciência. Tão magro, tão fraco: nem piolhos tinha mais. Tudo cabendo no possível, teve uma ideia (ROSA, p. 121).

Tio bola age guiado pela imaginação, “[...] tudo cabendo no possível, teve uma ideia” (ROSA, 1979, p. 119), ritualizando uma nova realidade imagética “[...] quis ver visões” (ROSA, 1979, p. 119), sem explicação racional para suas atitudes. Armstrong (2009) explica que essas ações são comuns e inerentes à mente humana, sendo uma:

Uma característica peculiar da mente humana é a de que possuímos imaginação, uma faculdade que nos permite pensar a respeito de coisas que não se situam no presente imediato e que [...] **ela produz** a religião e a mitologia (ARMSTRONG, 2009, p. 8, grifo nosso).

Segundo o narrador, o personagem Tio Bola é um idoso solitário, que é deixado em casa pelos familiares em plena noite de Natal, os parentes saem para a Missa do Galo e sequer fazem o convite ou lembram que ele um dia também celebrara a noite de Natal. A caracterização física de Tio Bola pelo narrador é que “[...] Tão magro, tão fraco: nem piolhos tinha mais. Tudo cabendo no possível, teve uma ideia” (ROSA, 1979, p. 120). A noção de noite

de natal da personagem se manifesta através de sua imaginação, ou seja, através dos arquétipos, que estão presentes nos seres humanos como herança coletiva e cultural. Para fugir da solidão e na busca de uma renovação para a vida que se aproxima do fim, parece ritualizar o mito primitivo que tem como figura central um recém-nascido, no entanto esse ritual possui o intuito de continuação e, sobretudo, de aplacar a tristeza que a velhice o trazia:

Os olhos oferecidos lustravam. *Guarani*, boi de carro, se-
vero brando. *Jacatirão*, prezado burrinho de sela. Tio Bola
tateou o cocho: limpo, úmido de línguas. Empinou olhar:
a umas estrelas miudinhas. Espiou o redor — caruca —
que nem o esquecido, em vivido. Tio Bola devia de dis-
trair saudades, a velhice entristecia-o só um pouco. Riu
do que não sentiu; riu e não cuspiu. Estava ali a não ima-
ginar o mundo (ROSA, 1979, p. 119-120).

Na perspectiva que mostra o narrador, Tio Bola, sente a necessidade realizar o rito do presépio para lembrar-se da tradição do Natal, tendo como objetivo também esquecer a sua condição física (velhice). Por isso, se faz menino recém-nascido para que em seu âmago renasça a sua vitalidade perdida com o passar dos anos. O ritual feito por Tio Bola se apresenta como um momento sagrado em que “[...] o tempo que viu o acontecimento comemorado ou repetido pelo ritual em questão é *tornado presente*, “re-presentado”, se assim se pode dizer, tão recuado no tempo como se possa imaginar” (ELIADE, 1993, p. 317). Como vemos no trecho:

Que se aquietasse, pelo prazo de três credos. Manteve-se. A hora dobrou de escura. Meia-noite já bateu? Abriu olhos de caçador. Dessurdo, escutou, já atilando. Um abecê, o repertório. Essas estrelas prosseguiram o caminhar, levantadas de um peso. Fazia futuro. *O contrário do aqui não é ali...* — achou. [...]. Da noite era um brotar, de plantação, de fundo. A noite era o dia ainda não gastado. Vez de despertar-se, viver esta vida aos atimos....(ROSA, 1979, p. 121).

A busca pela transformação ou retorno às condições infantis e a vitalidade justificam esse evento como insólito, pois há uma transgressão da realidade pela personagem de Tio Bola. As ações da personagem causam um efeito estranho à narrativa em questão, como bem assevera Freud (1919, p. 3), visto que:

O fator essencial na origem do sentimento de estranheza à incerteza intelectual; de maneira que o estranho seria sempre algo que não se sabe como abordar. Quanto mais orientada a pessoa está, no seu ambiente, menos prontamente terá a impressão de algo estranho em relação aos objetos eventos nesse ambiente.

Diante dessa perspectiva, Tio Bola não percebe o estranhamento de suas ações, pois para ele o não conhecimento do reprimido não causa nenhuma incerteza intelectual no mesmo, “[...] Seu espírito pulou tão quanto à vila, a Natal e missa. Topava era tristeza – isto é, falta de continuação. Por que é que a gente necessita, de todo jeito, dos outros? Velho sacode facilmente a cabeça. A ideia lhe chegou então, fantasia, passo de extravagância” (ROSA, 1979, p. 120). A necessidade de retorno da personagem à infância e vitalidade juvenil através da repetição do rito do natal é vista por Eliade (2007) como uma busca por renascimento, “[...] especificamente, há uma renascença mística, de ordem espiritual – em outros termos, o acesso a um novo modo de existência (comportando a maturidade sexual, a participação na sacralidade e na cultura; em suma, a ‘abertura’ para o Espírito)” (ELIADE, 2007, p. 76).

Observamos um estado permanente de serenidade em Tio Bola, uma calma que permeia todas suas ações miméticas. Sobre isso, Vera Novis (1989) afirma que a paciência como um aspecto pertinente na personagem protagonista, uma vez que ela não advém apenas das características físicas, visivelmente abordadas pela idade do mesmo, contudo é “[...] um tema chave em *Tutaméia*: a sabedoria de “dar tempo ao tempo” – a paciência. A paciência como método, como estratégia, que inclui “certa lógica” e uma “certa matemática”, ainda que não reconhecidas de imediato como tal” (NOVIS, 1989, p. 51). De fato, há no conto “Presepe” sequên-

cias de ações que favorecem ao aspecto da paciência vivenciada pela personagem, pois “[...] Tio Bola aceitava ficar, de boa graça, dando visíveis sinais de paciência” (ROSA, 1979, p. 119).

Percebemos que o conto proposto para estudo causa estranhamento na tentativa de retorno da vitalidade perdida pelo personagem idoso, Tio Bola, se faz menino em busca de renascer para uma nova vida, em busca de uma perspectiva para viver e fugir da solidão. A encenação por si só potencializa a atmosfera do extraordinário por meio do ato cênico de Tio Bola (o protagonista do menino Jesus) e os demais personagens e animais como figurantes do nascimento de Jesus Cristo. A relação do normal e anormal vista na noção contemporânea da teoria do fantástico sob a ótica de Roas, o qual descreve de forma clara:

Ao meu ver, o que caracteriza o fantástico contemporâneo é a irrupção do anormal em um mundo aparentemente normal, mas não para demonstrar a evidência do sobrenatural, e sim para postular a possível anormalidade da realidade, o que também impressiona o leitor terrivelmente: descobrimos que o nosso mundo não funciona tão bem quanto pensávamos, exatamente como propunha o fantástico tradicional, mas expresso de outro modo (ROAS, 2014, p. 67)

Nesse aspecto, a irrupção do insólito ficcional na presente narrativa se dá na perspectiva da teoria do fantástico contemporâneo, também chamado de neofantástico, por (ALAZRAKI, 2001 apud ROAS, 2014, p. 66), cuja:

Explicação do fenômeno, seu sentido claro e o componente aterrorizante [...] nas narrativas neofantásticas não existe intenção de provocar medo. Ao contrário, produz-se perplexidade e inquietude. [...] São, em sua maioria, metáforas que buscam expressar vislumbres, entrevisões ou interstícios de sem razão que escapam ou resistem à linguagem da comunicação, que não cabem nas células construídas pela razão, que vão a contrapelo do sistema conceptual ou científico com que lidamos diariamente.

Os aspectos, normal e anormal, das realidades se configuram de acordo com as visões de Alazraki e Roas, na apresentação do texto fantástico estão voltados para a naturalização do irreal.

Neste sentido, o conto rosiano possui o aspecto de brincadeira e jogo representado pela inusitada situação um velho se passar por recém-nascido, configurando-se como uma forma de transgressão do real, reforçando que o extraordinário se manifesta como estranho em oposição à ordem familiar e ordinária dos fatos no cotidiano do personagem protagonista da narrativa. A inquietação perpassa ao leitor pela representação teatralizada da personagem Tio Bola, através da perplexidade presente das ações do velhinho da criação e o reinventar novos enredos, ações que levam um estranhamento do leitor. Na visão todoroviana, esse aspecto é definido como uma narrativa do sub-gênero estranho puro, na qual:

Relatam-se acontecimentos que podem explicar-se perfeitamente pelas leis da razão, mas que são, de uma ou outra maneira, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam no personagem e o leitor uma reação semelhante a que os textos fantásticos nos voltou familiar (TODOROV, 1981, p. 26).

Seguindo essa proposição, sobretudo, as tramas que abordam o retorno de aspectos guardados/secretos, sejam intencionadas ou não, como vemos nas ações da personagem protagonista que age de forma não intencionada quando:

Deitava-se no cocho? Não como o Menino, na pura nueza... O vôo de serafins, a sumidez daquilo. Mas, pecador, numa solidão sem sala. E um tiquinho de claro-escuro. Teve para si que podia – não era indino – até o vir da aurora. Que o achassem sem tino perfeito, com algum desarranjo do juízo! (ROSA, 1979, p. 120-121).

Desse modo, durante o acontecimento estranho a personagem não se sente indigno para a representação ritualística, pois o

próprio ato representa já o torna purificado, ou seja, durante aquela noite em que o velhinho se torna o Menino sagrado há pureza nas ações consideradas sagradas. O evento insólito da narrativa se apresenta na suposta transfiguração da personagem Tio Bola, um senhor de idade avançada, protagonizando um menino sagrado, rememorando a revitalização. Para tanto, o narrador nos mostra que Tio Bola não percebe que suas ações são geradas por intenções secretas ou reprimidas, as quais se configuram por um retorno não intencionado. Nessa perspectiva, o ato cênico e ritualístico ou história sagrada da personagem Tio Bola torna-se inquietante, sobretudo porque, lembrando a voz oportuna de Freud (1919, p. 355): “apenas o fator da repetição não deliberada torna inquietante o que ordinariamente é inofensivo, e impõe-nos a ideia de algo fatal, inelutável, quando normalmente falaríamos apenas de acaso”.

Assim, como a narrativa trata do nascimento de Jesus Cristo na perspectiva do renascimento, trata também do efeito estranho através da reinvenção de ações da personagem, configurando-se como evento insólito. Com base na visão de Calvino (2004), podemos dizer que “Presepe” investe na atmosfera fantástica de um cotidiano banal, pois no relato o estranho ou anormal irrompe no fluxo dos fatos de forma a deixar o leitor incerto das explicações racionais das ações dos personagens, uma vez que o próprio narrador traz em seu relato a incerteza, sustentando, conseqüentemente, as incertezas do leitor no ato da leitura. Como bem sustenta Roas (2014, p. 32):

A narrativa fantástica provoca – e, portanto, reflete – a incerteza na percepção da realidade e do próprio eu; a existência do impossível, de uma realidade diferente da nossa, leva-nos, por um lado, a duvidar desta última e causa, por outro, em direta relação com isso, a dúvida sobre nossa própria existência, o irreal passa a ser concebido como real, e o real, como possível irrealidade. Assim, a literatura fantástica nos revela a falta de validade absoluta do racional e a possibilidade da existência, debaixo dessa realidade estável e delimitada pela razão na qual vivemos, de uma realidade diferente e incompreensível,

alheia, portanto, a essa lógica racional que garante nossa segurança e nossa tranquilidade.

Diante disso, há na releitura do sentido do presépio no contexto natalino que é teatralizado por Tio Bola, numa cena marcada por ações: o cenário ermo e simples, a sincronização extraordinária dos animais, o boi “[...] riscando primeiro com a pata uma cruz no chão, e ajoelhando-se” (ROSA, 1979, p. 121), o objeto que serve como manjedoura para o velhinho são ações que transgridem a concepção do cotidiano real, revelando um liame entre o possível e o impossível. No enredo, instâncias como sanidade e insanidade, ordinárias e extraordinárias, razão e desrazão sustentam a história narrada, numa relação binária em que tentar delimitar fronteiras constitui-se como tarefa árdua ao leitor.

3 Considerações Finais

A literatura tem o poder de humanizar as relações dos indivíduos com o mundo e com o seu semelhante. Desde os estudos da poética de Aristóteles a obra de arte de ficção se configura como mimese baseada na verossimilhança dos acontecimentos humanos e sociais. O texto fantástico se manifestou desde as narrativas sagradas, no mito, na fábula, na oralidade, entre outras. Seu surgimento não se pode datar. Entretanto, foi a partir das manifestações miméticas surgidas no Romantismo que se organizaram os estudos e a efetiva organização desses, tendo como o gênero conto sua prevalência e preferência de apresentação e de estudo.

À luz da conceituação de Calvino (2004), na literatura fantástica, a narrativa “Presepe” se insere no fantástico cotidiano/psicológico. Em “Presepe”, há a naturalização do irreal presente no motivo da teatralidade dos personagens Tio Bola, Nhota, Anjão, boi e o burro. Em nossas reflexões o cotidiano naturalizado da fazenda em que se inserem os seres ficcionais está envoltos por uma atmosfera mágica e insólita. O elemento estranho é visto nas ações dos personagens e na ambientação (teatralidade) como desdobramento ao estranhamento da narrativa. A expressão da

atmosfera fantástica de “Presepe” é marcada pela perspectiva psicológica ou cotidiana, também chamada de abstrata e mental. O aspecto sobrenatural que caracteriza a narrativa como fantástica é a naturalização do irreal nas ações do velhinho Tio Bola e dos animais, inclusive na própria teatralização que a concretiza um evento insólito.

REFERÊNCIAS

ALAZEAKI, J. *¿Qué es lo fantástico?* In: ROAS, David (org.). **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 265-282.

AULETE. Aulete Digital. In: AULETE. Aulete Digital. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://c64.cdn.w20.com.br/pres%C3%A9pio> Acesso em 05 de junho de 2019.

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009, p. 7-16.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada Ave-Maria**. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1991.

CALVINO, Ítalo. Introdução. In: CALVINO, Ítalo. **Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano**. Vários tradutores. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 9-18.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CHEVALIER, Jean; GREERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução de: Vera da Costa e Silva. 26.ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2012.

COVIZZI, Lenira Marques. **O insólito em Guimarães Rosa e Borges**. São Paulo: Ática, 1978.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução: PolaCivelli. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 7-122.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das religiões**. Tradução

Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa – Portugal: Editorial Minerva, 1979.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil**. E. S. B., vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 368-407.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: **O Homem e seus símbolos**. 4. ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964, p. 18-103.

MICHAELIS. Estranho. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=estranho>. Acesso em 20 de dezembro de 2019.

NOVIS, Vera. **Tutaméia**: engenho e arte. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo, 1989. (Série Debates; v. 223).

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**: terceiras estórias. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Tradução de Silvia Delpy. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

WESTPHALEN, Flávia Carpes. **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**. UFRGS. 2004.

VOLANTE, Paula Aparecida; LEITE, Guaciara M. Machado. “Presepe”: criação de uma realidade. In: **Intinerários**, Araraquara, n. 35, p. 77-89, 2012.



CAPÍTULO 4

ANÁLISE DAS MÁXIMAS DE GRICE EM RESUMOS MONOGRÁFICOS DE UM CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Diva Wellk de Oliveira Santos
Pedro Adrião da Silva Júnior

1 introdução

Para que se tenha uma melhor compreensão acerca das diversas interações às quais os interlocutores estão expostos diariamente, a linguística, em sua vertente pragmática, estuda questões como as articulações das palavras em situações de uso específicas. A pragmática leva em consideração tudo que está envolvido no ato de interação, ou seja, os interlocutores, o ambiente, as informações explícitas e implícitas e etc.

Tendo em vista que constatamos a presença de violações das máximas nas interações orais e escritas dos alunos de Letras – Língua Portuguesa durante nosso convívio em aulas, nos interessa verificar se e de que maneira estes estudantes fazem uso das violações das Máximas de Grice em seus resumos monográficos?

Com este trabalho temos o objetivo de analisar a presença das violações das máximas de Grice nos resumos monográficos de alunos de Letras – Língua Portuguesa do Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, em

Mossoró/RN. Elencamos como objetivos específicos: a) selecionar e organizar o *corpus* a ser utilizado no estudo; b) identificar as violações das máximas de Grice nos textos que compõem o *corpus*; c) refletir criticamente acerca do uso das violações das máximas presentes nos textos.

Este estudo tem relevância para a comunidade acadêmica que poderá se amparar em suas conclusões a fim de utilizar adequadamente, de maneira consciente os mecanismos para uma comunicação clara e coerente, evitando prolixidades, obscuridades e duplos sentidos na prática comunicativa. Também é relevante para os estudos pragmáticos, campo ainda jovem dentro dos estudos da linguagem, pois difunde sua importância levando a temática a outros pesquisadores que por ela podem se interessar, ajudando a tornar mais claro o caminho que percorre-se no processo de comunicação e interpretação.

O aporte teórico deste estudo está pautado em estudos de Grice (1957-1967), Austin (1962), Searle (1969), Morris (1959), traduzido por Fidalgo (1998), Frías Conde (2001), Betancourt (2012), Silva, Ferreira e Alencar (2014), dentre outros.

A metodologia desta pesquisa é qualitativa e seu caráter é descritivo e interpretativo, no qual foi tomado por objeto de estudo 5 (cinco) resumos acadêmicos de alunos do curso de Letras – Língua Portuguesa para o estudo. A seleção foi feita dentre os resumos disponíveis, aqueles que atendiam a linguagem compatível com textos acadêmicos e que respeitavam os movimentos retóricos que norteiam as produções de resumos acadêmicos.

Quanto à organização, o trabalho se apresenta na seguinte ordem: capítulo teórico com uma apresentação panoramicamente acerca da pragmática e suas principais teorias, tratando com maior ênfase da teoria do princípio da cooperação com enfoque nas máximas conversacionais de Grice. Na sequência apresentamos nossa metodologia e análise do *corpus*, composto por cinco resumos monográficos dos alunos concluintes de língua portuguesa da UERN, nos quais se constatou a presença das violações das máximas nos resumos monográficos e, ainda, que algumas destas violações ocorrem mais que outras. Por fim, apresenta-se as con-

siderações finais refletindo acerca da pesquisa e das conclusões a que se chegou acerca da compreensão dos aspectos pragmáticos e de sua importância para a interação e compreensão dos enunciados para o processo de comunicação.

2 Contextualizando a pragmática

Este capítulo traz uma apresentação panorâmica do percurso histórico dos estudos pragmáticos, para isto enfoca-se, genericamente, na linguística e algumas de suas vertentes, que se converteram em campos de estudos específicos, como é o caso da pragmática, a qual enfatiza-se neste trabalho.

A linguística é a ciência que se dedica aos estudos acerca da linguagem verbal humana. Seu objetivo é investigar, analisar e descrever os fenômenos que podem modificar a língua, também se ocupa do estudo da estrutura e os demais aspectos que interna ou externamente se relacionam e influenciam este objeto de estudo.

A linguística é um campo de estudo vasto, que trata de diversos aspectos da língua, dentre as muitas vertentes dos estudos linguísticos temos a vertente que trata da perspectiva pragmática que será foco deste trabalho. Esta etapa da pesquisa visa mostrar como surgiu e se desenvolveu a pragmática, para tal discorreremos acerca dos estudos de pesquisadores como John Austin, Paul Grice e outros estudiosos que foram precursores destes estudos e deixaram valiosas contribuições que possibilitaram e ainda possibilitam grandes avanços nesta área.

2.1 A perspectiva da Pragmática

Para compreender a linguagem humana é necessário estar claro que esta não é uma tarefa fácil, pois a linguagem apresenta diversas nuances que merecem a máxima atenção de seus pesquisadores. Segundo Silva, Ferreira e Alencar (2014, p.20), Morris, em seu trabalho Fundamentos da teoria dos signos, propõe uma divisão dos estudos em três dimensões: a dimensão **sintática**, em que o foco volta-se para as relações formais entre os signos inde-

pendentemente de seu significado, a **semântica** que concentra sua atenção na relação existente entre os signos e seus significados e, por fim, a **pragmática** que estuda as relações existentes entre os signos e seus usuários em contextos reais de uso.

À primeira vista, semântica e pragmática têm o mesmo campo de estudo e é difícil, muitas vezes, diferenciar uma da outra. Na tentativa de eliminar esta dúvida podemos afirmar que a semântica dá conta do significado das formas linguísticas, e não leva em consideração a situação em que elas acontecem, enquanto que a pragmática se ocupa do significado destas mesmas formas, levando em consideração a situação em que ocorrem, com ênfase em sua importância no processo de construção de sentido.

A pragmática também se preocupa com as regras que regem os aspectos de interpretação das mensagens que não resultam do conhecimento do significado das palavras ou da combinatória semântica que pode ser dada entre elas, mas do conhecimento da estratégia do emissor. (FRÍAS CONDE, 2001 *apud* NUÑEZ Y DEL TESO, 1996, p. 50, tradução nossa)³.

Portanto, de acordo com a citação acima, a principal diferença entre a pragmática e a semântica refere-se ao aspecto explorado pela pragmática, que ocorre quando existe a necessidade da compreensão por parte do emissor e do receptor acerca das estratégias de comunicação utilizadas pelo outro. Em outras palavras, significa que haverá compreensão do que se diz, em um contexto, que poderá expressar outro significado para alguém que não tenha os mesmos conhecimentos ou informações.

Para tornar mais clara as diferenças entre os dois campos de estudo, vejamos um exemplo⁴:

Imagine uma mãe que chega ao cômodo onde está o seu filho

³ Texto original: “A la pragmática le conciernen también las reglas que rigen los aspectos de interpretación de los mensajes que no resultan del conocimiento del significado de las palabras ni de la combinatoria semántica que se puede dar entre ellas, sino del conocimiento que se tiene de la estrategia del emisor. (Frías Conde, 2001 *apud* Nuñez y Del Teso, 1996, p. 50).

⁴ Todos os exemplos utilizados neste texto foram adaptados por nós e apenas se assemelham aos modelos de referência retirados dos diversos textos do nosso referencial.

e lhe diz:

- *Que lindo serviço você fez aqui!*

Temos sob a perspectiva semântica que analisar tão somente o que foi dito literalmente e buscar o sentido do que está posto na fala. Portanto, temos sob a perspectiva semântica uma mãe que elogia um filho por algo que este fez. Enquanto que, sob a perspectiva da pragmática, teríamos que considerar o tom de voz da mãe, como estava o ambiente onde ela proferiu seu enunciado, ou seja, teríamos que considerar as intenções do enunciado e o contexto em que ocorreu a fala da mãe, o que poderia explicitar a seguinte interpretação: a mãe chega ao ambiente em que seu filho está e encontra uma tremenda bagunça. Com certeza, ela estaria, neste caso, usando a ironia, com o objetivo de censurar ou repreender o filho pela bagunça que ele teria feito.

2.2 As teorias dos estudos pragmáticos

Os impactos causados pelos trabalhos de Saussure, um estruturalista que tomou a língua como objeto de estudo, levaram os estudos linguísticos a uma era de muito desenvolvimento. O estudioso deixou muitas contribuições que rendem discussões e pesquisas até os dias atuais, são exemplos suas dicotomias: sincronia x diacronia, língua x fala, significado x significante, paradigma x sintagma.

A pragmática é um campo de estudo relativamente novo e, segundo Marcondes (2000, p.39), foi Charles Morris, em 1938, o primeiro a utilizar este termo, como sendo o estudo da “relação dos signos com seus intérpretes”. Esta área de estudo vem-se desenvolvendo ao longo dos anos e este desenvolvimento tornou-se mais evidente nas últimas décadas do século XX.

A pragmática leva em consideração o que se diz, como se diz, a quem se diz e onde se diz. Ou seja, observa e estuda as intenções de quem fala e também se interessa por fatores chamados de extralinguísticos, em outras palavras, aqueles relacionados aos gestos, olhares, tom de voz, situação etc. Corrobora este conceito

Betancourt, (2012, p. 4), quando afirma que:

Assim, a Pragmática examina o uso da linguagem por parte do falante e, estabelece uma relação entre o significado literal e o significado comunicado, o qual é de vital importância para compreender o espanhol ou qualquer outra língua como um sistema comunicativo. (BETANCOURT, 2012, p. 4, tradução nossa⁵).

O fenômeno da comunicação tem diferentes olhares conforme o que buscamos em dado momento, e o olhar da pragmática também pode subdividir-se conforme o que se busque especificamente.

Quanto aos estudos pragmáticos existe algumas teorias desenvolvidas que dão base as pesquisas da área como a teoria dos atos de Fala, a teoria das implicaturas, a teoria do princípio de cooperação e a teoria das máximas conversacionais.

Cada uma dessas teorias está ligada as diversas atividades de comunicação que utilizamos diariamente, mas neste momento, apresentaremos tão somente a teoria das máximas conversacionais de Grice que atende a nossa pesquisa.

2.2.1 -As Máximas Conversacionais

As máximas não foram propostas com o intuito de impor leis ou determinar regras de bem falar ou conduzir a conversa. Elas se ocupam em tentar descrever as situações discursivas e, ao descrevê-las, podemos perceber quando a conversação foi eficaz ou se não foi e que fatores contribuíram para isto. A estes fatores, que impedem que a conversa realmente flua como deve, chamaremos de violações das máximas.

Além das violações das máximas conversacionais há outros elementos que produzem sentido para a compreensão entre os interlocutores. Estes elementos são denominados implicaturas, que

⁵ Texto original: Así, la pragmática examina el uso del lenguaje por parte de los hablantes y, establece la relación entre el significado literal y el significado comunicado, lo cual es de vital importancia para entender el español o cualquier otra lengua como un sistema comunicativo. (BETANCOURT, 2012, p. 4).

tratam da capacidade que tem o interlocutor de inferir, ou seja, chegar a conclusões a partir do que foi dito e, também, principalmente, a partir do que não foi dito, ou seja, as informações que estão implícitas. Esta prática requer do interlocutor conhecimento prévio acerca do tema tratado na interação.

Do ponto de vista do falante que está interessado tão somente em sua interação, será possível perceber se o diálogo atingiu ou não seu objetivo, ou seja, se houve ou não violação de uma ou mais máximas conversacionais. Embora o sujeito não conheça os termos que os pesquisadores utilizam, quase sempre chegam às mesmas conclusões que os estudiosos, ou seja, se compreendeu a intenção do seu interlocutor e se também se fez compreender.

As violações de máximas conversacionais são intencionais e, acima de tudo, são alcançadas, aceitas e compreendidas pelos interlocutores. Isso significa dizer que, tanto os implícitos quanto as violações das máximas não são, em nenhum momento, uma tentativa do locutor de enganar ou omitir informações, mas sim recursos conversacionais para uma compreensão rápida e que causa efeito no interlocutor (LEÃO, 2013, p.2).

As violações das máximas não são consideradas nem positivas nem negativas, elas fazem parte do nosso repertório linguístico, sendo de fato mais uma das estratégias que empregamos ao fazer uso eficiente de nossa competência comunicativa, respeitando cada contexto.

Apresentaremos a partir de agora as máximas conversacionais e trataremos de algumas violações que podem atingi-las, o que nos possibilitará compreender como se organizam, como acontecem e os resultados destes processos.

I - Máxima de Quantidade

De acordo com Grice (1982, p. 86), esta máxima está relacionada à quantidade de informação a ser fornecida pelo falante. A violação desta máxima pode ser utilizada como recurso estratégico para argumentação, ao passo que o locutor pode fornecer, ou

não, suficientes informações para seu interlocutor, levando em consideração sua intenção comunicativa. Ainda segundo Grice, esta máxima corresponde a duas submáximas, e estas dizem que:

1. Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerida (nem mais nem menos).

2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

II – Máxima de Qualidade

A categoria da Qualidade está relacionada à veracidade das informações, e, segundo Grice (1982, p. 87), dentro desta máxima, temos a super-máxima que diz: “Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira” e isto nos leva a duas outras máximas mais específicas:

1. Não diga o que você acredita ser falso.

2. Não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada

Esta máxima requer que o falante, ao interagir com seu interlocutor, utilize um enunciado verdadeiro, pois ela orienta que o usuário não deve fazer uso de informações que julgue incorretas, ou que não faça uso de informações que não possam ser comprovadas.

Em nossa prática diária enquanto interagimos em ambientes formais, espera-se que o interlocutor contribua com enunciados verdadeiros, pois ninguém pergunta algo para o outro se acreditar que o interlocutor responderá com uma informação que seja falsa, por isso espera-se ainda que as informações sejam passíveis de comprovação. As máximas podem ser violadas independentemente do contexto, seja ele formal ou informal. Porém, em se tratando de ambientes informais, é muito fácil encontrar violação desta máxima.

III – Máxima de Relação

Esta máxima indica que o falante faça uso de informações relevantes, ou seja, os interlocutores devem estabelecer uma relação em seus turnos de fala, promovendo, assim, uma interação lógica

que faça sentido.

Quanto à máxima de relevância ou de relação, Fontana (2004) afirma que, para que o autor contribua para a interação, deve atingir os objetivos desta e que ele exclua, em sua fala, sentenças que não sejam pertinentes a seus objetivos. “O falante deve assegurar-se de que os argumentos utilizados para justificar seu ponto de vista não sejam óbvios ou impertinentes, nem contraditórios” (FONTANA, 2004, p.126).

Vejamos alguns exemplos:

Situação 1: Dois estudantes conversam no corredor escolar.

IV – Máxima de Modo

Quanto à máxima de modo, espera-se que o falante seja claro em sua interação, pois, conforme Leão (2013, p. 6), deve-se evitar o uso de duplo sentido, ou expressões obscuras ou imprecisas, sendo, também, desejável que o enunciado seja breve e organizado. A violação desta máxima é muito comum, principalmente em idiomas em que o vocabulário dispõe de muitas palavras que, dependendo do contexto, podem apresentar sentidos diferentes.

Grice (1982, p.87) postula que esta máxima, diferentemente das demais que tratam do que é dito, refere-se a como o que é dito deve ser dito, e a esta máxima o autor relaciona a super-máxima “Seja claro” e outras várias máximas que apresentamos conforme interpretação de Fontana (2004, p.127):

1. Evite obscuridade de expressão.
2. Evite ambiguidade (use palavras com sentido preciso e definido).
3. Seja breve (evite prolixidade desnecessária).
4. Seja ordenado (usufruindo da economia da linguagem temporal, espacial e lógica).

Apresentadas as máximas conversacionais e devidamente exemplificadas, passamos a percebê-las com mais clareza. Nós usuários da língua e dos mais diversos tipos de linguagem, utilizamos diversos recursos para estabelecer uma comunicação so-

ciável e aceitável e, muitas vezes, violamos intencionalmente uma ou cada uma dessas máximas no intento de manter uma interação que preserve o sentido, contemplando as necessidades das interações sociais. Não obstante, é importante ressaltar que as violações das máximas também produzem sentido e estes podem ou não atender à intenção do locutor.

Para manter a interação em um nível sociável como é pretendido, muitas vezes, o falante utiliza-se de alguns recursos linguísticos e/ou gramaticais, como metáforas, eufemismos, ironias, exageros etc. Isto não quer necessariamente dizer que há intenção deliberada de mentir para o seu interlocutor, mas sim de estabelecer uma conversa que atenda a proposta conversacional, amenizando o que se pretende dizer sem comprometer completamente os sentidos pretendidos.

Embora haja diversos focos a serem tratados e estudados no campo da pragmática, na maioria dos casos eles se relacionam, criando uma condição de dependência ente si, pois observemos que, se os atos de fala estão no início do processo, partindo da premissa que todo o processo comunicativo faz uso dos atos de fala e, ao nos comunicarmos, utilizamos as máximas conversacionais que, por sua vez, nos conduzirão a fazer uso das inferências, dando voz a implicaturas e, assim por diante, os elementos parecem se encadear à medida em que os utilizamos.

Estas são algumas das propostas da pragmática tradicional, a qual abriu caminho para os estudos neste campo de pesquisa. Porém, como é de se esperar, com o passar do tempo e a evolução dos estudos, a pragmática também se renova por meio das novas perspectivas propostas pela Nova Pragmática, que pode ser tema para estudos futuros.

3 Metodologia e análise dos dados

Este capítulo fornece a descrição de como foi desenvolvida a pesquisa, bem como a composição do *corpus*. Na sequência é apresentada a análise feita nos textos selecionados.

3.1 Caracterização da pesquisa e procedimentos metodológicos

Esta é uma pesquisa qualitativa, pois tem cunho interpretativo do *corpus* analisado, sendo, portanto, subjetiva. Esta nossa constatação quando diz que: “Na pesquisa qualitativa, importante papel é conferido à interpretação”.

Esta pesquisa é ainda descritiva e interpretativa, apresenta descrição e interpretação dos elementos analisados, a saber: as violações das máximas de Grice nos textos que compõem o *corpus*.

Quanto aos procedimentos metodológicos, tendo em vista que esta pesquisa visa identificar as máximas de Grice em resumos monográficos, além de descrever as violações identificadas e por fim analisá-las, fomos ao departamento de Letras Vernáculas (DLV) do Campus Central da UERN, onde foi solicitada autorização para fazer cópias dos resumos monográficos dos alunos do último semestre, e assim foi composto o *corpus*. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizados os seguintes passos:

Seleção de 5 (cinco) resumos monográficos, dentre os disponíveis, dos formandos do semestre (2018.2). O único critério utilizado foi que a escrita estivesse dentro dos parâmetros acadêmicos, quanto ao uso adequado de aspectos gramaticais, ortográficos e pragmáticos.

Por conseguinte, foi feita a busca nos textos de ocorrências de violações das máximas.

Por fim, foram analisadas as violações encontradas, explicando cada uma delas em quadros para que pudessem ser melhor observadas.

Com a análise concluída, conjecturou-se acerca do porquê do uso das violações e se este fato impacta a compreensão dos enunciados, com base nos postulados de estudiosos como Grice (1957-1967), Austin (1962), Searle (1969) dentre outros

3.2 Análises do *corpus*

Como supracitado no tópico anterior, para a execução da análise, foram coletadas 5 monografias do semestre 2018.2, dentre as disponíveis no DLV do Campus Central da UERN. Inicialmente verificou-se nos resumos monográficos a presença das violações das máximas (quantidade, qualidade, relação e modo). Para alcançar êxito neste propósito é necessário retomar aqui o que é e o que se espera de um resumo acadêmico, para que este cumpra com o seu objetivo.

Um resumo acadêmico é um texto sucinto, e constitui-se de uma prática discursiva e sociocomunicativa realizada por indivíduos envolvidos na produção escrita do mundo acadêmico. Apesar de sua circulação contínua no meio acadêmico, nem sempre ele é produzido de maneira adequada, pois às vezes alguns dos elementos que o caracterizam acabam sendo negligenciados por seus autores.

Pesquisadores como Swales (1990), Santos (1995) Motta-Roth e Hendges (1996), dentre outros, elencaram em estudos retóricos deste gênero, algumas características, necessárias, para que o texto esteja dentro dos parâmetros esperados. O modelo proposto por Motta-Roth e Hendges (1996, p. 168), que foi o modelo que escolhemos como parâmetro, diz que um resumo deve contemplar cinco movimentos retóricos: o *Movimento 1* deve situar a pesquisa, o *Movimento 2* deve apresentar a pesquisa, o *Movimento 3* deve descrever a metodologia utilizada, o *Movimento 4* deve sumarizar os resultados e por fim o *Movimento 5* deve discutir a pesquisa.

Desta forma, temos então que um resumo escrito de maneira adequada é aquele que apresenta os seguintes pontos: a) introdução ao tema; b) objetivos e/ou hipóteses; c) metodologia; d) resultados obtidos e e) conclusões ou recomendações para sequência da pesquisa.

Sendo o resumo na verdade uma prévia do trabalho, ele deverá ser escrito em breves palavras que atendam a todos estes requisitos e terá a função de instigar o seu leitor pela leitura ou não do estudo, conforme sua necessidade e/ou disponibilidade.

Feita esta necessária apresentação do gênero resumo

acadêmico, tem-se, então, noção exata do que precisa ser dito, e isto ajudará na composição da análise.

Analisando o primeiro resumo ou T1, percebemos que embora o texto traga grande parte da informação necessária para o leitor, muita coisa está omissa na elaboração. Observamos que o autor não aponta a metodologia que utilizou em seu estudo, os resultados a que chegou e por fim, tão pouco fechou seu texto com as considerações ou ponderações para futuros andamentos de sua pesquisa. Quanto à compreensão do que está posto no resumo, verifica-se o uso demasiado de informações sobre a obra.

Quanto ao segundo resumo o T2 chegamos à conclusão que com a violação da máxima de quantidade, o autor pode causar confusão para o seu leitor, que está recebendo muito mais informação que aquela necessária, um outro aspecto que pode causar também confusão para o leitor é que o texto parece necessitar de mais atenção quanto a sua escrita, pois algumas passagens fogem a concordância e de certa forma da coerência necessária a um texto acadêmico. Ainda em T2, quanto a máxima de relação destacamos alguns trechos que em nosso entendimento não parece estabelecer sentido, fugindo do que desejava informar o autor, ao passo que um leitor iniciante neste tipo de estudo, seguramente ficará confuso quanto ao teor do texto.

Analisando o terceiro e quarto resumos ou T3 e T4 nos deparamos com dois textos que, sob o nosso ponto de vista, estão muito bem escritos. Não foi identificada nenhuma violação em nenhum dos dois resumos. Os dois textos atendem a todos os requisitos elencados pelos estudiosos quanto aos movimentos retóricos. Desta forma estamos estabelecendo uma relação existente entre a produção de um resumo dentro dos parâmetros estabelecidos pelos pesquisadores especialistas nesta área com o respeito ao uso adequado das máximas conversacionais.

Na análise do quinto resumo ou T5, constatamos que em geral a violação de uma máxima de quantidade, quando excede informação, como foi identificada na maioria dos textos, acaba provocando a violação de outras máximas, como foi o caso das máximas de modo e relação. Isto ocorre, muito provavelmente, porque ao

exceder em suas informações o indivíduo aumenta consideravelmente as chances de ambiguidades, obscuridades, em ser prolixo, além do fato de que pode ocasionalmente se perder em suas próprias palavras comprometendo assim a compreensão do seu leitor.

4 Considerações finais

A proposta deste trabalho nos leva a perceber que atingir a compreensão de enunciados não é tarefa simples, bem como se fazer entender, também nem sempre o é. A pragmática se encarrega dos estudos da linguagem em uso, levando em consideração os elementos envolvidos em determinada situação de interação, como as intenções dos participantes, a forma como expressam sua fala ou escrita, enfim leva em consideração todo o contexto.

No caso da violação ou não das máximas de Grice, este é um recurso que o falante pode lançar mão conscientemente ou não, por diversos fatores intencionais ou não. Em outras palavras, o participante pode violar uma máxima para dar ênfase a um fato, ou por usar uma metáfora, ou por supor que seu interlocutor tenha todas as informações necessárias a dada situação de interação dentre outras possibilidades.

Este estudo nos permitiu verificar que no universo desta pesquisa, o nosso *corpus*, a máxima mais violada foi a de quantidade. Esta violação pode ocorrer por omissão de informação, mas em sua maioria é o oposto que acontece, ou seja, é dada pelo interlocutor excesso de informação. Evidenciou-se ainda, que a violação da máxima de quantidade contribui para que outras violações ocorram.

É relativamente simples de compreender este fato, pois se um indivíduo viola a máxima de quantidade, como ocorrido na maioria dos textos analisados, muito provavelmente estará sendo prolixo, poderá ainda ser ambíguo ou como já dito, corre o risco de se perder em suas próprias palavras, tornando o texto difícil de ser compreendido, perdendo o sentido entre o que o autor deseja

informar e o que está posto em suas palavras (violando a máxima de relação) , podendo não ser claro (violando a máxima de modo), ou em outros casos afirmar o que não pode comprovar (violando a máxima de qualidade).

Apesar de verificar a presença de violações das máximas, não é possível concluir com isto, que os discentes não utilizam adequadamente as máximas conversacionais, seria uma conclusão muito prematura tendo em vista o reduzido *corpus* analisado.

As leituras feitas para esta pesquisa levam a uma nova perspectiva acerca da pragmática, que antes era mais uma disciplina de estudo e hoje proporciona uma visão mais ampla sobre diversos aspectos relacionados à linguagem, às interações e aos usos destas convenções pré-estabelecidas no uso da língua. Certo é que, o uso destes recursos disponíveis nas interações pode, ocasionalmente, transformar os sentidos, dependendo do uso adequado ou não desta convenção, e este fato pode contribuir positiva ou negativamente com o processo comunicativo.

Desta forma, conclui-se que é primordial aos usuários da língua a compreensão dos elementos pragmáticos nas mais diversas situações de comunicação. Concluímos ainda que ainda há muito a explorar acerca da pragmática, ela faz parte do nosso cotidiano e, especialmente na academia, sendo ela é um elemento que não se deve ignorar, a fim de que se possa aperfeiçoar as formas de comunicar. É um primeiro passo que pode ser retomado e com certeza trará bons frutos em outros estudos no futuro.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1976.

BETANCOURT, Maria Vitória Romero. **Adquisición de Pragmática em segunda lengua: un modelo didáctico para la enseñanza de la pragmática**. 2012. 132f. Dissertação (Mestrado em Artes no ensino de espanhol) – Indiana University. Departamento de linguagem e culturas mundiais. Disponível em: <<https://>

scholarworks.iupui.edu/bitstream/handle/1805/2968/MV%20Romero%20TESIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 out.2017.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. O gênero resumo: uma prática discursiva na comunidade acadêmica. In: BIASI-RODRIGUES, Bernadete; ARAÚJO, Júlio Cesar, SOUZA, Socorro Cláudia Tavares (orgs.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Leitura, Escrita e Oralidade)

FONTANA, Náuria Inês. Disse ou não disse: eis a questão... **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p.123-133, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras>>. Acesso em 13 dez. 2018.

FRÍAS CONDE, Xavier. Introducción a la pragmática. En Ianua. **Revista Philologica Romántica**, 2001. Disponível em: <<http://romaniaminor.org/ianua/sup.htm>>. Acesso em 12 fev. 2008.

GRICE, Herbert Paul. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.) **Fundamentos Metodológicos da Linguística. Pragmática** – problemas, críticas, perspectivas da Linguística. Vol. IV. Campinas: UNICAMP, 1982, p. 81-103.

GRICE, Herbert Paul. Logic and converstion. In: COLE, P. Cole e MORGAN, J. (eds.). **Speech Acts** (Syntax and Semantics, Volume 3). New York: Academic Press, 2004.

ILARI, Rodolfo. Semântica e pragmática: duas formas de descrever e explicar os fenômenos da significação. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p.109-162, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2019/3404-1559330151.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2018.

LEÃO, Luciana Braga Carneiro. **Implicaturas e a violação das máximas conversacionais: uma análise do humor em tirinhas**. *Work. Pap. Linguíst.* Florianópolis, v. 14, n. 1, 2013.

MARCONDES, Danilo. A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem. **Rev. Filosofia Unisinos**, v. 7, n. 3, p. 217-230, set/dez 2006. Disponível em: <revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/6101/3277>. Acesso em: 27 mar. 2018.

MARCONDES, Danilo. Desfazendo mitos sobre a pragmática. *Alceu*, v. 1, n. 1, p.38-46, 2000.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MORRIS, Charles. **Fundamentos da teoria dos signos**. Tradução de António Fidalgo, Universidade da Beira Interior, 1998. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/~fidalgo/semi-otica/morris-charles-fundamentos-teoria-signos.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

SILVA, Daniel do Nascimento; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira. Uma nova pragmática para antigos problemas. *In*: SILVA, Daniel do Nascimento; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de (orgs.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014.



CAPÍTULO 5

O DISCURSO DOS VALORES MORAIS ‘CRISTÃOS’: ANÁLISE CRÍTICA DE LIÇÕES PARA O ENSINO RELIGIOSO

José Roberto Alves Barbosa

Considerações iniciais

O discurso religioso ocupa papel central na sociedade, e pode recorrer a diversos gêneros textuais, a fim de consolidar ideologicamente o consenso, com vistas a manutenção de relações de poder abusivas. Por isso, pretendemos, através deste artigo, analisar criticamente o discurso a respeito dos “valores cristãos”, defendidos por uma instituição religiosa, através de uma revista produzida para ensino na escola bíblica da igreja. Essa análise é necessária, considerando que esse discurso tem sido amplamente divulgado em períodos eleitorais, com vistas a obtenção de votos dos sujeitos que partilham desses discursos.

Inicialmente, faremos uma incursão pelos fundamentos da Análise de Discurso Crítica (ADC), a partir da qual basearemos nossa análise, em seguida, discutiremos a disseminação do discurso sobre os “valores cristãos”, considerando também os pressupostos de uma visão cristã diferenciada daquela difundida em contextos cristãos alinhados ao conservadorismo moralista. Esperamos contribuir por meio dessa análise não apenas para descon-

strução de uma ideologia hegemônica, que se utiliza de estratégias com vistas ao controle social.

1 Análise de Discurso Crítica: aspectos teórico-metodológicos

Segundo Magalhães (2005), na década de 70, na Universidade de East Anglia, na Grã-Bretanha, uma abordagem diferenciada para os estudos da linguagem estava sendo desenvolvida por um grupo de pesquisadores que a chamaram de Linguística Crítica. Linguistas e pesquisadores da linguagem começaram a se interessar não apenas pelo texto, mas por sua maneira de se relacionar com os conceitos de poder e ideologia. A partir dessas pesquisas, houve espaço para que outros pesquisadores pudessem desenvolver essa abordagem. Foi nesse contexto que a expressão análise de discurso crítica aparece com Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, caracterizando-se como uma área de conhecimento heterogênea. Segundo Vieira e Resende (2016, p. 20), isto significa dizer que:

É heterogênea porque há uma gama variada de abordagens que se identificam com o rótulo 'ADC'. Assim, não apenas os avanços trazidos pela abordagem de Norman Fairclough se identificam com a ADC, mas também perspectivas de autores como Teun Van Dijk (1989), Ruth Wodak (1996), Blommaert (2005), Theo van Leeuwen (2008), entre outros/as. Todas essas abordagens são legitimamente associadas à Análise de Discurso Crítica, e cada uma delas provê acercamento teórico e instrumental específico para pesquisas discursivas.

Desta forma, a ADC se preocupa, em primeiro plano, com problemas sociais de cunho discursivo a fim de descrever, interpretar e explicar, a partir de um contexto sociohistórico, questões sociais construídas por meio da linguagem. Com contribuições valiosas de estudiosos da linguagem, à luz da ADC, temas rela-

cionados às questões de gênero, violência, exclusão social, racismo, dentre outros são desnudados dentro do discurso, a partir de abordagens socialmente e linguisticamente orientadas. Fairclough (2001, p. 90-91), propõe ao usar o termo discurso:

considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira.

Nesse caso, a prática social como finalidade do uso da linguagem determina como os indivíduos agem em relação ao mundo e aos outros, sendo importante também não dispensar atenção às práticas discursivas que mediam as práticas sociais através de textos que são consumidos e distribuídos. A ADC, como ciência crítica, preocupa-se em compreender o mundo a partir do modo como nos relacionamos com ele, ou seja, por ser estratificado e aberto só o entendemos de acordo com o nosso conhecimento empírico sobre ele, a partir de nossas práticas sociais.

A esse respeito, Jesus (1989) explica que nos textos gramscianos se observa que a supremacia de um grupo pode se manifestar como “domínio” e como “direção”, tanto intelectual como moral. Esses adjetivos são atribuídos à classe hegemônica. De acordo com essa afirmação, pode-se depreender que um grupo social, antes de conquistar o poder, pode e deve ser dirigente desse grupo e depois, já detentor desse poder, transformar-se em dominante, mas mantendo-se como dirigente. Saber dirigir e dominar alianças são condições necessárias tanto para a hegemonia ser implementada como para ser mantida.

Nesse sentido, a hegemonia destaca a importância da ide-

ologia no alcance e na manutenção das relações de dominação. Todavia, a dominação sempre está em equilíbrio instável, ou seja, a hegemonia, como forma de dominação pelo poder de um grupo sobre os demais, resulta em uma inerente instabilidade, caracterizando assim o conceito de luta hegemônica. A esse respeito, Vieira e Resende (2016) explicam que existem maneiras de se instaurar e manter a hegemonia, dentre elas, a luta hegemônica travada no/pelo discurso.

Para Thompson (2011), seguindo uma fundamentação marxista, a ideologia é um conceito em que se percebe, ao contrário do que se viu ao longo do tempo, que fenômenos ideológicos também podem ser ilusórios, enganadores e que podem estar ligados, diretamente, a grupos com interesses particulares que estabelecem e sustentam relações de dominação. Com isso, verifica-se que a ideologia é, em essência, hegemônica no que se refere às relações de dominação.

Esses modos indicam que a ideologia acaba por naturalizar a desigualdade entre as relações sociais, corroborando com a ideia de que ela suaviza conceitos impostos socialmente e legitima posicionamentos de dominação ou subordinação de classes hegemônicas. Embora, o autor distinga cinco modos gerais para a ideologia, eles não são a única maneira como a ideologia pode operar, nem é possível dizer que exista uma relação de interdependência entre eles. Esses modos podem agir de maneira a se sobreporem e a se reforçarem mutuamente e não são intrinsecamente ideológicos.

2 Neoliberalismo econômico, estudos de gênero e moralidade “cristã”

O liberalismo neocapitalista, associado ao discurso moralista, busca cooptar pessoas religiosos, através de suas crenças, naturalizando-as ideologicamente, a fim de produzir consenso (HARVEY, 2005). Através da interrelação desses discursos, uma série de metáforas são orquestradas, a fim de persuadir determinados grupos sociais (LAKOFF, 2016). A prática discursiva circula de tal modo

que impede a possibilidade alternativa dos interesses econômicos envolvidos. E mais que isso, tais interesses são arquitetados no entorno de questões morais (DIP, 2018).

Os Estudos do Gênero se respaldam é uma perspectiva cultural da constituição humana. Michel Foucault e Judith Butler contribuíram significativamente para essa concepção, ao se voltarem para as questões do corpo, da sexualidade e das tecnologias do saber. Antes desses, Beauvoir (1980) postulou que “não se nasce mulher, se torna uma”. Essa visão propõe uma visão de gênero como uma construção social. O gênero, desse moto, é uma prática identitária. Assim, para Butler (1998, p. 26), “não a biologia, mas a cultura se torna o destino”.

A esse respeito, é importante ressaltar que a moralidade não se coaduna aos próprios princípios cristãos, vários estudiosos que professam a fé cristã, dentre eles, Ellul (1997), inspirado na tradição protestante de Martinho Lutero e Karl Barth, assume que:

Quando tentamos transformar as regras da vida cristã, a fim de construir um código moral, um modelo que pode ser imitado e alcançado, traímos o próprio Jesus Cristo. Desprezamos essa liberdade que ele adquiriu por nós com tanta dificuldade por sua morte, retornamos às práticas de escravidão, e repudiamos o título de filhos de Deus (p. 128).

Diferentemente do que se propõem em muitos círculos cristãos na atualidade, o cristianismo de Cristo não enseja a imposição de regras morais, sobretudo para as pessoas que não professam essa mesma fé. Essa prática tem relação muito próxima com interesses político-econômicos, da qual se apropria o fundamentalismo, reduzindo o cristianismo aos denominados “valores morais”. Ellul (1986) enfatizou, há algum tempo, e parece que nada mudou a esse respeito:

aos olhos de muitos dos nossos contemporâneos, o cristianismo é primeiramente uma moralidade (...) devemos reconhecer que os próprios cristãos têm feito todo esforço

para criar essa confusão. A revelação de Deus, no entanto, nada tem a ver com moralidade (p. 69).

Não apenas Ellul (1986) se posicionou contra essa visão equivocada do cristianismo, Lewis (1952, p. 130), algum tempo antes, foi enfático a esse respeito:

Penso que todos os cristãos concordariam comigo que embora o cristianismo pareça à primeira vista com moralidade, como se tudo não passasse de deveres e regras e culpa e virtude, na verdade isso conduz a outra direção, distante do que realmente é. Pode-se dar uma olhada em um país onde não se fala dessas coisas, exceto como uma piada. Qualquer pessoa é preenchida com o que poderia ser uma bondade como em um espelho cheio de luz. Mas eles não denominam a isso de bondade. Eles não chamam a isso de coisa alguma. Eles estão todos pensando sobre isso. Eles estão muito ocupados para perceber a fonte da qual essa procede" (p. 130).

Por esse motivo, Ellul (1969) advertiu que a moralidade "necessariamente entra em colisão com a decisão de Deus em Jesus Cristo, que localiza a vida e a verdade o homem para além de algo que o próprio homem possa formular, saber e viver" (p. 13). Essa confusão, observada por Ellul (1986), não passa de uma espécie de armadilha, na qual a própria igreja tem caído, pois "a coloca no mesmo nível de como o mundo trata das questões políticas e morais" (p. 69), e acrescenta se tratar de uma questão política, advertindo quanto ao perigo de que esse seja tratado nos moldes políticos e sociais, sendo acobertada por uma terminologia teológica.

4 A política socioeconômica do Jesus dos evangelhos e a moralidade dita "cristã"

A "moralidade cristã", ao que tudo indica, nada tem de propriamente cristã, pelo menos no que se refere ao Cristo dos

Evangelhos. Se assumirmos que essa é uma ética “cristã”, é provável que o próprio Cristo não possa ser considerado cristão. Uma análise de Cristo nos quatro evangelhos bíblicos: Mateus, Marcos, Lucas e João, bem como no contexto político-social no qual viveu, nada tem a ver com o Cristo apresentado em muitos contextos dito “cristãos”. A política de Jesus, conforme ressaltou Yoder (1994), não se identifica com os poderes do mundo. A busca pelo poder terreno, conforme apregoam essa “moralidade”, nada tem a ver com aquele que afirmou, diante de Pilatos, que seu reino não era desse mundo.

Ellul (2008) destaca que o dinheiro, conforme retratado por Jesus nos evangelhos, está na esfera do reino de Mamom, sendo, portanto, uma divindade. Nessa perspectiva, a idolatria do dinheiro pode se tornar uma prática naturalizada, adotada até mesmo por aqueles que se dizem cristãos. O espírito do capitalismo, não podemos deixar de destacar, remete à reforma protestante, conforme percebido por Weber (2013). O movimento da Teologia da Prosperidade, que suas origens no capitalismo norte-americano, aliou-se à defesa de um “paraíso na terra”, de modo que os cristãos poderiam usufruir abundantemente das “bençãos materiais”.

É preciso destacar, nesse contexto, que o próprio capitalismo, conforme ressaltou Benjamin (2013), que vai muito além de Max Weber, ao demonstrar que aquele tem uma estrutura religiosa. O capitalismo, enquanto religião, é puramente cultural, não tem um dogma específico, isso porque suas práticas são utilitárias. O dinheiro – papel moeda – é apenas uma das manifestações da divindade, que requer sacrifícios a Mamom, e o mais assustador, sem qualquer possibilidade de expiação. Benjamin (2013) recorre à palavra *shuld* – culpa e dívida – como parte constitutiva dessa condição, que coloca o religioso em uma (in)consciência de perpétuo endividamento.

Essa condição difere do evangelho de Cristo, pois como destaca Pagola (2014), ao fazer uma análise criterioso dos evangelhos bíblicos, com ênfase principalmente em Lucas, destaca que a visão cristã a respeito do dinheiro está muito distante daquela comumente propagada nos arraiais eclesiásticos. O posiciona-

mento desse autor se aproxima bastante daquele defendido por Ellul (2008), sobre como Jesus aborda a questão do dinheiro, principalmente o das riquezas. O ponto central da discussão desses autores, com base nos Evangelhos, é o de que o dinheiro é um reino, identificado por Jesus como Mamom.

O Jesus dos Evangelhos está distante daquele apresentado nos contextos religiosos. Entre os próprios escritores evangélicos, há aqueles que perceberam essa perspectiva, e tiveram a coragem de publicar livros que destoam desse pensamento hegemônico. É digno de destaque a discussão de Yancey (2000), reconhecendo que desconhecia o Jesus que costuma ser apresentado na maioria das igrejas evangélicas. McLaren (2007), ao questionar se a igreja não teria compreendido de maneira errada a mensagem de Jesus, e essa estivesse deturpando seus ensinamentos. Hendricks Jr. (2017) ressalta a mensagem revolucionária de Jesus em relação à política do seu tempo.

Esses questionamentos também têm acontecido no Brasil, vários teólogos têm problematizado o quanto a igreja institucionalizada reverteu a mensagem do evangelho. Um dos primeiros a abordar esse tema foi Boff (1972), enfocando a mensagem libertadora de Cristo. Mais recentemente, outros teólogos têm se posicionado contra o preconceito no meio evangélico em relação às demais religiões, bem como ao discurso de ódio, que se tornou naturalizou, inclusive em contextos ditos cristãos. Fernandes (2018), alerta em relação à intolerância religiosa que foi disseminada pelos evangélicos, principalmente em relação à comunidade LGBTQ+. Vieira (2019), a partir da sua experiência pastoral entre grupos minoritários, defende uma revolução amorosa, inspirada na mensagem de Jesus.

Wallis (2019), desde a eleição de Donald Trump nos EUA, denunciou que o discurso a respeito de Cristo se encontra em crise, por causa do uso indevido do seu nome para propagar o preconceito e a intolerância, principalmente entre os grupos minoritários, tais como os imigrantes, homossexuais, dentre outros. Diante da influência desses grupos na política, compreender como esses recorrem a metáforas morais tornou-se uma exigência para

os analistas do discurso. Lakoff (2016), a partir da linguística cognitiva e social, mapeia metaforicamente como pensam liberais e conservadores, em relação aos discursos político-religiosos, e como esses afetam as tomadas de decisões.

5 Contextualização da Pesquisa

Essa pesquisa descarta a possibilidade de pesquisas ‘objetivas’ segundo o arcabouço teórico utilizado (RAMALHO E RESENDE, 2011), por isso defendemos que a análise textual-discursiva é importante porque os textos têm efeitos na vida social, ao mesmo tempo em que percebemos que apenas os componentes discursivos são insuficientes para interpretar as condições sociais. Faz-se necessário, conforme apontam Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 67), que a análise seja “orientada para mostrar como o momento discursivo trabalha na prática social, do ponto de vista de seus efeitos em lutas hegemônicas e relações de dominação”.

Por isso, a pesquisa que integra a ADC e a GDV geralmente é atravessada por disciplinas que exploram temas transversais, de natureza qualitativa, consistindo em “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17), permitindo investigar aspectos do mundo atentando para seus aspectos qualitativos. Esse foco demanda um olhar crítico sobre as relações sociais, na busca por um suporte científico com vistas à superação de problemas sociais. De acordo com Fairclough (2003), para ter acesso a determinadas realidades desempoderadoras é preciso “relacionar a ‘microanálise’ de textos à ‘macroanálise’” (p. 15).

Fairclough (2003) explica que uma perspectiva social detalhada dos textos permite abordá-los “em termos dos três principais aspectos do significado, e das maneiras como são realizados em traços dos textos”, buscando “entre o evento social concreto e práticas sociais mais abstratas”, através das investigações dos gêneros (ação), discursos (representação) e estilos (identidade) utilizados. A análise é, portanto, explanatória, pois conjuga teo-

ria e material empírico para investigar os sentidos dos textos, enfocando seus efeitos sociais. A análise aqui proposta abarca uma gama de categorias analíticas, fundamentadas, principalmente, pela Análise de Discurso Crítica (ADC), Gramática do Design Visual (GDV) e Linguística Sistêmica Funcional (LSF).

O material analisado trata-se de uma revista a ser usada em contexto eclesialístico em uma das denominações evangélicas do Brasil. Esse material foi disponibilizado pela editora para ser utilizada no 2º Trimestre de 2018, justamente poucos meses antes do pleito eleitoral para a presidência do país, intitulado: Valores Cristãos. No título, identificamos uma metáfora bélica, que aponta para uma disputa cultural, na medida em que se propõe a “enfrentar” algo que “ameaça” os valores ditos cristãos.

Para análise crítica desse material, consideraremos o comentário do autor da Lição Bíblica (LB), considerando, inicialmente, que essa revista é um gênero textual que circula enquanto produção discursiva, no contexto eclesialístico de uma denominação evangélica. O discurso que pretendemos analisar é o religioso, ciente, no entanto, que esse dialoga com outros, tais como o da economia neoliberal, o científico e o jurídico. A materialização desse se dar pela recorrência identitária às metáforas que recorrem a tais discursos, a fim de legitimá-los religiosamente.

6 Análise do discurso religioso sobre os valores “morais cristãos”

A Lição Bíblica (LB) analisada inicia com uma proposta ética, assumida discursivamente no contexto da religiosidade. Para tanto, a base da ética cristã, conforme expressa o autor, é a Bíblia, elencando que dentre os seus vários temas, os que mais interessam, para efeito de exposição, são: o Decálogo (Dez Mandamentos), os Profetas (Antigo Testamento), os Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), mais especificamente O Sermão do Monte, e as Epístolas Paulinas (atribuídas ao Apóstolo Paulo) e as Gerais (atribuídas a outros apóstolos de Cristo, dentre eles Tiago, João,

Pedro e Judas).

O respaldo, conforme propõe a LB, na conclusão da Lição 01, é que a “Bíblia Sagrada é o fundamento para viver ético-moral dos cristãos. E a única regra infalível de fé e de conduta para a Igreja”, por isso “em tempos de ataques ideológicos contra a cultura judaico-cristã, a Igreja não deve furtar-se de ser o ‘sal da terra’ e a ‘luz do mundo’ em pleno século XXI” (p. 9). O pressuposto, assumido na LB, é o de que os valores judaico-cristãos se encontram sob ataque, apelando a uma metáfora do armamento, cabendo à Igreja a tarefa de se defender, e mais que isso, contra-atacar, por meio de uma “cruzada” a fim de preservar seus princípios morais.

Identificamos, no entanto, que há uma seleção de temas, geralmente associados à sexualidade, desconsiderando, por exemplo, a injustiça social. A crítica aos pensadores mais à esquerda é evidente, desde a Lição 2, quando afirma que denominada “Ideologia de Gênero”, associando essa expressão a Karl Marx e Friedrich Engels, explicitando que esses foram “autores do Manifesto Comunista” (p. 12). O autor acrescenta ainda que “essa ideologia também é conhecida como ‘ausência de sexo’. Esse conceito ignora a natureza e os fatos biológicos, alegando que o ser humano nasce sexualmente neutro” (p. 12).

Há uma referência direta ao livro A Origem da Família, a propriedade privada e o Estado, de Karl Marx. A esse respeito, afirma que “do contexto social marxista, que deu origem à ‘luta de classes’, surgiu a ideologia culturalista como sendo ‘luta de gêneros’, ou seja, uma fantasiosa ‘luta de classes entre homens e mulheres’” (p.13). A disputa entre gêneros, assumida apenas entre homens e mulheres, é atribuída a Karl Marx, esse é um dos motivos da “ojeriza” que muitos evangélicos têm a esse autor. Esse costuma ser citado nos textos eclesiásticos, geralmente sem considerar o contexto, e atrelando-o a valores morais anticristãos.

E assim, para reforçar esse discurso, a LB conclui defendendo que “a ideologia de gênero pretende desconstruir os papéis masculinos e femininos na sociedade atual” (p. 13). E de maneira bastante categórica avalia, com o uso de processos materiais, que essa “faz apologia à prática do homossexualismo e do lesbianismo”

(p. 13). Para legitimar a autoridade, cita vários versículos descontextualizados da Bíblia, para defender que “a primeira instituição amada pelo Criador (Gn. 2.24) passa a ser constantemente desvalorizada, criticada e massacrada” (p. 13). O discurso da família é assumido, a partir de um padrão, eternamente estabelecido.

Diferentemente do que expõe a LB, Butler (1998) não confunde sexo com gênero, também não se opõe ao casamento de pessoas de sexos distintos. Há uma idealização a respeito do casamento, também um reducionismo, ao deixar de reconhecer que existem diferentes configurações familiares. E que nem todas as pessoas são obrigadas a viver com base nos padrões considerados judaico-cristãos. Aqueles que professar essa fé têm liberdade para viver a partir de tais princípios, mas não deveriam impor seus padrões sobre as demais famílias, principalmente se essas não professam a fé cristã. Percebemos, assim, uma posição fantasiosa a respeito dos posicionamentos discursivos que problematiza o gênero.

A Lição 4 é a respeito da Ética Cristã e o Aborto, esse é um assunto bastante polêmico, bastante discutido na política, principalmente no período eleitoral (LAKOFF, 2016). A dignidade da vida humana, que deveria ser uma preocupação dos cristãos, não tem a mesma ênfase, quando se trata de pessoas que se encontram em condição de vulnerabilidade. Há cristãos que são favoráveis à pena de morte, e defendem que essa deve ser aplicada pelo Estado. Mas no tocante ao aborto, o discurso religioso recorre não apenas às suas crenças, que julgam estar fundamentadas na Bíblia, também ao discurso jurídico e científico.

Por esse motivo, a LB afirma que “a legislação brasileira permite apenas nos casos de risco de morte à mulher, estupro e anencefalia. Nos demais casos, o aborto é crime (Art. 124 CP)” (p. 26). Em acréscimo, o texto bíblico também é citado como argumento de autoridade, por considerar que “No sexto mandamento, o homem foi proibido de matar (Ex. 20.13), que significa literalmente ‘não assassinar’” (p. 26). Quanto ao discurso científico, o texto afirma que “muitos cientistas concordam que a vida tem início na fecundação, quando o espermatozoide e o óvulo se fundem gerando uma nova célula, chamada ‘zigoto’” (p.27).

Em tais assertivas, a LB recorre a algumas operações ideológicas (THOMPSON, 2011). A reificação da criminalidade do aborto se dá através do argumento de autoridade, além de ser considerado crime – ilegal; é também um pecado – por contrariar um mandamento bíblico. Além disso, a maioria deve ser acreditada, pois “muitos cientistas concordam que a vida tem início na fecundação” (p. 27). Diante disso, nas palavras do próprio material, “toda ideologia que seculariza os princípios bíblicos deve ser combatida” (p. 28).

A Lição 5, intitulada Ética Cristã, Pena de Morte e Eutanásia, afirma na introdução que “A vida humana é o ponto de partida para os demais direitos da pessoa” (p. 33). Após apresentar textos bíblicos que fazem alusão à pena de morte no Antigo e no Novo Testamento, bem como sobre a eutanásia, a LB recorre à Constituição Brasileira, em seus Art. 5º para defender que essa é tipificada como crime no Código Penal Brasileiro (Art. 122). Ao final, na conclusão do assunto, defende que “o poder absoluto sobre a vida e a morte pertence a Deus. A atual ideologia que propaga o direito do homem em exterminar a própria vida, ou a do outro, viola o propósito divino (Jo. 10.10)”.

A questão do suicídio também consta nessa LB, mais especificamente na Lição 06. Inicialmente, há um destaque para os casos de suicídio na Bíblia, com ênfase no de Judas Iscariotes. Na tentativa de defini-lo, apresenta uma definição bastante simplista, ao declarar que “o suicídio é considerado uma fuga radical e permanente dos problemas da vida, tais como dificuldades financeiras, decepções amorosas, sentimentos de culpa, depressão, neuroses, desequilíbrios mentais e espirituais, e outros” (p. 42). Mais adiante, no entanto, esse é associado ao pecado: “o cristão se posiciona contra o suicídio fundamentado no sexto mandamento do Decálogo: ‘Não matarás’ (Ex. 20.13)” (p. 43).

O discurso religioso conservador concebe que “o aumento do suicídio é resultado da ideologia que enaltece a criatura em lugar do Criador” (p. 44). Argumentos dessa natureza, que operam ideologicamente com vistas à reificação e a naturalização (THOMPSON, 2011), não se embasam em dados estatísticos, ou

pesquisa comprovada. E em alguns casos, esse discurso apela ao argumento de autoridade, e ainda que pretenda ter base bíblica, não passa de posicionamentos daqueles que a interpretam, fundamentados em seus pressupostos ideológicos. Há poucos textos bíblicos que tratam a respeito do suicídio, por isso as avaliações teológicas, ainda que categóricas, assim se expressam por serem conservadores (LAKOFF, 2016).

O mesmo se aplica ao discurso religioso sobre a sexualidade humana, essa costuma ser reduzida ao ato sexual propriamente dito. A LB reconhece que o ato sexual tanto pode ser “pela necessidade do prazer ou da procriação da espécie” (p. 54). A base para orientação da sexualidade, de acordo com a LB, se encontra no livro bíblico de Gênesis, principalmente seus primeiros três capítulos. Assim, o ato sexual deve acontecer, segundo esse material, “entre o homem e a sua mulher formando assim, ambos uma só carne” (p. 55). O problema, no discurso religioso conservador assumido pelo material, está na “depravação sexual que contraria os princípios estabelecidos nas Escrituras Sagradas” (p. 55).

Assim, a LB enfatiza que “o corpo não pode servir à promiscuidade (I Co.6.13), mas deve glorificar a Deus, nosso Pai (I Co. 6.20)” (p. 56). Esses textos precisam ser contextualizados, são versículos extraídos da Epístola de Paulo, escrita aos Coríntios, mais precisamente, à comunidade cristã que habitava naquela cidade. Essa não era uma orientação para os habitantes da cidade, não se aplicaria àqueles que não faziam parte da comunidade eclesial. A estratégia ideológica, daqueles que querem impor padrões de comportamentos sexuais à sociedade como um todo, é universalizar o que deveria ser considerado como particular (THOMPSON, 2011), não se aplicam, portanto, àqueles que não professam a fé cristã.

Em relação às finanças, a LB também traz direcionamentos a esse respeito, fundamentada na frugalidade, um dos princípios da ética protestante, identificada inicialmente por Max Weber. A LB recomenda, logo a princípio, “vida financeira equilibrada”, bem como quanto ao “perigo do amor do dinheiro”. Mas não descarta a possibilidade de alguém se tornar rico, desde que seja por meio

do “trabalho e emprego”, defendendo também a “escolarização e mobilidade social”. O discurso se inscreve em uma proposta neoliberal, que se fundamenta no princípio da meritocracia. Assim, “a possibilidade de um cidadão trocar de classe é denominada ‘mobilidade social’. Um dos meios disponíveis para isso é a escolarização, ou seja, a educação acadêmica” (p. 71).

Sobre política, há uma vertente cristã que se disseminou na sociedade, principalmente nesses últimos anos, em várias partes do mundo, que os cristãos devem se envolver com a política partidária (ALEXANDRE, 2020). No Brasil, Dip (2018) analisou os bastidores do poder, e a atuação evangélica nesse contexto, destacando que a busca pelo poder político está atrelada também a interesses econômicos. Na instituição eclesiástica, cada vez mais há uma relação estreita entre religião e estado. A LB evidencia que “Deus governa todos os aspectos da vida humana, inclusive o político” (p. 83), citando Rm. 13.1, para defender que “Deus levanta homes que o glorifiquem na política” (p. 83).

Não se considera, nesse contexto, que o Estado pode também ser cooptado por interesses econômicos, tornando-se instrumento do “anticristo”. Quando isso acontece, a igreja cristã, ao invés apoiá-lo, deveria se manifestar profeticamente, denunciando suas injustiças sociais. A separação entre Igreja e Estado, ainda que seja defendida pela LB, ao reconhecer que “à exemplo da deformação da nação de Israel, o início dessa união trouxe até benefícios, mas em seguida, essa mistura foi trágica” (p. 85), apresenta um posicionamento contraditório. Essa mesma LB defende, mais adiante, que “embora o Estado brasileiro seja laico, não é ateu” (p. 85). Com essa premissa, argumenta que se faz necessário que o Estado respeite a religião, fica implícito que essa deve ser o cristianismo.

A LB destaca algumas orientações quanto ao cristão e a política, em relação à politicagem “os políticos contrários às convicções cristãs não podem receber o apoio nem o voto da igreja” (p. 86). Sendo assim, a igreja pode dar apoio político, deste que os candidatos professem “convicções cristãs”. É recomendável também a conscientização política, e “deve ser fundamentada em princípios cristãos. Isso significa que o cristão deve analisar as propostas e as

ideologias dos partidos políticos sob a ótica cristã” (p. 87). E por fim, na conclusão dessa lição, faz a seguinte pergunta: “por que então não eleger candidatos verdadeiramente vocacionados para vida pública e que reproduzam a moral cristã?”

Considerações finais

O discurso religioso moralista, ainda que tenha a pretensão de ser constituinte, está marcado por outros discursos que o atravessam. Dentre esses, o econômico-neoliberal, fundamentado nos princípios do capitalismo. A fim de persuadir os membros das igrejas, materiais são disponibilizados, pautados em determinados valores, assumidos como se esses fossem cristãos. Desse modo, o moralismo se instaura nesse contexto, enquanto prerrogativa para disseminar “valores” econômicos. Os interesses de alguns religiosos, a respeito da preservação da moralidade “cristã”, se materializam na conquista de poder, e associado a esse, a apropriação de outros interesses.

A análise de uma LB, para ser utilizada em contexto eclesial, veiculada no período anterior às eleições presidenciais, demonstra como as igrejas foram “aparelhadas” com interesses políticos, a fim de favorecer determinados candidatos. A demonização do “esquerdismo”, considerando ser esse uma ameaça àqueles que se opunham a tais valores, tornou-se um tema recorrente, ao longo das lições do referido material didático. Há muitos equívocos nesse material, o principal deles é a confusão entre estado laico e estado religioso. Esse material se propõe a defender um Estado coerente com os “cristãos”, mas impõe, ao mesmo tempo, padrões de comportamento à sociedade em geral.

Por isso, recorreu-se, entre outros, ao discurso da “ideologia de gênero”, a fim de desposicionar os defensores das diferentes orientações sexuais. O material confunde, por exemplo, sexo biológico com identidade de gênero. Esse discurso, sistematicamente reproduzido, e sem a devida criticidade dos religiosos, contribuiu para um reducionismo a respeito do tema, influenciando

as disputas eleitorais. Consoante ao exposto, ficou evidenciado que esse discurso religioso não suporta nem mesmo os fundamentos da própria doutrina cristã, considerando que o Cristo dos evangelhos nunca defendeu esses “valores”, ainda que esses, paradoxalmente, sejam considerados “cristãos”.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, R. **E a verdade os libertará**: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: A Experiência Vivida. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

BOFF, L. **Jesus Cristo**, Libertador. Vozes: Petrópolis, 1972.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CESAR, M. de C. **Entre a cruz e o arco-íris**. Editora Gutenberg: São Paulo, 2013.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006

DIP, A. **Em nome de quem?**: A bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

ELLUL, J. **O homem e o dinheiro**: aprenda a lidar com a origem de todos os males. Brasília: Palavra, 2008.

ELLUL, J. **The Subversion of Christianity**. Grand Rapids: Eerdmans Pub. 1986. pg. 69

ELLUL J. To Will and To Do. **Philadelphia**: Pilgrim Pr. 1969. pg. 201.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições

Graal, 1979.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad./Org. Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, H. **Intolerância Zero**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2018.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HARVEY, D. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: edições Loyola, 2005.

HENDRICKS Jr., O. M. **The Politics of Jesus: Rediscovering the True revolutionary Nature of of What Jesus Believed and How It Was Corrupted**. Doubleday, 2017.

JESUS, A. T. de. **O pensamento e a prática escolar de Gramsci**. Campinas: Autores Associados, 1998.

LAKOFF, G. **Moral politics: How liberals and conservatives think**. 3rd Ed. University of Chicago Press, 2016.

LEWIS, C.S. **Mere Christianity**. New York: Macmillan Pub. 1952. pg. 130.

MAGALHÃES, I. **Introdução: a análise de discurso crítica**. DELTA, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 1-9, 2005..

MARVA, J. D (ed.). **Sources and trajectories: eight articles by Jacques Ellul that set the stage**. Grand Rapids: MI: Eerdmans, 1997.

McLAREN, B. D. **A mensagem secreta de Jesus: desvendando a verdade que poderia mudar tudo**. São Paulo: Thomas Nelson, 2007.

RESENDE, V. M. & RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

VIEIRA, H. **O amor como revolução**. São Paulo: Objetiva, 2019.

VIEIRA, V. C.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2016.

WALLIS, J. **Christ in crisis:** why we need to reclaim Jesus. San Francisco: Harper One, 2019.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo:** texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2013.

YANCEY, P. **O Jesus que eu nunca conheci.** São Paulo: Editora Vida, 2000.

YODER, J. H. **The Politics of Jesus:** Vicit Agnus Noster. 2nd ed. Grand Rapids, Mich. Carlisle, UK: Eerdmans ; Paternoster Press, 1994



CAPÍTULO 6

AS FACES DO FEMININO EM *A DESCOBERTA DO MUNDO*, DE CLARICE LISPECTOR

Lara Marques de Oliveira

1 Introdução

O feminino na literatura foi, ao longo de milênios, um tema repleto de contradições, especialmente porque sobre este assunto reside uma série de apreciações tanto ideológicas quanto sociais. “As representações do feminino no discurso literário têm sua constituição calcada em apreciações de ordem moral e valorativa e em modelos de comportamentos presos ao espírito da nossa cultura” (TEIXEIRA, 2009, p. 87). E isso faz com que haja diversas opiniões contraditórias e múltiplas sobre essa questão.

Dessa maneira, a literatura, a partir de sua relação com a realidade, ao passo que reflete estes movimentos de sentido atuais, também contribui para mudanças de paradigmas. Sob esse prisma, concordamos com Teixeira (2009, p. 87) quando diz: “A obra ficcional se alimenta do mundo real no qual atua, refletindo-o e interpenetrando-o e, assim, influenciando ideias”. A tese dessa pesquisa sustenta que a narrativa de Clarice Lispector contribui para a reafirmação de independência e emancipação da figura feminina.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar acerca

das representações do feminino apresentadas por Clarice Lispector a partir da leitura de “o ato gratuito” e o texto “tortura e glória”, inseridas no livro *A descoberta do mundo* (1984).

Partimos de uma abordagem teórica da crítica feminista com o conceito de “mulher-sujeito” a fim de tecer reflexões sobre as representações do feminino em Clarice Lispector a partir da leitura de “o ato gratuito” e “tortura e glória”, inseridas no livro *A descoberta do mundo* (1984). Utilizamos como contribuição teórica a perspectiva adotada por Zolin (2019), Rosenbaum (1999; 2002), Oliveira (2015), Hirasike (2014), Castello (2013), Duarte (2003), Machado Garcia (2009).

2 O feminino e o feminismo: Literatura e História

Ao longo dos séculos, a representação do feminino se alterou constantemente de acordo com o contexto sociocultural vivido em cada época. Com o desenvolvimento do feminismo no século XX, diversas representações sobre o conceito de feminilidade foram questionadas e a perspectiva vigente sobre esse conceito e as implicações sociais dessa representação também se alteraram. Segundo Teixeira (2009, p. 83),

Em função dos princípios globalmente entendidos como pós-modernos, advindos do pós-estruturalismo e do feminismo, parte-se hoje do reconhecimento de que as fronteiras e as margens no plano das manifestações da cultura não são absolutas.

Teixeira (2009) defende que o desenvolvimento destes campos teóricos contribuiu para novas ideias sobre os papéis de gênero que consideram que eles não são pré-determinados. Neste trabalho, consideramos que o feminismo foi uma corrente de grande importância para se entender o papel da mulher na sociedade. Apesar dessa importância, houve diversas barreiras para que essa doutrina fosse reconhecida em países estrangeiros e também dentro do país. Segundo Zolin (2019, p. 184), “o feminismo organiza-

do só entrou no cenário da política pública nos Estados Unidos e na Inglaterra por volta da segunda metade do século XIX". O voto feminino, que foi uma das primeiras e maiores conquistas das mulheres, foi obtido após diversos anos de muita reivindicação das mulheres.

Dessa forma, o papel das mulheres tanto na literatura como em outras artes foi conquistado a partir da contravenção de grupos que sabiam da necessidade de que elas ocupassem um espaço que têm direito. No campo literário, as primeiras mulheres que se tornaram escritoras precisavam usar pseudônimos com o fim de não serem rechaçadas pela sociedade. A exemplo, George Eliot, um pseudônimo de Mary Ann Evans, do livro *The Mill on the Floss*. (ZOLIN, 2019). Já no Brasil, o primeiro romance de autoria feminina data de 1859, que seria a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que passou muito tempo desconhecida e está agora retornando como objeto de estudo da crítica literária.

A crítica se deteve durante muitos anos numa representação do feminino a partir da ótica de homens. Por exemplo, personagens como Aurélia da obra *Senhora* (1875), assim como Capitu, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) são apresentadas sob a ótica do homem escritor, aspecto que se modificou ao longo de um processo bastante demorado por volta do século XX com o Modernismo, através da difusão de um número mais amplo de escritoras mulheres. Cabe destacar o nome de Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, que abriram espaço para um cenário mais vasto de escritoras contemporâneas.

O reflexo dessas escritoras foi bastante positivo para a literatura brasileira e percebemos neste trabalho o impacto do feminismo nesta ocupação mais ampla de espaços sociais de destaque pelas mulheres. Assim, o movimento feminista trouxe diversas contribuições para a história das mulheres. Segundo Zolin (2019, p. 181),

No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária.

Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher (ZOLIN, 2019, p. 181)

A posição ocupada pelo homem ao longo dos séculos como única voz para representar as personagens femininas contribuiu para uma visão homogênea sobre a mulher. Assim, a ampliação de vozes por meio da criação literária das mulheres foi importante para mudar este cenário. No que diz respeito à Clarice Lispector, ela foi uma das primeiras escritoras da prosa brasileira a serem reconhecidas pelo seu trabalho literário, e isso é uma grande contribuição para o cenário sociocultural do país.

Assim, a perspectiva adotada nesse estudo objetiva perceber os movimentos de sentido e as contribuições críticas da narrativa de Clarice Lispector para mudanças nas convenções sociais e literárias sobre o feminino. Para tanto, a crítica feminista é o suporte teórico utilizado nesta pesquisa. Segundo Zolin (2019, p. 182),

Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista (...) implica investigar o modo pela qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promove mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos.

Percebemos esta preocupação em questionar sobre a mulher, seus sentimentos e atitudes na obra *A descoberta do mundo* (1984), mas Clarice Lispector faz questionamentos dessa natureza no decorrer de toda sua fortuna crítica, desde o seu livro de estreia até sua derradeira obra: há uma consciência do humano que se percebe único diante da vida.

Assim, com o fim de traçar essas considerações, o conceito operacional adotado nesta pesquisa para perceber a relação da

mulher que possui e busca sua independência através de atitudes e desejos é a denominação de “mulher- sujeito” (ZOLIN, 2019). Esta mulher “é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de cisão, dominação e imposição. A mulher-sujeito possui uma voz própria e uma personalidade arguta, dotada de uma consciência de si própria e do mundo. Enquanto a “mulher-objeto” define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz”. (ZOLIN, 2019, p. 183), ou seja, é alguém alienada sobre seus desejos e necessidades. Nesse sentido, ao trazer a lume a presença da mulher independente e autônoma na obra de Clarice Lispector, visamos possibilitar reflexões sobre a condição da mulher na sociedade e as possibilidades de identidade nesse espaço.

2 Os femininos em Clarice Lispector

A narrativa de Clarice Lispector considera em diversas nuances o poder da palavra e das formulações de imagens do mundo através da linguagem. Segundo Rosenbaum (1999, p. 199), “Com Clarice e Guimarães Rosa, Antonio Candido mostrou que a ordem se inverte e a palavra tem o poder de criar o mundo e não apenas imitá-lo”. A criação literária dessa escritora é pautada num processo de criação bastante criativo, em que a palavra remete ao estado de espírito dos próprios personagens. E esse poder de representação da palavra na narrativa é assumido a partir da visão estética da autora que desconstrói tanto a linearidade comum das narrativas, como o conceito de espaço na construção da prosa ao eleger o intimismo como abordagem em seu texto literário.

Clarice Lispector é inquietante ao tratar de seus temas e escolhe uma perspectiva do cotidiano de personagens femininas, além de demonstrar as inquietações vividas por estas mulheres: “Sua obra confere um tratamento novo não apenas a determinados temas, mas a aspectos estruturais do romance, sobretudo ao foco narrativo” (XAVIER, 2002, p. 159). Tanto em seus romances, como em contos e crônicas, ela propõe reflexões íntimas sobre seus personagens que atingem diretamente o leitor através do estran-

hamento diante de atos simples do cotidiano. O tema do feminino, sob a ótica de Clarice Lispector, aparece como um prisma da complexidade humana. As mulheres em sua narrativa não são passivas, mas consideradas em sua dimensão complexa e inquietante.

No livro selecionado para este estudo, *A descoberta do mundo* (1984), cabe destacar a marcação subjetiva conferida à obra que em alguns momentos parece remeter a própria escritora e sua vida pessoal, como exemplo de crônicas que tratam do ato de escrever histórias e do dia a dia com suas empregadas domésticas e pessoas próximas. Essa liberdade em suas crônicas possui relação com este gênero literário, que é pautado por uma grande liberdade do escritor na escolha de temática e nas interferências pessoais em seu texto.

Segundo Castello (2013, p. 315), “na crônica, ainda mais do que na ficção, o escritor não tem compromisso com ninguém. Isso parece fácil, mas é frequentemente assustador”. A característica fronteira da crônica entre texto jornalístico e literário configura uma liberdade que poucos escritores conseguem articular com maestria. E Clarice Lispector demonstrou em crônicas como “Meu natal” e “tortura e glória” a construção de uma narrativa esteticamente e tematicamente brilhante.

Nas crônicas selecionadas para compor esta análise, a narrativa de Clarice Lispector apresenta diversas representações do feminino em seu aspecto cotidiano, como uma forma de demonstrar as complexidades da mulher em ambiente privado e simples da cidade.

Em sua escrita, encontramos o feminino do qual falamos, que nos habita ou nos escapa diariamente, deparamo-nos com ele nos espaços construídos em suas narrativas, em que personagens mulheres mergulham em si mesmas, a partir de seus cotidianos, e transformam o comum em especial e essencial” (HIRASIKE, 2014,p. 40).

O feminino possui na literatura de Clarice diversas conotações simbólicas que demonstram as diversas particularidades das mulheres. Essa percepção da escritora advém possivelmente

do momento histórico que o país ultrapassava. A partir do momento que o Modernismo começou a apresentar diversas escritoras brasileiras em seu cânone literário, as representações literárias sobre esse tema também puderam ser alteradas. Nesse sentido, consideramos, assim como Zolin (2019, p. 181), que, “a constatação de que a experiência da mulher como leitora e como escritora é diferente da masculina ampliou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas”. Essa presença da mulher na literatura ampliou diversos espaços de fala e de poder no âmbito acadêmico e literário para as mulheres.

Nessa perspectiva, acreditamos que o feminismo seja o movimento que resulta de uma ampliação desse lugar de fala da mulher. Nessa perspectiva, concordamos com Duarte (2003, p. 152) quando afirma: “penso que o ‘feminismo’ poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo”. Essa ação de ampliar direitos e perspectivas para as mulheres, como representa Duarte (2003), foi considerada por Clarice Lispector em sua atuação como escritora. Segundo Rosenbaum (2002),

A prosa poética em Clarice, com suas analogias, alusões, sugestões, metáforas e metonímias, é, portanto, o recurso máximo de quem quer superar as mediações impostas pela língua na captura da verdade do mundo, sabendo, porém, que o real só adquire sentido para o homem na linguagem, e sempre de forma oblíqua e deslocada (ROSENBAUM, 2002, p. 33)

Percebemos que Clarice favorece uma visão do mundo que observa a realidade a partir do uso das palavras. Dessa maneira, os seres humanos percebem a vida a partir de suas sensibilidades e vivências. Nesse escopo, a literatura clariciana reverte paradigmas sociais presentes na sociedade. A representação literária dessa escritora se baseia na contravenção do que está posto com as

possibilidades inimagináveis de vida. Essa perspectiva, por exemplo, pode ser notada com base na leitura de *A paixão segundo GH* (1964), no qual a presença asquerosa da barata serve como um gatilho de reflexões profundas sobre a alma humana e, em especial, a personalidade da protagonista da história. E assim, Clarice estabelece uma literatura intimista, marcada pela percepção sobre o humano.

3 A (re)descoberta do mundo com Clarice

Conforme já dito, Clarice Lispector é uma das escritoras mais conhecidas no cenário literário brasileiro. Inquietante pelos seus temas abordados, a autora conquista o público leitor por tratar de temas os quais passam despercebidos no cotidiano das pessoas e que causam espanto em seus personagens. Lida mundialmente, com mais de 300 edições traduzidas para o exterior, Clarice Lispector é inquietante em sua narrativa dinâmica e inadaptável (ROSENBAUM, 2002).

Desde o livro *Perto do coração selvagem* (1943), a autora apresenta uma característica bastante distinta das obras publicadas na época do romance regionalista modernista. Ela inaugura um estilo literário distinto, pautado na dinâmica do cotidiano, a qual revela as inquietantes reminiscências da vida de Joana e sua vida pessoal desde a infância até à fase adulta. A personagem é marcada por uma sensação de deslocamento diante de outras pessoas. Segundo Rosenbaum (2002, p. 83), “Em *Perto do Coração Selvagem*, a identidade feminina luta para apropriar-se de si mesma, longe do espelho masculino”. Joana é uma personagem que busca autonomia e liberdade pessoal.

Já em outras obras como *Paixão segundo GH* (1964) e *A hora da estrela* (1977), as temáticas do insólito se apresentam através do olhar de uma dona de casa de classe média que enfrenta a solidão e o vazio após o término de um relacionamento e, no caso da segunda obra, a vida de Macabéa se apresenta como uma demonstração do feminino através do olhar de uma pessoa analfabeta,

com poucas condições financeiras e com uma vida alienada diante da realidade.

Nestas obras, Clarice Lispector demonstra um olhar que passa pela minúcia com relação às personagens femininas. Embora o panorama em *A hora da estrela* (1977) seja bastante diferente da abordagem do feminino em *Paixão segundo GH* (1964) e *Perto do coração selvagem* (1943), as mulheres apresentadas se encontram descritas diante de sua condição de vida e da alienação que sofrem de sua identidade. Segundo Rosenbaum (2002, p. 56), as personagens femininas são,

donas-de-casa pequeno-burguesas que estão às voltas com os papéis de mãe e esposa e que, instigadas por incidentes banais, repentinamente deparam com uma sofrida alienação de si mesmas. Contudo, o modo como são investigadas essas personagens, tanto nos contos quanto nos romances, revela o mesmo apego à minúcia, o mesmo jogo nada inocente entre narrador, personagem, leitor, as mesmas artimanhas irônicas de quem afirma algo querendo sempre insinuar seu contrário.

Tanto em seus romances como em seus contos, Clarice Lispector sabe explorar a minúcia de seus personagens em lances bastante inusitados, compondo uma problematização da existência humana e das sensações vividas. As representações da “mulher-sujeito” na narrativa clariciana podem ser percebidas na leitura de diversas obras da escritora. O fato de Clarice Lispector apresentar em seus livros protagonistas mulheres que não podem ser facilmente classificadas em um padrão normativo padronizado. Segundo Rosenbaum (2002, p. 8), “a mulher e escritora Clarice Lispector resiste a todas as tentativas de enquadramentos, classificações ou definições”. O feminino é visto sob diversos prismas, deixando-se resvalar pela própria realidade.

Por sua vez, na obra *A descoberta do mundo* (1984), objeto de estudo deste artigo, consta uma coletânea de crônicas da autora publicadas no *Jornal do Brasil* entre 1967 a 1973. Embora menos conhecida do que as obras anteriores citadas, nestas crônicas tam-

bém é possível perceber o reflexo do feminino insólito na narrativa de Clarice Lispector. Para esta pesquisa em específico, foram escolhidos os textos “o ato gratuito” e “tortura e glória” para compor a análise.

Cabe lembrar que neste livro, o aspecto narrativo do gênero crônica é pautado por uma liberdade estética e temática. Na crônica, o escritor mistura a ficção com o relato jornalístico. Este gênero elege o cotidiano como temática e a particularidade do espaço individual. Segundo Castello (2013, p. 204), “o que marca a crônica brasileira é que, em nossa literatura, ela se torna um espaço de liberdade”. Dessa forma, os cronistas exploram na crônica uma grande autonomia ao escrever sobre o cotidiano urbano. No livro *A descoberta do mundo* (1984), a autora apresenta diversas temáticas e reminiscências de sua própria vida pessoal, com personagens e cenários vividos por ela, marcados pela presença do “eu”. Outra marca forte nas crônicas desta obra é a imagem do feminino nas representações do cotidiano. E tais características podem ser percebidas em diversos textos deste livro.

É perceptível nas crônicas da obra *A descoberta do mundo* (1984) essa recorrência à fabulação da vida real como forma de construção da narrativa. Machado Garcia (2017, p. 227) considera que “a escrita de Lispector propõe as fabulações como recorrência à escrita de si em um certo espaço e tempo. Ou seja, um tornar a contar, pois a vida a que supostamente se refere é por si mesma uma construção narrativa”. A escritora possui a urgência de tratar dos temas ficcionais sabendo deles extrair o significado para os seres humanos. Sua fabulação é tão próxima das sensações humanas e cotidianas que desperta uma profunda identificação pessoal em seu leitor.

Na crônica, “o ato gratuito”, o texto de Clarice Lispector apresenta uma narrativa em primeira pessoa com uma linguagem marcadamente poética e emotiva. Neste texto, configura-se as reflexões de uma personagem feminina que num ato de rebeldia, faz o que ela chama de um “ato gratuito”. Este ato gratuito, segundo a narradora, seria “o oposto da luta pela vida e na vida. Ele é o oposto da nossa corrida pelo dinheiro, pelo trabalho, pelo amor, pelos

prazeres, pelos táxis e ônibus, pela nossa vida diária enfim – que esta é toda paga, isto é, tem o seu preço” (LISPECTOR, 1999, p. 275). Logo no primeiro parágrafo é cabível mencionar a sensibilidade da protagonista diante do cotidiano que tantas vezes oprime o sujeito.

A narradora-personagem da crônica se sente profundamente incomodada com sua rotina. E em um lance rápido percebe sua necessidade por ter liberdade. “Eu precisava – precisava com urgência – de um ato de liberdade: do ato que é por si só. Um ato que manifestasse fora de mim o que eu secretamente era. E necessitava de um ato pelo qual eu não precisava pagar” (LISPECTOR, 1999, p. 275). Neste trecho da crônica podemos perceber a necessidade a busca pela personalidade própria e identidade. Tal característica pode ser estudada à luz da categoria dos estudos feministas de “mulher-sujeito” (ZOLIN, 2019). É esta mulher que percebe a si mesma e toma uma atitude de ir em busca do que deseja. Neste caso, o ato simples e direto do exercício de sua liberdade.

Dessa forma, a narradora interrompe seu trabalho às 14h da tarde e inicia uma jornada de rebeldia diante do seu cotidiano. Este percurso é percebido através do deslocamento no carro, conforme se mostra a seguir: “Deixei abertas as vidraças do carro, que corria muito, e eu já começara minha liberdade deixando que um vento fortíssimo me desalinhasse os cabelos e me batesse no rosto grato de olhos entrefechados de felicidade” (LISPECTOR, 1999, p. 276). A imagem do carro simboliza o movimento e a sensação de liberdade alcançada através do fluxo temporal.

Essa atitude aparentemente ínfima de rebeldia se configura como uma quebra dos paradigmas sociais de produtividade. É um momento de epifania apresentado em outras narrativas da autora que configura uma reflexão da personagem sobre sua vida e uma necessidade de revelia dessa condição. “Eu ia ao Jardim Botânico para quê? Só para olhar. Só para ver. Só para sentir. Só para viver” (LISPECTOR, 1999, p. 276). A personagem decide tomar uma atitude a partir do seu desejo, e não por obrigação. Ela é o “eu” consciente de suas necessidades e interesses.

Por sua vez, ao chegar no Jardim Botânico, a mulher se de-

para com o êxtase, misturando-se com a própria paisagem e abstraindo dela um vigor para a vida. “De passagem falarei de leve na liberdade dos pássaros. E na minha liberdade. Mas é só. O resto era o verde úmido subindo em mim pelas minhas raízes incógnitas” (LISPECTOR, 1999, p. 276). Esse momento epifânico vivido pela protagonista revela uma identidade pessoal marcada pela autonomia e independência. Segundo Rosenbaum (2002),

E possível conhecê-la através de inúmeros vestígios, indícios e revelações, dispersos sob as falas de tantas personagens, narradores implícitos ou interpostos, ou ainda nos vários fragmentos — espécies de epigrama e aforismo — que aparecem infiltrados num corpo textual inco mum (ROSENBAUM, 2002, p. 10)

Além disso, a narrativa apresenta diversas pistas da figura feminina em sua representação. Uma vez que suas descrições estão pautadas na figura da mulher como narradora. O trecho a seguir explicita essas marcas deixadas pela narradora ao longo de sua crônica: “Havia naquela alameda um chafariz de onde a água corria sem parar. Era uma cara de pedra e de sua boca jorrava a água. Bebi. Molhei-me toda. Sem me incomodar: esse exagero estava de acordo com a abundância do Jardim” (LISPECTOR, 1999, p. 276). A representação da água neste trecho remete a vitalidade à revelia de sua rotina, assim como o ato de se molhar completamente com a transgressão da imagem aceita socialmente em espaços públicos.

Na crônica “tortura e glória”, Clarice também apresenta uma personagem adulta que relembra sua fase infantil e o dilema que viveu em busca do seu objeto de desejo: um livro de histórias. A franqueza da criança é perceptível na narradora que encara sem pudor as características pessoais e suas impressões da realidade. Isso é perceptível ainda no primeiro parágrafo do texto:

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos. Veio a ter um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os bolsos da blusa, por cima do busto, com balas.

Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria (LISPECTOR, 1999, p. 7).

A franqueza com que a narradora expõe as características e critica a menina cruel de sua infância é uma estratégia de captura do íntimo de seus personagens através dos desejos confessos e as sensações disfarçadas.

Clarice Lispector fez de seus textos um vasto itinerário de uma identidade inquieta e turbulenta, inadaptável às expectativas sociais, obsessiva na captura de si mesma e do outro, desmascarando, sob o verniz do cotidiano, um mundo de desejos e fantasias inconfessáveis (ROSENBAUM, 2002, p. 10).

Através do olhar da criança, Clarice Lispector explora as sensações humanas de egoísmo e vingança. Assim, por meio do prisma do cotidiano, a autora desvela reflexões sobre a alma humana. “Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres” (LISPECTOR, 1999, p. 7). O sadismo dessa menina passou a ser extremo ao passo que ela detinha livros que seriam objeto de desejo de suas colegas devoradoras de histórias como *As reinações de narizinho*, de Monteiro Lobato.

Assim, inicia-se uma saga da jovem leitora em busca desse livro prometido por sua colega de classe. Todos os dias a protagonista se dirigia à casa da colega e diariamente ouvia respostas evasivas sobre ter emprestado o livro a outra pessoa, ou ainda, ter esquecido.

A autora explora o que a criança tem de questionadora e vi-
vaz através da persistência de ir em busca de seus interesses e questionar acerca do sadismo da colega de sala. “O enredo desenvolve-se como se [Clarice] tivesse conservado e desenvolvido esteticamente os pensamentos infantis, como se não tivesse esquecido o que é ser criança no mundo, naquilo que a criança tem de

filósofa” (MACHADO GARCIA, 2017, p. 221). E a narradora é uma personagem que vai em busca de seus desejos apesar dos impedimentos: “guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes eram a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez”. (LISPECTOR, 1999, p. 7). A sensação de desejo expressa pela autora focaliza diversos aspectos simbólicos da alma humana através da persistência e da crueldade com que a colega pacientemente tortura a narradora.

Um dia a mãe da criança estranhou que todos os dias se dirigia uma criança à sua casa e rapidamente ia embora. Assim foi que o plano maquiavélico foi descoberto e a narradora pôde usufruir de seu objeto de desejo:

Com certo horror nos espiava: a potência de perversidade de sua filha desconhecida, e a menina em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar agora mesmo As reinações de Narizinho. E para mim disse tudo o que eu jamais poderia aspirar ouvir. “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse é tudo o que uma pessoa, pequena ou grande, pode querer (LISPECTOR, 1999, p. 8).

O brilhantismo da narrativa impressiona o leitor nesta crônica especialmente a partir das simbologias de liberdade e conquista na aquisição do objeto sonhado. “Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração estarecido, pensativo” (LISPECTOR, 1999, p. 8). Através do olhar infantil da personagem, é perceptível a formação da mulher-sujeito que se reconhece nos seus desejos e compreende a satisfação de ter sua autonomia preservada.

A imagem poética e intimista dessa figura juvenil expressa a metáfora da construção da identidade da mulher através do sen-

timento de glória e felicidade por ter suprido seus desejos. Conforme Rosenbaum (2002, p. 10), “trata-se de uma literatura não mais estritamente realista, mas simbólica — ainda que o apego ao mundo exterior à obra não tenha desaparecido de todo, oscilando em tensão com um antirrealismo”. Clarice Lispector apresenta o âmago da simbologia de soberania e autodeterminação através dessa curta narrativa.

Neste conto, a escritora revela esta luta de poderes de duas almas obstinadas na busca por seus interesses. A primeira, pela vontade de ter alguém sob seus mandos, e a segunda, por obter o objeto de desejo, que seria o livro. Todavia, nessa narrativa, não se trata de focalizar em vilão e herói, pelo contrário, a narrativa explora o íntimo dessas personagens e sua busca pela sensação de vitalidade.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas, fechei-o de novo, fui passear pela casa [...] criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

O clímax da narrativa se condensa através da vitória dessa jovem heroína, que conquista sua felicidade através da satisfação de seu desejo. A figura do livro não representa apenas o objeto, mas a sensação de triunfo diante do obstáculo imposto pela crueldade de sua colega de sala. “Clarice demonstra [a felicidade] que procede da vida mesmo e se realiza na própria pessoa como um prazer secreto, clandestino, que só reconhece quem o desfruta”. (MACHADO GARCIA, 2017, p. 228). Nesse caso, a felicidade é percebida não como um objeto inalcançável, mas como uma possibilidade diante dos fatos da vida, em coisas simples.

A representação dessa conquista é a autonomia da protagonista. O livro expressa uma passagem da infância, com seus sentimentos pueris e a passagem para adolescência, uma vez que o livro é uma representação sensual da apoteose dessa rainha delicada:

“Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante” (LISPECTOR, 1999, p. 8). A protagonista é apresentada em todo seu triunfo e amadurecimento da vida.

Assim, a personagem expõe essa marca subjetiva do livro para si mesma. É uma representação simbólica da conquista de algo tão esperado. Machado Garcia (2017, p. 225) considera que “o exercício de vivenciar por completo a natureza humana e entrar em sintonia direta e absoluta com o movimento harmônico da vida, é também marca indelével na obra de Clarice”. E essa marca da narrativa propõe uma visão de mundo complexa crítica sob a ótica de Clarice.

4 Considerações finais

Através da leitura da obra *A descoberta do mundo* (1984) foi perceptível a noção de feminino na narrativa de Clarice Lispector que ultrapassa uma representação passiva e engessada da mulher. Nos textos selecionados para análise, existe uma configuração temática que endossa as sensações e percepções complexas do ser humano diante de sua vida. As protagonistas de Clarice Lispector nas crônicas da obra em questão passam por uma sensação de pertencimento após descobrirem a liberdade almejada. Na crônica “o ato gratuito”, essa liberdade é conquistada através da ida ao Parque Municipal, por sua vez, no texto “tortura e glória”, tem-se essa vivência da liberdade por meio da conquista do objeto de desejo, que seria o livro *As reinações de narizinho*.

De modo geral, o feminino em Clarice Lispector está representado de uma maneira bastante multifacetada e a autora propõe um diálogo sobre a complexidade dessa alma feminina que não seria um reflexo passivo da vida, mas que está em constante processo de construção e formulação. Em um primeiro momento, as duas personagens dos textos vivem um momento de glória que define a harmonia resultante com o encontro de si mesma.

Essa representação literária da mulher como protagonista e autônoma de seus interesses próprios ressalta a necessidade de se

desconstruir os pressupostos pré-estabelecidos do papel de uma mulher como delicada ou passiva diante do homem. “A desindividualização do indivíduo, no universo clariciano, corresponde à vanguardista desrealização do real, ambas tentativas de se chegar ao que se oculta sob as aparências. (XAVIER, P. 159). Clarice consegue através de suas duas crônicas reverter esse processo apenas artificial das personagens e mostra-las em seu âmago, como sujeitos de interesses e vontades próprias.

Dessa forma, o conceito de “mulher-sujeito” (ZOLIN, 2019) desenvolvido no âmbito da teoria feminista se relaciona à sensação de liberdade alcançada por essas mulheres das crônicas “ato gratuito” e “tortura e glória” em distintas fases da vida, (uma na fase adulta e outra, na fase de adolescência, respectivamente).

REFERÊNCIAS

CASTELLO, José. “Crônica, um gênero brasileiro”. In: VIOLA, Alan Flávio (Org). **Crítica literária contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013. p. 303-308.

DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil”. **Estudos avançados**. v. 17, n. 49, 2003.

HIRASIKE, Roseli. **O feminino revelado em Clarice Lispector**. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

MACHADO GARCÍA, L. “Clarice Lispector em ‘Felicidade clandestina’: a poética do eu”. **La Palabra**, v. 30, p. 217 – 230. Janeiro- junho, 2017. DOI: <https://doi.org/10.19053/01218530.n30.2017.6332>.

OLIVEIRA, S. R. de. “Rumo à Eva do futuro: A mulher no romance de Clarice Lispector”. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 9, p. 95–105, 2015. DOI: 10.20396/remate.v9i0.8636565. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636565>. Acesso em: 16 jan. 2021.

ROSENBAUM, Yudith. “A metamorfose do mal em Clarice Lispector”. **Revista USP**. São Paulo, n.41, p. 198-206, março/maio

1999.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. 1. Ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

TEIXEIRA, Níncia. “Entre o ser e o estar: o feminismo no texto literário”. **Guairacá**. Guarapuava, Paraná n.25 p.81-102. 2009.

XAVIER, Elódia. “A hora e a vez da autoria feminina: de Clarice Lispector a Lya Luft”. DUARTE, Constância; DUARTE, Eduardo; BEZERRA, Kátia. **Gênero e representação na literatura brasileira**. Belo Horizonte: Pós graduação em Letras Estudos Literários: UFMG, 2002.

ZOLIN, Lúcia Ozana; BONNICI, Thomas. (Orgs). **Crítica feminista**. In.: **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4. ed. Maringá: Eduem, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 1. Ed. São Paulo: Rocco, 1999.



CAPÍTULO 7

A VAMPIRA CARMILLA ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DO MONSTRO FEMININO NA LITERATURA GÓTICA

Ylana Karla de França Lopes e Tavares
Emílio Soares Ribeiro

1 Considerações Iniciais

Carmilla (1872) é uma das cinco histórias que compõem o livro antológico de horror e mistério *In Glass Darkly* (1872) do irlandês Joseph Thomas Sheridan Le Fanu (1814-1873). A obra já havia sido publicada na revista *The Dark Blue*, dividida em três partes, de dezembro de 1871 a março de 1872. Ainda hoje é uma das histórias de vampiros mais conhecidas, tendo estabelecido várias referências para a literatura que se seguiu. O conto “O convidado de Drácula”, de Bram Stoker, por exemplo, se passa na Estíria e faz menção a uma condessa que tem semelhanças com a personagem de Le Fanu.

A obra conta a história de Laura, uma jovem que vive em um lugar remoto na pitoresca Estíria, região do antigo império austro-húngaro. Historicamente, a Estíria passou a ser um estado da Áustria centro-oriental no período que sucedeu a 1ª Guerra Mundial, sendo Graz sua capital. Geograficamente faz fronteira com a Baixa Áustria, Burgenland, Eslovênia, Caríntia, Salzburgo

e Alta Áustria.

Isolada do mundo, sendo criada pelo pai e por duas governantas, certo dia, Laura e seu pai presenciaram um acidente de carruagem e ficaram responsáveis por abrigar a jovem acidentada, que mais tarde se apresentou como Carmilla. É um livro da Era Vitoriana com as características de uma história de vampiro tradicional, porém o destaque é a figura feminina, “a vampira”, que esboça traços ora de doçura, ora de monstro. A obra revela o relacionamento perturbador e quase fatal entre Laura e a vampira, que a seduz e assombra ao mesmo tempo.

Um dos grandes símbolos da representatividade na literatura de horror é encontrado na mulher fatal. Diferente da donzela perseguida, frágil e cheia de pureza, a *femme fatale* representa perigo por ser independente e determinada a realizar seus desejos sexuais incontroláveis, dessa forma, essa personagem é construída como um dos principais agentes do medo. A mulher transgressora, enquanto personagem fatal, além de ser construída como monstro, é punida nos desfechos das narrativas, segundo França e Silva (2015), pois representa as forças naturais e possui o poder de destruição de um mundo racional.

O presente texto tem como objetivo analisar a vampira Carmilla enquanto representação do feminino e da monstrosidade na literatura gótica. Antes da análise da representação feminina monstruosa na obra de Le Fanu, porém, faz-se uma discussão acerca do gótico, em especial da figura do vampiro, a partir de autores como Santos (2017), Klee (2008), França e Silva (2015), França (2017). Em seguida,

2 O gótico e o vampiro na literatura

A publicação de *O castelo de Otranto* (1764), do inglês Horace Walpole, é considerada o marco da ficção gótica mundial. A obra deixou visível algumas contradições da Era da Razão, segundo Vasconcelos (2002), pois reintroduziu alguns elementos como o horrível, o insano e o demoníaco no cerne da harmonia dos ide-

ais neoclássicos. A obra de Walpole marcou, portanto, o período como um retorno dos elementos fantásticos e sobrenaturais da literatura. Elementos como fantasmas, que habitaram a literatura até o século anterior e estavam relegados ao esquecimento, reapareceram com o novo gênero literário, além de outros personagens típicos, cenários e incidentes estimularam o crescimento do gótico.

O gótico, de acordo com Klee (2008), consiste no conflito causado entre a idade da razão e o período romântico, o qual confrontava a superstição dos avanços científicos. Uma reação aos mitos iluministas, “o gótico surge para perturbar a superfície calma do realismo e encenar os medos e temores que rondavam a nascente sociedade burguesa” (VASCONCELOS, 2002, p. 122). Na literatura, o termo era usado como sinônimo de bárbarico, referindo-se a qualquer coisa que ofendesse os gostos clássicos.

De acordo com Santos (2017, p. 13), a literatura gótica, se distanciava daquela normatizada pelo neoclassicismo, pois era povoada de elementos sobrenaturais – monstros, bruxas, assombrações entre outros elementos – que eram utilizados nas narrativas para suscitar situações de crueldade e horror, buscando o efeito de aterrorizar o leitor.

Outras leituras possíveis da literatura gótica, segundo Klee (2018, p. 20-21) abarcam entre outros elementos: o uso da psicologia do terror com a inserção de temas relacionados ao medo, à loucura, à devassidão sexual e a deformação dos corpos nos romances; a presença de fantasmas, demônios e monstros permeando o imaginário sobrenatural; reflexões sobre o poder envolvido em discussões de cunho colonial, além do papel da mulher na sociedade, bem como revoluções, aspectos religiosos e concepções estéticas e filosóficas, enquanto possíveis chaves interpretativas.

O castelo gótico antigo, com espaços desérticos, arruinados, corredores úmidos, catacumbas ocultas, as cenas apavorantes, o clima de suspense e pavor, são descritos por Lovecraft (2007) como a parafernália que compõem o horror cósmico. Também fazem parte da narrativa luzes estranhas, lâmpadas apagadas, dobradiças rangentes, cortinas se mexendo, além de outros elementos que são usados para causar sensações de pavor e medo. Quan-

to às personagens, as narrativas empregam o vilão, o nobre tirano; a heroína sempre muito perseguida e que sofre com maiores terrores, o que gera a simpatia do leitor, além do herói abastado, mas sempre em trajes humildes. Ademais, o *locus horribilis*, a presença fantasmagórica do passado no presente e a personagem monstruosa compõem os três importantes elementos convencionais para a estrutura narrativa gótica, que de maneira isolada, os três aspectos não são exclusivos da literatura gótica, atesta França (2017).

Os espaços narrativos podem variar de acordo com a época e o contexto cultural. Inicialmente, a literatura gótica estava associada à arquitetura do estilo gótico, que poderia ser ambientada em igrejas ou castelos da época, rememorando a Idade Média, eram construções cheias de detalhes – com arranjos e bestas demoníacas. Posteriormente, os espaços urbanos contribuíram para evocar o espaço da narrativa gótica, os becos e vielas dos grandes centros, também passaram a ser ambientes de medo e opressão.

Os locais são caracterizados como espaços opressivos, descritos de maneira objetiva ou subjetiva como espaços aterrorizantes, que podem afetar e determinar o caráter e as ações das personagens. O ambiente noturno, também característico desse tipo de narrativa, transmite a sensação de desamparo através do vazio e da solidão. A sensação de desconforto e estranhamento, segundo França (2017, p. 25), sentida por personagens – e por extensão, pelo leitor – são causadas por este elemento narrativo.

O ritmo acelerado da vida moderna e as incertezas sobre o futuro geram a ideia de continuidade do tempo. O que aconteceu no passado das personagens torna os eventos estranhos e aterrorizantes, afetando as ações do presente de modo fantasmagórico, pois o passado traz consigo, de acordo com Klee (2018, p. 29), experiências de violência, transgressão e opressão.

Outro elemento da estrutura narrativa é a personagem monstruosa, que costumeiramente é caracterizada como vilão ou anti-herói, segundo França (2017, p. 25). Psicopatia e diferenças culturais são exemplos de causas atribuídas à existência do monstro. Na ideia expressa por Cohen (2000, p. 176), o monstro é a metáfora do medo e das ansiedades do ser humano, que toma alguma for-

ma corporificada, em um determinado espaço e tempo histórico entre o humano e o inumano.

O romance gótico começou a perder o estatuto de subgênero e superar o desprezo com que havia sido tratado pela história literária no início do século XX. Embora, até os anos 1970, a ficção gótica tenha sido considerada pelos estudos literários apenas como um estilo de época, arraigada sob os moldes do gótico setecentista, Santos (2017, p. 16) concorda que “é um modo de se compreender o mundo e retratar ficcionalmente transgressões, tabus e outros males aos quais a existência humana está sujeita”.

Segundo Júlio França, o gótico

é, sobretudo, um fenômeno moderno, que carrega em si marcas profundas, que o Iluminismo imprimiu no pensamento ocidental: das fissuras que a razão criou nas concepções teológicas de mundo; dos velhos terrores que as Luzes não conseguiram eliminar; dos novos horrores produzidos pela ciência e pela tecnologia. Sob uma perspectiva literária, compreender o desenvolvimento das principais formas narrativas ficcionais modernas – o romance e o conto – significa estabelecer suas ligações com suas raízes góticas e seus desdobramentos. (FRANÇA, 2017, p. 22)

O autor destaca que a história do gótico se confunde com a própria história da narrativa ficcional moderna. Sua trajetória literária inicia no século XVIII, passa pelos romances e contos românticos, percorre as literaturas de entretenimento do século XX até chegar às narrativas intertextuais e intermediáticas contemporâneas. Sempre usando a imaginação e o irreal para figurar as representações dos mais variados sentimentos e assombros do mundo real. Para Klee (2018, p. 20), “o gênero perdura, por ter mudado na medida em que também se transformaram os medos da sociedade”.

As histórias são relacionadas aos medos culturais dos seus períodos históricos. Assim, os ideais iluministas do século XVIII representavam as ansiedades do período; médicos e loucos, no sé-

culo XIX, passaram a fazer parte da representação de personagens antagônicas que retratavam a desconfiança em relação à ciência; a urbanização, resultado do processo de industrialização também favoreceu novas temáticas e cenários à ficção gótica: ambientes mais populosos, a violência e o crime passaram a fazer parte do cotidiano.

Os medos da sociedade também mudam conforme a época e lugar. Lidando com a manipulação psicológica e perspectivas introvertidas, permitindo, na visão de França (2017) à imaginação considerar a existência de um mundo repleto de monstruosidades.

Etimologicamente o substantivo monstro deriva do latim *monstrum* que significa “aquele que revela”, “aquele que adverte” e também aquele que é revelado, carregando ideias de anormalidade ou mal presságio. De modo geral, o monstro está relacionado à diferença e à alteridade. O nascimento do corpo monstruoso é cultural e está relacionado a lugares, sentimentos ou época distintas para projetar os medos, desejos e anseios do que busca representar, como afirma Cohen (2000, p. 26-27). Ou seja, a sociedade gera o monstro para reforçar aspectos que precisam ser repensados, por isso devem ser analisados no cerne das relações sociais, culturais ou lítero-históricas que os geram.

O monstro, em grande medida, vem para demonstrar as fragilidades do corpo humano, trata da violência mostra o quão perecível é a humanidade. Entre os monstros de destaque na literatura está o vampiro, figura de amplo espectro de representações e os mais diversos sentidos.

A figura do vampiro tem se transformado ao longo dos séculos, apresentando diversas características e conotações. Ela remonta às narrativas orais das mitologias mais antigas da humanidade, perpassa os poemas e as narrativas do século XVIII e a partir do século XIX passa a ser apresentada com o arquétipo que permeia o imaginário literário e cinematográfico mais atual.

Sobre a história dos vampiros, Claude Lecouteux (2003, p. 15) explica que

o vampiro faz parte da história desconhecida da huma-

nidade, desempenha um papel e tem uma função; não brotou do nada no século XVII ou XVIII. Ele se inscreve num conjunto complexo de representações da morte e da vida, que sobreviveu até nossos dias, certamente com uma riqueza bem menor do que naquele passado distante que tendemos a confundir com séculos de obscurantismo, aquelas épocas remotas e ignorantes que baniram as Luzes da Razão.

A figura do vampiro foi amalgamando ao longo dos séculos características físicas e comportamentos que foram passadas de uma narrativa a outra, estabelecendo um padrão. Assim, a recorrência de características e da atmosfera vampiresca através dos textos foi determinante para a adequação do arquétipo do vampiro e da vampira.

Sobre a aparência do vampiro, Argel e Moura Neto (2008, p. 21) descrevem que

o vampiro pré-literário de meados do século XVIII era um ser repugnante, que dificilmente seria convidado para um jantar ou roda social: unhas compridas, barba malfeita, boca e olho esquerdo abertos, rosto vermelho e inchado, envolto em sua mortalha.

Além das características físicas, os textos escritos iniciais possibilitaram a identificação dos primeiros aspectos que caracterizaram o vampiro.

O conto *O vampiro* (1819), de John Polidori (1795 – 1821), é considerado um marco literário ocidental nas histórias de vampiro, pois se apresentou como um ser dual, com aspectos ora frágeis, estranhos e decadentes, ora sensuais e de uma grande força física. O aristocrata tornou-se vampiro nesta fase. *Augustus Darvell* (1819), de Lord Byron (1788 – 1824), é a uma das grandes representações desse aspecto.

As orgias entre vampiros e humanos também são características desse momento literário, assim como a representação da libertação sexual feminina. A homossexualidade, sobretudo em relação às mulheres, é um aspecto relativo aos padrões do vam-

piro do século XIX, nascendo nessa conjuntura *Carmilla: a vampira de Karnestein* (1872), de Le Fanu (1814 – 1873).

Assim como o vampiro é uma construção histórica, resultado de uma combinação de lendas de outras criaturas sobrenaturais e de literaturas anteriores, a construção da vampira também pode ser lida a partir do local onde se encontra a mulher na sociedade, ou seja, através da construção histórico-social. As origens da mulher-vampiro fatal e da mulher fatal em geral se confundem. Segundo Dottin-Orsini (1996, p. 274-275), “evidentes pontos comuns podem explicar a conjunção entre vampiro e mulher fatal: ambos são carniças vivas (para ele, no sentido próprio; para ela, figurado) e a ambos atribui-se uma imortalidade funesta, mas essencial”.

O vampirismo é intrínseco à mulher fatal. Imbuída de uma carga conotativa, a mulher torna-se vampira dado o seu papel predador, ou seja, a mulher é perigosa devido seu poder de encantamento e sedução. Assim, o termo “vampiro” não se aplica no mesmo sentido para qualificar homens e mulheres: o vampiro macho é ser sobrenatural, um morto-vivo que se alimenta de sangue humano; aplicado à mulher o termo é usado de maneira metafórica, podendo designar qualquer mulher tida como perigosa para o homem e é nessa perspectiva que a imagem da mulher-vampiro se funde com a mulher fatal. Até mesmo o sangue bebido representa uma metáfora.

3 *Carmilla*: uma representação do feminino e do monstruoso na Literatura Gótica

O espaço, assim como o tempo influenciam outros aspectos na narrativa ficcional gótica, pois materializam a presença fantasmagórica do passado no presente, sobretudo através da corporificação das personagens monstruosas, emanando as ansiedades, os traumas e os medos das personagens. A violência e transgressão dos vilões e anti-heróis da ficção gótica são características atribuídas aos monstros, conforme Santos (2017, p. 24). Estes podem surgir ou não com o aspecto físico degradado e repulsivo, todavia, é

nas ações onde reside o principal perigo às personagens.

O monstro se faz presente para provocar a dominação do medo. Sendo assim, a vampira Carmilla se faz presente há algumas gerações. Como podemos observar no trecho da obra de Le Fanu (2018, p. 89), em certas situações o vampiro está sujeito a condições especiais, no caso particular da vampira, através de um anagrama: “Mircalla parecia estar presa a um nome que, não sendo o verdadeiro, deveria ao menos reproduzi-lo num anagrama, sem omissão ou adição de uma única letra. Era o caso de Carmilla e, da mesma forma, Millarca”.

Na cultura cristã, a simbologia do número três remete à perfeição da trindade santa. O anagrama derivado do nome Mircalla representa três faces da mesma mulher. De acordo com Campos (2008):

Ao pensarmos o número três como um número cabalístico e que, por sua vasta simbologia, nos leva ao reconhecimento de uma manifestação próxima à perfeição da tríade cristã para referir-se a um todo ou a um único ser dotado de poder e força, as três faces de uma mesma mulher que veste diferentes máscaras sociais: Carmilla, Mircalla e Millarca permitem-nos reconhecer as diferentes manifestações da vampira para infiltrar-se em meio à nova sociedade que ameaça as estruturas mantidas como parâmetro do que é certo. (CAMPOS, 2008, p. 82)

Carmilla surge na obra de Le Fanu como a representação da quebra dos padrões morais e sociais da era vitoriana. Ela causa medo e pavor aos conservadores da ordem patriarcal e religiosa, pois ludibria a sociedade através do uso do anagrama e alcança seus objetivos. Essa ruptura da ordem, os deslocamentos e a contradição dão origem ao vampiro, representante da inquietação, de acordo com Lecoutex (2005, p. 15). Simboliza, ainda, a intrusão da morte e do além-túmulo por acessos ocultos e brutais dentro de um universo excludente.

A personagem transgressora é frequentemente agente do medo por seu poder e liberdade, com a sexualidade afluída e in-

controlável é considerada uma ameaça constante. Carmilla, portanto, é a representação do arquétipo da mulher fatal, que gera o horror a partir da representação monstruosa, é uma personagem detentora de poder e esconde seus perigos sob uma imagem atraente e sedutora.

A narrativa gótica oitocentista abordou, além de outras temáticas, questões relacionadas à mulher. De acordo com Melo (2011), a vida política é uma justificativa possível para as representações mais recorrentes da mulher nesse período. Conforme a autora:

A rainha Vitória governou a Inglaterra de 1837 a 1901. Ela foi o maior modelo de uma ideologia para a mulher oitocentista. Este modelo, que chamamos de “A Lady Victoriana”, tinha como prioridade o marido, os filhos e a pureza através de trabalhos relacionados à caridade e à igreja. A mulher não tinha o direito de ter sentimentos fortes ou prazer sexual. (MELO, 2011, p. 144)

As mulheres eram educadas para manterem a ideologia do modelo da Lady Victoriana, sem direitos a sentimentos ou prazer. Na esfera profissional, a mulher do século XIX além das funções de preceptora, escritora e enfermeira, poderia desempenhar apenas as funções de doméstica, operária ou prostituta. Nesse sentido, não há refúgio às ameaças de horror constantes, segundo Botting (1996, p. 38), a esfera doméstica é absolutamente invadida pelo mundo exterior.

Tanto a personagem virtuosa como a mulher fatal aparecem como vítimas nas situações de violência. De acordo com Santos (2017, p. 41-42), na tradição do gótico feminino as incoerências desses arquétipos surgem para retratar as hipocrisias sociais, visto que as narrativas dessa vertente abordam as condições desfavoráveis da mulher na sociedade.

No excerto a seguir destacamos a ascendência do mito do vampiro na obra:

Uma pessoa de certa perversidade põe fim à própria vida.

Em determinadas circunstâncias, um suicida torna-se um vampiro. Tal espectro visita os vivos adormecidos. Eles morrem e, em suas covas, quase sem exceção, transformam-se em vampiros. Foi o que aconteceu no caso da bela Mircalla, que foi atacada por um desses demônios. (LE FANU, 2018, p. 90)

Na obra literária, o começo da vampira Carmilla, que até então era a jovem Mircalla, se dá através de um ataque vampírico, tornando-a conseqüentemente um espectro que buscará suas próprias vítimas. Embora Carmilla tratasse a maioria de suas vítimas como mero alimento, necessário para manter sua vida vampírica, por algumas ela sentia uma paixão irresistível, assim, não há como negar a atração pela narradora, ao mesmo tempo em que a vampira exercia uma relação de poder sobre Laura.

Era notória a volatilidade de Carmilla em relação à Laura, pois oscilava de repentinos ataques de raiva a demonstrações abruptas de afeto e carinho. Laura sentia uma estranha atração pela amiga, porém acompanhada de certa repulsa. A narradora descreve que, em meio a um sentimento ambíguo, prevalecia amplamente a atração.

Certa tarde as duas estavam sob as árvores quando passou o funeral de uma jovem camponesa. Atrás dele seguiam os camponeses entoando um cântico fúnebre. Enquanto Laura se levantou em sinal de respeito, Carmilla passou a agir de forma brusca, e seus olhos estavam faiscantes. Ela também se mostrou nervosa, como podemos observar na passagem:

- Bem, o funeral dela já passou e seus cânticos já foram cantados. Nossos ouvidos não serão mais torturados por tanta dissonância e palavrório. Tudo isso me deixou nervosa. Sente-se aqui junto a mim. Chegue mais perto, segure minha mão e aperte-a forte, bem forte. Havíamos nos afastado um pouco, em direção a outro banco. Ela sentou-se. Sua expressão havia sofrido uma alteração assustadora, que chegou a aterrorizar-me por um instante, tornando-se sombria, de uma lividez horrível. Seus dentes e suas mãos estavam cerrados, e ela franzia o cenho

e apertava os lábios enquanto fitava o chão a seus pés e um tremor incontrollável a dominava. Parecia usar todas as suas energias para controlar um ataque, contra o qual lutava duramente. Por fim, soltou um grito convulsivo de sofrimento, e aos poucos a histeria arrefeceu.

- Veja o que acontece quando as pessoas são sufocadas com cânticos – disse por fim. – Abrace-me, abrace-me forte. Ainda não passou de todo. (LE FANU, 2018, p. 33)

Os sentimentos de Laura eram ambíguos em relação à amiga. Já Carmilla, por sua vez, mostrava-se uma criatura dupla. Na obra de Le Fanu, em alguns momentos, é perceptível a forma como a personagem varia suas emoções, mesmo tentando controlá-las. Nessa perspectiva, de acordo com Cohen (2000, p. 48):

O monstro também atrai. As mesmas criaturas que aterrorizam e interditam podem evocar fortes fantasias escapistas; a ligação da monstruosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atraente como uma fuga temporária da imposição. Esse movimento simultâneo de repulsão e atração, situado no centro da composição do monstro, explica, em grande parte, sua constante popularidade cultural, explica o fato de que o monstro raramente pode ser contido em uma dialética simples, binária (tese, antítese... nenhuma síntese). Nós suspeitamos do monstro, nós o odiamos ao mesmo tempo que invejamos sua liberdade e, talvez, seu sublime desespero.

De um lado encontra-se a ameaça e do outro a atração. Há, nesse sentido, uma relação paradoxal, em relação ao outro monstruoso, o medo que se sente pode ser considerado desejo pelo que o monstro representa, pois este permite a subversão.

A imagem da mulher vitoriana é caracterizada na figura de Laura, na novela de Le Fanu (2018), representando a Lady vitoriana, virtuosa, submissa, que se encaixa dentro dos padrões de uma sociedade conservadora. Criada apenas pelo pai, sob preceitos morais e religiosos, era sempre acompanhada por suas preceptoras, que tinham a responsabilidade de educá-la, como podemos

observar na seguinte passagem da obra: “Madame Perrodon [...] era a terceira pessoa à nossa mesa de jantar. Havia uma quarta, Mademoiselle De Lafontaine, uma dama que era o que se poderia chamar de ‘educadora’” (LE FANU, 2018, p. 9). Em contrapartida, Carmilla era a representação da subversão a esses padrões que a era vitoriana pregava. Não se encaixava no padrão de submissão e angelicalidade da mulher tida como ideal, rompendo com esses preceitos morais e cristãos.

O poder regulador da igreja não exercia nenhum domínio sobre essa mulher. No texto literário, em uma conversa com o pai de Laura, ela responsabiliza a natureza por tudo, retrucando o que o homem diz, quando ele afirma que todos estão nas mãos de Deus: “- Criador! *Natureza!* – retrucou a jovem a meu pai. – A doença que assola esta região é natural. *Natureza*. Tudo vem da natureza. [...] é nisso que creio.” (LE FANU, 2018, p. 36, *grifos do autor*). A afirmação da personagem expressa sua falta de relação com o cristianismo ou qualquer outra crença religiosa. Carmilla mantém a negativa em relação a um Deus, o que a torna aos olhos da sociedade uma herege, pois dissemina o mal. Além disso, sua sexualidade é uma afronta aos valores morais e religiosos. De acordo com Lima (2006, p. 283),

As igrejas cristãs sempre condenaram a homossexualidade, isto faz do vampiro uma criatura muito mais maligna ainda, pois ele não apenas se alimenta de sangue, mas seduz mulheres e homens, sendo assim o monstro afronta um dos valores morais mais fortemente arraigados nos dogmas religiosos, a heterossexualidade.

Carmilla é a representação da libertação sexual. Ela é monstruosa porque transgredir as leis morais e sociais dos espaços onde habita. Sua homossexualidade perverte e ao mesmo tempo a libera do estereótipo de mãe e esposa, subjugada e objeto de dominação das relações conservadoras. É uma figura sensual e sexual, o que lhe tira da condição de mulher submissa.

Nas palavras de Beauvoir (2016), o ato sexual tradicional coloca a mulher na condição de dependente do homem e da espé-

cie, posto que ele desempenha um papel agressivo, enquanto ela apenas suporta as investidas. Beauvoir (2016) compara a anatomia sexual dos corpos à situação moral e social vivenciada pela maioria dos homens e mulheres:

A civilização patriarcal destinou a mulher castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito de satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela, o ato carnal, não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza. (BEAUVOIR, 2016, p. 125-126)

A fecundação pode realizar-se sem que a mulher sinta nenhum prazer. Para Beauvoir (2016, p. 126), a fecundação representa o início de um serviço exigido à mulher pela espécie, que ocorre de maneira lenta e penosa, que vai desde a gravidez, passando pelo parto e finda no aleitamento.

O envolvimento de Laura e Carmilla rompe com a lógica do patriarcado, uma vez que acontece por puro envolvimento e prazer das duas. Nesse sentido, “uma mulher que quer gozar de sua feminilidade em braços femininos conhece também o orgulho de não obedecer a nenhum senhor”, destaca Beauvoir (2016, p. 177). Segundo a autora, a mulher lésbica apropria-se da sua feminilidade, e o amor entre duas mulheres é sinal de contemplação:

As carícias são menos destinadas a se apropriar do outro do que a recriar-se lentamente através dele; a separação está abolida, não há nem luta, nem vitória, nem derrota; dentro de uma exata reciprocidade cada qual é ao mesmo tempo sujeito e objeto, a soberana e a escrava; a dualidade é cumplicidade. (BEAUVOIR, 2016, p. 174)

Entre elas a dominação é consentida, dado o envolvimento das duas na relação. “As mulheres são implacáveis; frustram-se, provocam-se, perseguem-se, enfurecem-se e se arrastam mutuamente para o fundo da abjeção”, afirma Beauvoir (2016, p. 179). Nesse sentido, há uma lógica exemplar na feminização do vam-

piro, como explica Dottin-Orsini (1996, p. 282, *grifos da autora*): “a mulher é vampiro, nasce vampiro, justamente porque é mulher: perde sangue, toca no sangue, tem com ele uma familiaridade que só pode amedrontar ou repugnar os que só o conhecem por ferimentos, doença ou violência”.

De acordo com Lecoutex (2005, p. 30), as vampiras são monstros sedutores e irresistíveis, “de uma fria crueldade, exigindo abandono total e volúpia, elas se deleitam com a dor e a lenta agonia da vítima”. Quem se apaixona por uma vampira é capaz de perder sua existência para que ela viva, graças ao seu poder de sedução.

Todavia, a presença da *femme fatale* ataca a ordem social masculina, nesse sentido, ela não era bem vinda, pois implicava perigo, já que ameaçava a imaculada “Lady vitoriana”, rompendo as regras morais, sociais e religiosas. Assim, a vampira precisa ser destruída para reestruturar a ordem, de preferência por um homem, como aconteceu na obra de Le Fanu (2018), exatamente pelo contexto de insistentes tentativas do controle das vozes femininas no século XIX.

Considerações finais

Como foi discutido, o monstro está relacionado à diferença e à alteridade. Sua construção é cultural e está associada a sentimentos, lugares e/ou época distintas, de modo que projete as ansiedades e os medos concernentes a seu contexto. Ao criar monstros, a sociedade permite repensarmos aspectos e dimensões de forma que analisemos as relações sociais e culturais que os engendram. De acordo com Milanez (2011, p. 81-82),

Por um lado, o monstro é aquele que pode o que não podemos, força os limites das regras, transforma seu corpo para atender seus desejos, transmuta-se em outro, submete a ordem social que oprime a um termo individual. Por outro, o monstro é o sinal da falta de controle de si, entregue a seus desejos e prazeres íntimos, é a marca dos

sentidos do excesso, o exagero das sensações e dos sentimentos em um mundo marcado pelo cálculo de si.

A monstrosidade propõe uma resistência aos limites morais e sociais, pois estão ligados a práticas proibidas. Ela incorpora o Outro, o que está “fora” ou colocado como distante, porém que se origina no “dentro” através de processos fragmentados metaforizando a corporificação da diferença. Segundo Jeha (2007, p. 7) “monstros corporificam tudo que é perigoso e horrível na experiência humana. Eles ajudam a entender e organizar o caos da natureza e o nosso próprio”. Desse modo, grupos sociais precisam de fronteiras para proteger ou regular seus membros. Os monstros desempenham, nessa perspectiva, papel político para manter a ordem social. A transgressão das regras e limites das fronteiras causa desconforto, sendo assim, conforme Jeha (2007, p. 20) “o monstro é um estratagema para rotular tudo que infringe esses limites culturais”.

No caso da vampira, em especial, trata-se de uma figura que tem sua construção entendida a partir do local onde se encontra a mulher na sociedade. Sua descendência é confundida com a da mulher fatal, sendo um dos grandes símbolos da representatividade da literatura de horror. Ao representar perigo em sua ação e estar determinada a realizar seus desejos, a vampira é construída como um dos principais agentes do medo na ficção. E a representação monstruosa da personagem feminina se dá através de aspectos que comumente estão ligados ao próprio feminino.

A estruturação das bases do patriarcado encontrou nos mitos um meio de construção da representação do sujeito feminino enquanto ser secundário na sociedade, fomentando as desigualdades de gênero, firmando o homem como sujeito dominante. Entregando seus corpos à vida doméstica, sexual e materna, as mulheres são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis e apaziguadores, enquanto os homens, ao contrário, são estimulados a revelarem sua força e coragem. Como resultado, quaisquer representações femininas que transgridem tais modelos tendem ao apagamento ou à estigmatização, entre as quais está a monstrosidade.

alização.

Por seu poder e liberdade, e sua sexualidade aflorada, a vampira Carmilla retrata a quebra dos padrões morais e sociais atribuídos à figura feminina da era vitoriana. Sendo uma ameaça à hegemonia e lei masculinas, a personagem de Le Fanu é a representação do arquétipo da mulher fatal, que produz efeitos no nível do medo por meio de sua representação sedutora e perigosa. A violência contra o seu corpo marca sua destruição, bem como a necessidade de punir qualquer ato transgressor, sobretudo pelas questões de gênero. Sua presença ataca a ordem social masculina, nesse sentido, ela não era bem vinda, pois implicava perigo, já que ameaçava a imaculada “Lady vitoriana”, rompendo as regras morais, sociais e religiosas.

A ficção gótica trata de transgressões que vão desde invadir fronteiras sociais ou sexuais, transgredir os limites da própria identidade. Nessa perspectiva, o texto literário gótico de Le Fanu está envolvido com as estruturas sociais que moldam as relações de gênero, motivo pelo qual a crítica literária feminista também busca investigar os traços patriarcais que transcorrem na obra, as diferentes vozes do texto e a relevância da voz feminina.

REFERÊNCIAS

ARGEL, Martha. NETO, Humberto Moura (ORG.). **O Vampiro Antes de Drácula**. São Paulo: Aleph, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida (Vol 2). Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOTTING, Fred. **Gothic**. London: Routledge, 1996.

CAMPOS, Ludmila Rode. **Carmilla e Sabella**: em busca de uma identidade feminina em Joseph Sheridan Le Fanu e Tanith Lee. Dissertação de mestrado em Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2008.

COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Tradução de Tomaz Ta-deu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. **A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle**. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FRANÇA, Júlio. **Poética do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017.

JEHA, Julio. **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

KLEE, Márcia Morales. **Fantasmas da paisagem gótica feminina: a tradição dialoga em Changing Heaven**, de Jane Urquhart. Dissertação de mestrado em Letras. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2008.

LECOUTEX, Claude. **História dos vampiros: autópsia de um mito**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

LE FANU, Joseph Sheridan. **Carmilla, a vampira de Karnstein**. Tradução de Martha Argel e Humberto Moura Neto. São Paulo: Hedra, 2018.

LIMA, Dante Luiz. **A vida do sangue, o sangue da vida: A influência das “sagradas” escrituras sobre a literatura vampírica**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, SC, 2016.

LOVECRAFT, Howard P. **O horror sobrenatural em literatura**. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008e.

MELLO, Camila. Literatura gótica e cinema: narrativas sobre famílias. **Todas as Musas: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte**. São Paulo, nº 02, p. 144-155, 2011.

MILANEZ, Nilton. **Discurso e imagem em movimento: o corpo horrorífico do vampiro no trailer**. São Carlos: Claraluz, 2011.

SANTOS, Ana Paula Araújo dos. **O Gótico feminino na Literatura Brasileira: um estudo de Ânsia eterna**, de Júlia Lopes de Almeida. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2017b.

VASCONCELOS, S. G. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002



CAPÍTULO 8

A REALIZAÇÃO DO MORFEMA *-ED* POR APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

Maria Gadêlha da Silva
Katiene Rozy Santos do Nascimento

1 Introdução

O objetivo deste estudo foi investigar a realização do morfema *-ed* no passado de verbos regulares por aprendizes de Inglês como Língua Estrangeira (ILE) no curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas. Fundamentado em uma perspectiva multirrepresentacional da linguagem, compreende-se, portanto, que as representações fonológicas são múltiplas, conectadas por padrões em redes e orientadas probabilisticamente. (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2007; CRISTÓFARO-SILVA, 2006).

A literatura apresenta pesquisas acerca da pronúncia do passado dos verbos regulares do inglês por aprendizes brasileiros de ILE que evidenciam quais fatores podem influenciar na produção do morfema *-ed*. Trabalhos como o de Gomes (2014), que investigou a forma como aprendizes brasileiros de diferentes níveis de proficiência produzem palavras com o morfema *-ed*, e o de Delatorre (2010), que analisou o papel da ortografia na realização do

passado dos verbos regulares terminados em *-ed* por aprendizes brasileiros de ILE contribuem para compreensão do fenômeno linguístico em questão.

Considerando aspectos pautados nos estudos citados e com a finalidade de investigar quais variáveis linguísticas e extralinguísticas influenciam na realização de verbos regulares terminados em *-ed* por aprendizes brasileiros de ILE, o presente estudo traçou os seguintes objetivos: a) investigar a influência da ortografia; b) investigar a influência do tempo de estudo na língua alvo; c) analisar o trajeto de cada indivíduo na produção do *past tense -ed*.

O artigo está organizado em seis seções. A Introdução, seção em que apresentamos objetivos gerais e específicos do estudo. A Fundamentação Teórica, que discute sobre concepções a respeito do modelo de exemplares. Revisão de Literatura, que apresenta breves resumos de pesquisas que abordaram o mesmo objeto de estudo. A Metodologia, que descreve os procedimentos aplicados na coleta de dados. A Análise e Discussão dos Dados, seção que pondera acerca dos resultados obtidos mediante os experimentos realizados. Por fim, as Considerações Finais retomam os principais resultados obtidos e aponta sugestões de futuras pesquisas.

2 Fundamentação teórica

O modelo de exemplares, vastamente discutidos por Cristófar-Silva (2006), Cristófar-Silva e Gomes (2004), Pierrehumbert (2000) e Nascimento (2016) em seus trabalhos, contribui sobremaneira para o campo dos estudos fonéticos-fonológicos. O Modelo de Exemplares, bem como a Fonologia de Uso e a linguística probabilística integram uma abordagem multirrepresentacional, a qual se caracteriza por organizar as representações linguísticas através de redes de inter-relações, desenvolvidas por intermédio das experiências linguísticas do falante, o oposto do que é defendido pelas teorias tradicionais.

Os modelos tradicionais não consideram a redundância como um aspecto relevante para o armazenamento linguístico, ou seja,

as representações mentais descartam qualquer variação linguística. Nesses modelos, rapidamente discutidos por Cristófaros-Silva e Gomes (2004), os fonemas são categorizados como unidades discretas e invariáveis (Estruturalismo). Há também modelos em que as mudanças nas representações fonológicas são considerados processos gerenciados por regras (Gerativista e Autosegmental); e casos em que a teoria fonológica admite a variação, porém o conhecimento linguístico é gerenciado por uma gramática universal (Otimilidade).

As abordagens tradicionais ainda estabelecem uma divisão entre o campo da fonética e da fonologia e estabelece que,

De maneira geral a visão tradicional assume que a fonética trata dos fenômenos que envolvem a gradualidade fonética e o detalhe inerente às categorias sonoras. A Fonologia, por outro lado, trata das categorias discretas e da organização destas categorias nos sistemas sonoros. Poderíamos generalizar dizendo que a Fonologia se vincula à Gramática e a Fonética se vincula ao desempenho ou aos dados da fala. (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2004, p. 150).

É importante lembrar que os modelos tradicionais concentram seus interesses na área da fonologia e dos estudos da gramática, desconsiderando a variação como objeto de estudo da linguagem, diferentemente da visão multirrepresentacional que considera fundamental o aspecto da variabilidade na língua em sua teoria.

Após contextualizarmos brevemente sobre objetivos e áreas de interesse das teorias tradicionais, discutimos a partir de agora sobre os modelos que constituem a perspectiva multirrepresentacional. Inicialmente, os “Modelos multirrepresentacionais assumem que a representação linguística seja múltipla e buscam explicar como várias representações são gerenciadas no uso da linguagem.” (CRISTÓFARO-SILVA, 2006, p. 172). Integram-se a essa abordagem a Fonologia de uso, Fonologia Probabilística e o Modelo de Exemplos.

A fonologia de uso aponta que o desenvolvimento do con-

hecimento linguístico é organizado por meio do uso que o falante faz da língua e de suas experiências linguísticas. Em consequência dessas experiências, são construídas representações múltiplas da linguagem, que envolvem a conexão em redes como um elemento essencial na elaboração de representações fonológicas.

[...] a Fonologia de Uso (Bybee, 2001) sugere que o conhecimento linguístico não é organizado numa lista aleatória e não estruturada. Ao contrário, regularidades e similaridades atestadas entre as unidades linguísticas são utilizadas na estrutura de armazenagem/estocagem do material linguístico experienciado. Na Fonologia de Uso as unidades linguísticas são as palavras e estruturas sintáticas cristalizadas (chunks) recorrentes na língua (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2004, p. 164-165).

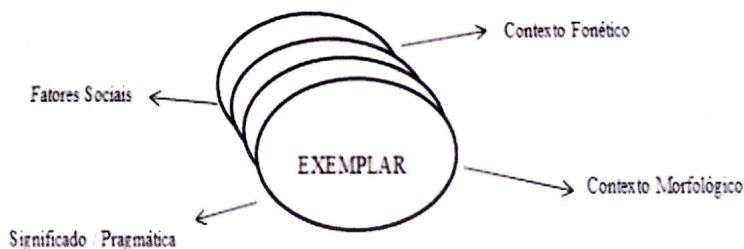
Essas estruturas são organizadas em redes, interconectadas por suas similaridades, e se apresentam com múltiplas representações, respeitando o caráter variável da língua. Essas redes são gerenciadas em diferentes níveis de relação, seja de caráter linguístico ou de caráter social.

No que concerne a Fonologia Probabilística, o uso da língua em questão é responsável por gerenciar as questões relacionadas à linguagem e à gramática. A frequência surge como um dos princípios fundamentais dessa teoria, pois “Os exemplares relacionados com as experiências recentes e frequentes são fortalecidos. Por outro lado, exemplares infrequentes e marginais e que refletem experiências remotas não são facilmente acessados e podem ser perdidos.” (CRISTÓFARO-SILVA, 2006, p. 173).”. Desse modo, podemos compreender que a organização e o acesso ao conhecimento linguístico são gerenciados probabilisticamente.

No Modelo de Exemplares são estabelecidas representações mentais complexas, com múltiplos exemplares para uma mesma palavra ou segmento, sendo o detalhe fonético (variação) parte integrante dessas representações. Ainda de acordo com Cristófarro-Silva e Gomes (2007), a variabilidade e a gradualidade são imprescindíveis na formação de uma gramática dinâmica.

Na perspectiva multirrepresentacional, a fonética e a fonologia não são mais vistas de maneira separada, mas como áreas que estão diretamente interrelacionadas. Segundo Cristófar-Silva e Gomes (2007), elas atuam conjuntamente ao entendermos que as abstrações fonológicas, palavras ou segmentos, emergem em nível fonético de maneira gradual e a partir do uso. Essas abstrações organizam-se através de um mapa cognitivo, que forma a chamada nuvem de exemplares, como nos mostra a Figura 1.

FIGURA 1 – Nuvens de Exemplares



Fonte: Adaptada de Jonhson (1997).

O diagrama da FIGURA 1 representa a maneira como as representações mentais são armazenadas. Os exemplares semelhantes (palavras, sons, segmentos, etc.) organizam-se em redes interconectadas em diferentes níveis, por exemplo, fatores sociais, contexto fonético, contexto morfológico e significado/pragmática. Nesse modelo “Categorias mais frequentes têm mais exemplares e são exemplares altamente mais ativados do que as categorias menos frequentes” (PIERREHUMBERT, 2000, p. 6, tradução nossa⁶). Assim, se fortalece a ideia de que o uso da linguagem e experiências do falante são aspectos que influenciam a construção das representações linguísticas, que também são múltiplas e dinâmicas.

⁶ More frequent categories have more exemplars and more highly activated exemplars than less frequent categories. (PIERREHUMBERT, 2000, p. 6).

Tendo em vista o que discutimos até o momento, pressupomos que a experiência na língua materna (LM) influencia na aquisição dos verbos regulares no passado em inglês.

3 Revisão de literatura

Nesta seção destacamos pesquisas a respeito da produção do morfema *-ed* final dos verbos regulares no passado por brasileiros aprendizes de ILE a fim de compreendermos como esses estudos foram desenvolvidos. Apresentamos dois dos principais estudos que nortearam o presente trabalho, Delatorre (2010) e Gomes (2014).

Delatorre (2010) investigou o morfema *-ed* com o objetivo de analisar o papel da ortografia na realização da epêntese vocálica na pronúncia de verbos regulares terminados em *-ed* por brasileiros aprendizes de ILE. Para efetuar a coleta de dados, foram aplicados dois testes: o primeiro envolvendo a leitura de frases curtas contendo verbos com *-ed* final e o segundo envolvendo a descrição de figuras utilizando verbos no passado. Os resultados da pesquisa em questão apontaram maior ocorrência de epêntese vocálica nos verbos terminados em *-ed* na execução da tarefa de leitura de frases. Esse resultado confirmou a hipótese de que a ortografia influencia na realização do morfema *-ed* de verbos regulares do inglês por aprendizes brasileiros de ILE.

Gomes (2014) investigou a produção de verbos do passado regular terminados em *-ed* por falantes brasileiros em níveis distintos de proficiência, tendo como objetivo geral analisar de que maneira o brasileiro pronuncia o morfema *-ed*. Os objetivos específicos foram: investigar o nível de proficiência; analisar o tempo de estudo formal; averiguar a influência do tempo de experiência em um país língua inglesa; investigar a frequência da palavra; avaliar a influência da ortografia; analisar a influência do número de sílabas nas palavras; observar a produção dos alomorfes /t/, /d/ ou /ɪd/ e; por fim, analisar a influência do contexto fonológico anterior.

Os resultados desse trabalho confirmaram as hipóteses de que quanto mais alto o nível de proficiência, maior a incidência de realização

alvo, e que o tempo de experiência em um país de língua inglesa diminui a realização de epêntese. As variáveis tempo de estudo formal, ortografia, número de sílabas, produção dos alomorfes /t/, /d/ ou /ɪd/ foram excluídas pelo programa de análise estatística.

A hipótese acerca da frequência foi confirmada, atestando que quanto mais frequente for a palavra, maior o índice de realizações alvo. Quanto ao contexto anterior, se confirmou a hipótese de que consoantes influenciam mais a realização de epêntese que vogais. Porém, ao considerar somente as vogais, verificou-se que as posteriores induzem mais a produção de epêntese do que as vogais anteriores.

A seguir, tratamos dos procedimentos metodológicos que viabilizaram a execução da presente pesquisa.

4 Metodologia

Nesta seção apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Assim, apresentamos informações sobre os informantes, experimentos aplicados na coleta de dados e as variáveis investigadas.

A pesquisa caracteriza-se por ser um estudo quase experimental, transversal e quantitativo. Como informantes tivemos 12 aprendizes de ILE do curso de Letras-Inglês da UFERSA, Campus Caraúbas, sendo 6 homens e 6 mulheres. Os estudantes foram divididos em dois níveis: iniciantes, aqueles com aproximadamente 30 horas de estudo da língua no curso citado, e pré-intermediários, aqueles com aproximadamente 150 horas de estudo da língua.

Para identificarmos os informantes, desenvolvemos um código, semelhante ao apresentado por Nascimento (2016). As letras iniciais do código designam o tempo de estudo da língua alvo dos informantes, sendo “I” para os aprendizes de nível iniciante e “P” para aprendizes de nível pré-intermediário. Os números indicam os informantes da pesquisa. As consoantes “M” e “F” referem-se ao sexo dos participantes, masculino e feminino respectivamente. Por fim, as letras finais correspondem aos tipos de atividades realizadas nos experimentos aplicados, “L” equivalente a atividade de leitura de sentenças e “J” equivalente a atividade de leitura

de imagens.

Os experimentos foram realizados em dois momentos e previamente ocorreu a aplicação de um questionário, de maneira que pudéssemos controlar as informações a respeito dos participantes. Solicitamos aos participantes antes de cada experimento que realizassem a leitura prévia de cada sentença antes de produzi-la.

No primeiro experimento, denominado de ING1, efetuou-se a leitura de frases como “I danced tonight”. As sentenças foram exibidas em uma apresentação de *Power point*, uma frase por *slide*, contendo as seguintes orientações no primeiro: a) leia atentamente cada frase antes de produzi-las; b) utilize uma velocidade de fala normal, semelhante a que você utiliza quando está conversando com um amigo (a); c) caso cometa algum deslize, poderá repetir a frase completa logo em seguida. (NASCI-MENTO, 2016). Neste experimento contamos com 15 frases com verbos regulares e 15 frases com outros verbos, que foram utilizadas como frases distratoras. Controlamos o tipo de sentença: somente frases afirmativas e com três palavras em cada uma delas.

No segundo experimento, denominado de ING2, efetuou-se a leitura de imagens e palavras “I [imagem de uma pessoa dançando] tonight”. Antes do início da aplicação do referido experimento, foi realizado um jogo de associação (impresso) entre as imagens e seus respectivos verbos, contendo 15 verbos regulares e 9 distratores. Dividimos o jogo em 3 blocos, com 8 pares de imagens e verbos em cada. O conteúdo impresso foi disposto sobre uma mesa e quando cada participante finalizava a associação, um novo grupo de verbos e imagens eram dispostos, repetindo a mesma ordem para todos os participantes. A finalidade do jogo foi possibilitar a leitura das imagens, sobretudo para o grupo de informantes iniciantes. Logo após esse procedimento, demos início ao experimento ING2.

No que se refere as variáveis analisadas, temos a produção do morfema *-ed* em sua forma alvo /t/, /d/ ou /ɪd/ como variável dependente. A inserção de uma vogal epentética antes ou depois do morfema e o apagamento por completo de um dos segmentos ou do morfema foram considerados como ‘desvios’ em relação à pronúncia alvo. Como variáveis independentes, temos as seguintes: a) *ortografia*, a fim de observar como os informantes lidam com o morfema em sua forma escrita, visto que no

inglês não existe correspondência única entre letra e som; b) *tempo de estudo da língua alvo*, com o objetivo de analisar a influência do tempo de experiência na língua inglesa como aspecto importante na realização do *–ed*; e c) *indivíduo*, variável em que consideramos o comportamento de cada informante na realização do *–ed*, tendo em vista que em uma abordagem multirrepresentacional, o léxico é individual e resulta das experiências particulares de cada indivíduo.

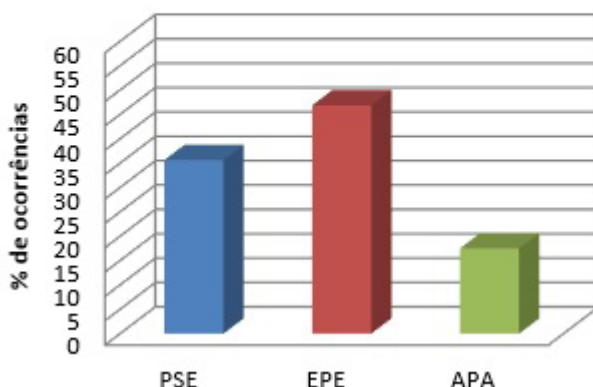
5 Análise e discussão dos dados

Nesta seção analisamos e discutimos os resultados obtidos. Retomando o objetivo geral, nos propomos a investigar a ocorrência das variantes Padrão Sonoro Esperado (PSE), Epêntese (EPE) e Apagamento (APA) na produção do morfema *–ed* em final de verbos regulares por de aprendizes brasileiros de ILE. A princípio apresentamos o percentual geral de ocorrência, em seguida o percentual referente as variáveis ortografia, tempo de estudo da língua alvo e o indivíduo.

Resultado Geral

A hipótese básica levantada para o objetivo geral delineado, com base no estudo de Gomes (2014), pressupõe que aprendizes brasileiros de ILE possuem dificuldades ao realizar o morfema *–ed* em virtude da influência dos padrões sonoros de sua língua materna. No Gráfico 1 é possível observar o resultado geral da análise de dados envolvendo os dois experimentos realizados.

Gráfico 1 – Resultado geral de Padrão Sonoro
Esperado, Epêntese e Apagamento



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O Gráfico 1 traz os seguintes percentuais: 35,64 de PSE, 46,86 de EPE e 17,49 de APA. Diante desses resultados, constatamos que aprendizes brasileiros de ILE apresentam dificuldades ao lidar com o morfema *-ed* final no passado dos verbos regularem do inglês, uma vez que verificamos valores elevados de ocorrência de epêntese, semelhante ao estudo de Gomes (2014). Concluimos também, considerando os trabalhos de Cristófar-Silva e Gomes (2007), que essas dificuldades decorrem das diferenças existentes entre os padrões sonoros da LM e do inglês.

5.2 Variável Ortografia

Quanto a hipótese específica levantada para o objetivo acerca da influência da ortografia, pressupomos que a forma escrita da palavra pode induzir o aprendiz de ILE a produzir uma vogal epentética antes ou depois do morfema (DELATORRE, 2010; GOMES, 2014).

Gráfico 2 – Ocorrência de Padrão Sonoro Esperado, Epêntese e Apagamento no experimento de ING1.

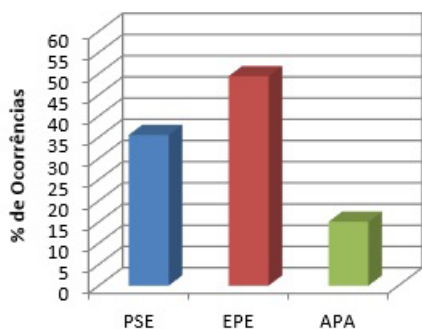
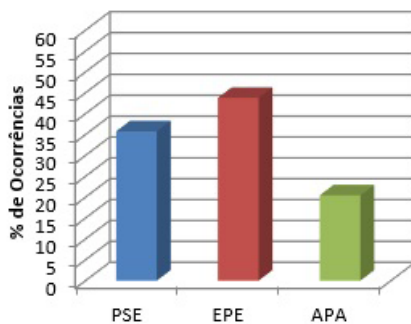


Gráfico 3 – Ocorrência de Padrão sonoro esperado, epêntese e apagamento no experimento de ING2.



$$\chi^2(2) = 1.74; p = 0.419; V = 0,075$$

Fonte: Elaborado pela autora.

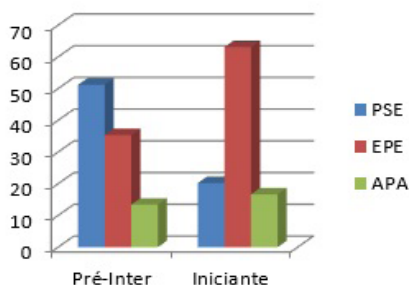
Nos dados apresentados no Gráfico 2, observamos os percentuais de ocorrência de 49,40% para EPE, 35,54% para PSE e 15,06% para APA. Destacamos o valor elevado de epêntese e o valor referente ao apagamento, por ser uma variante não encontrada em trabalhos anteriormente citados sobre pronúncia do passado dos verbos regulados do inglês. No Gráfico 3, constatamos percentuais de ocorrência para EPE de 43,80%, valor inferior ao experimento anterior, para PSE de 35,77%, valor semelhante ao experimento anterior, e para APA de 20,44%, valor superior ao experimento anterior.

Após a análise realizada, utilizamos o teste estatístico χ^2 para descobrir se há diferença significativa entre os experimentos. O valor de χ^2 foi de 1,74 para 2 graus de liberdade, com uma probabilidade associada de 0,42, mostrando que o relacionamento entre as variáveis pode ser decorrente do erro amostral. Dessa forma, concluímos que não existe relação significativa entre as variáveis, ao estabelecer o valor de significância em $p < 0,05$. Nesse caso, não foi possível confirmar nossa hipótese para esta variável. Esse resultado difere daquele apresentado por Delatorre (2010).

5.3 Variável tempo de estudo da língua alvo

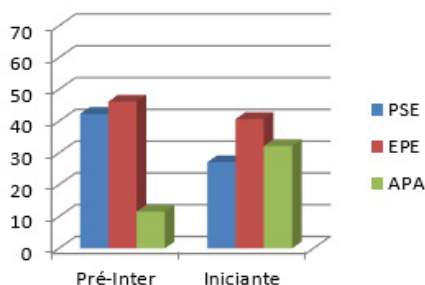
A hipótese levantada para o objetivo acerca da influência do tempo de estudo na língua alvo, com base em Gomes (2014), estabelece que quanto maior o tempo de estudo de ILE, mais próximo da pronúncia alvo será a produção do informante.

Gráfico 4 – Ocorrência de PSE, EPE e APA de acordo com o tempo de estudo da língua alvo ING1.



$$\chi^2(2) = 17,96; p < 0.001; V = 0.328$$

Gráfico 5 – Ocorrência de PSE, EPE e APA de acordo com o tempo de estudo da língua alvo ING2.



$$\chi^2(2) = 9.42; p = 0.009; V = 0.262$$

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nos resultados mostrados no Gráfico 4, os informantes do nível pré-intermediário obtiveram percentuais de 51,22% para PSE, de 35,37% para EPE, de 13,42% para APA, enquanto os informantes do nível iniciante obtiveram percentuais de 20,24% para PSE, de 63,1% para EPE e 16,67% para APA. Observamos que estudantes de nível pré-intermediário apresentaram valores superiores aos de nível iniciante com relação a variante PSE. Após a realização do teste estatístico, $\chi^2(2) = 17,96$ com uma probabilidade associada menor que 0,01, evidenciou-se que a relação entre as variáveis não é decorrente do erro amostral. Assim, concluímos que há diferenças significativas entre os grupo iniciante e pré-intermediário quanto a produção do morfema *-ed* no experimento ING1.

Nos dados apresentados no Gráfico 5, os informantes do nível pré-intermediário obtiveram percentuais de 42,31% para

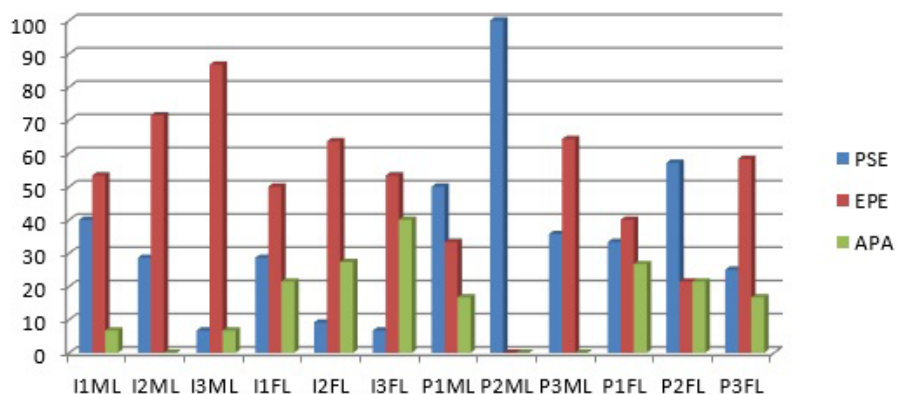
PSE, de 46,16% para EPE, de 11,54% para APA, enquanto os informantes do nível iniciante obtiveram percentuais de 27,12% para PSE, de 40,68% para EPE e 32,21% para APA. Observamos que aprendizes de nível pré-intermediário e iniciantes atingiram valores similares em PSE e EPE enquanto em APA, os iniciantes tiveram valores superiores ao do grupo pré-intermediário. Após a análise estatística, $\chi^2 (2) = 9,42$ com uma probabilidade associada menor que 0,01, comprovou que a relação entre as variáveis não é decorrente do erro amostral. Assim, concluímos que há diferenças significativas entre os grupos iniciante e pré-intermediário no experimento ING2.

Mediante os resultados obtidos para a variável tempo de estudo da língua alvo e os valores de probabilidade associada, confirmamos a hipótese que aprendizes de ILE com maior tempo de estudo da língua apresentam um melhor índice de realização da forma alvo do morfema *-ed* final, corroborando o que foi apresentado por Gomes (2014).

5.4 Variável Indivíduo

A hipótese levantada a respeito da variável indivíduo baseia-se nos trabalhos de Cristófar-Silva e Gomes (2007) e Cristófar-Silva (2006) e pressupõe que os indivíduos apresentam percursos de desenvolvimento fonológico distintos com relação a produção do morfema *-ed*, uma vez que o componente léxico de cada indivíduo é único. Para atestarmos essa hipótese, apresentamos os resultados por informante para as variantes PSE, EPE e APA.

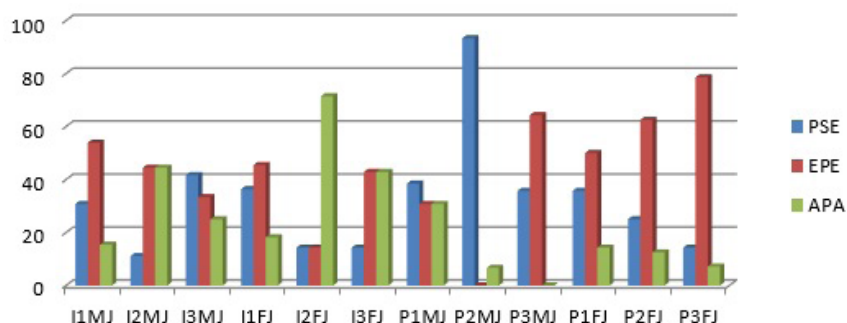
Gráfico 6 – Ocorrências de PSE, EPE e APA em relação a variável indivíduo ING1.



Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 6, destacamos alguns indivíduos que ao longo do experimento ING1 obtiveram percentuais baixos ou elevados de ocorrências para PSE, EPE e APA. Primeiramente, evidenciamos os percentuais do informante P2ML, com 100% de ocorrência de PSE. Nos percentuais do informante I3ML, ressaltamos o valor elevado de 80,67% para EPE, enquanto os valores de PSE e APA foram iguais, 6,67%. Nos percentuais dos informantes I2ML e P3ML, destacamos a não ocorrência de APA mediante valores elevados de EPE, 71,43% e 64,29% respectivamente.

Gráfico 7 – Ocorrências de PSE, EPE e APA em relação a variável indivíduo ING2.



Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 7, evidenciamos indivíduos que no decorrer do experimento ING2 obtiveram percentuais baixos ou elevados de ocorrências para PSE, EPE e APA. Novamente, destacamos os percentuais apresentados pelo informante P2MJ, com elevado valor de 93,33% para PSE, de 6,67% para APA e sem ocorrências de EPE. Nos percentuais do informante P3FJ, observamos o elevado valor de 78,57% para EPE, e os baixos valores de PSE e APA, 14,29% e 7,14% respectivamente. Nos percentuais do informante I2FJ, ressaltamos a elevada ocorrência de 71,43% para APA, enquanto houve valor idêntico de 14,29% na ocorrência de PSE e EPE.

Diante dos dados expostos nos Gráficos 6 e 7 foi possível identificar a variação existente entre os informantes na produção do passado dos verbos regulares do inglês. Dessa maneira, constatamos que cada indivíduo lida de maneira distinta com o morfema *-ed* final, mediante suas experiências linguísticas, como atesta o modelo de exemplares abordado nos estudos de Cristófar-Silva e Gomes (2007) e de Cristófar-Silva (2006). Com isso é possível confirmar a hipótese de que os indivíduos apresentam percursos de desenvolvimento fonológico diferentes em relação a pronúncia do morfema *-ed*, corroborando o resultado da pesquisa de Gomes (2014).

6 Considerações finais

O estudo teve como objetivo investigar a influência das variáveis ortografia, tempo de estudo na língua alvo e indivíduo na realização de verbos no passado terminados em *-ed* por aprendizes brasileiros de ILE. Após a análises dos dados, destacamos o resultado alcançado na variável tempo de estudo na língua alvo, atestando a hipótese de que aprendizes com maior tempo de estudo da língua realizam a forma alvo com maior frequência do que os aprendizes com menos tempo de estudo do ILE. Por outro lado, o resultado da variável ortografia demonstrou que esse fator não influenciou na realização do morfema *-ed* em nosso grupo de informantes. Resultado diferente daquele encontrado por Delatorre

(2010).

Por fim, os resultados apresentados pela variável indivíduo comprovaram a hipótese de que cada indivíduo possui um percurso próprio de desenvolvimento do ILE. Nesse sentido, a perspectiva teórica adotada por este estudo ratifica essa variação e justifica os dados de cada participante. De acordo com os modelos multirrepresentacionais, o desenvolvimento do componente lexical é pertinente a cada indivíduo e a formação de novos exemplares considera os padrões linguísticos previamente estabelecidos.

REFERÊNCIAS

CRISTÓRAFO-SILVA, T. “Modelos multirrepresentacionais em fonologia”. In: MARCHEZAN, R. C. e CORTINA, A. (Orgs.). **Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, p. 171-185.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A. “Representações múltiplas e organização do componente linguístico”. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 147-177, julho, 2004.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A. “Aquisição fonológica na perspectiva multirrepresentacional”. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 179-191, março, 2007.

DELATORRE, F. “The role of orthography on the production of regular verbs ending in -ed by Brazilian EFL learners”. **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Santa Catarina, outubro, 2010.

GOMES, M. L. C. “Passado regular em inglês: como o brasileiro pronuncia palavras com o morfema -ED”. In: BRAWERMAN-ALBINI, A. e GOMES, Maria L. C. (Orgs.). **O jeitinho brasileiro de falar inglês: pesquisas sobre pronúncia do inglês por falantes brasileiros**. São Paulo: Pontes Editores, 2014, p. 173-188.

JOHNSON, K. “Speech perception without speech normalization”. In: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. W. (Orgs.). **Talker variability in speech perception**. San Diego: Academic Press, 1997, p. 145-165.

NASCIMENTO, K. R. S. **Emergência de padrões silábicos no**

português brasileiros e seus reflexos no inglês língua estrangeira. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

PIERREHUMBERT, J. B. “Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast”. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Orgs.). **Frequency effects and the emergence of linguistic structure.** Amsterdam: John Benjamins, 2000, p. 1-19.



CAPÍTULO 9

ANÁLISE CRÍTICA MULTIMODAL DOS DISCURSOS DE PROTESTOS #ELESIM

Francisca Janiele Buriti
Moisés Batista da Silva

1 Introdução

Em 2011, foi o ano que vieram à tona vários movimentos sociais que foram propagados em forma de imagens pelos meios de comunicação de massa do mundo virtual.

O ciberespaço se tornou uma ferramenta de mídia alternativa para o povo, sendo assim, independente do controle das mídias hegemônicas e do governo. Isso se origina do fenômeno chamado de midiativismo, que Costa (2018, p. 241) define como “uma prática que, cada vez mais fazendo uso das novas tecnologias de comunicação, busca oferecer quadros de significação alternativos a esse domínio preponderante da mídia corporativa no relato dos fatos da sociedade”.

Nesse sentido, este trabalho, faz um apanhado dos primeiros movimentos virais, que se iniciaram pelo no mundo árabe, conhecidos como “Primavera árabe”, tendo como berço a Tunísia. Posteriormente, esse tipo de movimento teve a adesão da Espanha, Estados Unidos da América, até outros países do globo terrestre, como o Brasil.

O nosso país foi palco de diversos desses acontecimentos. Entre eles, o #Elesim, que surgiu em oposição ao movimento #Elenão. Esses protestos eclodiram nos dias 29 e 30 de setembro de 2018, à favor e contra ao então candidato à presidência Jair Bolsonaro (PSL). Esses dois movimentos foram tratados em nossa dissertação (BURITI, 2020). Porém, neste artigo, trataremos apenas sobre o movimento de protesto #Elesim.

Nesse panorama, torna-se oportuno investigar como os movimentos de protesto #Elesim representam multimodal e discursivamente a interação dos atores sociais nas imagens.

Para isso, cabe identificar as práticas sociodiscursivas, os efeitos de sentidos ideológicos e a relação dos elementos verbal e visual presentes nas imagens do #Elesim.

Sob essa perspectiva, percorremos um caminho metodológico de modo qualitativo e interpretativo, tendo como campo de atuação, as populares redes sociais virtuais Facebook, Instagram e Twitter.

Os dados foram percorridos conforme as teorias Análise Crítica Multimodal do Discurso, de Machin e Mayr (2012), na Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006), com foco na metafunção interativa, e Almeida (2008), para a apreensão de como os participantes representados e interativos são abordados nas imagens.

A proposta do presente trabalho pode ser aferida de acordo com os assuntos voltados de significativa relevância para a sociedade em geral, já que trata de temas voltados para estudos relacionados à linguagem, possibilitando a chegar ao entendimento com criticidade de certas manifestações de poder presentes de sentidos explícitos e, principalmente, implícitos, nos textos multimodais.

2 Análise Crítica Multimodal do Discurso

A análise de textos multimodais ancora-se na Análise Crítica do Discurso, que é uma abordagem teórica e metodológica de textos fundada na linguística, com base em importantes autores

como Kress, Fairclough, Wodak, Van Dijk, van Leeuwen e Caldas Couthard (MACHIN; MAYR, 2012). Os Analistas Críticos do Discurso procuraram formas que possibilitam descrever e explicar as práticas sociais e discursivas que estão envolvidas nos textos. Nestes, interessa para a ACD a relação que há entre linguagem, ideologia e poder. Com isso, não se preocupa apenas com questões relacionadas à linguagem, mas também propõe uma transformação social.

Toda essa preocupação em analisar textos com olhar crítico tem origem na Linguística Crítica. “O termo “crítico” significa, portanto, “desnaturalizar” a linguagem para revelar os tipos de ideias, ausências e pressupostos assumidos nos textos” (MACHIN; MAYR, 2012, p.5). Se importar em analisar criticamente certas manifestações da linguagem torna-se essencial para a sociedade ao compreendermos que nela são produzidos, distribuídos e consumidos diversos tipos de textos com convenções naturalizadas.

Seguindo esse pensamento, podemos dizer que há uma relação recíproca em que a linguagem molda e é moldada pela sociedade. Nisso, percebemos que os diversos tipos de textos que circulam no convívio social, muitas vezes, não são produzidos de maneira inocente e estabelecem certos dizeres de maneira implícita, ao passo de as pessoas não perceberem que estão sendo induzidas a uma concepção superficial daquilo que o ato comunicativo quer transmitir.

Dessa forma, tendo ramificação nessa teoria, assim surge a Análise Crítica Multimodal do Discurso fundamentada nos trabalhos dos linguistas Kress e van Leeuwen, O'Halloran e Baldry e Thibault (MACHIN; MAYR, 2012). Estes se importaram em desenvolver abordagens de como imagem, linguagem e outros recursos semióticos se harmonizam para criar significado.-

Em consequência disso, tem acontecido significativo valor na realização de uma análise mais minuciosa dessas formas de comunicação que nos autorizam desvelar como os falantes utilizam os recursos linguísticos e visuais para gerar significados. Estes, muitas vezes, são carregados de ideologias e poder. Por isso, persuadem, manipulam as pessoas, de forma que, muitas vezes, ocul-

tam suas intenções. Assim, estaremos de posse de um conjunto de ferramentas, que nos possibilita a análise de textos midiáticos com caráter investigativo e trazer à tona o que está velado.

Assim, uma imagem ou palavra pode estar carregada de diversas atribuições significativas. Geralmente, essas escolhas estão relacionadas às relações de poder, já que a Análise Crítica do Discurso trabalha em expor as ideologias que estão ocultas dentro da linguagem, regidas por instituições, autoridades ou em comunicações individuais. Além disso, tem como essencial buscar saber como e por que os falantes usam e quais os efeitos dessas escolhas.

Para a semiótica social, os processos de comunicação são baseados em escolhas. Ao estarmos de posse dessas escolhas, conseguimos criar e entender significados, e assim, há a preocupação em analisar os sentidos implícitos nos textos visuais e procurar entender para que fim são empregados.

Em análise de imagens, com a Análise Crítica Multimodal do Discurso, percebemos que os elementos dispostos configuram discursos que não são explícitos em um olhar inicial, que são sugestivos a várias interpretações. Cabe avaliarmos todos os recursos usados para a formação da imagem, desde o léxico, o tipo de iluminação, a disposição dos objetos, o olhar do(s) participante(s), o enquadramento, entre outros.

Através das escolhas lexicais, segundo Machin e Mayr (2012), muitas vezes, autores podem nos influenciar através do poder que exercem sobre nós, através de leis ou meios hierárquicos. Alguém pode usar a lei para dizer como devemos agir. Assim também, com o mesmo intuito, um cientista usa seus conhecimentos especializados. Essas são maneiras que ao usarem termos específicos oficiais conseguem transmitir autoridade. Além disso, podemos também receber influência de textos que utilizam a linguagem coloquial, do cotidiano, para dar a impressão que são como nós.

Ainda sobre as escolhas lexicais, Fairclough (2001), propõe que a análise textual pode ser trabalhada sobre sete aspectos, que envolvem as suas produções e interpretações: vocabulário (palavras individuais), gramática (orações e frases), coesão (ligação entre orações e frases) e estrutura textual (propriedades organi-

zacionais), ‘força’ dos enunciados (tipos de atos de fala – promessas, pedidos, ameaças, etc.), a coerência e a intertextualidade. “Ao analisar textos sempre se examinam simultaneamente questões de forma e questões de significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p.102). O autor defende que “os signos são socialmente motivados, isto é, que há razões sociais para combinar significantes particulares e significados particulares” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103).

Abordada também pelos autores, a iconografia⁷, baseada na teoria semiótica de Roland Barthes, mostra que, assim como os textos verbais, as imagens também podem assumir as posições conotativas e denotativas. Nesse intuito, a denotação visualiza o concreto, isto é, os objetos, lugares, pessoas, eventos para formar ideias abstratas. “Então, perguntar o que uma imagem denota é perguntar: quem é/ou o que é representado aqui? Então uma foto de uma casa denota uma casa” (MACHIN; MAYR, 2012, p.49). Por outro lado, a conotação observa as ideias e conceitos através do que estão representados.

3 Metafunção Interativa da Gramática do Design Visual

Pensar em comunicar através dos recursos imagéticos passou a ser relevante necessidade da sociedade moderna, pois os têm como grande suporte em vários segmentos e, principalmente, na mídia virtual. Diante desse cenário, em nosso cotidiano, não são usados apenas com o intuito de ilustrar ou chamar atenção para algo, mas também para transmitir além de simples palavras e/ou ilustrações.

Perante isso, como aponta Almeida (2008), há necessidade de ferramentas de estudo sobre essas novas formas de comunicação. Então, a Gramática do Design Visual, de Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2006), surge como proposta multimodal para a análise de vários gêneros visuais, comprometendo-se em fazer

⁷ “No sentido em que é usada neste livro, iconografia é o equivalente visual da análise lexical. É a análise dos elementos visuais e recursos de qualquer imagem, layout, pintura ou fotografia. Assim como na análise lexical, o objetivo é realizar uma análise descritiva cuidadosa para mostrar quais discursos estão sendo comunicados” (MACHIN E MAYR, 2012, p. 220).

um trabalho pautado em um olhar sério nas investigações sobre os recursos imagéticos, isto é, torna possível um estudo de forma científica e acadêmica, evitando superficialidades e um olhar natural sobre as análises da comunicação visual.

Nesse contexto, a gramática do *design* visual é formada por três estruturas básicas, determinadas como metafunção: representacional, interacional e composicional. Cada uma possui suas subdivisões. Essas estruturas são baseadas nas metafunções da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday que situa a língua em seu contexto social, ultrapassando a visão de ser um mero sistema regulado por regras. Sob essa ótica, podemos considerá-la não apenas como um sistema que possui somente funções, mas que também apresenta significados em suas manifestações comunicativas. No quadro 1, a seguir, está exposta a relação paralela entre as metafunções de Halliday e Kress e Leeuwen.

Quadro 1 - Paralelo entre as metafunções de Halliday e Kress e van Leeuwen

Halliday	Kress e van Leeuwen	
Ideacional	Representacional	Responsável pelas estruturas que constroem visualmente a natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos e as circunstâncias em que ocorrem. Indica, em outras palavras, o que está sendo mostrado, o que se supõe esteja “ali”, o que está acontecendo, ou quais relações estão sendo construídas entre os elementos apresentados.
Interpessoal	Interativa	Responsável pela relação entre os participantes, é analisada dentro da função denominada de função interativa (Kress e van Leeuwen, 2006), onde recursos visuais constroem “a natureza das relações de quem vê e o que é visto”.
Textual	Composicional	Responsável pela estrutura e formato do texto, é realizada na função composicional na proposição para análise de imagens de Kress e van Leeuwen, e se refere aos significados obtidos através da “distribuição do valor da informação ou ênfase relativa entre os elementos da imagem”.

Fonte: Adaptado de Almeida (2008).

Neste trabalho, na análise de dados, utilizaremos apenas a metafunção interativa da Gramática do *Design* Visual. Por isso, nos deteremos somente nessa metafunção nesta seção.

A metafunção interativa corresponde à relação de interação

entre os participantes da imagem e o leitor. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), as pessoas, os lugares e as coisas nas imagens são denominadas de participantes representados. Os produtores e os visualizadores de imagens são chamados de participantes interativos. As relações são caracterizadas pelo contato, distância social, perspectiva e modalidade.

O contato se estabelece pelo olhar, que pode ser pessoal ou impessoal. Se o participante olhar diretamente para o leitor, cria uma relação pessoal, de demanda, ou seja, solicita algo (compaixão, apelo sexual, medo, entre outros). A relação impessoal acontece quando o participante não estabelece, mediante o olhar, contato direto com o leitor.

Machin e Mayr (2012) enfatizam que, nas poses, o olhar do (s) participante (s) compõe-se como um dos recursos digno para que guie o espectador. Assim, percebemos que o olhar é um recurso semiótico com bastante relevância, que existe para difundir interesse e envolvimento. Conforme os autores teóricos, os atos de imagens, possuem “sistemas de humor”, ou seja, o humor sofre influência de variados fatores. Pode ser que haja alguma postura de ligeira feição mau humorada, provocando distância social de quem faz contemplação. De outro maneira, pode-se encontrar uma postura acolhedora, com braços abertos ou sorriso na face, dando uma sensação de acolhimento causando aproximação social.

Desse modo, os olhares oferta e demanda funcionam como forma de “endereços visuais”. Com o “olhar de demanda”, o participante ao olhar diretamente para o espectador, age como se estivesse solicitando-lhe algo, ao mesmo tempo, este pode-se sentir reconhecido. Há dessa forma, uma interação, como se fosse necessário algum tipo de resposta. Quando a pessoa não olha para aquele que observa, realizando o “olhar de oferta”, ao contrário ao de demanda, não é produzido um pedido de resposta. Mas, simplesmente um convite para a observação.

A distância social ocorre em relação ao modo pessoal ou impessoal que o participante tem com o leitor. Essa relação acontece em “plano fechado – *close-up* (íntimo), plano médio – *medium shot* (social) e

plano aberto [...] *long shot* (impessoal)” (NASCIMENTO; BEZERRA, HERBELE, 2011, p.540). Assim podemos dizer que a distância social denota as relações sociais. Quanto mais próximo, maior o grau de intimidade entre participante e espectador.

Convém ressaltarmos que a distância social estabelece uma relação imaginária entre os participantes interativos e os participantes representados pelo fato de não estarem presentes entre si, como na vida real. O que acontece são interações simbólicas.

A categoria perspectiva, de acordo com Kress e van Leeuwen (1996, 2006) se deve ao posicionamento do corpo do participante com o leitor, se há um envolvimento de frente (face a face), de lado, de cima para baixo ou de baixo para cima. Essa subcategoria está dividida em três tipos de ângulos: frontal, oblíquo e vertical.

No ângulo frontal, acontece um maior envolvimento do participante com o leitor. No que lhe diz respeito, o ângulo oblíquo, mostra os participantes representados de perfil, que produz como consequência, uma percepção de alheamento, como que se é observado pelo espectador não fizesse parte do mundo, conforme Kress e van Leeuwen (1996, 2006). Sobre o ângulo vertical, está relacionado aos níveis de empoderamento do participante representado entre o observador e o produtor, para isso, divide-se em três maneiras: câmera alta, câmera baixa e nível do olhar.

Uma fotografia feita em câmera alta, registra o ângulo de cima para baixo, desse modo, o espectador e o produtor exercem um poder superior sobre os participantes representados. Já ao que se atribui à câmera baixa, os participantes representados triunfam em poder sobre os espectadores. Se o ângulo da câmera se dispor ao nível do olhar, “então o ponto de vista é de igualdade e não há diferença de poder envolvida” (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996, 2006, p. 140).

Podemos destacar, de forma sintética, que Kress e van Leeuwen (1996, 2006, p. 159) julgam que uma “imagem real” **é aquela em que** “suas cores são aproximadamente tão saturadas quanto aquelas no padrão, a tecnologia fotográfica mais utilizada”. De outro modo, é considerada “além do real” “Quando a cor se torna mais saturada, julgamos exagerado, “mais do que real”, excessivo”. Esses tipos de representações podem ser intituladas como imagens de “modalidade alta”. Porém, se trata de uma imagem que retrata algo que inexiste na realidade, isto é,

“Quando está menos saturado, julgamos “menor que real”, “etéreo”, por exemplo, ou “fantasmagórico””, recebe o nome de “modalidade baixa”.

4 Os primeiros movimentos sociais na era da internet

Braighi e Câmara (2018) abarcam, em seu trabalho, uma proposta conceitual do que é Midiativismo, diante das práticas de ativismo pela internet. Para os autores, isso seria

um processo de mobilização, que alude em como cada ativista usa as mídias de maneira diferente para atingir seus objetivos e servir aos seus movimentos (dos quais faz parte, efetivamente ou não), com ações que extrapolam as redes sociais digitais e ganham as ruas (BRAIGHI e CÂMARA, 2018, p.31-32).

Braighi e Câmara (2018) ainda explicam que, com a praticidade da internet que as novas tecnologias da informação dispõem através do uso de *smartphones* e das redes sociais digitais, o usuário é levado a praticar o midiativismo, mesmo que não se considere um ativista. Isso se deve a capacidade de divulgação e simultaneidade em massa na transmissão de informação e, principalmente, por “abrir espaço para sujeitos antes silenciados devido à dificuldade de conseguir espaço nos meios tradicionais de comunicação” (BRAIGHI e CÂMARA, p. 32). Desse modo, a internet atua como um novo meio comunicacional e ativista, constituindo-se como a forma mais democrática.

Costa (2018, p.227) nos mostra que os conglomerados de mídia hegemônica são contrapostos pelo fenômeno do midiativismo, rompendo dessa forma, com centros de poder. Sobre isso, o autor declara “Primeiramente de poder econômico – empresas privadas transmitem e vendem mercadorias – e, em segundo lugar, centros de poder político, de controle social e cultural”.

Com essas considerações, compreendemos que os atores sociais encontraram novas maneiras sociais e discursivas em produzir, consumir e distribuir os textos, sejam eles verbais ou visuais.

A prática social pode seguir qualquer uma destas direções: política, econômica, cultural, ideológica. Sendo que o discurso está imbricado em todas elas. Costa (2018) considera que as práticas de produção simbólica hegemônicas concorrem para promover a desigualdade e injustiça social. Dessa forma

pelo discurso, se constroem as desigualdades, as assimetrias de relações sociais de poder, também pelo discurso se pode lutar para coibir, combater essas vicissitudes, em um exercício de contrapoder. Práticas midiativistas e pesquisa crítica irmanam-se nessa tarefa de oferecer resistência às práticas de produção simbólica hegemônicas (COSTA, 2018, p.227-228).

Nesse sentido, as práticas sociais e discursivas que investigamos se preocupa com as práticas políticas, culturais e ideológicas produzidas pelas manifestações *off-line* e *on-line* dos protestos, denominado de #Elesim, ocorridos no Brasil, nas pré-eleições de 2018. Entende-se por manifestação *off-line* aquela que acontece nos espaços públicos, nas ruas. A manifestação *on-line*, se caracteriza quando passa a ser vivenciada na rede virtual, seja pela publicação de uma imagem do movimento que ocorreu no modo *off-line*, seja uma chamada para organização, seja uma informação.

Os estudos de Castells (2017) faz um apanhado dos movimentos sociais impulsionados pela internet, iniciados na região árabe, especialmente, na Tunísia e na Islândia. As reivindicações eram manifestas nas lutas contra a pobreza, crise econômica, a falta de democracia e, além disso, principalmente, provocadas contra o “cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação” (CASTELLS, 2017, p. 18).

Para Castells (2017), falar de movimentos sociais envolve também investigar as relações de poder. Estas são regidas pelas instituições da sociedade, essencialmente, pelas do Estado. As instituições constroem essas relações de acordo com seus valores e interesses. Existem dois meios de como o poder é exercido: pela imposição (muitas vezes, com violência legítima ou não) através

do Estado e pela formação de significado na mente da pessoas, operado de forma simbólica. Porém, como as sociedades desempenham posições contraditórias e conflituosas, emana disso, uma permanente interação entre poder e contrapoder. Este se configura quando os atores sociais desafiam o poder que está envolvido nas instituições da sociedade com o intuito de requerer seus próprios valores e interesses.

De acordo com Castells (2017), os primeiros passos dos movimentos em redes virtuais aconteceram na Tunísia. A manifestação de massa no mundo árabe teve sua origem pelo suicídio cometido pelo vendedor ambulante de 26 anos, Mohamed Bouazizi, em 17 de dezembro de 2010. Ao ter sua banca de frutas e verduras confiscada várias vezes pela polícia, que cobrara propina, ateou fogo em seu próprio corpo em forma de protesto. Em poucas horas, após o ocorrido, centenas de jovens que vivenciaram histórias semelhantes, fizeram um protesto no mesmo local do ocorrido, registrado por filmagens distribuídas pela internet. Com isso, todo o país, foi tomado por indignação, principalmente por parte da juventude, havendo outros suicídios reais e outros simbólicos, apesar da selvageria da polícia que matou 147 pessoas e feriu outras.

As manifestações de protestos na Tunísia conseguiram romper com um regime ditatorial que prendeu, humilhou e matou vários indivíduos. Através da multidão que ganhou a participação de várias classes sociais, foi intensamente movida pelos jovens, que com suas redes sociais e virtuais expressaram suas revoltas, atos de coragem, por um lugar para viverem de forma digna.

Na Islândia, em maio de 2011, os Indignados da Espanha iniciaram as aglomerações em acampamentos nas principais praças da cidade. A culminância desse movimento em rede nesse ano foi consequência de esquemas fraudulentos dos principais bancos do país que provocaram a crise financeira, que posteriormente, cooperou para o colapso financeiro global em 2008.

As manifestações tiveram início em 11 de outubro de 2008, quando o cantor Hordur Torfason, protestou com sua guitarra, em um canto que expressava sua ira contra os grandes banqueiros e o governo que consentia as irregularidades cometidas por

eles. Alguém registrou a pequena manifestação que viralizou pela internet. Em poucos dias, milhares de pessoas se juntaram para protestar na consagrada praça histórica Austurvöllur.

A revolução egípcia foi consequência das manifestações de protesto que começaram na Tunísia, que serviram de inspirações para o povo egípcio a protestarem nos espaços públicos e na internet. Os sucessivos protestos nas ruas e na internet destronaram o faraó Hosni Mubarak, em 18 dias, que esteve sobre o poder durante trinta anos.

As manifestações ocorreram em grande parte da região árabe, tornando-se conhecidas como Primavera Árabe ou Dia da Fúria, em 2011: Líbano, Jordânia, Mauritânia, Sudão, Omã, Iêmen, Bahrein, Líbia, Kuwait, Marrocos, Saara Ocidental, Arábia Saudita, Síria, conforme Castells (2017).

Em fevereiro de 2011, na Espanha, uma pequena rede de cidadãos cria o grupo no Facebook “Plataforma de Coordenação de Grupos Pró-Mobilização Cidadã”, que posteriormente, passou a ser um grupo de debates e ação, chamado de “*Democracia Real Ya (DRY)*”, dando início a uma série de protestos intitulados por Indignados e 15M (CASTELLS, 2017). A convocação, que foi ignorada pela mídia, teve como meio de propagação além do Facebook, o Twitter, Tuenti, entre outros. No dia 15 de maio, os protestos em caráter pacífico, aconteceram em várias cidades espanholas, entre elas, Madri, Barcelona e Valência.

O movimento *Occupy Wall Street* teve seu acontecimento inicial em Nova Iorque, na data de 17 de setembro (dia do aniversário da assinatura da Constituição americana) de 2011. Lutava por uma democracia não controlada pelo poder do dinheiro, para que o sistema político se tornasse independente. A crescente desigualdade na distribuição de renda pairava de uma forma que apenas 1% da população era considerada rica. Assim a crise econômica se instaurava em 99% da população com a crescente riqueza que se estabelecia na menor parcela desta

As manifestações tiveram origem através de vários grupos e redes. No dia 5 de outubro, a convocação do *Occupy Wall Street* mobilizou a presença de 15 mil pessoas pelas ruas da cidade no-

va-iorquina. O compartilhamento de notícias e imagens pela internet estimulou a ocupação em inúmeras cidades do país americano. O movimento alcançou alguns resultados positivos. Dentre eles, a correção parcial de práticas injustas sobre programas de moradia.

O Brasil, no ano de 2013, vivenciou seu marco histórico nos movimentos sociais em rede. O Movimento Passe Livre (MPL), que começou com protestos pequenos, ganhou intensidade no mês de junho quando milhões de pessoas se fizeram presentes nas ruas de várias cidades do país e no meio virtual.

Castells (2017, p.177) cita que em 1º de janeiro de 2013, centenas de pessoas se manifestaram contra o aumento de preço nas passagens, em Porto Alegre, “cidade simbólica no que se refere à mudança social contemporânea”. Esse fato aconteceu já em decorrência da descoberta de uma fraude no cálculo das novas tarifas do transporte público, no final do ano de 2012.

A partir das convocações postadas nas redes sociais, entre fevereiro e maio de 2013, milhares de pessoas se organizaram em manifestações contra o aumento das tarifas de transportes em várias cidades brasileiras.

As manifestações se estenderam por muitos dias. Os manifestantes se tornaram produtores constantes de imagens que retratavam violência, resistência e convocação, através dos dispositivos móveis.

No final de junho, o movimento alcançou mais de cem cidades, colocando nas ruas, milhões de pessoas, como em São Paulo, no dia 20, estimou-se a presença de 1,5 milhão de manifestantes. Perante a intensidade dos protestos, vários governos voltaram atrás no aumento da tarifa do transporte.

5 Metodologia

Esta pesquisa tem por objetos de análise imagens do protesto denominado como #Elesim que circulou nas redes sociais virtuais Facebook, Instagram e Twitter, durante as pré-eleições no Brasil, em 2018. O trabalho procura se fundamentar em uma pesquisa

qualitativa e interpretativista.

Os dados foram coletados e copiados diretamente das páginas de usuários ou das comunidades das redes sociais virtuais. Através das ferramentas de busca, devido ao extenso número de dados disponíveis, foi utilizado nos filtros a hashtag #Elesim, com o intuito de coletar imagens dos protestos que antecederam as eleições em 2018.

Durante as pesquisas, foram coletadas 78 imagens do #Elesim. Para delimitar, fez-se necessário adotar mais critérios para seleção dos recursos imagéticos: as que possuíam as pessoas representadas em protestos off-line e o recorte temporal das postagens, entre os dias 28 de setembro de 2018 até o dia 27 de outubro de 2018, período entre pré-eleições no primeiro turno e segundo turno.

O *corpus* foi formado com o total de 2 (duas) imagens, que foram coletadas, por vez, através do mecanismo de captura de imagem *Print screen*, conservando-se a identificação do usuário(a), já que a informação está disponível publicamente, a data da postagem, o número de comentários e curtidas.

Feito isso, as análises serão tratadas à luz da Gramática do Design Visual (GDV), de Kress e van Leeuwen (2006), tendo por foco a metafunção interativa, e na Análise Crítica Multimodal do Discurso, de Machin e Mayr (2012).

Na seção seguinte, apresentaremos a contextualização do movimento #Elesim e a análise dos dados.

6 Contextualização sobre início do #Elesim e análise dos dados

O movimento #Elesim surgiu em contrapartida ao movimento #Elenão. O #Elesim também teve a iniciativa de mulheres, que apoiavam a candidatura de Jair Bolsonaro. As manifestações também foram iniciadas através das redes sociais. O grupo no Facebook “Mulheres com Bolsonaro” se tornou um dos mais populares entre as apoiadoras.

De acordo com o texto jornalístico publicado no site da Maire Claire⁸, para Mariana Moreira, advogada e presidente do PSL Mulher no Vale do Paraíba, a hashtag contrária ao #EleNão foi uma forma de “mostrar que existem milhões de mulheres que estão com Jair Bolsonaro”, mesmo que esse apoio seja no campo virtual. Para Mariana, as motivações de ser a favor a Bolsonaro se dão pela “honestidade, que é questão prioritária” até “ele é o único candidato que defende os valores morais, éticos” para que a vivência em sociedade seja digna.

Outra entrevistada da Maire Claire foi a doutora em Ciências Sociais, Esther Solano. Esta analisa também o movimento #Elesim e diz que o grupo de direita defende que o candidato discursa “umas bobagens” no sentido de ser apenas um “falastrão”. Ela comenta que “O que importa, dizem, é que ‘Bolsonaro é honesto e diferente de todos outros’”.

A questão de honestidade se tornara um adjetivo essencial em um candidato diante do cenário de corrupção política no Brasil, que era evidenciada por várias operações da Polícia Federal, sendo conhecidas no mundo todo, como a do “Mensalão” e “Lava jato”. Assim, os simpatizantes do #Elesim tinha como destaque, Jair Bolsonaro, pelo tempo que perdurava na política como uma pessoa honesta e que conservava os valores cristãos e morais. Além das mulheres, as manifestações também contaram com o apoio da classe policial.

Diante de tais considerações gerais sobre o movimento #Elesim, passaremos adiante para a análise dos dados.

A postagem feita na rede social virtual Twitter, da figura 1, com data de 30 de setembro de 2018, teve 15 curtidas e 1 comentário e não informa o local onde aconteceu o movimento. A participante, que segura a faixa com a frase “Brasil” e envolvida com a bandeira do Brasil, estabelece um olhar de demanda, isto é, solicita algo do observador por olhar diretamente. Atentando-se para a sua expressão facial, a representante intenciona beijar quem a observa ou enviar um beijo, denotando simpatia, tornando-se

8 Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2018/09/ele-nao-e-elesim-o-que-representam-os-movimento-de-mulheres-contr-a-pro-bolsonaro.html>. Acesso: 10 mai. 2019.

acessível como se dissesse “não tenha medo, somos amigáveis”.

Com a imagem em plano médio e numa perspectiva frontal, a relação social é estabelecida em um grau em que não há intimidade e nem desconhecimento, mas que há igualdade com o participante interativo, procurando envolvê-lo com a mensagem de protesto.

As cores verde e amarela na faixa simbolizam as cores usadas pelo partido político PSL, que era o partido de Jair Bolsonaro, naquela época. As cores da bandeira brasileira usadas pelo partido remetem ao sentido de patriotismo, de amor pelo país. Na introdução da postagem, as frases: “Queremos Bolsonaro presidente do Brasil”, “#SomosBolsonaro17”, “#MulheresComBolsonaro” funcionam como intertextos da #Elesim. Elas deixam claramente que o pronome “ele” da hashtag se refere ao candidato Jair Bolsonaro.

Diferente de outras figuras já apresentadas, a participante não segura um cartaz com uma frase com mais de uma palavra. A faixa apenas com a escrita “BRASIL” carrega uma simbologia de que o país é amado e defendido por essas pessoas, transmitindo o sentido de nacionalismo. Essa é uma imagem que impressiona, principalmente, pela participante está envolvida com a bandeira do Brasil e os participantes secundários, por estarem trajados com vestimentas que lembram os elementos simbólicos da Confederação Brasileira de Futebol⁹, que segundo notícias veiculadas nas mídias nos últimos anos, esteve alinhada em esquema de corrupção. Vale ressaltar também que o sentido de nacionalismo, muitas vezes, está atrelado a proposta de regimes de governos autoritários que, de vez em quando, se apropriam de elementos simbólicos relacionados a patriotismo, como bandeira, hino nacional, entre outros.

Figura 1 – Olhar de demanda/Plano médio

⁹ Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,notas-frias-e-chantagens-fbi-revela-as-taticas-dos-cartolas,1807312>. Acesso em: 25 jun. 2020.



Fonte: Twitter¹⁰.

Percebe-se no cenário, que o protesto *off-line* ocorreu em espaço público, especificamente, em uma rua/avenida, pelo dia. Ao fundo, há a presença de outros participantes, que em seus trajes, em sua maioria, se compõe da cor amarela, reforçando a simbologia da cor do partido político representado por Bolsonaro. A modalidade da fotografia é alta, em que todos os mecanismos utilizados são de um acontecimento que aconteceu de modo real.

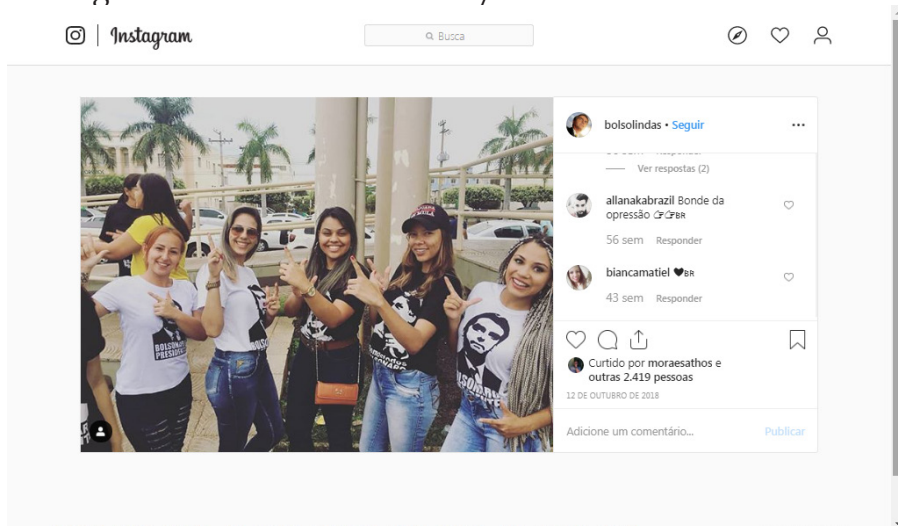
A figura 2, que foi postada no dia 12 de outubro de 2018, na página @bolsolindas no Instagram, obteve 2.420 curtidas.

Nela, há o destaque para cinco pessoas do sexo feminino. As participantes representadas estabelecem contato com olhar de demanda para os participantes interativos. As expressões faciais são marcadas pelo sorriso, procurando transmitir simpatia. A relação formada não causa estranhamento, porém, não há intimidade pela fotografia em plano médio. Quanto à Perspectiva, as participantes mostram-se em ângulo frontal proporcionando o envolvimento dos participantes interativos com a mensagem e construindo uma

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/kekamarega/status/1046504751939178497>. Acesso em 14 fev. 2019.

relação de igualdade pelo foco da câmera ao nível do olhar. No aspecto modalidade, a imagem constitui-se como alta modalidade por registrar um acontecimento de nossa época e fazer o uso de mecanismos de cores padrões.

Figura 2 – Olhar de demanda/Plano médio



Fonte: Instagram – Bolsolindas¹¹

Outra expressão comum entre as participantes, além da postura e do sorriso, forma-se pela simbologia feita através de dedos das mãos polegar e indicador em forma de arma de fogo, revólver, por exemplo.

Segundo o Jornal Gazeta do Povo, a simbologia de arma passou a ser usada pelo candidato em 2015, quando posou juntamente com um coronel da Polícia Militar e um outro deputado na época, diante da aprovação pelo plenário da Câmara da emenda constitucional que reduziu a maioridade penal de 18 para 16 anos em alguns casos, como o de crime hediondo. O grupo ficou conhecido como “bancada da bala”¹².

Advindo disso, essa simulação ganhou força no país e pas-

11 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bo2E4TUHjzf/>. Acesso: 02 fev. 2019.

12 Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/ol-de-lula-virou-revolver-na-campanha-de-bolsonaro-6q0ymd5tsvj2uzp9z84fma3v/>. Acesso: 03 jun. 2019.

sou a ser um ato comum entre os apoiadores de Jair Bolsonaro. O candidato prometia regras mais flexíveis para permissão de porte de armas para a população como uma das medidas de melhorias na segurança pública. A expressão “bandido bom é bandido morto” associada ao gesto de arma com as mãos, para uma parte da população, reforçava ainda mais o incentivo à violência. Enquanto isso, para a outra parte, segundo pesquisa feita pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística), em fevereiro de 2018, e divulgada pelo jornal O Globo, foi aceita por metade da população brasileira. Mesmo sendo considerado um Estado laico, a maioria das pessoas no Brasil se consideravam cristãs. Na pesquisa, 52% dos católicos e 44% dos evangélicos apoiavam o conceito bolsonarista. Os homens totalizaram 53% e as mulheres 45%¹³.

7 Considerações finais

Em qualquer língua, explicam Machin e Mayr (2012), não existe uma maneira neutra de representar grupo de indivíduos ou pessoas. Produtores de imagens usam escolhas semióticas como “estratégias representacionais” para denominá-las. Nesse âmbito, elas não são observadas pelo o que fazem, mas pela maneira que são representadas. Essas estratégias costumam chamar atenção para algo ou para omitir alguma informação. As escolhas, compostas em sua maioria pelas lexicais e iconográficas, abarcam um conjunto de significados que possuem associação com certos tipos de discursos.

Os atos do protesto #Elesim teve duplo espaço de realização. Com o aumento do uso de smartphones e também de usuários deram deferimento para que as convocações nas redes virtuais se materializassem nas ruas. No que lhe concerne, as ocupações físicas, exigiu a atenção das redes nas movimentações, dando início a um processo retroativo, caracterizado pela interação entre as esferas *on-line* e *off-line*. Desse modo, a vida *off-line* e *on-line* estavam intimamente ligadas.

¹³ Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/ibope-50-dos-brasileiros-acham-que-bandido-bom-e-bandido-morto.html>. Acesso: 17 jul. 2019.

Em sentido ideológico, as representações visuais e textuais da hashtag #Elesim, Bolsonaro se destacava pela honestidade, por defender a família tradicional, valores morais, éticos, por ser patriota, pela fé em Deus, por prometer a segurança em um país consideravelmente violento e de leis criminais frouxas.

Percebe-se que os movimentos de protesto #Elesim, as mulheres assumem a liderança, atuando de forma empoderada ao que se está debatendo. Foram elas que tomaram a iniciativa pelos movimentos no universo *on-line* e atuaram massivamente em protestos nas ruas.

Nos espaços públicos, os participantes dos protestos, foram retratados portando cartazes, bandeiras, faixas, banners, mensagens no vestuário ou inscrições no corpo, formando assim paisagens linguísticas diversificadas, expressando suas opiniões, anseios, suas emoções.

Se faz necessário evidenciar, que nos atos de manifestação do #Elesim não há a representação visual da comunidade LGBT e a do grupo étnico afrodescendente, demonstrando a exclusão desses grupos.

Nas manifestações do #Elesim não há uma outra bandeira representada, exceto a do Brasil. A cor da bandeira que representa a nação brasileira passou a ser cor utilizada como representação do partido de direita. As cores verde e amarela passaram a serem vistas como a cor de um partido político.

Tais considerações são importantes por desvelar que uma simples hashtag, formada pela junção de duas palavras, que se alastrou de forma intensa nas ruas e nas redes sociais virtuais, foi suficiente para efervescer diversos sentidos carregados de relações de poder. As manifestações do #Elesim no Brasil constituíram uma poderosa forma de comunicação capaz de gerar impactos nos resultados das eleições.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. L. **Perspectivas em análise visual: do fotojor-**

nalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática.** CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 25-42. ISBN 9788599872437. *E-book* (957p.).

BURITI, Francisca Janiele. **Movimentos sociais na era da internet: uma análise multimodal dos discursos de protestos #Elenão e #Elesim.** Orientador: Moisés Batista da Silva. 2020. 105 p. Dissertação de mestrado (Ciências da Linguagem) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN (Via Google Meet), 2020.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

COSTA, Ivandilson. Análise crítica do discurso da mídia: poder, contrapoder e emancipação. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio Humberto; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do midiativismo: do conceito à prática.** Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018. cap. 12, p. 226-244. ISBN 9788599872437. *E-book* (957p.).

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

HALLIDAY, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar.** 3ª ed.. London: Edward Arnold, 2004.

KRESS, G.; VAN LEEWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design.** London: Routledge, 1996, 2006.

MACHIN, D.; MAYR, A. **How to do Critical Discourse Analysis - A multimodal introduction.** Los Angeles, London, New Delhi: Sage Publications, 2012.

NASCIMENTO, R. G. do, HERBELE, V. M. **Multiletramentos: iniciação à análise de imagens.** Linguagem e Ensino, Pelotas, v. 14, n.2, p. 539-552, jul/dez, 2011.



CAPÍTULO 10

LITERATURA E RESISTÊNCIA NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA* DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Wilma Mesquita de Almeida
Francisca Fabiana da Silva

1 INTRODUÇÃO

Durante muitos séculos, a produção literária fez parte apenas do universo masculino e, desde o início do século XIX os críticos literários eram constituídos apenas por homens brancos, que menosprezavam os escritos feminino nesse campo. Para eles apenas os homens e “brancos” eram os donos dos conhecimentos e dignos de terem suas produções reconhecidas. Assim, para a mulher negra esse era e ainda continua sendo um campo de inferioridade, já que somente os homens brancos e das classes médias e altas alcançam reconhecimento e valorização em seus escritos.

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a literatura como um instrumento de resistência na vida de Carolina Maria de Jesus, a partir de seus registros e memórias no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Portanto, na leitura desta obra, encontramos uma literatura rica de sentidos e memórias produzidas pela escritora e que marcou definitivamente sua trajetória de vida, destacando-se pela habilidade da leitura e escrita

como uma forma de resistência diária e mudança de vida em um contexto de miséria e vulnerabilidade social.

Nessa perspectiva, este esboço surgiu da problemática de como a literatura se constitui como um instrumento de resistência na vida de Carolina Maria de Jesus e, por isto, a necessidade de aprofundar como instrumento de pesquisa, já que ainda hoje a literatura feminina negra continua sendo excluída e esquecida socialmente. De acordo com Pierre (1999, p. 50), “Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Partindo deste exposto, buscaremos identificar os traços marcantes da literatura como subsídios para a sociedade e ao mesmo tempo apresentar as representações reais e imaginárias da memória discursiva com as influências sociais em um contexto de exclusão.

Nos registros diários da vida da Carolina Maria de Jesus, encontramos a resistência na imagem desfigurada de uma mulher no contexto da favela do Canindé/SP, sendo submissa as condições de misérias e marcada pelo estigma de ser excluída socialmente pela sua cor, posição e lugar de origem e que ganhou outros olhares a partir de uma das mais importantes literaturas, como oportunidade ímpar para o crescimento humano e intelectual.

Assim sendo, para a análise deste *corpus*, vamos fazer referência a importantes teóricos como Alves (2011), Dreyfus (1995), Evaresto (2007), Jesus (2001), Louro (1997), Pierre (1999), dentre outros que discorrem sobre as questões sociais, memórias e trajetória de vida e suas relações de poder, bem como a importância da educação e a discussão de gênero nas relações literárias e sociais. Conforme Louro (1997, p. 45), “Ainda que a expressão “diferença” possa – como de resto qualquer outra – adquirir diferentes significados em diferentes contextos sociais, políticos ou culturais, é para a sua importância no campo do feminismo que vamos nos voltar aqui”. Logo, a literatura feminina negra assumiu um papel importante e ao mesmo tempo uma postura de crítica e denúncia do contexto social em que culturalmente durante anos adotou

hábitos excludentes e racistas com as mulheres escritoras.

Através da literatura, as mulheres negras apresentarão a oportunidade de serem conhecidas, com novas histórias e relatos da ficção e realidade e ao mesmo tempo terem um novo olhar para a figura feminina negra. Com essas inovações percebemos todo o potencial feminino e com isso a oportunidade de superar o estigma de uma cultura machista. Dessa maneira, uma relação de igualdade entre os gêneros, propondo novos horizontes e vencendo a exclusão social encarada pelas mulheres negras durante muitos anos principalmente na literatura.

2 Situações de desigualdades presentes na vida das mulheres negras a partir das memórias de Carolina Maria Jesus.

No século XX, a presença das mulheres negras na literatura continuou de forma persistente para conquistar espaço com suas temáticas e relatos diários, já que nos escritos das mulheres negras estão escondidas reflexões e ensinamentos como memórias vivas de pessoas que não se deixaram moldar por um sistema opressor e excludente do seu tempo, sendo elas mesmas idealizadoras de sonhos e lutas em poder escrever seus anseios nas páginas de uma literatura de domínio patriarcal.

Suas escritas se confundem entre a ficção a realidade, estando bem presente em todos os acontecimentos e relatos da própria vida, sobretudo revelando o quanto a mulher negra é submissa e inferiorizada culturalmente e socialmente. Segundo Alves, (2011, p. 13), “Os contos aqui agrupados, revelam o universo da mulher afro-brasileira em suas várias possibilidades vivencial-afetivas”. Assim sendo, é visível em seus escritos a busca pela afirmação da identidade e pertença social da mulher negra, seja no campo social, político, econômico ou do lar exaltando sua liberdade afetiva.

Nos dias atuais com os avanços culturais e sociais que temos, embora poucos se comparados com a submissão da mulher negra durante séculos, ainda prevalece uma cultura de exclusão, repressão, violência e consequente desigualdade, ou seja, uma coisi-

ficção do ser feminino. Assim, as escritoras negras ao retratar a própria realidade e de outras mulheres, usaram como ferramenta o romance, o conto e a poesia para tornar conhecida suas histórias e ao mesmo tempo como um espaço político, ou seja, um lugar para a crítica social e para reivindicar a igualdade de direito também no mundo da literatura, já que até então, era presente o preconceito e a exclusão com as femininas negras consideradas como submissas perante ao patriarcado colonial.

Portanto, as situações de desigualdades presentes na vida das mulheres negras é algo mais do que social, sendo culturalmente protagonizado também na literatura. Fatos esquecidos e silenciados durante muito tempo ganham espaço com as escritoras negras que escrevem nas linhas do tempo e das memórias, suas marcas e conquistas do ser feminino neste espaço privilegiado de saberes que é o mundo literário. De acordo com Evaristo (2007, p. 17), “É necessário comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?”. Assim sendo, a escrita dos acontecimentos cotidianos, lutas e causas em defesa dos direitos das pessoas negras são uma forma de registro da realidade sem esquecer as origens e ao mesmo tempo enaltecendo a identidade feminina como porta voz de uma literatura cheia de sentimentos, resistência, ousadia e determinação em vencer os estigmas culturais existentes.

As memórias literárias da Carolina Maria de Jesus são frutos nascidos das lembranças e de tantas lutas e reflexões, já que em sua vivência as lutas individuais, coletivas e os seus relatos ganharam corpo ao serem registrados. Conforme Jesus (2001, p.81) “Aqui na favela a gente vê coisa de arrepiar os cabelos. A favela é cidade esquisita e o prefeito daqui é o Diabo. E os pingüços que durante o dia estão oculto a noite aparecem para atentar”. Assim, as situações de desigualdades presentes na vida das mulheres negras vêm de muitos séculos de segregação e não seria diferente com a escrita feminina negra que nos dias atuais ainda não ganhou espaço no mercado e no gosto do público.

Ao longo destes séculos inúmeros escritos foram e continuam silenciados, esquecidos e até mesmo classificados como inferiores

para a sociedade machista que desacreditava no potencial feminino. Foi e continua sendo o universo literário o porta-voz da identidade feminina reconstruída na casa e na sociedade, já que em seus escritos é exaltado com ousadia a presença do ser feminino, ao mesmo tempo que propaga a vontade de ver suas companheiras libertas de todo tipo de cultura machista.

Vale salientar que para a mulher negra chegar a ter reconhecimento nos seus escritos, inúmeros obstáculos foram superados ao longo do tempo. Para Evaristo (2007, p. 20), “Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra”. Deste modo, as mulheres necessitavam de muita coragem e consciência para enfrentar uma sociedade patriarcal e extremamente machista, onde a mulher tinha como função apenas a reprodução, ou seja, ser mãe, esposa e cuidar do lar e no caso das mulheres negras o estigma de inferioridade diante das outras mulheres ditas “brancas”. Muitas mulheres protestaram por terem seus escritos criticados e silenciados pela imposição de uma cultura machista e conseguiram ganhar espaço com pseudônimo. Foram ousadas em romper com as “ordens” do que era “consentido” escrever e com uma nova identidade expressaram suas ideias.

3 Análise do corpus: a literatura e a resistência na vida da Carolina Maria de Jesus.

No decorrer deste corpus vamos analisar a memória descritiva nas páginas do diário pessoal da Carolina Maria de Jesus com relatos emblemáticos e situações distintas ocorridas diariamente. Os escritos trazem reflexões sociais e políticas em torno do dia-a-dia na favela e a luta diária pela sobrevivência, além do papel da mulher negra marcada pelo estigma social de mãe solteira neste contexto bem particular. Portanto, as memórias aqui analisadas trazem reflexões sobre os diferentes relatos e acontecimentos, além dos discursos silenciados alguns dias em virtude da fome,

doenças, cansaço e do estresse do cotidiano.

A memória a qual estamos analisando é uma situação social de extrema vulnerabilidade muito presente em outras localidades atualmente, onde as mulheres do “lar” precisam trabalhar fora de casa, sendo necessário acordar de madrugada, cuidar da casa, fazer a comida, pegar ônibus para chegar ao trabalho distante e ainda serem “bela”, atenciosa e simpática no seu espaço laboral. Vale salientar que essas jornadas, acima mencionadas, são de grande parte da população de mulheres no Brasil que sustentam financeiramente seus lares e cuidam dos filhos sozinhas.

Guacira Lopes Louro descreve em seu livro *Gênero, sexualidade e educação* um importante subsídio sobre a diferença e igualdade dos sujeitos na sociedade como veremos abaixo:

Pretende-se, dessa forma colocar o debate no campo social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para a desigualdade precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO 1997, p. 28).

Desta maneira, a realidade de desigualdade social entre classe social alta e as pessoas das periferias são constantemente reproduzidas por meio de discursos opressores e de segregação dos sujeitos e principalmente com a diferença entre homens e mulheres. O principal interesse da sociedade é continuar mostrando a imagem das mulheres submissas e fragilizadas e com isso aumenta o preconceito em torno delas. Ao mesmo tempo, buscar de todas as formas apagar da memória a história de tantas mulheres que com muita luta e determinação venceram o preconceito e o machismo em poder estudar, trabalhar e ter sua liberdade e autonomia financeira mesmo nas grandes periferias.

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* apresenta em suas páginas mais do que um relato, e sim a própria trajetória

de vida de quem com muita ousadia e determinação lutou para ter o reconhecimento de seus escritos e obter êxito com as suas produções. Mesmo com o seu livro publicado ela encontrou muitas dificuldades e não houve por muito tempo lugar social privilegiado, ou seja, com melhores condições de vida para ela e seus filhos, sendo necessário voltar a invisibilidade e ao mesmo tempo a inferioridade como seres subalternas das periferias sociais. Portanto, seus escritos diários serviram de inspiração para que também outras mulheres negras e subalternizadas vencessem o preconceito de descrever suas lutas e dores, além de seus sonhos, alegrias e denúncias da realidade que estavam vivendo.

Algumas mulheres foram mais ousadas e externaram a negação dos direitos, a violência, o medo e a submissão ao sistema patriarcal, bem como financeiramente e moralmente. De acordo com Dreyfus (1995, p. 74), “É evidente, mesmo que as regras do discurso estabeleçam um dado sistema de relações, que isto não evita as questões sobre o modo pelo qual o discurso e suas regras dependem das práticas sociais e econômicas que eles permitem unificar”. Assim sendo, fica mais explícito qual é o objetivo dos discursos sociais perpassados durante séculos. É cada dia mais claro que grande parte da sociedade “dita” as regras e estabelece as relações sociais tendo em vista os interesses políticos e econômicos, ou seja, um verdadeiro antagonismo entre os bairros de classe média alta e as periferias. Para uma a exaltação em virtude do poder econômico e para o outro a segregação por consequência das constantes exclusões.

Portanto, a análise deste *corpus* é de uma mulher negra chamada Carolina Maria de Jesus residente em uma comunidade carente (Favela), localizada no bairro de Canindé em São Paulo/SP e seus escritos, segundo constam nas notas de rodapé, são datados entre as décadas de 1950 e 1960. Assim, ela fez de vida uma constante luta ao escrever recortes diários de suas dores como memórias tristes de dias intermináveis e buscou como sujeita subalterna ser a diferença entre os demais. Segundo Jesus (2001, p. 13), “Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas

dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade”. Desta maneira, a Carolina mostrava um comportamento diferente das demais pessoas daquele lugar e sua atuação como pessoa “iducada” foi uma estratégia de luta ao registrar em seu livro os acontecimentos diários e exigir a implementação das políticas públicas voltadas para os direitos humanos dos moradores da favela.

Ela era conhecida pelas pessoas de sua comunidade como uma pessoa conhecedora das “letras” e isso causava uma certa inveja, de acordo com o que nos relata Jesus (2001, p. 19), “Aqui, todas implicam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo”. Na verdade, o ato de escrever para ela era mais do que um registro, era uma forma de expor suas angústias, raivas e tristezas relatadas nas páginas do seu diário.

Assim, a sua trajetória de vida e memória foram construídas não apenas nas páginas de um diário, mais com muitas outras leituras que ajudavam a sonhar no futuro escrever um livro sobre sua própria vivência e outros relatos das pessoas da favela. Conforme Jesus (2001, p. 10) “Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar (...) e o resto pão”. O fato dela dominar a leitura e escrita ajudou a resolver muitas necessidades diárias na comunidade como enviar bilhetes ao senhor da mercearia para comprar algumas coisas de extrema necessidade como pão, banha, óleo, sabão, querosene e tinta para escrever.

A Carolina foi uma mulher de muitos sonhos, mesmo em meio a todos os problemas enfrentados destacamos o seguinte:

...Eu dormir. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversa com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me.

Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso (JESUS, p.107).

Em seus relatos diários, ela conta que precisava levar consigo sua filha Vera Eunice para buscar papel e outros materiais de sucatas para vender, já que na favela não era um lugar seguro para a menina ficar enquanto os seus outros dois filhos iam para a escola. (Jesus, p.102) “...Fiz café e preparei os filhos para ir à escola. Fui catando papel. Catei estopas para vender”. Embora com todas as dificuldades enfrentadas, a Carolina tinha uma preocupação em enviar os seus dois filhos para a escola e com isso construir um novo rumo para eles. No seu diário não é relatado onde era a escola, muito menos como era a convivência com as outras crianças.

Percebemos assim em todas as páginas do seu diário datadas desde o dia 15 de Julho de 1955 até 01 de Janeiro de 1960, muitas memórias e acontecimentos trágicos como violência, medo, fome e solidão. Muitos outros fatos não foram descritos ou constantemente apagados por outras situações como alguns dias com poucas informações, mais sempre rotina diária os seus registros em vários horários.

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar um ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS 2001, p. 52)

Assim, a vida da Carolina Maria de Jesus além da rotina de trabalho era intercalada por sonhos e imaginações, e sobretudo de um outro mundo para esquecer o seu “chão”. Em virtude das necessidades de seus três filhos não ficou apenas no “lar” e jamais foi “recatada”, mais a fome e outras necessidades faziam que todos os dias logo cedo enfrentando sol ou chuva e muito frio saísse de casa para procurar papel e outros materiais de sucata para vender e troca por comida e outras coisas.

Embora lutando diariamente para sobreviver e vencer a fome diária, nunca se identificou como pertencente a favela e sonhava um dia poder mudar daquele lugar. Para a Carolina, a favela era apenas um quarto de despejo em que a sociedade “joga” o que não serve mais. Jesus (2001, p. 33), faz a seguinte afirmação: “É os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo”.

A Carolina ousou mais do que pode e exerceu o seu protagonismo feminino com muita luta contra a discriminação e preconceito e como sempre foi determinada alcançou metas não apenas individuais, mais coletivamente, quando em sua obra diário de uma favelada contou do seu jeito a trajetória de tantas vidas marcadas pelo estigma social da violência, preconceito e exclusão. De acordo com Jesus (2001 p.48) “...Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos”. Assim, sua militância pela vida estava presente também ações envolvendo os direitos humanos, já que a mesma era considerada uma pessoa respeitável, lutando contra a opressão e violência ao presenciar diariamente as brigas nos barracos próximos do seu.

Dessa maneira, a Carolina era conhecida e de uma certa forma respeitada na favela ao fazer de sua vida uma militância em prol das causas e lutas sociais como a fila para pegar água, entre outros que ela era chamada a resolver alguns conflitos. “Se eu guardasse todo dinheiro que já gastei telefonando para a Radio Patrulha, eu podia comprar um quilo de carne!” (Jesus, p.99). Inúmeros são os relatos, quase diários de brigas como “o caso do Valdemar” que segundo a escritora está acostumado a bater nas outras pessoas e o sumiço do dinheiro do português.

Ela vivenciou e sofreu preconceito por ser mulher negra, mãe solteira e sozinha com os seus filhos como a vez que recebeu um bilhete com a seguinte proposta: “A senhora é casada? Se não quer dormir comigo?” (Jesus, p.106). Outras vezes apareceu pretend-

entes que desejavam se relacionar com a mesma como é descrito abaixo:

O senhor Emanuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero por que já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso eu prefiro viver só para o meu ideal (JESUS 2001, P. 44).

Em sua militância sempre manteve duras críticas aos políticos que visitavam a favela apenas com promessas de campanhas e depois desapareciam e nada faziam para mudar a realidade conforme o relato abaixo:

O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xicaras. Ele nos dirigia frases de viludo. Brincava com as nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. (JESUS 2001, p. 28).

E sua angústia aumentava cada vez mais ao encontrar nos jornais ou ouvir no rádio os noticiários e nada mudar na favela. Por seu grau de conhecimento, ela não era uma pessoa fácil de acreditar nas conversas e promessas dos políticos que usavam esses discursos para instigar os sujeitos e desta forma conseguir votos e com isso a recompensa da melhoria e qualidade de vida pessoal e coletiva. “Vi um jornal com o retrato da deputada Conceição da Costa Neves, rasguei e pus no fogo. Nas épocas eleitorais ela diz que luta por nos”. (Jesus, p.100). Ela também questionava os discursos vazios de práticas sociais relevantes e concretas no sentido da efetivação dos direitos fundamentais como saúde, educação e segurança. Ao mesmo tempo que faltava políticas públicas tinha a atuação da justiça que mandava a polícia para a favela e a forma

como os moradores da comunidade eram tratados pelas autoridades.

Desta maneira, a vida da Carolina Maria de Jesus foi marcada por bandeiras e lutas em defesa da visibilidade dos sujeitos enquanto pessoas de direitos pertencentes à uma favela e que ao longo de muitos anos vem sofrendo a discriminação e o preconceito em virtude de sua condição social, de raça e de sexo. As mulheres negras sempre foram as maiores vítimas dessa exclusão e preconceito social. Atualmente, elas ainda precisam vencer todos os dias o estigma de uma sociedade com poderes econômicos e midiáticos que as inferiorizam. Muitas histórias de Carolinas continuam a se repetir em muitos lugares e com isso aumenta a negação dos direitos básicos como saúde, educação e segurança em todas as esferas governamentais.

Portanto, neste relato usamos como metodologia diversas bibliográfica que nortearam esse processo de escrita e a escolha da temática surgiu da necessidade de resgatar a memória da literatura e mostrar o quanto a sociedade precisa crescer no que se refere as questões do estigma de inferioridade da mulher negra que diariamente é vítima de discursos preconceituosos e racistas. Tentamos pontuar neste relato a diferença de gênero, principalmente por vivermos em uma sociedade extremamente marcada pelo machismo e como isso afetou a vida da Carolina.

Assim, a leitura que propomos é mais que um aprofundamento é um resgate histórico de realidades de extrema miséria, com representações e trajetórias de vidas, memórias construídas, silenciadas e apagadas de acordo com a reprodução social. Neste relato tentamos contrapor a realidade de exclusão da favela com a figura emblemática de uma mulher negra que se sobressaiu através dos seus conhecimentos, vivendo uma realidade antagônica das demais pessoas do seu contexto.

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se um novo olhar para a literatura

feminina negra e não apenas como sendo inferior ou superior, mais em igualdade de direito diante do reconhecimento social de suas produções. Nas leituras que realizamos, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco das histórias e vivências da Carolina Maria de Jesus que com muita ousadia e determinação conseguiu um lugar na sociedade com suas obras literárias escritas e publicadas.

Percebemos no decorrer das leituras que muitas outras mulheres negras estão sendo reconhecidas e valorizadas como pessoas importantes na construção literária. Inúmeras lutas silenciadas estão tendo a oportunidade de ser resgatadas e pós muitas reivindicações essas mulheres vêm conseguindo um lugar no universo literário e seus escritos ganham um maior aprofundamento e compreensão por críticos e por um público sedento de novos conhecimentos.

Diante do exposto, neste relato que acabamos de propor, procuramos descrever a importância da literatura a mudança de vida e de uma forma particular a história da Carolina Maria de Jesus que através dos seus conhecimentos de leitura e escrita, usou esse poder para expressar por meio dos seus registros as situações cotidianas e com isso buscar melhorias pessoais. Percebemos, além das suas dores e angústias, os sonhos de mudanças e como ela usou a memória e construção histórica de exclusão para a libertação e desta forma influenciar os políticos para melhorias na sociedade.

Portanto, neste texto propomos repensar conceitos pertinentes na sociedade sobre o papel da mulher marginalizada em todas as esferas e como a literatura tem contribuído para a construção de uma nova identidade sem perder a memória construída a partir da realidade e pertença do espaço de exclusão com os inúmeros conflitos vivenciados diariamente desde a sua origem até as atividades desenvolvidas fora deste espaço. Deste modo, buscamos apresentar as contribuições de importantes teóricos que discutem sobre a construção da identidade feminina, verificando o contexto social e os diferentes problemas, ao mesmo tempo as mudanças de vida de mulher negra, oprimida e que venceu o estigma social

e conduziu sua trajetória de vida para os caminhos do reconhecimento literário.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Mírian. **Mulher Mat(r)iz**. Ed. Nandyala. 2011.

DREYFUS, Hubert_ RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica** (para além dos estruturalismo e da hermenêutica). Tradução de Vera Porto Carrero. – Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1995.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

JESUS, Carolina de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista/ Guacira Lopes Louro – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PIERRE Achard...[et.al.]; **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. – Campinas, SP: Pontes, 1999.



CAPÍTULO 11

A REPRESENTAÇÃO DA HOSTILIDADE AO ESTRANGEIRO NO CONTO 'A CIDADE', DE MURILO RUBIÃO

Ana Keila Tavares de Souza

1 Introdução

Nos estudos de âmbito cultural, a temática do estrangeiro ocupa um lugar privilegiado, principalmente, sob a ótica do ser transeunte inscrito em sua subjetividade.

Nesse sentido, a literatura como construção cultural agrega no interior do discurso ficcional motivações que problematizam, também esse tema, já que as condições e os comportamentos dos indivíduos em diferentes contextos sociais, ideológicos e culturais são compilados pelo olhar do artista na tessitura da obra literária. Assim sendo, no discurso literário, o tema do estrangeiro, constitui um aspecto relevante para abordar o estatuto do deslocamento e da desterritorização, no contexto contemporâneo e/ou pós-moderno.

Sobre a abordagem do tema da estrangeiridade na literatura brasileira, Silva (2013), no estudo: "O nomadismo e a representação do estrangeiro em *A República dos Sonhos* de Nélida Piñon", faz uma reflexão relevante acerca da perspectiva do estrangeiro. Na investigação, o estudioso destaca o paradoxo como principal

característica dos seres moventes em várias narrativas da escritora.

Assim, as tendências literárias da primeira metade do século XX enfatizam em suas produções elementos dos movimentos emigratórios, e juntamente com estes a cisão das culturas, bem como também, discutem o distanciamento das concepções dominantes, que discutem a busca por uma identidade limitada (baseada apenas no nativo). Segundo Würmli (2014), a recorrência à manifestações de natureza focada no hibridismo e, por conseguinte, no diferente, deu-se a partir da disseminação das novas produções das literaturas latino-americanas, posto que estas versam sobre o fenômeno o *boom-latino*.

Por essa via, a adesão ao fenômeno *O boom-latino* por parte de muitos escritores contemporâneos trouxe para a literatura brasileira aspectos relacionados ao processo de construção e reconhecimento da identidade nacional; elemento tão caro à literatura canônica, ainda que esta desse ênfase à afirmação de uma identidade nacional pautada, quase que exclusivamente no modelo europeu, camuflando aspectos étnicos e culturais da cor local. Em contrapartida, os escritores de narrativas com proximidade ao fenômeno da emigração como componente intrínseco à cisão cultural dos povos, optaram por uma nova forma de identidade focada no interculturalismo.

2 O Estatuto da Estrangeiridade

Para Kristeva (1994, p. 9) o estatuto da estrangeiridade passa pelo viés da subjetividade e do entrelaçamento do *entre-lugar*, dentro e fora dos limites geográficos. Assim, a noção de estrangeiro ultrapassa a percepção puramente cartográfica. Em outros termos, para a estudiosa a ideia de estrangeiridade “[...] começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades”.

Desse modo, o que determina a condição do estrangeiro na concepção da estudiosa, é o modo fragmentário que os sujeitos

contemporâneos experimentam no movimento itinerário que demarca seu entrelaçamento cultural na esfera planetária, o que torna impossível o apagamento do outro. Pois é na diferença que começa o despertar da consciência de que todos são estrangeiros. Assim:

Todo nativo sente-se mais ou menos “estrangeiro” em seu “próprio” lugar e esse valor metafórico do termo “estrangeiro” primeiramente conduz o cidadão a um embaraço referente a sua identidade sexual, nacional, política, profissional. Em seguida, empurra-o para uma identificação, certamente casual, mas não menos intensa – com o outro (KRISTEVA, 1994, p. 27).

A despeito do tema, neste debate, ganha relevo também a concepção de diáspora¹⁴, que aborda as necessidades de sobrevivência dos seres transeuntes. Condição essa engessada pelas formas de trabalhos que muitas vezes obrigam os indivíduos a se locomovem continuamente, passando esses a viverem as contradições desses fluxos. E ainda que esses seres reconheçam traços em comum no Outro, eles não se fixam, não criam raízes, pois a oscilação impossibilita isso. Nesse sentido, a recorrência cíclica faz parte da fragmentação do sujeito, caráter típico das relações na conjuntura contemporânea, que condiciona os indivíduos a experimentarem a constante tensão ocasionada pelo translado do *entre-lugar*.

Nessa perspectiva, as palavras de Kristeva (1994, 190) sintetizam melhor essa ideia: “[...] o estrangeiro não é uma raça nem uma nação. [...] o estranho está em nós: somos nos (sic) próprios estrangeiros – somos divididos”. O estrangeiro que a teórica se refere, são os indivíduos deslocados das suas nacionalidades – es-

14 A concepção de “ ‘Diáspora’ começou por ser um conceito conotado com aqueles que eram literalmente arrancados da sua terra natal e deportados para uma outra, sendo por isso associada à dispersão, como no caso das colónias (sic) imigrantes gregas, ou em relação ao extermínio dos judeus. Historicamente, a diáspora desenvolvida na terra de adoção, denotava uma clivagem entre as antigas e as novas culturas. Hoje, o conceito está associado à emigração, independentemente das causas que lhe estão subjacentes, e o seu significado tem outro lastro, por via do fenómeno (sic) da globalização” (SOUSA, 2014, p. 515).

tes compreendidos, aqui, como aqueles que emigram do seu continente, país, estado, região ou cidade geograficamente delimitada -. E quando essa condição é refutada, o deslocado passar a sofre represálias, passando a conviver com comportamentos nocivos que acabam por fraturar a sua integridade como pessoa dotada de uma consciência individual e simbólica.

3 “A cidade”: tentativa de análise

O indivíduo errante como forma de representação literária é matéria presente na poética de Murilo Rubião. Nesse sentido, as personificações das identidades fluidas do sujeito pós-moderno e/ou contemporâneo que tem dificuldades de aderir a condições fixas, a solidez dos enraizamentos são elementos que podem ser vislumbrados a partir da leitura do conto “A cidade”.

Por conseguinte, ao eleger a personagem emigrante na narrativa “A cidade” como ponto de reflexão, nesse estudo, se quer levantar uma discussão acerca das novas formas de identificação que caracterizam o sujeito no contexto contemporâneo. E na ficção muriliana, esse aspecto é possível. Assim, para melhor situar a narrativa, faz-se necessário contextualizar seu enredo.

Em “A cidade”, a história é contada em terceira pessoa por um narrador onisciente com predominância do discurso indireto. Eventualmente, é entremeado diálogos no discurso direto. O fluxo da trama narra o percurso da personagem Cariba, que destina-se a uma cidade sem nome, entretanto, a sua rota é brusca-mente desviada sem que este entenda a razão de tal fato. Logo no início da narrativa já é apresentado a interrupção do destino da personagem.

No itinerário a personagem sente um sentimento melancólico nas adjacências do lugarejo, parecia que as casas estavam todas vazias, contudo havia jardins floridos. Ao chegar à cidade desconhecida Cariba sente que os nativos o olha com certa desconfiança, automaticamente atribui isso a seus trajes exóticos e tenta desfazer a suspeita com perguntas banais.

A partir desse episódio, Cariba é preso, acusado de ser um sujeito perigoso e passa a ser alvo de um inquérito policial, cuja ação conduz a arguição dos moradores a interrogatórios com a justificativa de que estes revelem algum indício da conduta do intruso/estranho/estrangeiro. Diversos cidadãos depuseram, contudo, somente a “prostituita” Viegas o acusa, os demais não falaram nada que constituísse em prova cabal para que a personagem fosse de fato culpado pela ação impetrada. Nesse momento, a figura de Viegas ganha notoriedade na narrativa e Cariba é mantido na prisão sem nem a menos saber o que motivou tal conduta.

Pelos elementos apresentados na história, é importante pontuar a pertinência em abstrair da narrativa o estatuto limítrofe/fronteiriço que se configura na figura do estranho/estrangeiro recém-chegado à cidade desconhecida. “E nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente [...]” (BHABHA, 1998, p. 24). A ideia de fronteira, como espaço de trânsito ou *entre-lugar*, considerando, nesse sentido, a condição de Cariba, pode ser apreendida como uma corrida ininterrupta pelo desprendimento, pelo não fixação, característica intrínseca da fluidez dos seres moventes, no contexto de produção da narrativa.

Esse movimento se encaixa muito bem na acepção de Bauman (2001) ao abordar a fluidez das relações humanas na panorama da pós-modernidade, cuja consequência disso é o estado ambivalente em que os indivíduos estão imersos, visto que nada mais se enraíza. Assim, a mobilidade desautoriza a criação de laços, da interação cordial que aproxima os seres. Nessas condições, Cariba personifica esse caráter movediço do sujeito pós-moderno.

Por esse viés, ao encarar a travessia do deslocamento fronteiriço, a personagem acena para a subjetividade do seu limite, enquanto ser pertencente a uma outra cultura e, por conseguinte, em terra “alheia” passa a ser visto como uma figura que enseja perigo, sendo interditado do seu direito de transitar. É oportuno frisar que esse caráter “[...]] realça particularidades da identidade do sujeito desterritorializado, enaltecendo e validando o desen-

raizamento e a liberdade como marcas da aventura vivida pelos que deixam um lar para trás” (SILVA, 2012, p. 37).

Na trama é expressamente registrada que Cariba era andarilho, conforme o narrador destaca: “Talvez estranhassem as valises de couro de camelo que carregava ou o seu paletó xadrez, nas calças de veludo azul. Mesmo sendo o seu traje usual nas constantes viagens que fazia [...]” (RUBIÃO, 2010, p. 34).

No conto, o narrador esclarece ainda que o desejo da personagem era de se deslocar a uma cidade maior. E acrescenta que a existência de Cariba era marcada por andanças oriundas das “[...] constantes viagens que fazia [...]” (RUBIÃO, 2010, p. 34). Nestas, não há indícios que leve a crer que Cariba se fixa em algum lugar; o que pode suscitar um comportamento de turista. Comportamento esse refutado pelo próprio Cariba, pois não se via como tal, embora o narrador o apresente como alguém dado à aventuras. A partir de tal constatação, o próprio narrador gera ambiguidade sobre o caráter da personagem, conforme mostra esta fala do delegado: “Como é possível uma pessoa ir a uma cidade desconhecida sem nenhum objetivo? A menos que seja um turista. – Não sou turista e quero saber onde estou” (RUBIÃO, 2010, p. 34). A partir da postura de não se assumir turista, a personagem queira amenizar a má impressão que causou aos nativos. Por outro lado, há pistas no texto de que Cariba perambulava de um local para outro como um errante, sem pelo menos ter noção das adversidades que podiam ser encontradas pela frente e, por acaso chegou aquela cidade, de vinte mil habitantes, conforme diz. Posto isso, leva-se a crer que Cariba era de fato um sujeito que vagueava de um local para outro sem propósito de si estabelecer fixamente. Esse estado de mobilidade caracteriza o que Bauman (1998, p. 114, *itálico do autor*) identifica como: “[o] eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe”.

Quiçá, a estratégia do narrador é apresentar um indivíduo com perfil oscilante, que não se fixa, que não cria laços. O texto também suscita indagações. Cariba estava de fato sóbrio? Será que foi vítima de uma armadilha? Essas questões transitam pela narrativa o tempo todo, ao leitor cabe construir hipóteses.

Com efeito, com essas indagações, se é convocado a depreender que a construção da personagem Cariba é tecida pelo viés da representação metaforizada na narrativa, o que sugere a recorrência a outros campos de investigação, além do literário, para tentar relacionar aspectos evidenciados na ficção muriliana. Nestas condições, é possível manter o diálogo de alguns elementos da narrativa com a abordagem de Kristeva sobre o estrangeiro, da concepção de Bhabha acerca das identidades híbridas e o *entre-lugar* e da visão de Bauman sobre o estatuto de mobilidade dos indivíduos na pós-modernidade.

Assim, a complexidade dos deslocamentos espontâneos ou forçados destaca a vulnerabilidade do indivíduo; o que torna a presença deste em outro espaço uma ameaça imaginária ou simbólica. Nesse sentido, a hostilidade vivenciada por Cariba naquela cidade sinaliza para esta problemática. Além disso, há indícios na narrativa de que Cariba foi de fato atraído propositalmente para tal lugar, conforme se constata, num diálogo de Cariba com o delegado, ao questionar o porquê das casas do vilarejo estarem fechadas. O agente de polícia, então responde com a seguinte fala: “[se] não tomássemos essa precaução você não desceria” (RUBIÃO, 2010, p. 34). Pelo fragmento exposto, compreende-se que havia uma trama que fez Cariba apanhar as malas e seguir morro adentro, atraído pela leveza das edificações do pequeno lugarejo.

Pelo visto, em “A cidade” o destino de Cariba é incerto, desde o momento que toma a estação de trem. Além do mais, não há prenúncio no enredo de que a personagem se destinasse a uma cidade específica; no conto existe somente registro de que o objetivo era um município maior. O que leva a se depreender que ansiava aventuras, posto que o homem era dada à viagens e, consequentemente nestas, buscava peripécias amorosas, haja vista sua primeira inquietação foi perguntar se havia mulheres naquela localidade.

Caminhou um pouco mais e, do topo da montanha, avistou a cidade, tão grande quanto a que buscava. Vinte mil habitantes, soube depois. Desceu vagarosamente. Os homens (e por que não as belas mulheres?) deveriam encontrar-se lá embaixo (RUBIÃO, 2010, p. 33-34).

A propósito, mesmo que Cariba não tivesse a intenção de chegar aquela cidade, foi atraído desde que se aventurou a descer o morro persuadido pela leveza das edificações. Logo, o caminho percorrido constituía-se de um ambiente erigido por construções arquitetônicas e, por conseguinte continha obras atraentes.

A ação de capturar da personagem é um ato de extrema violência, caracterizada por atitude autoritária e hostil, tanto dos policiais quanto dos habitantes locais ao se negarem a aceitar a “alteridade” do outro. Alteridade essa que Cariba, como ser “estranho” tentou dissipar ao perceber que a sua presença havia causando estranheza, a ponto de ser estigmatizado.

Sobre a alteridade como marca das “identidades” dissonantes que caracterizam os indivíduos errantes na conjuntura da contemporaneidade ou pós-modernidade, é oportuno o argumento expresso na presente afirmação: “[a] poética da alteridade privilegia a diferença cultural, a encenação da outridade” (LEITE, 2012, p. 162). Haja vista “[...] a conjuntura contemporânea, marcada pela integração econômica e política em escala planetária, torna impossível ignorar o outro, [...]” (SILVA, 2010, p. 69).

No contexto da narrativa, a prisão de Cariba desautoriza completamente a negociação dessa poética, não por Cariba, nele houve a intenção de proximidade, de comunicação. No entanto, ocorreu tudo ao contrário, sua investida de aproximação foi confundida com uma estratégia que podia resultar em uma ação perigosa contra as normas da cidade.

Em outras palavras, o local que acidentalmente Cariba pôs pode ser interpretado como um labirinto, cuja existência da aplicação das leis são regidas por processos duvidosos. E a personagem foi alvo de um embuste, por ser estranho/estrangeiro naquela terra e desconhecer completamente seus obscuros regimentos. Sob esse entendimento, o simples ato, entendido este como uma defesa, de fazer questionamentos, por mais banais que fossem, iniciou a sua prisão. Certamente, a incidência das interrogações por mais inocentes que parecessem ser podia suscitar, no futuro, em outras indagações, cujo grau de complexidade talvez se elevasse, o que poria em xeque o domínio das forças opressoras

locais.

Os trechos a seguir expõem a versão de um dos depoentes:

– As testemunhas! – gritou o delegado. Introduziram na sala um homem de rosto chupado, os cabelos grisalhos. Fez uma reverência diante da autoridade e encarou o preso com visível repugnância: – Não tenho medo de sua cara. [...] responda logo se conhece este sujeito. – Não. Nunca o vi antes, mas tenho a impressão de que foi ele quem me abordou na rua. Pediu-me informações sobre os nossos costumes e desapareceu. [...] – Venham os outros idiotas (RUBIÃO, 2010, p. 35).

O depoimento assinala aspectos irrelevantes, entretanto, a falta de empatia do “homem do rosto chupado”, metonimiza o comportamento hostil dos moradores, evidenciando, nesse aspecto, a falta de receptividade e a agressão simbólica para com o diferente. Nesse sentido, o “não tenho medo de sua cara” reforça essa compreensão. Nessas condições, a personagem experimenta o dissabor de se encontrar em uma terra “estranha”, impedido de expressar sua subjetividade, visto que, a impossibilidade de aceitação do outro, nesse contexto, constitui uma ameaça. Outrossim, nos espaços íntimos do cotidiano a presença do outro incomoda, uma vez que o estranho/estrangeiro precisa saber equilibrar a linha tênue que existe entre sua cultura e a cultura que toma contato momentaneamente. Dessa maneira, “[não] há heróis, pelo menos não aqueles nos antigos moldes: seus feitos são no sentido de operar os códigos de outra cultura a contento” (CHIARELLI, 2016, p. 42).

A situação agressiva que Cariba vivencia no espaço do outro reafirma a farsa da hospitalidade em aceitar o diferente. E mais ainda, pelo contexto, pode-se inferir que desmistifica um pouco o mito de que o brasileiro é sempre cordial para com o estrangeiro.

Nesse sentido, Cariba vivencia atitudes despóticas, que lhes sucumbem a expressão da sua subjetividade. Assim também como sofre boicote na vã tentativa de incorporar elementos culturais da sua origem. Há ainda muita arbitrariedade com o trato

para com os que não fazem parte do jogo de poder, como é visto neste fragmento “[venham] os outros idiotas”. A expressão “idiotas” assume um tom de sarcasmo e deboche, bem como impõe desrespeito e expressa abuso de poder revestido de prepotência; o que se configura como atos de extremo autoritarismo por parte dos dirigentes.

Como já foi discutido não houve provas materiais para incriminar Cariba. Os depoimentos não passaram de questões banais e inconsistentes, não obstante, o delegado acreditava que Viegas trazia a chave do enigma. É importante sublinhar que Viegas era uma prostituta, logo, pelo força da cultura, as “mulheres libertinas” além de alimentarem as fantasias sexuais masculinas, servem também de confidente/divã para a escuta de segredos sigilosos que os clientes confidenciam. Além do mais, desde o início da narrativa, Cariba alimenta uma espécie de fascinação pelas mulheres que anseia encontrar no povoado. Sua primeira pergunta, ainda na estação do trem, era se havia mulheres, provavelmente, se referia-se as femininas de vida livre. Para ele eram “belas”, porventura, era esse tipo de aventura que buscava na cidade.

Nesse termos, Viegas confirma aquilo que o delegado aduz e, o inquérito, mesmo incompleto, é temporariamente dado por encerrado. E, Cariba é mantido preso sob a alegação de ser a principal suspeita de uma conspiração que arquitetava pôr em prática, segundo afirmação de Viegas. No entanto, Cariba não entende o motivo da acusação, mesmo assim, fica o tempo todo deslumbado com os encantos da depoente. A prisão da personagem, conforme, sentença da autoridade, seria só até o verdadeiro culpado aparecer.

Nesse clima de tensão é possível fazer alusão ao contexto de produção da narrativa, uma vez que os contos murilianos foram produzido num contexto histórico e ideológico tenso, pois o país era governado por regimes autoritários, cujos ideais de justiça existiam. Em outros termos, o país vivia seus dias de chumbo:

[...] período dos militares na administração [...], experimentado durante a fundação da república nos seus primeiros momentos, alcançou o seu apogeu durante as

décadas de 60 e 70 do século XX. Várias foram as atrocidades implementadas e realizadas, desde de prisões aleatórias, cesuras prévias até assassinatos, mas o desejo de liberdade não silenciara (BRITO, 2009, p. 5).

Sob esse aspecto, a contista de Murilo Rubião elucida uma assimilação do contexto de repressão e do cerceamento da liberdade, da época. Por essa via, o fazer literário atua como força transgressora que subverte e forja realidades. Grosso modo, é na “[...] realização fantástica de produção de ironia militante, a literatura rompe o silêncio imposto socio-historicamente (sic) e potencializa as ações discursivas, expandindo os horizontes e o desejo de liberdade (BRITO, 2009, p. 6).

No fragmento abaixo se constata a cilada arquitetada para a personagem.

– O telegrama da Chefia de Polícia não esclarece nada sobre a nacionalidade do delinquente, sua aparência, idade e quais crimes que cometeu. Diz tratar-se de elemento altamente perigoso, identificável pelo mau hábito de fazer perguntas e que estaria hoje nesse lugar (RUBIÃO, 2010, p. 36).

No trecho exposto, é possível testemunhar que o processo sorrateiro e escuso que Cariba foi acusado personifica a farsa da justiça brasileira que julga e condena apenas por suposições e conveniência. Ademais, a narrativa traz à teatralização pela qual passa o sistema judiciário, em que às penalidades só se efetivam para aqueles que estão abaixo da escalada do poder estabelecido.

Cercear alguém com vista apenas nos fatores apontados num telegrama, bem como em depoimentos infundados e inconsistentes, é um acontecimento, no mínimo, insólito, contudo bem sólito nos bastidores dos que executam às “leis”. É relevante sublinhar que o insólito, aqui, refere-se somente aos meio, ao contrário do sólito que se efetua no plano do silenciamento e da condenação propriamente dita. Assim, tanto a nacionalidade como os demais traços de Cariba foram cerceados, sucumbidos, conforme se pode

observar no fragmento a seguir:

Rendido ao encanto da prostituta que, por seu lado, trazia os olhos fixos nos dele, o forasteiro não ouvia o que ela falava. Aos pouco, reencontrou-se com a realidade e começou a prestar atenção ao depoimento: – Quis fugir, porém ele me agarrou pelos pulsos [...]. [...]. Não consegui. Segurou-me com mais força e, obrigando-me a encostar o ouvido nos seus lábios dizia: – “É preciso conspirar”. – Na expectativa de convencê-lo a ir embora, mostrei-lhe o perigo que se exponha enfrentando uma polícia tão rigorosa quanto a nossa. Sem demonstrar temor, respondeu-me: “Não é necessário polícia” (RUBIÃO, 2010, p. 35-36).

A declaração de Viegas é rica em detalhes, detalhes esses duvidosos. Como é possível um sujeito estranho chegar a uma cidade e do nada agarrar uma mulher na rua ou em qualquer lugar, fazer perguntas sem nexos e, ainda declarar que vai conspirar? Que domínio Viegas exercia na cidade para o delegado acreditar tanto em suas afirmações? Que artimanhas Viegas usou para deixou Cariba hipnotizado no depoimento? São questões que insitam o leitor refletir.

Desse modo, a sugestão de crítica do texto à intransigência das autoridades locais é o ponto forte da narrativa. O que está em jogo é quem manda, no caso, os mais fortes, os que possuem as coordenadas do sistema condenatório. Pelos elementos que a narrativa apresenta, a personagem Cariba é inocente em todos os aspectos.

Outrossim, o caráter do forasteiro/intruso inscrito na personagem protagonista é realçado pelo cenário representativo da estranha cidade. Logo se traçam os contornos de uma comunidade dirigida por autoridades arbitrárias, e por moradores indiferentes à recepção do outro. Sob essa compreensão, a oposição nutrida a partir do desejo de Cariba de desfrutar da sua liberdade, acen-tua o antagonismo, principalmente, dos policiais que induzem os habitantes a prestarem depoimentos desfavoráveis a conduta da personagem, resultando no apagamento da sua identidade e,

consequentemente na sua prisão e condenação, como expresso no fragmento a seguir:

– Nada disso faz sentido. Não podem me prender com base no que acabo de ouvir. Cheguei aqui há poucas horas e as testemunhas afirmam que viram, pela primeira vez, na semana passada! [...].– O comunicado do setor de segurança é claro e diz textualmente: “ O homem chegará dia 15, isto é, hoje, e pode ser reconhecido pela sua exagerada curiosidade” (RUBIÃO, 2010, p. 37).

Esse aspecto arbitrário representado na narrativa e figurado na pessoa do delegado é concebido por Silva (2016, p. 59) como a “mimese das sociedades opressivas, principalmente, em doutrinas explicitamente autoritárias”. Nesse sentido, a personagem é posta na condição de anonimato, silenciada, sucumbida da sua identidade. O que nas palavras de Silva (2016, p. 67) resulta na “[...] dimensão do silêncio imposta ao protagonista, que é o mesmo silêncio imposto ao ocupante dos espaços marginais das várias estruturas sociais pelo mundo”. A partir desse ponto de vista, é possível apreender uma velada sugestão de crítica do texto muriliano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão a partir da leitura do conto “A cidade” procurou elucidar aspectos da narrativa que se aproximassem das teorias que fundamentam o estatuto da estrangeiridade, principalmente, quando está se efetiva por meio do apagamento dos princípios de alteridade. Por esse viés, constatou-se que a trajetória de Cariba em “solo alheio” trouxe consequências danosas do ponto de vista da sua integridade.

Diferentemente dos egressos bem acolhidos em territórios estranhos, a personagem protagonista da narrativa muriliana vive o drama de uma acusação infundada ao se encontrar em uma terra distante e desconhecer os paradigmas que a ordena. Dessa ma-

neira, o consequente cerceamento da liberdade expôs a olho nu a fragilidade do sujeito que se depara com a triste condição de estar territorialmente desamparado. Além disso, a impotência trazida pela iminência do simples fato de ser forasteiro realça a vulnerabilidade de quem se encontra sob tal condição. Unido a isso, a marca da desesperança do anti-herói é um traço pertinente na poética do conto, cuja impossibilidade de mudança de condição são elementos atenuantes na construção da personagem.

Nesse sentido, o intercruzamento de fronteiras ocasionado pela itinerância do ser, desterritoriza aquele que vive a ação constante do *entre-lugar*, desconstruindo assim, a noção de identidade que caracteriza o indivíduo como pertencente a uma nacionalidade una. Logo, o sujeito que experimenta essa oscilação acaba por compreender que mesmo diante de uma necessidade extrema que o obrigue a viver em transe, o desejo de retorno às origens é algo que perpassa a sua condição humana; muito embora as condições impostas sinalizem para o contrário. E o consequente esfacelamento do ser, seja de fato uma realidade inevitável.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. "A ironia militante em Murilo Rubião". In: **Revista dEsEnrEdoS**, ano I, n. 2, Teresina-Piauí, set./out. 2009, p. 01-11.

CHIARELLI, Stefania. "DOSSIÊ História e literatura" - Que Brasil existe? Estrangeiros na literatura brasileira. In: **Intelligere, Revista de História Intelectual**. USP - São Paulo, v. 2, n. 2 [3],

2016, p. 41-48.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE, Suely. "A representação do estrangeiro e do estranho em 'Fronteira Natural', de Nélida Piñon". In: **Caderno Seminal Digital**, ano 18, n.17, v.17, jan. 2012, p. 159-167.

RUBIÃO, Murilo. "A cidade". In: RUBIÃO, Rubião. **Murilo Rubião** – obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 33-38.

SILVA, Antonia Marly Moura da. "A metáfora da viagem em 'Barra da vaca': Itinerância, nomadismo e fuga". In: SILVA, A. Moura da; OLIVEIRA, E. de A. E. V; MANGUEIRA, J. V. (Org.). **Do conto em conto: reflexões teóricas e abordagens críticas em torno da narrativa curta**. Campina Grande: Bagagem, 2012, p.37-50.

SILVA, Denise Almeida. Estrangeiros entre Nós Outros, Estrangeiros para Nós Outros: O Lugar do Estrangeiro em Uma margem Distante. In: **Plurais: revista multidisciplinar**. Salvador-BA v.1, n.3, set./dez. 2010, p. 68-81.

SILVA, Edson Moisés de Araújo. **Murilo Rubião e a poética do estranho: As fronteiras do discurso fantástico e o engajamento na escrita do absurdo**. 2016. 74 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal, 2016.

SILVA, Roniê Rodrigues da. "O nomadismo e a representação do estrangeiro em 'A república dos sonhos' de Nélida Piñon". In: **Revista Estação Literária**. Londrina, vol. 10B, jan. 2013, p. 49-62.

SOUSA, Vítor. "Qual o significado de 'Diáspora' em tempo de globalização? A relação controversa entre Império, lusofonia e "portugalidade"". In: **IV congresso internacional em estudos culturais, colonialismo, pós-colonialismo e lusofonias**, abr. Museu de Santa Joana – Aveiro/Portugal, 2014, p. 515-522, 29-30.

WÜRMLI, Robert Thomas Georg. "A presença da figura do estrangeiro em 'Orientação' e 'O Cavalo que Bebia Cerveja'", de João Guimarães Rosa. In: **Revista Crioula-USP**, jan/2014, São

Paulo, 01-16.



CAPÍTULO 12

OS GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DA PRODUÇÃO ESCRITA: UM ESTUDO DAS PROPOSTAS DO LIVRO *TOUCHSTONE 1*

Débora Brenda Teixeira Silva
Adriana Moraes Jales

1 Considerações iniciais

Considerando alguns aspectos defendidos pelas teorias dos gêneros textuais¹⁵ e sua aplicação ao ensino de línguas, discutimos neste estudo a orientação apresentada nas atividades de produção escrita do primeiro livro da coleção *Touchstone*. Para fundamentar nossas reflexões, dialogamos com Antunes (2002, 2003, 2009), Bakhtin (2003), Marcuschi (2008), entre outros teóricos. Além disso, salientamos que esta produção é recorte de um trabalho monográfico produzido em 2019 (SILVA, 2019).

Basilar para todo e qualquer estudo sobre gêneros discursivos, Bakhtin (2003, p. 261) declara que toda ação humana está relacionada ao “uso da linguagem”. Em outras palavras, agimos e interagimos em sociedade unicamente porque dominamos formas de dizer, porque utilizamos os gêneros que moldam os discursos.

Antunes (2009) salienta que para que o ensino de línguas seja efe-

¹⁵ Na presente produção, optamos por fazer uso da terminologia gêneros textuais, posto que a maioria dos autores que fundamentam nosso estudo fazem uso desta. Ressaltamos, porém, que quando mencionamos os postulados de Bakhtin, utilizamos gêneros discursivos, termo originalmente empregado pelo autor.

tivo é necessário que ocorra por meio de textos, com observância à sua função, particularidades estruturais e uso. Com base em Richards (2001), compreendemos que o livro didático é uma importante ferramenta para o ensino/aprendizado de línguas, já que quando o material é adequado a um ensino comunicativo, professores podem ter mais tranquilidade para preparar suas aulas e os alunos têm acesso a um bom material de consulta.

Considerando essa breve exposição, este trabalho tem por finalidade analisar como as propostas de produção escrita são orientadas no livro *Touchstone 1*. Esse livro é adotado pelo Núcleo de Estudo e Ensino de Línguas (NEEL) da Faculdade de Letras e Artes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central. Com intuito de melhor desenvolver este estudo, buscamos especificamente: a) identificar quais gêneros textuais são trabalhados nas atividades de produção escrita no livro *Touchstone 1*; e b) averiguar se as atividades de produção escrita são orientadas de acordo com as teorias dos gêneros textuais, observando quais aspectos são abordados.

Diante disso, a presente produção está organizada da seguinte forma: apresentamos inicialmente nosso embasamento teórico que se encontra subdividido entre a temática referente aos gêneros textuais e ensino e outra a respeito da produção escrita e livro didático. Em seguida, versamos sobre os aspectos metodológicos adotados neste estudo, assim como expomos nossas análises e resultados decorrentes. Por fim, articulamos algumas considerações finais e indicamos as referências utilizadas.

2 Gêneros textuais e ensino

No presente tópico, fazemos algumas ponderações acerca dos gêneros textuais e sua aplicação ao ensino de línguas. Para tanto, abordamos algumas reflexões apresentadas por autores pertinentes às teorias dos gêneros, tais como Antunes (2002, 2009), Bakhtin (2003), Marcuschi (2008), entre outros.

As considerações apresentadas pelo teórico russo Mikhail Bakhtin (2003) são fundamentais aos estudos sobre gêneros discursivos, termo utilizado pelo autor. Destacamos que os aspectos

levantados por Bakhtin não possuem propósitos relacionados ao ensino de línguas, mas, ainda assim, suas concepções se tornaram basilares para o desenvolvimento de conceitos referentes às teorias dos gêneros e ensino (ANTUNES, 2002; MARCUSCHI, 2003, 2008; entre outros).

Segundo Bakhtin (2003), todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da linguagem e, para haver comunicação, é necessário o emprego de enunciados que são manifestados tanto na oralidade como na escrita. À vista disso, o autor complementa que os gêneros do discurso “são tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262), que podem ser orais ou escritos. Assim, entendemos que a comunicação somente se realiza através do emprego dos gêneros.

Os gêneros do discurso possuem três elementos essenciais, são estes: conteúdo temático, estilo e forma composicional. O conteúdo temático diz respeito ao assunto presente no gênero utilizado. O estilo remete tanto às características fraseológicas e linguísticas inerentes ao gênero, como para a individualidade da pessoa que o utiliza. Isso se dá pelo fato de que ao utilizarmos dado gênero, transferimos para ele aspectos que são característicos da nossa forma de falar ou de escrever. A forma composicional, por último, refere-se à construção do gênero, ou seja, a seu formato estrutural (BAKHTIN, 2003).

Nesse sentido, para Marcuschi (2008), os gêneros textuais caracterizam uma temática multidisciplinar, já que compreendem o estudo dos textos, discursos e também os aspectos socioculturais manifestados pela língua. Essa última é, pois, funcional e essa funcionalidade realiza-se a partir do gênero que possui um propósito dentro de uma esfera comunicativa específica. Marcuschi (2008) enfatiza que todos os gêneros textuais apresentam forma e função, assim como manifestam estilos de linguagem e diversos conteúdos temáticos, mas que sua definição se dá pela função e não pela forma.

Os gêneros textuais são plásticos e servem à comunicação. De acordo com Marcuschi (2008), toda ação verbal só é possível devido à existência e uso dos gêneros textuais, daí a razão para serem

tão investigados nos estudos linguísticos. Os gêneros textuais, ao ver do autor, são textos que se materializam em meio comunicativo, uma forma padronizada de dizer com função, propósito e estilo.

Uma noção importante defendida por Marcuschi (2008) é o domínio discursivo. O autor explica que essa noção remete aos escritos de Bakhtin que já postulava as esferas da atividade humana. Para Bakhtin (2003), essas esferas são campos de atuação realizadas em sociedade. Fazendo uso desse pensamento, Marcuschi (2008, p. 155) explana que o domínio “indica instâncias discursivas”, ou seja, aponta uma área prototípica de realização dos gêneros textuais. A exemplo disso, temos o domínio discursivo religioso, acadêmico, jornalístico, entre outros.

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros textuais são construídos sócio-historicamente, vindo a surgir e se adaptar segundo os contextos em que estão inseridos. O autor destaca que as pessoas possuem uma metalinguagem que as permite fazer uso de diversos gêneros de forma natural. A nomeação do gênero, porém, é uma tarefa difícil.

Para facilitar a identificação do gênero, o linguista estabelece alguns critérios que podem ser utilizados, a saber: forma estrutural; propósito comunicativo; conteúdo temático; suporte; função assumida pelos interlocutores e contexto situacional. Apesar da relevância de todos esses pontos, entendemos que o mais notável é o propósito comunicativo e este será o principal critério observado para a identificação do gênero, pois “evidencia a plasticidade e dinamicidade” deste (MARCUSCHI, 2008, p. 166).

No tocante ao ensino de línguas a partir de gêneros textuais, Marcuschi (2008) considera o livro didático como importante instrumento e nele, o autor, já constatou por meio de suas pesquisas a presença de diversos exemplos de gêneros, mas ressalta que há uma repetição destes. Esse ponto leva o linguista a questionar se há gêneros mais adequados à sala de aula ou mais importantes. Essa pergunta não possui uma resposta fechada, pois a relevância de um gênero depende da necessidade comunicativa do falante.

O estudo de línguas com base em gêneros textuais foi inten-

sificado a partir das considerações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (BRASIL, 1997) que afirmam que tanto a língua falada como a escrita estão relacionadas ao desenvolvimento de gêneros textuais. Na atualidade, a BNCC (BRASIL, 2018) corrobora essa ideia e afirma a importância de estarmos inseridos em um ensino/aprendizado que se dê a partir de práticas sociais, ou seja, a partir de gêneros textuais.

À vista disso, Antunes (2002) discorre sobre as contribuições da pragmática que desencadeou a observação da textualidade dentro de uma perspectiva social. A partir da concepção de língua enquanto uso, passa-se a entender as variedades existentes segundo seu discurso e aplicação. Consonante a isso, Antunes (2002, p. 66) ressalta “que o estudo da língua recobriria maior relevância de resultados se elegesse como objeto de estudo o texto, na sua dupla face de produção e recepção”. Diante disso, o próprio texto passa a ser tido como objeto de estudo de línguas, posto que nos comunicamos por meio deles.

Tendo em vista que os textos são amplos, cada um tem sua função no âmbito comunicativo, uma estrutura e se revelam por meio dos gêneros textuais que abrangem o linguístico e o social. Os gêneros apesar de estáveis são também flexíveis, variam com o passar do tempo, modificam e se renovam (ANTUNES, 2009).

Retornando a questão da importância do gênero, Marcuschi (2008) aponta que todos os gêneros são relevantes de ser aprendidos, mas que há aqueles gêneros que são mais lógicos de trabalhar em sala de aula devido serem os mais comuns ao dia a dia do aluno. Considerando que uma das funções da escola é preparar o aluno para a vida em sociedade, é necessário que este tenha instrução suficiente para agir nos domínios discursivos por ele ocupados.

Portanto, a partir de um estudo consciente e lógico da língua, os alunos poderão perceber de forma mais clara que as práticas de letramento são diversas. Segundo Bazerman (2006, p. 29), “o gênero é apenas a realização visível de um complexo de dinâmicas sociais e psicológicas”, e isso implica dizer que os gêneros existem a serviço da comunicação e precisam ser contemplados no ensino regular de línguas.

3 Produção escrita e livro didático

No presente tópico, discutimos a respeito da escrita e sua produção. Para tanto, objetivamos conceituar a prática de escrever e entender os aspectos que são relacionados a esta habilidade linguística. Na oportunidade, também abordamos brevemente a temática acerca dos livros didáticos e sua relação com o ensino.

A escrita está presente nas nossas tarefas mais simples, posto que a todo momento somos levados a produzir ou a ler textos escritos. A exemplo disso, basta pensarmos em um dia comum que estejamos na rua e nos deparemos facilmente com anúncios, cartazes, letreiros diversos, embalagens e etc. Tendo isso em vista, Koch e Elias (2014, p. 31) questionam o que seria escrever e a qualificam enquanto uma tarefa extremamente complexa, já que “a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural)”.

Para as autoras, qualquer concepção de escrita tem relação direta com a visão sobre a linguagem, texto e escritor, e a forma pela qual as pessoas os entendem refletirá diretamente na prática e ensino da escrita (KOCH; ELIAS, 2014). Para as linguistas, é importante perceber três concepções de escrita: escrita com foco na língua; escrita com atenção ao escritor e escrita com foco na interação, e sobre estes nos detemos a seguir.

A concepção de escrita com foco na língua refere-se ao entendimento de que para escrever bem é necessário dominar a língua a nível estrutural, ou seja, dominar o emprego da gramática e possuir amplo vocabulário. O texto, por sua vez, é visualizado enquanto resultado de um processo de codificação da língua executado pelo sujeito escrevente. Isso qualifica a escrita como uma atividade mecânica, baseada em regras gramaticais.

A segunda concepção de escrita levantada por Koch e Elias (2014) é a de uma atividade focalizada no escritor. De acordo com essa percepção, a escrita é vista como representação do pensamento daquele que escreve. O autor realiza-se como ser absoluto, que transfere sua organização mental para um papel ou qualquer outro suporte e, com isso, espera que o leitor compreenda o que

foi dito da mesma forma que por ele foi pensado. Essa concepção não considera, pois, os conhecimentos de mundo do interlocutor e, tampouco, a interação existente no processo de escrever entre autor e leitor.

A terceira concepção de escrita é a interacionista, em que o foco se dá na relação escritor/leitor. Segundo essa concepção, o escritor precisa ativar conhecimentos, fazer uso de diferentes estratégias, empregar a gramática e pensar no seu leitor, o considerando como parte integrante do processo de escrita. Em uma visão interacionista, a reescrita é um exercício recorrente e tanto o autor como o leitor são considerados sujeitos ativos e necessários à construção do texto.

Tendo isso em vista, Koch e Elias (2014, p. 35) apontam que “o sentido da escrita, portanto, é produto dessa interação, não resultado.” Isso consiste em ativar conhecimentos sobre a situação de comunicação, selecionar e trabalhar ideias de modo a favorecer a continuidade da temática, frisar o objetivo da escrita com equilíbrio de informações e, por último, revisar aquilo que foi escrito de acordo com o desenvolvimento do processo, atentando sempre para o interlocutor.

No tocante ao livro didático, entendemos que este vem sendo alvo de muitos questionamentos, principalmente quanto a sua relevância à sala de aula (JALES, 2007). A resposta favorável a essa pergunta não é unânime entre pesquisadores e professores. Para alguns, o material é um importante recurso para o ensino/aprendizado de línguas. Para outros, o mesmo material pode significar a limitação da liberdade do professor de gerir sua aula e os recursos por ele utilizados. Conscientes das divergências, compreendemos que o livro constitui mais aspectos positivos do que negativos em nosso sistema educacional.

Ademais, Richards (2001) insere algumas vantagens e desvantagens quanto à adoção do livro didático, estabelecendo ressalvas para a forma que o material é utilizado pelo professor e ao contexto em que é empregado. Para o autor, algumas das vantagens do livro didático são: a padronização do material utilizado; sistematização das aulas entre turmas diferentes; recursos extras

audiovisuais para professores e alunos; assim como, pode servir de guia para professores inexperientes. As desvantagens abordadas pelo autor, por outro lado, são: a possibilidade de uso de linguagem sem autenticidade; os livros podem não se adequar às necessidades dos alunos; os professores podem acomodar-se e os seguir de forma inflexível; e, por fim são demasiadamente caros.

Para Araújo-Júnior e Araújo (2013), o livro didático ocupa papel importante para o ensino de línguas. Os autores refletem que, por vezes, o material didático representa o próprio programa de ensino e afirmam que se distancia da realidade dos alunos quando não apresenta atividades autênticas. Apesar das críticas, a verdade é que os livros didáticos “constituem um dos instrumentos valiosos de promoção de aprendizagem e ensino de línguas”. (ARAÚJO-JÚNIOR; ARAÚJO, 2013, p. 11).

Diante do exposto, entendemos que a escrita é uma atividade que envolve não somente aspectos linguísticos, mas também sociais. O ensino/aprendizado da escrita precisa atentar para a interação necessária entre o escritor, leitor e língua. Da mesma forma, o material didático precisa trazer atividades que contemplem as exigências de um ensino pautado em gêneros, com vistas à comunicação.

4 Metodologia

Para realizar este estudo, adotamos uma sistemática metodológica descritiva-interpretativa de ordem qualitativa e utilizamos, também, alguns dados quantitativos com vistas a melhor colaborar com a análise e interpretação do material. Nesse sentido, desenvolvemos uma investigação do primeiro livro didático da coleção *Touchstone* (2014, Figura 1) produzida por Michael McCarthy, Jeanne McCarten e Hellen Sandiford. A referida coleção é adotada no Núcleo de Estudo e Ensino de Línguas (NEEL) da Faculdade de Letras e Artes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central.

Figura 1. Livro *Touchstone 1*, 2014.



Fonte: <http://ibei-idiomias.com.br>.

De acordo com o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR)¹⁶, a coleção é dividida em quatro níveis de proficiência, indo do iniciante ao intermediário independente (A1-B1), sendo destinada para adolescentes e adultos. Nesse sentido, o livro analisado é destinado para alunos iniciantes.

Com intuito de melhor sistematizar este trabalho, direcionamo-nos pelos seguintes passos: a) levantamento do *corpus*; b) levantamento das propostas de produção escrita; c) tabulação dos dados e análise das propostas com intuito de verificar se essas atividades estão de acordo com as teorias dos gêneros textuais; d) análise por amostragem das propostas de atividade escrita. À vista disso, escolhemos de forma aleatória uma atividade do livro e tecemos algumas considerações qualitativa/interpretativas sobre esta. Isto posto, nos norteamos pelas seguintes questões de pesquisa:

- Quais gêneros textuais são orientados nas propostas de produção escrita do livro *Touchstone 1*?
- As propostas presentes nas atividades de produção escrita estão de acordo com as teorias dos gêneros textuais? Se sim, o que é orientado? Se não, qual o propósito da proposta de produção escrita?

Para responder a tais perguntas, primeiramente fizemos um

¹⁶ Em inglês: *Common European Framework of Reference for Languages (CEFR)*.

levantamento das propostas de atividade escrita. Quando identificadas, marcamos com o sinal (+) e quando notado sua ausência, utilizamos o sinal (-) (JALES, 2007). Após esse primeiro levantamento, analisamos as atividades com intuito de verificar se estão de acordo com as teorias dos gêneros. Para tanto, procuramos identificar os seguintes critérios: gênero textual, destinatário, propósito comunicativo e forma composicional.

O primeiro critério é a indicação do gênero textual. Para Bazerman (2006, p. 28), “o reconhecimento do gênero tipifica as possíveis ações e intenções sociais”. Tendo isso em vista, sua identificação representa a possibilidade de estar diante de uma atividade comunicativa e que reflete os princípios teórico-discursivos dos autores já discutidos. A não identificação do gênero anula, consequentemente, todos os outros, posto que se não há gênero, não há propósito comunicativo, destinatário ou forma composicional.

O segundo critério de análise é o destinatário. A esse respeito, Antunes (2003, p. 46) declara que “quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo”. Ou seja, é necessário atentar que a atividade de escrever é interativa e, portanto, o outro precisa ser endereçado.

O terceiro critério é o propósito comunicativo, é a razão de desenvolver um determinado gênero. Quando uma atividade sugere que o aluno escreva um *e-mail*, espera-se também que seja dito o porquê de ele precisar escrevê-lo. Para tanto, é importante que uma situação comunicativa seja apresentada.

O quarto e último critério é a forma composicional. Este diz respeito à estrutura do próprio gênero. De acordo com Antunes (2009, p. 58), “todo texto se concretiza numa determinada forma de construção”. Desta forma, as propostas de escrita em livros didáticos precisam trazer instruções suficientes para que o aluno saiba como fazê-las.

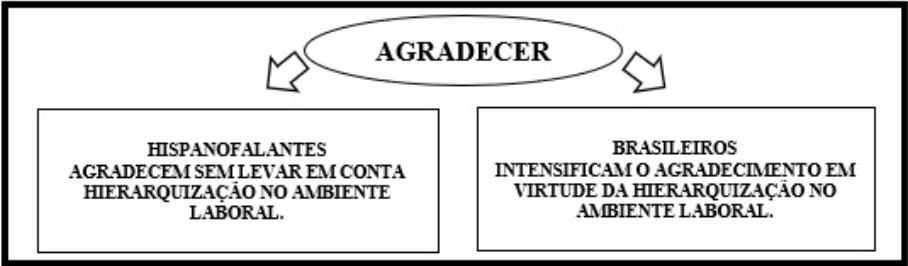
Após a tabulação de todos os dados, podemos verificar se as atividades observam aquilo defendido pelas teorias dos gêneros textuais. Quando não identificados esses pontos, procuramos

identificar qual a razão pretendida, observando os aspectos textuais. Por fim, apresentamos uma atividade proveniente do livro contemplado neste estudo e fazemos uma análise interpretativa do material. Os procedimentos citados nesta seção nortearam a realização de nosso estudo. No próximo tópico, explanamos nossos dados e os interpretamos.

5 Análise e discussão dos dados

O primeiro livro da coleção *Touchstone* traz 12 unidades de conteúdo. As três primeiras não apresentam seção de escrita e, por essa razão, não foram analisadas. À vista disso, iniciamos nossas análises a partir da unidade 4. No quadro que segue, é possível observar os dados coletados nesse primeiro livro da coleção segundo os critérios de identificação do gênero, destinatário, propósito comunicativo e forma composicional.

Quadro nº 1: Classificação das atividades no livro 1



Fonte: elaborado pelas autoras.

Através do quadro, observamos que a maioria das atividades

apresenta propostas de escrita a partir de gêneros textuais. A exceção é a unidade 11 que não solicita a composição de nenhum gênero e sugere que os alunos escrevam seis sentenças para completar uma história que é introduzida. É possível perceber que a intenção primeira da atividade é promover uma forma de os alunos praticarem o emprego da pontuação gráfica. Por não indicar um gênero a ser trabalhado, todos os outros critérios são anulados.

As demais propostas consistem em atividades que solicitam a escrita de gêneros de texto, tais como: perfis de rede social, artigos, *e-mails*, resenhas, guias e entradas de *blogs*. As propostas do livro 1 se adequam ao primeiro critério de análise na maioria das atividades, posto que trazem um estudo da língua a partir de gêneros. A esse respeito, Antunes (2009) diz que nos comunicamos por meio de textos concretos e que, por esse motivo, o ensino de línguas somente é significativo se o objeto de estudo for o gênero.

Com relação ao segundo critério, das nove propostas analisadas, há somente a indicação de destinatário em duas atividades. Para Antunes (2003, p. 45), a escrita consiste em uma atividade “tão interativa, tão dialógica, dinâmica e negociável quanto a fala”. Desse modo, a lacuna apresentada na maioria das atividades com relação a esse critério nos faz compreender que os autores não tratam a escrita nesse primeiro livro da coleção como uma atividade dialógica e interativa.

O terceiro critério analisado é a indicação de propósito comunicativo e foi constatado em apenas uma atividade. Conforme Bazerman (2006), todo gênero tem um propósito definido e, portanto, possui uma função social, que não pode ser omitida das atividades de escrita. Nas propostas do livro, ao identificar o gênero, percebemos que na maioria das atividades não é dito o porquê escrever, não é dada nenhuma situação comunicativa fictícia ou real que justifique a composição dos textos.

À vista disso, é necessário que o livro didático tenha essa informação explícita. Não podemos solicitar a escrita de uma resenha, por exemplo, e não dizer qual a sua finalidade. Como o aluno vai se apropriar desse gênero se não sabe verdadeiramente para que serve? Se entendemos que “cada gênero textual tem

um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação” (MARCUSCHI, 2008, p. 150), a não presença do propósito comunicativo invalida, portanto, a função interativa da linguagem.

O quarto critério analisado foi a indicação da forma composicional, que se refere às partes organizacionais do texto (KOCH; ELIAS, 2014). Nesse primeiro livro, notamos que das nove propostas analisadas, o critério somente foi atendido em quatro atividades. Destacamos que as instruções das atividades, ainda que não tragam um passo a passo completo de construção do gênero, apresentam notas explicativas, pistas textuais e organizacionais que permitem um entendimento de como escrever os gêneros solicitados.

Nas quatro atividades em que consideramos a existência da indicação da forma composicional, primamos pelos exemplos oferecidos, pistas linguísticas e notas de ajuda que apontam expressões recorrentes de uso. Essas informações, ainda que resumidas, permitem que os alunos tenham acesso a modelos que podem servir de base para a construção de seus próprios textos.

Tratamos agora da análise de uma atividade de escrita identificada no livro já mencionado, com o intuito de explicitar nossa análise interpretativa do material coletado. A proposta que segue se encontra na quarta unidade do primeiro livro da coleção (Figura 2). Nela, é solicitada a produção do gênero perfil de rede social, no entanto, não é dito para quem se destina, seu propósito ou como produzi-lo.

¹⁷**Figura nº 2:** Livro 1 - Unidade 4, p. 41

17 Produção escrita e oral: Uma semana comum

A) Complete as sentenças. Depois converse com seu colega sobre sua rotina semanal. Tome notas sobre a rotina de seu colega.

B) Leia a respeito de um estudante em um site escolar. Circle as letras maiúsculas. Encontre uma regra para cada letra circulada na nota de ajuda.

C) Escreva um perfil sobre seu colega. Utilize as notas acima para ajudar você. (Tradução nossa)

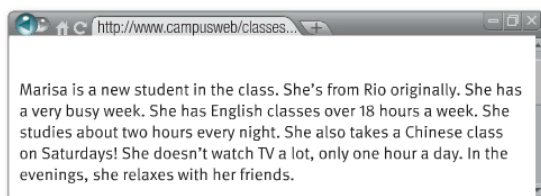
3 Writing and speaking A typical week



- A** Complete the sentences. Then tell a partner about your typical week.
Take notes on your partner's typical week.

A typical week for me	A typical week for my partner
I take classes _____ hours a week.	_____
I work / study _____ hours a week.	_____
I spend _____ hours a week on the Internet.	_____
I watch TV _____ hours a week.	_____
I spend _____ hours a week with my friends.	_____

- B** Read about a student on a class website. Circle the capital letters.
Find a rule for each circled letter in the Help note.



Help note

Capitals and periods
Use CAPITAL letters for

- new sentences.
- people's names.
- names of places.
- names of languages.
- days of the week.

Use a period (.) at the end of your sentences.

- C** Write a profile about your partner. Use your notes from above to help you.
- D Pair work** Read your partner's profile. Ask three questions for more information. **Free talk p. 130**

Fonte: Livro *Touchstone 1*, 2014.

Para Bakhtin (2003, p. 301), o gênero por si suscita um autor e um destinatário, uma vez que “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero”. Nessa atividade, observamos que em nenhum momento é explicitado para quem o aluno irá escrever, mencionando apenas que é sobre a vida do colega, porém não indica a quem se destina, negligenciando a noção de escrita como atividade interativa e dialógica. Nessa proposta, também não é dito o intuito de a fazer, ou seja, falta indicação do propósito comunicativo.

Analisando essa atividade, percebemos que a finalidade presente é a de praticar o uso de palavras que começam com as iniciais em maiúsculo, como nome de lugares, línguas e dias da semana, por exemplo. Algo que evidencia isso é a nota de ajuda que traz todas as informações de quando utilizar a letra maiúscula e o próprio enunciado que solicita que o aluno leia o exemplo de perfil e circule as palavras que encontrar em maiúsculo, para depois

associar às regras gramaticais que justificam sua aplicação. Essa proposta é um exemplo de uso da atividade escrita como pretexto para abordar somente aspectos linguísticos.

Com relação a forma composicional, apesar de os autores inserirem um exemplo, não o consideramos completo o suficiente para suprir o critério, já que não dá para ter uma noção clara das partes que compõem o gênero, ou sobre as informações que a ele são necessárias. Para Antunes (2009), a noção de gênero abrange elementos que vão além do linguístico, e uma atividade de escrita que parte de um gênero textual com um único intuito de praticar o emprego da grafia de algumas palavras limita a língua à sua estrutura. Negam a função social do gênero e, consequentemente, negam oportunidades comunicativas reais ao aluno. A seguir, apresentamos nossas considerações finais.

6 Considerações finais

O presente trabalho teve por objetivo analisar como as propostas de produção escrita são orientadas no livro *Touchstone 1* (2014). Para embasar nosso estudo, apoiamos-nos nas considerações de estudiosos como Antunes (2002, 2003, 2009), Bakhtin (2003), Marcuschi (2008), entre outros. Com o intuito de verificar a adequação das propostas às teorias dos gêneros, selecionamos a indicação de gênero, destinatário, propósito comunicativo e forma composicional como critérios de análise (JALES, 2007).

No que concerne à relevância do primeiro critério, Bakhtin (2003) afirma que todas as atividades realizadas pelas pessoas envolvem o uso da linguagem, ao uso de enunciados com carga semântica e, consequentemente, ao uso dos gêneros do discurso. Diante dos resultados obtidos, constatamos que a maioria das propostas analisadas apresentam gêneros textuais em suas atividades de escrita, tais como perfis de rede social, artigos, *e-mails*, resenhas, guias e entradas de *blogs*. Um resultado bastante favorável, posto que os livros trazem gêneros diversos, possibilitando ao aluno ter contato com diferentes formas de comunicação.

No tocante ao destinatário, percebemos que o número de ocorrências é menor. As atividades de escrita são orientadas a partir de gêneros textuais, porém não é dito a quem se destinam. É importante destacar que uma proposta de produção escrita que não traz o destinatário em potencial é falha. A esse respeito, Antunes (2003, p. 46) declara que “escrever sem saber para quem é, logo de saída, uma tarefa difícil, dolorosa e, por fim, é uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro”.

Os resultados relacionados ao propósito comunicativo, por sua vez, também não são satisfatórios, posto que somente uma atividade atende a esse critério. Nas atividades analisadas, sentimos falta de propostas contextualizadas que dessem ao aluno uma razão para escrever. Através dos dados obtidos, constatamos que muitas atividades possuem uma intenção gramatical, de modo a trabalhar particularidades estruturais e não comunicativas da língua. À vista disso, Antunes (2002) nomeia situações como essas de simplificações da língua a sua gramática, posto que não apontam objetivos maiores para a realização da escrita.

O último critério analisado, forma composicional, foi identificado em poucas atividades, quatro, especificamente. De forma geral, percebemos que as propostas de produção escrita do livro *Touchstone 1* não trazem informações acerca do passo a passo da produção de forma sistematizada. No entanto, em algumas atividades, os exemplos e dicas textuais trazidos pelos autores foram considerados suficientes para o desenvolvimento delas.

Por fim, consideramos que muito falta ser estudado acerca da escrita e discutido a respeito dos seus aspectos dialógicos, textuais, funcionais e comunicativos. No que tange às atividades analisadas, compreendemos que são parcialmente adequadas, já que, ainda que as propostas se deem por meio de gêneros textuais, falta inserir outros aspectos para que o estudo se dê de forma eficiente, contemplando destinatário, propósito comunicativo e forma composicional. Acreditamos que não chegamos a uma resposta definitiva e estimulamos a realização de estudos futuros, centrados em outras seções linguísticas do livro 1 da coleção *Touchstone – Second Edition* (2014).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé Costa. “Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas”. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n.01, p.49-64, jan./jun., 2002.

ANTUNES, Irandé Costa. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, I. C. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ARAÚJO-JÚNIOR, João da Silva; ARAÚJO, Júlio. “Da internet para os livros didáticos: uma análise da didatização de gêneros textuais digitais”. **Hipertextus Revista Digital**, Fortaleza, v. 11, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19524/1/2013_art_jsaraujo.pdf. Acesso em: 12/07/2019.

BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso”. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BAZERMAN, Charles. “A vida do gênero, a vida em sala de aula; Uma relação entre leitura escrita: o modelo conversacional.” In: HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A.P. (Org.). **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 23-43.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

JALES, Adriana Moraes. **Os gêneros textuais e o ensino da produção de texto: análise de propostas em livros didáticos de Língua Inglesa**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCCARTHY, Michael; MCCARTEN, Jeanne; SANDIFORD, Helen. **Touchstone** 1. 2^a ed. New York: Cambridge University Press, 2014.

RICHARDS, Jack C. "The role and design of instructional materials". In: RICHARDS, Jack C. **Curriculum Development in Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 251-285.

SILVA, Débora Brenda Teixeira. **Gêneros textuais e o ensino da produção escrita em língua inglesa: um estudo das propostas da coleção Touchstone**. 2019. Monografia (Graduação em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019.



CAPÍTULO 13

AS ANÁFORAS ENCAPSULADORAS NO GÊNERO REDAÇÃO DO ENEM: DIALOGANDO SOBRE CONTRIBUIÇÕES PARA A COESÃO TEXTUAL

Emanuelle Kelly Alves de Souza
Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá

1 Introdução

A partir das concepções defendidas pela proposta teórica da referenciação, inserida no âmbito da Linguística Textual, que assume o posicionamento de que o acesso ao mundo acontece por meio de operações cognitivas e linguísticas, resultando da interação dos indivíduos entre si e com o mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20), o presente trabalho tem como escopo investigar como se constitui a coesão textual por meio do encapsulamento anafórico nas redações nota 1000 do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Esse olhar sobre os fenômenos que envolvem o texto revela uma visão dinâmica de categorização que considera aspectos sociais e cognitivos na elaboração e produção dos enunciados. Oportunamente, harmonizando-se também com uma concepção de língua enquanto um fenômeno de interação constituída por

diversos fatores que a perpassam como o contexto enunciativo, social, histórico e cultural.

Nessa teia de sentidos, convém salientar que este trabalho foi motivado por reflexões provenientes de nossa dissertação de mestrado e que, naturalmente, representa aqui um recorte da pesquisa desenvolvida. Cabe destacar, ainda, que muito tem sido discutido acerca da temática abordada, o que nos autoriza a esclarecer que, entre as pesquisas existentes sobre a referenciação e os processos referenciais, pautamo-nos em: Cavalcante (2011, 2018) e Koch (2008, 2018a, 2018b) acerca da referenciação, texto e coesão, assim como também em Sá (2007, 2014) entre outras.

Entre o referencial teórico identificado, admitimos a proposta classificatória de Cavalcante (2011, 2018) para os processos referenciais, como norteadora para o nosso tratamento do mecanismo estudado. Nesse sentido, na esteira dos estudos de Apothéloz (2003), no que tange, especificamente, ao processo anafórico no quadro diferenciador das anáforas, a estudiosa as divide da seguinte maneira: anáfora direta, anáfora indireta (propriamente dita) e anáfora encapsuladora, essa última incluída entre as anáforas indiretas.

Diante desse quadro classificatório, é sobre a anáfora encapsuladora que direcionamos nossos esforços. Segundo Cavalcante (2011, p.73), a anáfora encapsuladora caracteriza-se por resumir, “encapsular”, conteúdos proposicionais inteiros, precedentes e/ou consequentes no texto, aspecto com o qual nos identificamos e que foi bastante evidenciado ao observarmos esse mecanismo referencial no decorrer da amostra estudada.

Desse modo, amparados, metodologicamente, pelo que orienta a pesquisa qualitativa, à luz dos pressupostos de Flick (2009), propomo-nos aqui à análise da anáfora encapsuladora no gênero dissertativo-argumentativo, redação do ENEM, como subsídio para uma boa pontuação na competência IV, que trata da construção textual e dos fatores de coesão. Para o desenvolvimento da pesquisa que motivou este recorte, utilizamos uma amostra composta de 45 (quarenta e cinco) redações selecionadas entre as provas do ENEM das edições dos anos de 2013 a 2019.

Na busca por oportunizar ao nosso leitor um panorama do desenho retórico deste trabalho, adiantamos que ele é constituído de cinco seções acrescidas das referências. Na primeira seção, apresentamos, em linhas gerais, nosso trabalho. Na segunda, discutimos sobre a referenciação como proposta teórica que pode apresentar importantes contribuições para os estudos que envolvem o texto e, ainda brevemente, caracterizamos o processo referencial do encapsulamento anafórico.

Dando seguimento à sistematização que nos propomos, na terceira seção, mostramos o gênero dissertativo-argumentativo ou redação do ENEM como universo textual acolhedor do mecanismo textual com o qual trabalhamos e, na quarta seção, tecemos algumas ponderações sobre nossa análise, tentando demonstrar a grande contribuição das anáforas encapsuladoras para a coesão textual no gênero analisado. Por fim, chegamos às considerações finais e às referências bibliográficas utilizadas neste trabalho.

Como resultado do estudo, constatamos que apesar de, assim como a anáfora indireta, a anáfora encapsuladora ter caráter não correferencial, estas se distinguem pelo fato da encapsuladora também resumir o que está sendo tratado no texto. Essa característica mostrou-se extremamente versátil na costura coesiva da produção escrita e também para o encadeamento das ideias e de porções textuais nas redações analisadas. O que, na nossa concepção, revela a relevância do processo referencial da anáfora encapsuladora como uma ferramenta indispensável para a promoção de uma adequada coesão textual, sobretudo para a obtenção de uma nota máxima, na competência IV, no gênero dissertativo-argumentativo produzido para o ENEM.

2 A referenciação e o processo referencial das anáforas encapsuladoras

Os pressupostos da referenciação apresentam importantes contribuições para os estudos sobre o texto. Essa teoria vislumbra a língua como um fenômeno instável e sujeito a alterações a partir

do propósito comunicativo, o contexto no qual o falante/escritor está inserido, os aspectos sociais e culturais dos sujeitos, dentre outros. Assim sendo, referir não está sob o encargo unicamente da representação do mundo, é uma relação mais complexa que engloba diversos fatores, inclusive, o extralinguístico.

Nessa perspectiva, Mondada e Dubois (2003) explicam que o enfoque não é mais em se atentar como o mundo é representado, mas como “as atividades humanas, cognitivas e linguísticas estruturam e dão sentido ao mundo”. Nesse sentido, a linguagem é constituída por um conjunto de elementos e, apesar de ser utilizada para representar o mundo, restringi-la a isso é limitar sua abrangência, uma vez que não há como dissociar a língua dos fatores sociais e discursivos.

Ainda em relação à referenciação, Koch e Elias (2008, p.123) esclarecem o seguinte:

Defende-se, hoje em dia, a posição de que a referenciação, bem como a progressão referencial, consistem na construção e reconstrução de objetos de discurso. Ou seja, os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo, nossos “óculos sociais”, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos. Daí a proposta de substituir a noção de referência pela noção de referenciação.

A explanação das autoras apresenta um importante fator acerca da referenciação, o fato de que os referentes não são rótulos para denominar o mundo, eles podem ser construídos e reconstruídos (é flexível, mutável) ao decorrer do desdobramento do discurso.

Nesse íterim, os pressupostos da referenciação trazem novas discussões ao ato de referir, uma perspectiva discursiva e social em que a língua é compreendida como instável e interativa. As (re)construções linguísticas feitas pelos sujeitos são realizadas

a partir de um querer dizer durante o ato comunicativo.

Ao direcionarmos nosso olhar para o fenômeno da referência, defrontamo-nos com os processos referenciais. Cabe salientar que, entre eles, para esta pesquisa, deteremo-nos apenas ao processo referencial da anáfora encapsuladora, uma vez que ele faz parte de um dos eixos deste artigo.

De acordo com Cavalcante (2011), a anáfora encapsuladora é um tipo de anáfora indireta que não retoma o objeto do discurso, mas possui associação com o que está sendo tratado no contexto. O que faz com que esse tipo de processo referencial anafórico torne-se distinto da anáfora indireta, e receba uma nomenclatura própria, é o fato de resumir o conteúdo, seja ele contextual ou cotextual. Ao tratar acerca da distinção que ambas possuem, Cavalcante (2011, p. 73) esclarece:

A diferença crucial entre estes encapsuladores e os anafóricos indiretos propriamente ditos, nesta perspectiva das menções, é que resumem, “encapsulam”, conteúdos proposicionais inteiros, precedentes e/ou consequentes. Além disso, os encapsuladores não remeteriam a âncoras bem pontuais, bem específicas, do cotexto, mas a informações ali dispersas.

Partindo do exposto, constatamos que apesar de, assim como a anáfora indireta, a anáfora encapsuladora ter caráter não correferencial, estas se distinguem pelo fato da encapsuladora também resumir o que está sendo tratado no texto.

Assim sendo, o encapsulamento anafórico ao mesmo tempo que resume as informações também as retoma, contribuindo para a progressão das informações e para o encadeamento das ideias no decorrer do texto.

Dando seguimento à discussão sobre as principais concepções que norteiam nosso trabalho, passemos, na próxima seção, à discussão sobre o gênero que serviu de lócus para a pesquisa que motivou o nosso recorte.

3 O gênero dissertativo-argumentativo redação do Enem e a coesão textual

O gênero dissertativo-argumentativo ou redação do ENEM, como é comumente conhecido, tem ganhado destaque ultimamente entre os estudantes que almejam ingressar no ensino superior, uma vez que o Exame Nacional do Ensino Médio é o principal meio de acesso às universidades no Brasil. No referido exame, esse gênero é avaliado com base em cinco competências, são elas:

Competência 1: Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Competência 2: Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

Competência 3: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

Competência 4: Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

Competência 5: Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado que respeite os direitos humanos. (BRASIL, 2019b, p.06).

As cinco competências apresentadas são avaliadas de 0 à 200, podendo o corretor atribuir 0, 40, 80, 120, 160 ou 200 cuja soma total das cinco notas resultará na nota final da redação do participante.

No tocante à competência IV, que é o enfoque deste trabalho, Brasil (2019a) esclarece que sua análise verifica se o texto escrito pelo participante apresenta presença de elementos coesivos, tais como coesão intraparágrafo (coesão dentro do parágrafo) e interparágrafo (entre os parágrafos), repetição de termos que deixem o texto cansativo e sem utilizar os elementos coesivos para a redução da repetição, adequação dos elementos coesivos e sua con-

tribuição para o encadeamento do texto, orientação argumentativa e ausência de monobloco.

Desse modo, os critérios sobreditos são primordiais para que o estudante receba uma pontuação máxima na competência IV. Assim sendo, nossa proposta é apresentar a anáfora encapsuladora como contribuinte para que o aluno consiga desenvolver seu texto de maneira coesa.

Ressaltamos, no entanto, que nosso objetivo não é esgotar os estudos acerca dessa temática, nem tampouco apresentar a anáfora encapsuladora como única possibilidade para a conexão textual, reconhecemos que esse mecanismo é um dos recursos existentes para o encadeamento textual. Destarte, a seguir, iremos nos debruçar sobre duas redações com o intuito de exemplificar o uso do encapsulamento anafórico como contribuinte para a coesão do texto.

4 Algumas reflexões sobre a contribuição das anáforas encapsuladoras para a coesão textual no gênero analisado

A anáfora encapsuladora, em seu papel de condensar e retomar porções textuais, contribui para a concatenação das ideias no texto, uma vez que possibilita ao escritor/falante recategorizar o referente de diversas maneiras distintas, sem necessariamente, utilizar a mesma expressão. Além disso, esse recurso auxilia no desenvolvimento argumentativo e na progressão do texto, pois possibilita a conexão das informações novas com as que já foram mencionadas.

Sendo assim, para a produção deste estudo analisamos 45 (quarenta e cinco) redações do ENEM das edições de 2013 a 2019, das quais utilizamos 2 (duas) para ilustrar as principais reflexões provenientes do nosso estudo. A escolha por versões de diversos anos intenciona nos permitir elucidar uma análise mais assertiva levando em consideração redações de vários alunos, com temas e edições diferentes no ENEM.

A coleta dos textos analisados ocorreu por meio do site oficial do INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Anísio Teixeira- o qual pode ser acessado por meio do seguinte endereço eletrônico: <https://enem.inep.gov.br>. Apesar de, no site, o nome dos estudantes que escreveram as redações estarem disponíveis, por questões éticas, optamos por não os identificar neste trabalho. Passemos, então, à análise da primeira redação:

Redação 1

A plena formação acadêmica dos deficientes auditivos, uma parcela das chamadas Pessoas com Deficiência (PCD), é um direito assegurado no recém aprovado Estatuto da Pessoa com Deficiência, de 2015, também conhecido como Lei da Acessibilidade. Além de um direito legalmente garantido, a educação para esse grupo social é sociologicamente analisada como essencial para uma sociedade tolerante e inclusiva. Entretanto, observa-se o desrespeito a essa garantia devido ao preconceito, muitas vezes manifestado pela violência simbólica, e à insuficiência estrutural educacional brasileira.

Nessa conjuntura, é necessário destacar as principais relevâncias de se garantir aos surdos a plena formação acadêmica. Segundo Hannah Arendt, em sua teoria sobre o Espaço Público, os ambientes e as instituições públicas – inclusive as escolas e as faculdades – têm que ser completamente inclusivas a todos do espectro social para exercer sua total funcionalidade e genuinidade. Analogamente, para atuarem como aparato democrático, tais instituições devem ser preparadas e devem garantir o espaço e a educação para os deficientes auditivos, constituindo, assim, uma sociedade diversificada, tolerante e genuína. Além disso, outra importância é o cumprimento dos direitos à educação e ao desenvolvimento intelectual, assegurados no Estatuto da PCD e na Constituição Federal de 1988, que não discrimina o acesso à cidadania a nenhum grupo social, sendo, dessa forma, uma obrigação constitucional.

Contudo, observam-se algumas distorções para essa garantia educacional. Infelizmente, os surdos são alvo de preconceito e são vistos erroneamente como incapazes. Isso é frequentemente

manifestado na forma de violência simbólica, termo do sociólogo Pierre Bordieu, que inclui os comportamentos, não necessariamente agressivos física ou verbalmente, que excluíam moralmente grupos minoritários, como a PCD, exemplificados na colocação desses indivíduos em postos de trabalho menos valorizados e menos remunerados. Adicionalmente, nota-se que outra manifestação dessa violência é a falta de uma infraestrutura escolar de qualidade com professores capacitados e com material adequado para garantir a devida formação educacional. Consequentemente, as vítimas dessa agressão simbólica tenderiam a se isolar, gerando, por exemplo, evasão escolar e redução da procura pela qualificação profissional e acadêmica por esses deficientes.

Dessa forma, é necessário que, para garantir o ensino de qualidade e estruturado, o Ministério da Educação leve profissionais educadores especialistas em Libras para capacitar os professores já atuantes acerca do ensino aos deficientes auditivos e da adaptação às suas necessidades particulares na sala de aula. Isso deve ser feito com palestras instrucionais para os docentes de toda a hierarquia pedagógica. Complementarmente, o Ministério da Saúde deve disponibilizar profissionais, como psicólogos, que dêem o apoio e o estímulo para a continuidade educacional dos deficientes e desconstruam, com atividades lúdicas e interativas com todos os alunos, como simulações da surdez, os preconceitos acerca desse grupo social.

Fonte: Brasil, 2018. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2018/manual_de_redacao_do_enem_2018.pdf. Acesso em: 13 de Dez. 2020.

É consenso entre os trabalhos sobre essa temática que a anáfora encapsuladora permite conectar passagens do texto, desse modo, além de encapsular as informações anteriores, serve como ponte para as informações seguintes. Tal mecanismo contribui para a construção do texto e para a progressão dos argumentos, desempenhando importante papel para a coesão textual.

Na redação exemplificada, é importante destacar o emprego da anáfora encapsuladora “nessa conjuntura”. Ela conecta os parágrafos e contribui para a progressão textual ao dar continuidade aos argumentos elucidados anteriormente. Além disso, a anáfora “nessa conjuntura” estabelece a conexão interparágrafo, conectando um parágrafo ao outro.

Ademais, o processo referencial destacado atende a outra exigência para a obtenção de nota máxima na competência IV do exame que se identifica pela orientação: “cada ideia nova precisa estabelecer relação com as anteriores” (BRASIL, 2019b, p. 21), fato que ocorre através da anáfora “nessa conjuntura”.

Outro aspecto importante e que carece comentário está no terceiro parágrafo do texto, evidenciado pelo uso do pronome “isso” que encapsula as informações anteriores, a saber: “os surdos são alvo de preconceito e são vistos erroneamente como incapazes”, conectando-as com as informações seguintes, representadas no texto pela passagem: “é frequentemente manifestado na forma de violência simbólica, termo do sociólogo Pierre Bordieu”. Esse recurso faz com que o texto avance em termos de informações por intermédio do emprego do mecanismo coesivo observado aqui. Podemos salientar também que ele possibilita a coesão interparágrafo, ou seja, a conexão entre as ideias dentro do parágrafo.

Uma situação semelhante a essa ocorre na conclusão do texto, quando o/a autor/a utiliza novamente o pronome “isso”, dessa vez para conectar a proposta de intervenção apresentada, isto é “o que fazer?” (primeiro agente exigido para a estrutura da proposta interventiva) e também na apresentação do segundo agente solicitado, o “como deve ser feito?”, referindo-se à proposta da intervenção.

Dessa forma, a anáfora encapsuladora “isso”, além de resumir as informações anteriores, também as conecta, garantindo, nesta perspectiva, a progressão textual e a abordagem de um, dos quatro agentes necessários para a obtenção de nota máxima na competência V, competência que avalia a proposta de intervenção do candidato. Assim sendo, nesse último parágrafo do texto, a anáfora encapsuladora não só contribuiu para a coesão do texto,

como também para a abordagem da proposta de intervenção exigida pelo exame.

Diante o exposto, acreditamos que a anáfora encapsuladora adquire importante papel para a construção de um texto que atenda a essa necessidade. Passemos para o exemplo seguinte:

Redação 2

Em sua canção “Pela Internet”, o cantor brasileiro Gilberto Gil louva a quantidade de informações disponibilizadas pelas plataformas digitais para seus usuários. No entanto, com o avanço de algoritmos e mecanismos de controle de dados desenvolvidos por empresas de aplicativos e redes sociais, essa abundância vem sendo restringida e as notícias, e produtos culturais vêm sendo cada vez mais direcionados – uma conjuntura atual apta a moldar os hábitos e a informatividade dos usuários. Desse modo, tal manipulação do comportamento de usuários pela seleção prévia de dados é inconcebível e merece um olhar mais crítico de enfrentamento.

Em primeiro lugar, é válido reconhecer como esse panorama supracitado é capaz de limitar a própria cidadania do indivíduo. Acerca disso, é pertinente trazer o discurso do filósofo Jürgen Habermas, no qual ele conceitua a ação comunicativa: esta consiste na capacidade de uma pessoa em defender seus interesses e demonstrar o que acha melhor para a comunidade, demandando ampla informatividade prévia. Assim, sabendo que a cidadania consiste na luta pelo bem-estar social, caso os sujeitos não possuam um pleno conhecimento da realidade na qual estão inseridos e de como seu próximo pode desfrutar do bem comum – já que suas fontes de informação estão direcionadas –, eles serão incapazes de assumir plena defesa pelo coletivo. Logo, a manipulação do comportamento não pode ser aceita em nome do combate, também, ao individualismo e do zelo pelo bem grupal.

Em segundo lugar, vale salientar como o controle de dados pela internet vai de encontro à concepção do indivíduo pós-moderno. Isso porque, de acordo com o filósofo pós-estruturalista

Stuart-Hall, o sujeito inserido na pós-modernidade é dotado de múltiplas identidades. Sendo assim, as preferências e ideias das pessoas estão em constante interação, o que pode ser limitado pela prévia seleção de informações, comerciais, produtos, entre outros. Por fim, seria negligente não notar como a tentativa de tais algoritmos de criar universos culturais adequados a um gosto de seu usuário criam uma falsa sensação de livre-arbítrio e tolhe os múltiplos interesses e identidades que um sujeito poderia assumir.

Portanto, são necessárias medidas capazes de mitigar essa problemática. Para tanto, as instituições escolares são responsáveis pela educação digital e emancipação de seus alunos, com o intuito de deixá-los cientes dos mecanismos utilizados pelas novas tecnologias de comunicação e informação e torná-los mais críticos. Isso pode ser feito pela abordagem da temática, desde o ensino fundamental – uma vez que as gerações estão, cada vez mais cedo, imersas na realidade das novas tecnologias –, de maneira lúdica e adaptada à faixa etária, contando com a capacitação prévia dos professores acerca dos novos meios comunicativos. Por meio, também, de palestras com profissionais das áreas da informática que expliquem como os alunos poderão ampliar seu meio de informações e demonstrem como lidar com tais seletividades, haverá um caminho traçado para uma sociedade emancipada.

Fonte: Brasil, 2019b. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem2019_cartilha_participante.pdf. Acesso em 21 de Mar. de 2020.

Ao construir a tessitura textual da redação apresentada, o/a autor/a inicia fazendo referência a uma música de Gilberto Gil, intitulada “Pela Internet”, canção que elenca alguns fatos que ocorrem nesse meio de conexão. Partindo dessa menção, o/a candidato/a constrói a relação da canção com o tema da redação proposto pelo INEP. Dessa forma, subsidiadas no que discutimos no tocante às competências que ancoram a correção das redações

do exame, percebemos que o/a candidato/a começa a redigir seu texto já fazendo o uso do repertório sociocultural, o qual é enfatizado na competência II.

Mais adiante, na linha seguinte, refere-se à “quantidade de informações disponibilizadas”, em “o cantor brasileiro Gilberto Gil louva a quantidade de informações disponibilizadas pelas plataformas digitais” e retoma, posteriormente, na quinta linha, através do termo “essa abundância”, para elucidar que apesar da internet proporcionar uma diversidade de informações, é restringida por meio do controle de dados.

A estratégia de retomada utilizada pelo/a candidato/a caracteriza-se como uma anáfora encapsuladora, uma vez que condensa as informações as quais referenciou. Esse mecanismo encapsulador pode desempenhar duas funções, nesse texto em questão, uma vez que sintetiza as informações anteriores e também evita repetição desnecessária do referente, um dos pontos avaliados na competência IV que é o de evitar repetição.

Aspecto similar encontramos na anáfora encapsuladora seguinte, representada pela expressão: “tal manipulação”, na passagem: “desse modo, tal manipulação do comportamento de usuários pela seleção prévia de dados é inconcebível e merece um olhar mais crítico de enfrentamento”. Nessa recorrência referencial, o/a autor/a utiliza a anáfora encapsuladora para sintetizar as informações expostas anteriormente e culminar o parágrafo da introdução.

Já no início do segundo parágrafo a expressão “esse panorama” é utilizada para encapsular as informações mencionadas no trecho anterior, caracterizando-se, também, como uma anáfora encapsuladora. Desse modo, o/a participante retoma o parágrafo anterior para dar continuidade a sua argumentação, resumindo todas as explanações anteriores, bem como demonstrando, satisfatoriamente, o emprego da coesão interparágrafo, demonstrando ter conhecimento dos recursos coesivos.

Ainda nessa redação, é importante destacar as anáforas presentes na conclusão, pois reconhecemos sua importância para atingir a estrutura retórica esperada pelos corretores do ENEM,

uma vez que o/a estudante precisa apresentar uma proposta de intervenção para os fatos expostos ao decorrer do texto. Em atendimento a esse critério, o/a estudante recorre a anáfora encapsuladora “essa problemática”, a qual encapsula as discussões apresentadas anteriormente no decorrer de todo o texto e aponta para os argumentos posteriores, isto é, para a proposta de intervenção.

Outra anáfora encapsuladora presente nesse parágrafo refere-se ao termo “isso” o qual exerce papel de ponte entre a proposta de intervenção sugerida: “[...] deixá-los cientes dos mecanismos utilizados pelas novas tecnologias de comunicação e informação e torná-los mais críticos” de seus delineamentos. Vejamos na passagem:

pode ser feito pela abordagem da temática, desde o ensino fundamental [...] de maneira lúdica e adaptada à faixa etária, contando com a capacitação prévia dos professores acerca dos novos meios comunicativos. (BRASIL, 2019, p. 31)

O uso da expressão “isso” além de integrar e mudar os tópicos, contribui para deixar mais explícito no texto que o/a discente abordou um dos cinco elementos necessários para a obtenção de nota máxima na competência V, isto é, o modo/meio da elaboração da proposta.

As análises aqui apresentadas mostraram-nos a relevância das anáforas encapsuladoras para a produção do gênero dissertativo-argumentativo e a contribuição desse fenômeno para a coesão textual e a competência IV. Ademais, outras competências, tais como a III e a V também foram contempladas com o uso do encapsulamento. Passemos às considerações finais que arrematam nossas reflexões sobre o estudo ao qual nos propomos.

5 Considerações finais

Neste trabalho apresentamos a anáfora encapsuladora como uma contribuinte para a coesão textual, bem como um recurso para atender alguns critérios específicos da competência IV da re-

dação do ENEM.

Assim, esse recurso pertencente aos estudos referenciais possibilitará aos candidatos que realizarem a prova o recurso de re-categorizar e encapsular as informações ao decorrer do seu texto, como também a coesão, progressão textual e desenvolvimento dos argumentos na construção textual.

Desse modo, consideramos o processo referencial anafórico como uma ferramenta indispensável para a coesão textual, sobretudo para a obtenção de uma nota máxima na competência IV do gênero dissertativo-argumentativo analisado.

Nessa perspectiva, uma pesquisa nesse viés torna-se relevante por contribuir para a produção textual dos candidatos ao Exame que almejam obter êxito em seus escritos. Além do mais, também pode ter relevância para quem não irá prestar o ENEM, mas pretende aprimorar sua produção escrita, pois a referenciação é um fenômeno imprescindível para a elaboração de qualquer gênero.

Diante da recomendação dos documentos que regem o ensino de língua materna em apontar os diferentes gêneros como base para o ensino e os textos como unidade de ensino, pesquisas nessa área são necessárias e urgentes, considerando as demandas provenientes do desafio do trabalho docente voltado para o aprimoramento das habilidades de produção escrita dos discentes.

Não podemos deixar de reconhecer que o investimento em pesquisas que abordam o emprego dos processos referenciais, na produção escrita dos discentes, auxiliam na formação do escritor proficiente e ativo frente aos desafios da produção escrita.

É necessário lembrar também que pesquisas nessa área reforçam e estimulam a ponte e a interação entre as pesquisas desenvolvidas na academia e a prática docente do profissional em exercício, atendendo a um dos maiores desafios das pesquisas nas universidades.

Destacamos, ainda, que a pretensão deste trabalho não é esgotar os estudos nesta temática, mas contribuir com os já existentes, sobretudo para os estudantes do gênero dissertativo-argumentativo.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B; CIULLA E SILVA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 53-84.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A redação no Enem 2018**: cartilha do participante. Brasília, 2018. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2018/manual_de_redacao_do_enem_2018.pdf. Acesso em: 13 de Dez. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **ENEM Redações 2019**: material de leitura, módulo 06, competência IV, 2019a. Disponível em <http://inep.gov.br/web/guest/enem-outros-documentos>. Acesso em 22 de Set. de 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A redação no Enem 2019**: cartilha do participante. Brasília, 2019b. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem2019_cartilha_participante.pdf. Acesso em 21 de Mar. de 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2018a.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2018b.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos

referenciais. In: CAVALCANTE, M. M; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

SÁ, Jammara Oliveira Vasconcelos. **As funções cognitivo-discursivas das anáforas encapsuladoras**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SÁ, Jammara Oliveira Vasconcelos. **Argumentação e processo referencial anafórico no anúncio publicitário de cosméticos**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.



CAPÍTULO 14

CLARA DOS ANJOS: PERSPECTIVAS FEMINISTAS SOBRE A PERSONAGEM CLARA NA OBRA DE LIMA BARRETO

Ana Karulyne Lopes de Oliveira

I Introdução

O romance *Clara dos Anjos* (1922), do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), fora uma de suas obras de destaque, juntamente com *Numa e a Ninfa*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Recordações do Escrивão Isaías Caminha* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Finalizada no ano de 1922, como romance-folhetim, a narrativa teve sua 1ª edição em forma de livro no ano de 1948, quando Lima Barreto já havia falecido. Até chegar na versão de livro escrito, o autor reescreveu e adaptou a produção que, inicialmente, se tratava de um conto. Em 1920, ainda escrito em forma de conto, o texto foi publicado na coletânea que o próprio Lima Barreto organizava intitulada “Histórias e Sonhos”.

Sendo o romance publicado em 1922, a narrativa rendeu uma série de críticas que envolviam não apenas as questões de cor e de raça representados na obra, mas também levantavam questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade, assim como a abordagem dessa escrita literária, pois eram temas pouco abordados até então. Os críticos da época, à luz de suas leituras, ideologias e pensamentos, em um contexto brasileiro racista e patriarcalista,

ainda que camuflados em seus posicionamentos, traziam à tona suas indagações sobre a obra de Lima Barreto que mais provocou críticas enérgicas sobre o preconceito racial e de gênero na sociedade brasileira. Sobre esse ponto, Resende (2012) ilustra que:

Considerado mal escrito, sem capricho, de acabamento precário, e sobretudo trazendo ao mundo literário pobres, pardos, loucos e mulheres seduzidas, não poderia pertencer ao cânone acadêmico nos últimos momentos da literatura como “sorriso da sociedade”. (RESENDE, 2012, p.07)

Assim, percebe-se que a escrita de Lima Barreto, utilizada na narrativa Clara dos Anjos, rendeu uma série de preconceitos por parte da crítica literária da época, especialmente por abordar em sua escrita uma trama envolvendo a participação de mulheres, pobres e negros, temas estes que, não eram amplamente discutidos na literatura até o momento.

Somente algum tempo após, com o Modernismo abordando o temário da urbe e suas nuances conflituosas, a narrativa ganhou certo espaço, assim, a obra fora encarada através de novas perspectivas, um pouco mais amplas e menos preconceituosas conforme afirma Resende (2012):

Por outro lado, sem ter a radicalidade do movimento modernista, excessivamente político e desprezando a sofisticação da intelectualidade de posições sociais prestigiosas, o romance publicado em 1922 sofreria uma orfandade que só bem mais tarde, com o surgimento de outras obras que tratariam da vida urbana e incluiriam no cenário literário o excludentes, os diferentes e os marginalizados, seria corrigida. (RESENDE, 2012, p.07)

O romance passa, então, a ser apreendido pelo viés de uma nova crítica, com um novo olhar, onde os temas, anteriormente encarados como completamente fora dos padrões, passaram a ser vistos de forma menos marginalizada. Isso não quer dizer, porém, que o temário da mulher, negra e pobre, tenha sido abordado livre

de preconceitos, afinal, ainda hoje, o feminismo enfrenta obstáculos ao promover debates dessa natureza, mas em outras palavras, significa dizer que a partir daquele momento, fora possível analisar a narrativa sob uma perspectiva com menos percalços.

Ainda que se tratando de uma obra escrita em 1922, retratando a sociedade preconceituosa e patriarcal do século XX, demonstrando também as transformações que se apresentavam em um país que buscava a modernidade, as cores e sons característicos das capitais modernas, Clara dos Anjos mostra-se como uma obra pertinente e atual por incitar reflexões e contribuir com a crítica literária, feminista e social. O país, que na época almejava essa modernidade predominantemente desejável, ainda apresentava características de uma nação imperialista e colonial, uma vez que o racismo, sexismo e etnicismo observáveis na obra, adentram as relações de dominação, conforme corrobora Vergès (2020) ao explicitar o que é colonialismo e o que estudam os movimentos feministas decoloniais:

[...] e o colonialismo é um processo/ movimento, um movimento social total cuja perpetuação se explica pela persistência das formações sociais resultantes dessas sequências. Os feminismos decoloniais estudam o modo como o complexo racismo/ sexismo/ etnicismo impregna todas as relações de dominação, ainda que os regimes associados a esse fenômeno tenham desaparecido. (VERGÈS, 2020, p. 41)

A obra de Lima Barreto faz denúncias ao preconceito para com a mulher, vigente na sociedade brasileira do século XX, ao racismo estrutural, assim como expõe a dramaticidade de pessoas de classe econômica baixa, marginalizados e esquecidos pelo Estado, com a ausência de políticas públicas que os incluam, consequentemente, tal romance incita uma crítica atual e fervorosa sobre uma sociedade excludente.

Clara dos Anjos precisa ser lida e analisada por seu caráter reflexivo, sobretudo, em uma perspectiva feminista e libertadora. A narrativa e seu contexto de escrita revelam um país que se mostra

va essencialmente repressor para com a mulher e suas práticas. Os discursos que, atualmente, engendram educação, política, finanças e o papel da mulher na sociedade, podem ser melhor compreendidos a partir de uma análise de como se deu a construção desses enunciados em torno do feminino ao longo dos anos.

Se faz necessário, sobretudo, ir além de uma perspectiva única sobre a dramaticidade de uma sociedade excludente, encarar a obra de Lima Barreto como um espaço de amplas significações, especialmente no tocante às questões de gênero pouco abordadas há um século atrás, mas tão necessárias e atuais até hoje, assim como promover uma reflexão sobre o feminismo e suas concepções.

2 Feminismo para quê? Considerações introdutórias sobre o feminismo e suas implicações para a atualidade

O conceito que envolve o feminismo tem seu surgimento no passado, mas relaciona-se com o presente e com o futuro, ao passo que, uma definição precisa e única poderia se tornar terreno fértil para convergências. Ainda assim, é inegável que seu surgimento, ver-se sobre movimentos de libertação de gênero que se opõem à formas de opressão existentes, quebrando paradigmas e silêncios, buscando a autonomia e a superação das desigualdades sociais.

Desde a Grécia Antiga, a mulher era silenciada perante a sociedade, exercendo somente trabalhos manuais similares aos que eram feitos pelos escravos. Essa forma estruturada de sociedade baseava-se em um pensamento binário que tinha, de um lado, o homem enquanto centro, o ser livre pensante e atuante, e em contraste, a mulher, vista e apreendida como o Outro, um objeto. Nessa perspectiva, a função dela seria basicamente a de procriar, cuidar dos filhos e, claro, servir ao homem, conforme ilustra Alves e Pitanguy (2017, p.11) “Na Grécia a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão-somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre”.

Nesse contexto, todas as atividades que objetivavam ser úteis

à vida do homem eram executadas pelas mulheres ou pelos escravos, como fora mencionado anteriormente, e por contraste, tudo que era visto como atividade “nobre” era executado pelo grupo masculino, incluindo artes, economia e política, por exemplo.

Não somente nas atividades consideradas mais nobres, mas o homem, na sociedade romana, tinha direito total sobre escravos, sobre seus filhos e mulheres, demonstrando, portanto, que as relações de poder, domínio e objetificação, já se estabeleciam desde aquela época como formas de coerção e opressão de um grupo sobre o outro. Sobre isso, Collins afirma que:

A objetificação é fundamental para esse processo de diferenças formadas por oposição. No pensamento binário, um elemento é objetificado como o Outro e visto como um objeto a ser manipulado e controlado. (COLLINS, 2019, p.137)

Atualmente, as definições acerca do feminismo surgem, por entre alguns autores, sendo defendidas e explicitadas como um viés teórico que abrange desde um feminismo mais matriarcal ao mais radical. Nesse contexto, vinculado às contribuições mais recentes dos últimos anos, o pensamento feminista surge, com o caráter político que ocupa, na busca consciente e coletiva da mudança sobre os posicionamentos inferiores que a mulher ocupa na sociedade, desta forma, sua abrangência vai desde repensar concepções socioeconômicas até fatores culturais e legais.

O feminino tem se tornado objeto de estudo de ciências que vão desde as Ciências Sociais até a Psicanálise. Por consequência, a mulher tem sido tema dos mais diversos debates, surgindo como tema abordado em congressos, simpósios, na política, no cotidiano. É preciso ressaltar, porém, que sendo tal discussão algo crescente, ainda há muito o que se progredir para uma participação feminina mais efetiva nos diversos âmbitos da sociedade, e que, quando se trata de uma mulher racializada, isto é negra e pobre, os abismos que se formam entre a realidade apresentada e o que seria uma sociedade emancipatória e menos opressora, estão cada vez maiores.

É importante salientar, também, que o movimento feminista, responsável por diversas conquistas, atravessou décadas buscando direitos e ainda precisa ser promovido em seu caráter libertador, uma vez que, atualmente, mesmo diante do que fora conquistado de forma legítima (como o acesso ao ensino superior, participação política, direito ao voto, etc.) o termo “feminista” ganha cada vez mais um tom pejorativo que necessita ser revisto.

Uma série de fatores podem sugerir esse desgaste no termo, dentre eles a apropriação de uma ideologia que se preocupa majoritariamente com questões de igualdade de gênero, mas que colocam a destruição do racismo, capitalismo e imperialismo em segundo plano, sendo estes últimos responsáveis por grande parte da opressão racista e sexista à milhares de mulheres.

De fato, há de se enfatizar a necessidade de repensar o feminismo em suas estruturas para que o mesmo seja sempre abrangente e transforme a sociedade. A busca pelos direitos deve corresponder à luta por condições melhores para todas as mulheres, incluindo as racializadas, que muito sofrem em uma sociedade capitalista e colonialista. Françoise Vergès, em sua obra “Um Feminismo Decolonial”, explicita que “os movimentos” que alicerçam o feminismo decolonial “declaram guerra ao racismo e ao sexismo, ao capitalismo e ao imperialismo”, e acrescenta, em seguida, que:

Seus militantes denunciam o estupro e o feminicídio e atrelam esse combate às lutas contra políticas de desapropriação, contra a colonização, o extrativismo e a destruição sistemática da vida. Não se trata nem de uma “nova onda”, nem de uma “nova geração”, para usar as fórmulas favoritas que mascaram as vias múltiplas dos movimentos das mulheres, mas de uma nova etapa do processo de decolonização, que, sabemos, é um longo processo histórico. (VERGÈS, 2020, p. 36)

Logo, é inegável que as pautas são alarmantes e quão extremas são as necessidades de repensá-las para entrecruzar as

questões de gênero e raça. O feminismo necessita se mostrar cada vez mais em seu caráter multidimensional, antipatriarcalista, anti-capitalista e antirracista, reivindicando uma transformação revolucionária na sociedade e assegurando o direito básico de existência das mulheres. Portanto, almejando não perpetuar, nem tampouco melhorar o sistema vigente, mas sim, combater todas as formas de opressão, o feminismo se apresenta como um meio, uma voz, que emancipa mulheres de todas as cores, uma vez que, enxerga o caminho longo a ser percorrido e não se cala, compreendendo que ao promover a tão sonhada e necessária justiça para as mulheres, promove-se, também, uma realidade mais justiça para todos.

3 A construção da personagem clara na obra de Lima Barreto

Autor da obra *Clara dos Anjos*, o escritor Afonso Henrique de Lima Barreto (1881 – 1922), é aclamado por muitos críticos como um dos maiores escritores da literatura brasileira. Suas obras, consideradas cânones literários, ganharam destaque e são lidas até o presente momento, demonstrando sua grande contribuição para a literatura nacional. Durante maior parte de sua vida, Lima Barreto custeava as edições de suas próprias produções, assim, escrevera contos, romances e crônicas, estas últimas de forte teor político, o que lhe rendia poucos convites de pequenas editoras para publicação.

No entanto, o título e o adequado reconhecimento, destinados a tal autor, só se fizeram destaque à posteriori de sua morte:

Afonso Henriques de Lima Barreto só será mesmo incorporado à chamada história da literatura brasileira, ao elenco de escritores brasileiros dignos de serem estudados, ao cânone da Literatura Brasileira, com a publicação das *Obras Completas*, organizadas por Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença, em 1956, pela editora Brasiliense. (RESENDE, 2015)

Assim, o reconhecimento acerca das contribuições literárias do escritor, ao longo de sua vida, foi algo polêmico e de curta duração. Sobre tais considerações, é importante destacar que sendo o autor um grande adepto de uma escrita com característica mais livre, mais coloquial e moderna, provável influência de uma veia jornalística que possuía, uma série de críticas surgiram e o fizeram ser alvo de preconceitos. Além disso, sendo usuário de álcool e enfrentando uma série de problemas psicológicos, se internara em um hospício onde fizera tratamento por algum tempo, o que também gerou especulações.

A escrita de Lima Barreto, desde o início, é marcada pelas situações que vivenciou enquanto homem racializado e alcoólatra. Em seus textos, observa-se as influências dessas características, que o afetam de forma negativa, pelas discriminações que enfrentava em uma sociedade racista:

Eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto, e ele far-me-á grande. [...] É triste não ser branco. (BARRETO, 1956, p. 52)

Tais considerações sobre do autor são essenciais para se promover uma análise acerca da obra *Clara dos Anjos*, uma vez que a obra aponta um contexto situacional que o próprio autor vivenciara em sua vida. Demonstrando as influências de suas experiências, o texto denuncia o racismo enfrentado pelos personagens de cor, a opressão existente para com a mulher negra e pobre, e os detalhes de uma sociedade excludente.

Escrita em onze capítulos, com ambientação minuciosamente delineada, a obra apresenta uma escrita livre que transporta o leitor ao espaço da trama: o Rio de Janeiro durante o período de escravidão. Cada capítulo, traz em sua composição as características de um personagem específico, com exceção dos que falam sobre os ambientes físicos. Essa construção, em *Clara dos Anjos*, reflete as características de uma sociedade do século XX perpassando por entre os anseios do Modernismo em seus detalhes: urbanização,

êxodo rural, escravidão, desenvolvimento dos transportes e da cidade.

Por consequência, a região do subúrbio, onde a trama acontece predominantemente, remete ao local de moradia dos que aparentam ter sido esquecidos pelo Estado, lugar carente de políticas públicas eficazes, ambiente sem estruturas básicas como o saneamento, por exemplo. No contexto mencionado, as pessoas pobres e marginalizadas, ex-escravos e demais trabalhadores que perderam seus empregos devido ao processo instalado pelo capitalismo, se viram obrigados a migrar para a região suburbana em função de tais percas. Eis o que Resende (2015) explicita:

A narrativa passa-se, com exceção de um único capítulo, nos subúrbios do Rio de Janeiro, para além dos limites traçados pela linha férrea dos trens da Central. Algumas são áreas mais próximas do centro da cidade, o Méier e o Engenho de Dentro, onde habita uma classe média próxima ao operariado, formada por funcionários públicos ou pequenos negociantes. Em outras, mais distantes, ficavam as moradias de operários, funcionários ainda mais subalternos ou simplesmente aqueles que a modernização do país introduzida pela República tornara pobres.

Nesse contexto vive Clara dos Anjos, filha do carteiro Joaquim dos Anjos e de Dona Engrácia, na região de Inhaúma do Rio de Janeiro. Negra, em seus 17 anos de idade, com características dóceis e demonstrando certa passividade, a jovem é o retrato de uma criação submissa e inferiorizada perante os homens, característica forte da sociedade da época em que o comportamento feminino era moldado para formar esposas e mães, fieis ao lar e submissas à figura masculina. Ademais, por se tratar de uma jovem de cor e pobre, sofre preconceitos ao se apaixonar e engravidar de um jovem branco, de família um pouco mais abastada que a sua.

Ainda no início da narrativa, é possível observar a maneira com que Clara fora educada e criada pelos pais de forma amorosa, mas reclusa, recatada e sem muito convívio social com outrem:

“Era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou o pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava à Clara bordados e costuras” (BARRETO, 2012, p. 13).

Percebe-se, então, que a jovem é orientada a não sair de casa sozinha. Salvo os momentos destinados ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, sua rotina era estar sempre em casa, cuidar dos afazeres domésticos, ou seja, trabalhos do lar, especialmente para servir ao seu pai: “De quando em quando, mas sem grandes espaços, Joaquim gritava para a cozinha: _Clara! Engrácia! Café! De lá, respondiam, com algum amuo na voz: _Já vai!” (BARRETO, 2012, p. 13).

Nesse recorte, é perceptível o quanto as personagens femininas vivem em função do lar e dos afazeres domésticos. Enquanto Joaquim, em seu momento de lazer, jogava com Lafões e Marramaque (ambos amigos da família), Clara e sua mãe são responsáveis por fazer o “ajantarado” (refeição similar ao jantar servida com horário mais cedo que o de costume) e ainda fazem e servem café para os convidados. O fato se destaca, porém, não pelo cafezinho da tarde preparado com esmero em situações de visita, e sim, pela maneira com que as mulheres são chamadas para fazê-lo, isto é, debaixo de gritos e ordens.

Vale salientar que a própria Engrácia já demonstra sua dependência e falta de autonomia, fazendo alusão ao patriarcalismo vivenciado na obra, pois nos momentos cotidianos “Entregava tudo ao marido, que, a bem dizer, eram quem dirigia a casa.” (BARRETO, 2012, p. 53) e que mesmo recebendo “boa instrução, para sua condição e sexo; [...] logo que se casou – como era em geral acontecer com as nossas moças –, tratou de esquecer o que tinha estudado.” (BARRETO, 2012, p. 54). Além disso era muito religiosa, apesar de o esposo Joaquim não ser, batizara a filha na Igreja Católica Apostólica Romana, sendo claramente influenciada por tais valores religiosos. Por consequência, vários assuntos eram tratados como tabu, especialmente a sexualidade, assunto que não se falava, nem se conversava à respeito, aumentando os abismos existentes entre os pais e a filha.

Tendo maiores oportunidades de emprego e de acesso à educação e literatura, a figura masculina na obra se apresenta mostrando o grande contraste entre os papéis do homem e da mulher perante a sociedade. Tais papéis, são advindos de uma construção social em que os gêneros vão além de uma nomenclatura usada para se referir ao fator biológico do sexo, sobretudo, são construídos socialmente, conforme explicita Confortin (2003):

A ideia é que homens e mulheres são produzidos socialmente e esta produção se dá em múltiplas instâncias sociais: dá-se através dos discursos, das doutrinas, das imagens, dos símbolos, na escola, na família, na igreja, através da mídia, enfim, ser homem e ser mulher é um processo que não está pronto na hora do nascimento da pessoa. É um processo que se dá ao longo da vida e se dá de acordo com as múltiplas influências e instâncias. (CONFORTIN, 2003, p. 111)

Dentro dessa perspectiva e acordando com ela, Joaquim se mostrava omissos por participar pouco da educação da filha, vinculando indiretamente essa responsabilidade somente para a mãe. Ensinar a filha algumas notas musicais, atividade que apreciava bastante, mas por falta de dinheiro nunca presenteou a garota com um instrumento para que colocasse em prática suas aprendizagens. Sem muito lazer, sem ter com quem conversar sobre suas aspirações, sobre o mundo, e assim, poder construir uma realidade mais livre, a jovem Clara tinha no amor idealizado seus anseios e objetivos.

Dessa maneira, mesmo tendo acesso à educação básica e a algumas noções musicais, suas preocupações com o futuro se resumiam em servir ao pai enquanto solteira, e ao esposo quando casar. Preocupava-se em ser útil aos dois e negava qualquer tipo de meio de sustento, pois, era algo que para ela, “Parecia feio a uma moça ou a uma mulher” (BARRETO, 2012, p. 97). O mundo, na visão da personagem, além de duvidoso, seria um lugar para curtir música de viola e se apaixonar, o que aponta o caráter passivo e sonhador da mesma:

Esse gosto é contagioso e encontrava, no estado sentimental e moral de Clara, terreno propício para propagar-se. As modinhas falam muito de amor, algumas delas são lúbricas até; e ela, aos poucos, foi organizando uma teoria do amor, com os descartes do pai e de seus amigos. (BARRETO, 2012, p. 55).

Assim, após conhecer o jovem Cassi, aspirante a violeiro e cantor de modas, a protagonista se apaixona e só consegue pensar nele: “[...] Clara, na ingenuidade de sua idade e com as pretensões que a sua falta de contato com o mundo e capacidade mental de observar e comparar justificavam, concluía que Cassi era um rapaz digno e podia bem amá-la sinceramente” (BARRETO, 2012, p. 97).

No entanto, desde as primeiras interações, o pretendente objetificava a moça, reduzindo-a, isto é, tratando a personagem como algo a ser conquistado, como um objeto, e não como sujeito de suas ações e vontades.

Um outro ponto que merece destaque e é essencial para compreender a construção da personagem Clara, diz respeito ao tema envolvendo sexualidade, e para analisá-lo, é importante destacar como se dá a culpabilidade imposta estrategicamente às mulheres. Esses aspectos (sexualidade e culpabilidade) estão alicerçados em um terceiro, comumente vinculado a este sentimento de culpa e utilizado para promover um controle de um grupo sobre outro, que é a infantilização masculina.

Cassi, jovem branco e galanteador, busca a todo momento encontrar-se e conquistar Clara. Sem maiores pretensões em nutrir um romance e sentimentos sinceros com a moça, almeja apenas tratá-la como um prêmio a ser adquirido, ou seja, um objeto a ser conquistado. Ainda assim, tendo tais comportamentos, sua mãe, Dona Salustiana, o trata como pessoa completamente inocente, portanto incapaz de realizar ações tóxicas intencionalmente, infantilizando as atitudes de Cassi, culpando somente as mulheres e promovendo ainda mais os discursos machistas:

_Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho

as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revolver?
Não. A culpa é delas, só delas... (BARRETO, 2012, p. 147).

A culpabilização caminha lado a lado com a sexualidade na obra, esta última sendo tratada como um grande tabu na sociedade do século XX. Ao permitir a entrada de Cassi em seu quarto, acarretando no ato sexual, Clara sente-se “[...]uma boneca nas mãos dele”, por isso se culpa e se envergonha, especialmente porque, pouco depois, encontra-se grávida e sem esposo. Assim, a jovem se coloca a pensar e a se questionar: “[...] não sabia compreendê-lo [...] como que ela deixou de ser ela mesma, para ser uma coisa” (BARRETO, 2012, p. 132).

Tais pensamentos refletem o caráter machista da sociedade, em que o homem teria acesso e direito à praticar sua sexualidade livremente, sem sentir qualquer remorso ou culpa, enquanto que a mulher, vista como um objeto, idealizado, imaculado, não teria esse mesmo direito, sendo, portanto, fortemente julgada por tais atos. Essas relações que ocorrem entre o masculino e o feminino dentro da sociedade, levam a naturalização do papéis perante o social, que visam estabelecer não só uma diferenciação, mas sim, uma desigualdade. Assim, “se procura estabelecer diferenças dizendo que a mulher é mais afetiva, mais sensível” ou que, por exemplo, “mulheres choram, homens são mais capazes de decisões, nas quais a razão predomina e a emoção não é perturbadora” (CONFORTIN, 2003, p. 112).

Dessa maneira, pode-se estabelecer um caráter desigual entre os gêneros, promovidos nos discursos, nas mídias, e posteriormente, promovendo a dominação de um sobre o outro, neste caso, do masculino sobre o feminino. Confortin (2003, p. 112) ainda acrescenta e corrobora com tais afirmações, ao citar Bourdieu (1995) que faz uma análise sobre a dominação advinda desse processo já mencionado:

O indivíduo é dominante ou dominado e isto constrói todo um jeito de olhar, de se movimentar, de estar no mundo, de perceber o mundo, Toda a análise mostra que, desde os primórdios da humanidade, há um dominante

e um dominado e que se constrói uma sociedade onde a dominação masculina acaba sendo mais evidente.

Os capítulos finais da obra apresentam um outro aspecto que se entrelaça aos pontos anteriormente abordados e conferem à obra um traço de denúncia ao racismo predominante da época. A personagem principal, após descobrir sua gestação, e sendo obrigada a confessar aos pais todo o envolvimento com Cassi, vive um drama por imaginar-se sendo julgada pela comunidade em que morava. A dor e desespero da jovem tomam conta de seus pensamentos de tal forma, que considera a possibilidade de tomar abortivos. Uma vez que não possuía renda, levando em conta que não teria como conseguir essas medicações em segredo, Clara fala com Dona Margarida e confessa tudo. Posteriormente, a trama se desenrola com a visita das três mulheres (Clara, Engrácia e Margarida) à casa da família de Cassi. O encontro, no entanto, não sai conforme se esperava.

Ao final da obra, Lima Barreto delinea seu clímax, o ponto forte do romance. A jovem menina, agora grávida, se depara com um discurso que a faz confrontar sua realidade e existencialismo ao chegar na casa da mãe de Cassi e ser mal recebida.

Dona Salustiana, mulher preconceituosa e de comportamentos predominantemente machistas, recebe as três mulheres com desdém e as trata mal: “_Que é que a senhora quer que eu faça?” (BARRETO, 2012, p. 146). Em seguida, a mesma confronta Clara: “Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou: _Que é que você diz, sua negra? [...] _Ora, vejam vocês, só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com essa...” (BARRETO, 2012, p. 146-147). Tais discursos claramente preconceituosos e racistas são produzidos para criar uma dramaticidade na obra e trazer o leitor para uma aproximação com a trama. A humilhação sofrida pela jovem protagonista, a fazem refletir sua condição enquanto mulher e, sobretudo, enquanto racializada: “Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era um moça

como as outras; era muito menos no conceito de todos.” (BARRETO, 2012, p. 148).

Ao final, a jovem após perceber que não haverá casamento e o quanto será julgada, põe-se a refletir sobre sua vida enquanto mulher de cor, sua classe social desfavorecida e sua gravidez. O sentimento de culpa dá espaço ao discurso que remete ao seu próprio existencialismo, ao quanto valem as vidas, sobretudo as negras: “_Mamãe! Mamãe! _Que é minha filha? _ Nós não somos nada nesta vida.” (BARRETO, 2012, p. 148).

Nessa sociedade, em que ser mulher já se apresenta como algo desafiador, por ter que lidar com percalços causados pelo machismo, os caminhos para a mulher negra são ainda mais cheios de contrariedades, pois o capitalismo e colonialismo indiretamente segregam, às colocam em posições desfavorecidas, se comparadas com outras mulheres brancas de mesma posição econômica. Assim, há a necessidade de se buscar cada vez mais um feminismo na perspectiva decolonial, que faz um enquadramento multidimensional de todas as formas de opressão, sejam elas de raça, de classe e de sexualidade, entendendo-as como aspectos que estão interligados entre si, e portanto, não se excluem.

Compreender como se dá a dominação racista e heteronormativa são essenciais nesse processo, pois tais aspectos dominantes criam exclusões preconceituosas, moldam valores e discursos sociais, promovendo ainda mais o patriarcalismo. Pensar em patriarcado, capital, Estado, e todas as variações que advém dessas relações, permite evitar conceber determinada luta como “superior” à outra e, compreende a necessidade do fim de todas elas. Uma política feminista decolonial, portanto, busca combater a toda opressão, seja ela qual for, e defende justiça para todas as mulheres, algo concebido como utópico para alguns, mas indubitavelmente, necessário à todos.

Conclusão

A escrita de Lima Barreto traz, em “Clara dos Anjos”, uma

perspectiva diferente dos romances anteriormente trabalhados por outros autores, por evidenciar as vivências de uma jovem negra diante de uma sociedade excludente, escravocrata e preconceituosa do Rio Janeiro do século XX. É observável a forma como Lima Barreto vai tecendo sua narrativa com uma linguagem mais simples, coloquial e livre, o que gerou muitos preconceitos da crítica literária para com sua produção na época.

Possuindo uma veia jornalística, e talvez por isso escrevendo desde contos e crônicas à romances-folhetins, Lima Barreto fora um escritor não muito aclamado em vida, o que só viera a mudar após seu falecimento. Enquanto vivo, passou por problemas de alcoolismo e internações em um hospício, fatos que contribuíram para algumas especulações envolvendo seu nome. Ademais, sua escrita também sofrera influências pelas discriminações que enfrentava por ser um homem de cor, fator associável com a trama do romance “Clara dos Anjos”.

Assim, na referida obra, é possível se atentar para a maneira com que os valores são desenvolvidos socialmente, como se dá a construção do papel do homem e da mulher perante a sociedade e a maneira preconceituosa que os personagens negros são tratados, especialmente, pelos brancos da mesma comunidade em que vivem, denunciando, portanto, os comportamentos opressivos da época e fazendo uma crítica contundente à sociedade racista.

Clara, personagem protagonista retratada no romance, demonstra em suas atitudes e pensamentos a criação submissa, recatada e inferiorizada da mulher. Criada pelos pais de forma amorosa, mas reclusa, a jovem se mostra com aspirações voltadas exclusivamente ao casamento e ao amor idealizado, características que evidenciam a maneira como a sociedade patriarcalista moldava e dominava comportamentos. A garota, que sofre preconceitos racistas e de gênero ao se apaixonar e engravidar de um jovem branco, vive em função do lar, dos afazeres domésticos e para servir ao pai.

É importante salientar que essa temática fomenta e, portanto, promove uma reflexão contundente sobre como a sociedade constrói a imagem da mulher, seus valores, as dominações e as

opressões por elas vividas, sobretudo, tal análise permite um recorte mais amplo.

Nessa perspectiva, este estudo demonstra, consequentemente, como a construção da personagem Clara na obra de Lima Barreto, seus comportamentos, pensamentos e emoções, promove um espaço para reflexões, entrelaçando-se com uma crítica feminista e social. Os aspectos de dominação analisados se engendram e estão interligados, fomentando o machismo e uma sociedade patriarcal, temas que, ainda hoje, tornam-se pertinentes e dignos de estudos e debates.

Por conseguinte, fora observável que as construções sociais preconceituosas que envolvem gênero, raça e classe, precisam ser revistas para, então, serem superadas. O feminismo, que luta contra toda e qualquer opressão, busca incansavelmente por uma sociedade mais justa para as mulheres e, consequentemente para todos. Com esta análise, constata-se as contribuições da obra de Lima Barreto para com a crítica feminista, literária e social, por trazer elementos que através de sua narrativa, constituem-se como algo pertinente e atual, digno de reflexões e debates não só no século em que fora escrito, mas igualmente na sociedade hoje.

A obra “Clara dos Anjos” vai além de um drama envolvendo uma jovem que engravida, mas aponta construções sociais que devem ser revistas, fomenta análises sobre uma sociedade que possui um histórico difundido no colonialismo e na escravidão, necessitando cada vez mais de políticas e medidas que promovam o antirracismo, antipatriarcalismo e o anticapitalismo -responsáveis por maior parte das opressões contra as mulheres- para que então, seja devolvido o direito de sua existência em uma realidade mais justa e emancipatória.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Brasiliense, 2017.

BARRETO, A. H. de Lima. Diário íntimo. In: **Obras completas**.

vol. XIV. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.52.

BARRETO, A. H. de Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019.

CONFORTIN, Helena et al. “Discurso e gênero: a mulher em foco”. **Representações do feminino**, p. 107-123, 2003.

DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil”. **Estudos avançados**. v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

RESENDE, Beatriz. “Apresentação”. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RESENDE, Beatriz. **O Lima Barreto que nos olha**. Serrote, v. 21, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Ubu Editora, 2020.

ZOLIN, Lúcia Ozana; BONNICI, Thomas. (Orgs). “Crítica feminista”. In.: **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4. ed. Maringá: Eduem, 2019.



CAPÍTULO 15

AS ANÁFORAS CORREFERENCIAIS NO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO: REFLEXÕES SOBRE A MANUTENÇÃO TÓPICA

Franciedson Pinto da Silva
Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá

1 Introdução

A presente pesquisa, vale salientar, é um recorte do nosso estudo de mestrado (SILVA, 2020), que demonstrou que o processo referencial anafórico é essencial à manutenção do tema, assim como dá pistas para que o leitor possa recuperar o percurso argumentativo proposto, uma vez que o efeito de sentido que as expressões referenciais anafóricas produzem na dinâmica discursivo/textual é essencial à construção dos sentidos do texto.

Assim, objetivamos investigar como ocorre a referenciação anafórica na manutenção tópica por meio de anáforas correferenciais no gênero discursivo artigo de opinião. Para isso, selecionamos 1 artigo de opinião entre os 12 artigos que compuseram o corpus de pesquisa do mestrado, (SILVA, 2020), constituídos de textos elaborados por articulistas do Jornal El País, edição do Brasil.

Esta pesquisa teve como principal motivação a nossa in-

quietude sobre como o processo de referenciação anafórica e suas funções discursivas contribuem para a manutenção temática e para a construção global dos sentidos do texto.

Dessa forma, referentes deixam de ser vistos como meros itens de retomada e passam a ser compreendidos como objetos de discurso, elaborados e reelaborados na dinâmica discursivo-textual.

Outrossim, nosso referencial teórico advém dos pressupostos da Linguística Textual, mais especificamente da proposta teórica da referenciação, que leva em consideração as funções cognitivo-discursivas do processo referencial anafórico, conforme os postulados de (KOCH; ELIAS, 2006, 2009; CAVALCANTE, 2014; CIULLA E SILVA, 2008).

Destarte, para compreendermos, profundamente, a importância do processo referencial anafórico, bem como sua importância para a manutenção tópica no gênero artigo de opinião, objetivamos analisar como as anáforas correferenciais contribuem para a manutenção do tópico no referido texto opinativo.

Assim, o gênero ora aludido é caracterizado pela abordagem de temas polêmicos e de interesse social em que o autor estabelece um diálogo intertextual defendendo seu ponto de vista, frente à temática discutida. Para fortalecer sua opinião, é comum que o articulista cite uma autoridade no assunto para dar validade aos seus argumentos apoiando-se em dados que validem sua tese.

Do que foi dito, depreende-se que é a partir do dialogismo estabelecido pelas vozes presentes no texto que o autor assume seu posicionamento discursivo.

Desse modo, vale salientar que o artigo de opinião não circula, apenas, nos meios jornalísticos, ele é veiculado em outras esferas de nossa sociedade, um exemplo disso é nos meios escolares, uma vez que cada vez mais esse gênero é exigido para ingresso em universidades, em institutos federais e em concursos públicos, dentre outras situações em que eles aparecem frequentemente.

É importante lembrar que o processo de referenciação não tem por finalidade, apenas, a retomada de elementos no (co)texto, mas, também, de estabelecer uma ponte discursiva entre o material

linguístico e os (co)enunciadores, ativando operações de ordem cognitiva por meio de sua memória discursiva, tudo isso em uma relação de múltiplas trocas, em que os sujeitos, por meio da interação socioverbal, operam sobre o texto através de anáforas.

No sentido de possibilitar ao nosso leitor uma sistematização deste trabalho, adiantamos que ele está organizado em seis seções, acrescidas do resumo e das referências. Nesta primeira seção, apresentamos noções basilares da nossa proposta. Na segunda, mostramos aspectos relevantes sobre a referenciação anafórica. Já na terceira, apontamos questões importantes sobre as funções cognitivo-discursivas das expressões referenciais, bem como sobre a relação que elas estabelecem na condução da manutenção temática. Na quarta seção, discutimos acerca da caracterização do tópico discursivo que nos orientou e continuamos, na quinta seção, com a análise do artigo de opinião selecionado como parte ilustrativa da amostra usada como corpus para a dissertação e que evidenciou constatações importantes da pesquisa motivadora deste recorte. Por fim, chegamos às considerações finais com a apresentação das reflexões com as quais nos defrontamos.

Feitas as considerações introdutórias, passaremos para a próxima seção. Nela, nos aprofundaremos mais sobre referenciação anafórica.

2 O processo referencial anafórico

Diversos autores e diversos trabalhos tratam dos processos referenciais com foco na abordagem contextual/discursiva das expressões referenciais, quais sejam os que enfocam: (APOTHÉLOZ, 2003; CAVALCANTE, 2014; MARCUSCHI, 2005, 2008; KOCH, 2015; KOCH; ELIAS, 2006, 2009).

Para sistematizar o conceito de referenciação, (CAVALCANTE, 2014) distingue a introdução referencial, ou expressão referencial, da referenciação anafórica, uma vez que a introdução referencial ocorre quando uma expressão aparece pela primeira vez no contexto discursivo. Assim, a referida autora considera uma

introdução referencial sempre que uma entidade é inserida pela primeira vez no texto. Depreende-se do que foi dito que a introdução referencial é marcada pela não continuidade de referentes, mas, sim, por ter como característica a introdução de referentes, como é exemplificado por (SILVA, 2020, p. 27)

(1) - **O filho** aborda a **mãe** e afirma:

- Mãe, hoje não vou à aula de educação física.
- A mãe responde ao filho, claro que tu vais!

Assim, vemos que os termos em destaque são inaugurados no texto, sem remeter a um antecedente, por tanto, são introduções referenciais, diferentemente das expressões referenciais anafóricas que têm como principal característica às retomadas em diferentes direções.

Dessa forma, nas anáforas (CAVALCANTE, 2014) destaca como principal característica, que as diferenciam das expressões, a maneira como elas são ancoradas em pistas do cotexto, podendo apontar para trás, ou para frente, ou até para as duas direções simultaneamente, sendo, dessa maneira, anafóricas, segundo afirma a pesquisadora, pelo fato de estabelecerem a continuidade referencial de objetos presentes na tessitura textual.

Partindo desse pressuposto, depreende-se que a pesquisadora faz uma divisão das expressões anafóricas em dois seguimentos: no primeiro, abrigam-se as anáforas diretas ou correferenciais, que têm como função o processo de remissão dos referentes a uma mesma entidade introduzida por um antecedente no texto/discurso; já no segundo seguimento, têm-se as anáforas indiretas ou (não correferenciais), que são ativadas por alguma expressão já mencionada no texto, estabelecendo relações de sentido com outras expressões no universo discursivo/textual, como mostra os seguintes exemplos de (SILVA, 2020, p. 29):

a) anáfora direta:

(2) Fiz excelentes **textos**. **Os textos** foram lidos por eminentes professores.

b) Indireta:

(3) **Edmundo** jogou ontem. **O animal** fez cinco gols.

c) Pronominal:

(4) **A professora**, ontem, passou duas atividades para casa. **Ela** vai corrigi-las na próxima aula.

Vê-se, que nos exemplos supracitados há uma relação anafórica direta, na qual se estabelece uma relação de retomada entre seu referente e seu antecedente, numa relação de correferência, estabelecendo uma continuidade referencial entre referente e antecedente. Veja-se que essa relação não acontece nos exemplos seguintes (CIULLA E SILVA, 2008, p.155-157):

(5) Fui ao **circo** assistir ao espetáculo, chegando lá, **o palhaço** veio em minha direção.

(6) Fui visitar uma **escola**, ao entrar, **os alunos** me receberam muito bem.

(7) Esse cheiro odor, fala o jovem. Realmente, quem pode com **esse odor** nauseante?

(8) Ontem fui à feira de minha cidade comprar **banana**. A **fruta** está cada vez mais cheia de agrotóxico, dá para perceber pela cor da casca.

(9) — Você deu calote em todo o comércio! Todos os munícipes sabem disso! — Seja cauteloso, caro amigo! **Essa acusação** pode custar sua liberdade.

Dessa forma, observa-se que não há uma relação direta entre os termos, não apresentando referente e referido por retomada, o que há é uma relação de associação entre o seguimento circo e palhaço no exemplo (5) e entre escola e alunos no exemplo (6). Depreende-se, então, do que foi dito que há anáforas indiretas to-

das as vezes em que um novo objeto é introduzido mediante as relações dos elementos presentes no cotexto e no contexto discursivo, sendo, dessa forma, estabelecidas relações por associações e/ou inferências por meio dos objetos de discurso.

Já no que tange às expressões encapsuladoras, (KOCH, 2015) assevera que “o encapsulamento funciona como uma função particular das nominalizações que sumarizam as informações-suporte contidas nas sequências precedentes do texto”. Assim, podemos dizer que expressões rotuladoras são, portanto, de suma importância, uma vez que têm a função de introdução, mudança e/ou desvio de tópico, assim como a de estabelecerem a relação de sentidos entre tópicos e subtópicos, sendo responsáveis, ao mesmo tempo, pelos dois grandes movimentos de construção da tessitura textual, quais sejam: a retroação e a progressão.

3 As funções cognitivo-discursivas das expressões referenciais

Para compreendermos melhor acerca das funções cognitivo-discursivas das expressões referenciais, faz-se necessário abordar suas multifuncionalidades, bem como a relação que elas estabelecem na condução da manutenção temática, assim como sua importância para a construção do sentido do texto.

Em consonância com o que foi exposto até aqui, apresentamos algumas pesquisas com as quais nos alinhamos, no sentido de perscrutar os processos referenciais no que diz respeito ao seu caráter cognitivo-discursivo. Pela relevância das pesquisas sobre a temática ora aludida, e por convergirem em sua acepção com esta pesquisa, apresentamos os seguintes trabalhos, quais sejam: (KOCH; ELIAS, 2006, 2009; CAVALCANTE, 2014; CIULLA E SILVA, 2008).

Destarte, (KOCH; ELIAS, 2006) defendem que as expressões referenciais nominais, às vezes, têm a função de remeter a elementos já citados ou até mesmo sugeridos no texto, possibilitando, dessa maneira, sua operacionalização na memória, ou seja, sua

ativação.

Além disso, elas, também, teriam a função de refocalizar e recategorizar, no discurso, os referentes introduzindo novas informações, mudança e desvio de tópico, assim como podem fazer a ligação entre tópicos e subtópicos. Vejamos essa questão nas palavras das autoras sobre as formas remissivas

[...] elas introduzem mudanças ou desvios do tópico, preservando, contudo, a continuidade tópica, ao alocarem a informação nova dentro do quadro da informação dada. Dessa forma, são responsáveis simultaneamente pelos dois grandes movimentos de construção textual: **retroação** e **progressão**. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 140. Grifos das autoras.)

Através do que foi dito, cabe salientar que entendemos que a função de introduzir novas informações coincide com a de atualização de informações novas pelos referentes, assemelhando-se, dessa forma, à de atualização de conhecimentos por meio de formas nominais, bem como pelo binômio hipônimo/hiperônimo.

No que concerne ao processo de encapsulamentos, tem-se, na verdade, como pode ser visto nos exemplos, uma função muito específica que é a de esses termos introduzirem uma nova expressão referencial no texto, em que, quase sempre, introduz no discurso informações novas.

Na anáfora correferencial (ou diretas) há sempre a reativação de referentes prévios, assim, uma cossignificação tende a ocorrer no âmbito da pronominalização e do uso de elipses, enquanto a recategorização é processada por meio de descrições definidas e certos tipos de descrição indefinida, como é exemplificado por (CIULLA E SILVA , 2008, p. 157):

(10) Ontem fui à **praça**, no entanto, ela estava **vazia**. **Sofia** esqueceu o **livro** na escola, porém **voltou** mais tarde para buscá-lo.

As descrições nominais sejam definidas, sejam indefinidas atuam sempre na categorização ou recategorização de referentes,

o que estabelece sempre escolhas entre as várias formas de caracterização, escolhas essas que serão feitas, em cada contexto de uso, de acordo com a proposta de sentido do produtor do texto.

Através delas, são ativados traços e/ou características do referente segundo os conhecimentos culturalmente adquiridos e partilhados no meio social no qual os sujeitos estão inseridos, permitindo ao interlocutor concebê-lo a partir de uma determinada ótica, o que mostra fatos essenciais sobre a representação e a identidade do articulista na construção do sentido do artigo de opinião.

Para isso, o papel dos determinantes, tais como os demonstrativos, o artigo definido e o artigo indefinido são essenciais para a manutenção temática e para a construção dos sentidos do texto. Com efeito, os demonstrativos atuam como elementos que, a partir do aqui e agora, apontam para um objeto de discurso, conduzindo a focalização para ele.

Os artigos definidos apontam para o ouvinte o que o falante considera que ele é capaz de recuperar, construindo o objeto de discurso, sem, entretanto, apontar para ele mesmo.

Já os artigos indefinidos sinalizam para o ouvinte o que o falante considera que ele não é capaz de recuperar, nem identificar o objeto de discurso pelo fato de o falante também não saber, bem como pelo fato de o falante não julgar necessário/desejável que o ouvinte faça a identificação.

Já o encapsulamento, segundo (KOCH, 2015), é uma função peculiar das nominalizações que sumarizam as informações que constam nas sequências antecedentes na tessitura textual.

Outrossim, no referido fenômeno, a autora trata o encapsulamento como um tipo de função de algumas nominalizações. Exemplo:

(11) O coronavírus vem se proliferando rapidamente no Brasil. **Isso** pode ser decorrente da falta de investimentos em saneamento ambiental.

Desse modo, o termo “isso” resume a sequência textual anterior, resumindo tudo o que foi explicitado anteriormente, tendo

como função precípua por parte do escritor, segundo Koch (2015), a manutenção da linha argumentativa. Passemos, em seguida, à discussão sobre o tópico discursivo.

4 O tópico discursivo

Conceitua-se, em linguística, como tópico discursivo os eventos relacionados à organização da tessitura textual ou à organização do discurso e, em ambas as ocorrências, tal fenômeno dá-se no campo micro e macrotextual, ou seja, sua atualização ocorre não só cotextualmente, mas, também, contextualmente.

Dessa forma, vê-se uma distinção muito nítida entre tópico frasal e tópico discursivo. Este rompe com o paradigma meramente frasal e põe em evidência os eventos enunciativo-discursivos, indo, assim, além do âmbito da frase. Aquele restringe-se, apenas, ao estudo da frase e de seus mecanismos no contexto, tais como tema e rema. Com isso, postulamos que o conceito de tópico discursivo está relacionado à noção semântica de micro e macroestrutura, isto é, o autor atribui ao tópico um caráter semântico vinculado, que contribui para a organização global do texto.

Dessa forma, a articulação tópica evidencia-se como fator imprescindível de coesão e de coerência textuais, em que se garante a relação entre os fatos, ou seja, o segmento tópico é composto e assegurado pela conexão dos fatos em que “a identidade referencial, tanto de objetos individuais quanto de propriedades, ou identidade ou outras relações entre mundos, não são suficientes para estabelecer coerência” (VAN DIJK 1977, p. 148-149). Podem os sintetizar do que foi exposto que para o autor, a noção de tópico pode ser compreendida em termos macroproposicionais, ou seja, um evento de natureza complexa que resume e sintetiza, acerca de outras proposições, um conteúdo, atuando de forma textual-interativa.

Vale frisar que a articulação tópica ocorre, pelo menos, em dois níveis hierárquicos, quais sejam: no intertópico, que tem como função estabelecer a relação entre os diversos elementos que

integram o tópico, estabelecendo relações semântico-discursiva entre os segmentos textuais; e no segmento intratópico, que se realiza na relação que cada segmento do tópico estabelece de forma linear na tessitura textual. Vejamos essa questão nas palavras de (PINHEIRO, 2003), que afirma:

Na verdade, a distinção inter e intratópica é apenas uma opção metodológica, para englobar tanto a análise interna de cada segmento tópico mínimo, depreendido na linearidade textual, quanto a análise das articulações entre esses segmentos. A partir do momento em que levo em consideração a hierarquia tópica, a relação entre os segmentos do mesmo nível, integrantes de um quadro tópico, é inter e intratópica. (PINHEIRO, 2003, p. 91-92).

Em consonância com o exposto, podemos dizer que a referida concepção de tópico converge com a compreensão de texto que adotamos nesta pesquisa, pois ela concebe e analisa o texto como locus privilegiado da interação verbal, em que os atores da produção socioverbal são sujeitos ativos do processo de enunciação, ou seja, são os agentes do processo do dizer/fazer que norteia as relações sociais.

Dessa forma, verifica-se que a construção textual é elaborada, de forma estratégica, em que o enunciador, para se fazer entender pelo interlocutor, vai criando pistas linguísticas por intermédio da organização do texto, do contexto de uso e, assim, nessa troca realiza-se a construção dos sentidos do texto.

Em consonância com o que vem sendo postulado nesta pesquisa sobre a articulação tópica, é essencial deixarmos claro que é esta a responsável pelos fatores que possibilitam a continuidade, a progressão e as retomadas tópicas, guiando e articulando as informações no âmbito discursivo.

Assim, o tópico discursivo é parte integrante e imprescindível do processo constitutivo do texto, seja falado, seja escrito e é por isso que se faz imperativo abordar tal categoria neste trabalho, uma vez que é nele que as expressões referenciais anafóricas funcionam como sinalizadores argumentativos, organizando

as partes do texto, ora indicando que a sequência textual anterior foi encerrada, ora sinalizando que o articulista pretende, ainda, direcionar seus argumentos para uma fase posterior.

Na estruturação tópica, os tópicos semântico-discursivos são caracterizados por serem mantidos no discurso e depois serem desenvolvidos em subtópicos até que, no processo discursivo, inicie-se um novo segmento tópico, sempre continuamente. Vale salientar que no processo de estruturação tópica, às vezes, pode haver um retorno a um tópico que já tenha sido, anteriormente, abordado.

Nessa retomada de tópico, o que ocorre é um deslocamento no plano discursivo sem que se afete o plano organizacional, visto que a hierarquia estrutural é mantida, uma vez que as respectivas informações são ligadas aos seus correlatos arquivos pelo enquadramento hierárquico escolhido pelo articulista do texto, num plano organizacional em que se opera a seleção de elementos na tessitura textual, numa relação de subordinação entre as partes. A esse respeito, afirma (VAN DIJK, 1977)

Observações similares podem ser feitas sobre a coerência de uma sequência de sentenças em geral. Vimos que identidade referencial, tanto de objetos individuais quanto de propriedades, ou identidade ou outras relações entre mundos, não são suficientes para estabelecer coerência (VAN DIJK, 1977, p. 148-149).

No que concerne às conexões no plano discursivo-textual, segue-se uma linearidade sequencial em que se organiza a distribuição dos tópicos, quais sejam: a continuidade e a descontinuidade. Outrossim, quando há uma relação de proximidade entre dois tópicos tem-se a continuidade e quando um é esgotado, abre-se outro.

Já a descontinuidade caracteriza-se como uma paralisação da sequenciação do segmento linear, observada quando ocorre quando um tópico em andamento é deixado de lado pelo motivo de se ter introduzido um novo tópico, de maneira que o anterior não seja retomado novamente.

Assim, é preciso que no texto se apresente continuidade tópica, ou seja, que a progressão tópica seja em nível sequencial ou no hierárquico para que dessa forma não haja rupturas significativas ou interrupções substancialmente longas do tópico em desenvolvimento para que a construção do sentido e, por conseguinte, da coerência não sejam afetadas.

Outrossim, quando o tópico é apresentado, é criado um contexto por meio do qual os referentes são criados e por meio deles se estabelecem as ligações entre os referentes inseridos para articulação tópica e assim dá-se atividade de referenciação. Feitas as devidas considerações sobre o tópico discursivo e sua articulação, passemos, agora, para a próxima seção.

5 Por uma análise do gênero artigo de opinião

Para a análise do artigo de opinião, bem como para o desenvolvimento desta pesquisa, tomamos como arcabouço teórico-metodológico os pressupostos da Linguística de Texto, no que concerne à referenciação sob os postulados de (KOCH; ELIAS, 2006, 2009; CAVALCANTE, 2014; CIULLA E SILVA, 2008).

Dessa forma, com o objetivo de analisar os fenômenos supracitados, a pesquisa foi desenvolvida em algumas etapas, a saber: leitura de trabalhos sobre Linguística Textual, referenciação e tópico discursivo, a fim de embasar as atividades planejadas e desenvolvidas para constituir os dados, quais sejam: os artigos de opinião escrito por um articulista da esfera jornalística, mais precisamente, escolhemos artigos publicados pelo jornal El País.

Após concluídas essas etapas, pudemos, então, obter um resultado da investigação, uma vez que na perspectiva qualitativa e interpretativista não se pode definir resultados concretos antes da realização de todas as etapas da pesquisa, ou seja, “não se pauta em categorias preestabelecidas antes da entrada no campo da investigação, [...] mas a partir de uma questão de pesquisa que norteará o estudo” (MOITA LOPES, 1996, p. 22).

Dessa maneira, os resultados só podem ser gerados com pre-

cisão “[...] no decorrer do processo de investigação” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 161). Ou seja, ao longo do estudo muitas vezes tornou-se necessário retomarmos pontos iniciais da pesquisa, uma vez que, na pesquisa qualitativo-interpretativista, “[...] às vezes ao chegarmos à fase final, descobrimos que necessitamos retornar às partes das fases anteriores” (MINAYO, 2007, p. 81) Destarte, passemos à análise do gênero textual/discursivo artigo de opinião, que está transcrito da mesma forma que o autor o digitou, ou seja, o transcrevemos com fonte, destaque, formatação, ortografia e estilo utilizados por seu autor, exceto, as partes que estão em negrito, pois as marcamos para melhor proceder às análises.

Incêndios

1 LEILA GUERRIERO 03/09/2019

2 Diego começou a distribuir a comida nos comedouros. O homem disse: “Louco, você faz bem em trazer comida para os animais. Quanto a nós, é melhor nos deixar morrer”.

Coisas aconteceram. Um supremacista branco matou 22 pessoas a tiros em um centro comercial em El Paso, no Texas. Donald Trump disse que pretende comprar a Groelândia. O presidente da França, Emmanuel Macron se opôs ao acordo comercial entre a União Europeia e o Mercosul porque, quando a Amazônia começou a pegar fogo, percebeu que o presidente do Brasil lhe havia mentido sobre seus compromissos climáticos, condição fundamental para a assinatura daquele acordo, o que demonstra que Macron é ingênuo ou não lê os jornais: em julho, em uma coletiva de imprensa internacional, Bolsonaro havia dito que se “os dados de desmatamento dos últimos 10 anos fossem verdadeiros, a Amazônia já não existiria”, e que “a Amazônia é nossa, não de vocês”. Enquanto isso, na minha pequena vida, coisas aconteceram: aprendi a fazer pão com massa madre e ouvi uma frase. Diego, o homem com quem vivo, alimenta há anos uns gatos de rua nos bosques de Palermo, em Buenos Aires. Leva-lhes água e comida, fabrica-lhes abrigos que coloca sobre as

árvores. **Os gatos** estão em uma área difícil, em que travestis oferecem seus serviços e vários grupos se reúnem para fumar paco: pasta base de cocaína. Diego os conhece bem; de vez em quando **lhe** pedem dinheiro ou água e ele dá. Outro dia, um dos homens desse grupo se aproximou **dele** com quatro facas de muito mau aspecto e queria vender uma. “Não minto para você”, disse ele, “eu as roubei hoje à tarde”. Diego respondeu que não tinha um único peso e que, além disso, não precisava de facas. O homem perguntou se **ele** tinha um isqueiro. Diego **lhe** deu o seu. Depois, começou a distribuir a comida nos comedouros. O homem observou-o fazer a distribuição e, de repente, disse: “Louco, você faz bem em trazer comida para os animais. Quanto a nós, é melhor nos deixar morrer”. Essa frase foi o **meu incêndio** do mês de agosto.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/opinion/1567523295_277759.html

No artigo analisado “incêndios”, de Leila Guerriero, os referentes contribuem para a manutenção temática, uma vez que eles vão sendo mobilizados de forma a fazerem retomadas e, por conseguinte, recuperando ideias anteriores, situando e persuadindo o leitor sobre o ponto de vista que a autora pretende transmitir e, também, revelam o modo como a articulista compreende os acontecimentos e os sujeitos que deles fazem parte.

O modo como a autora mobiliza os fatos e cria os referentes contribui para levantar hipóteses, reconstrói o contexto informativo e é decisivo para a construção do discurso no gênero artigo de opinião.

Assim, a autora o inicia com uma expressão, a princípio, sem nexos com os enunciados seguintes, em que, quase todos, são iniciados com nomes de figuras políticas importantes no mundo, para então chegar às queimadas na Amazônia e, por conseguinte, à figura de nosso Presidente. Dado o contexto das queimadas na Amazônia, o objetivo da autora é mostrar o descaso em relação aos incêndios em nossas florestas.

Para dar continuidade tópica, a articulista emprega a expressão referencial “enquanto isso” que assume a função de resumir uma porção do texto anterior, condensando de forma pro-

spectiva uma parte do texto, a esse evento (KOCH, 2009) chama de “encapsulamento”, que contribui para manter o tópico discursivo e, por conseguinte, a manutenção temática.

Assim, ela passa a atuar com a função de organizador das partes do texto por que faz remissão a argumentos anteriores, e introduz novos argumentos para enfatizar a tese de que o governo atual está sendo negligente com relação a algumas pautas, tais como, os incêndios que estão ocorrendo em nossas matas.

Para Ciulla e Silva (2008, p. 72), numa situação como a apresentada, o referente remete a conhecimentos partilhados pelos interlocutores e promove, ao mesmo tempo, a introdução de argumentos novos.

Pode-se concluir do exemplo acima citado, que a expressão “enquanto isso”, nesse caso específico, acumula “características de dois grupos distintos, quais sejam: o das introduções referenciais e os das anáforas”, produzindo, dessa maneira, a condução da argumentação e fornecendo uma explicação dos fatos.

Agora, passemos a observar as retomadas por meio de pronomes e de anáforas diretas. As anáforas pronominais são elementos indispensáveis à coesão textual, uma vez que tais formas ajudam a estabelecer e desambiguar os referentes na tessitura textual, como ocorre com as formas pronominais “lhes”, que tem função anafórica e refere-se à expressão nominal indefinida “uns gatos”, evitando a repetição da mesma palavra e “lhe”, que se refere a um dos travestis que a autora citou.

Já a forma, também pronominal, “dele” funciona como anáfora e refere-se a Diego; já a expressão definida é formada pelo (artigo definido o no plural + o nome substantivo masculino plural “gatos”, assim, “os gatos” é um exemplo de anáfora direta.

Decisiva, também, para a relação entre tópicos foi a palavra “incêndio”, que a princípio foi tomada na forma literal, usual que se refere às queimadas. No entanto, quando empregada nesta estrutura “meu incêndio do mês” com a ajuda da expressão “quanto a nós” vemos que a referida palavra foi empregada de maneira figurada, não usual e serve para ativar a memória discursiva.

Assim, vimos que a referenciação anafórica é indispensável

na construção dos sentidos do texto, de forma que o produtor do texto se utiliza delas para estabelecer as conexões necessárias para a manutenção temática e, por conseguinte, promover as relações de sentidos em seu texto, como observamos no emprego das expressões referenciais destacadas no artigo de opinião ora analisado.

6 Considerações finais

Com o objetivo de analisar como as anáforas correferenciais contribuem para a manutenção tópica no artigo de opinião, partimos da orientação de que se tais recursos forem mobilizados adequadamente, contribuem de forma decisiva para a organização tópica, para a manutenção temática e para a construção dos sentidos do texto.

De acordo com a análise dos dados, podemos afirmar que o processo de referenciação no gênero artigo de opinião mostrou-se muito importante na composição do texto opinativo. Assim, a nosso ver, o processo referencial anafórico é essencial à manutenção do tema, dá pistas para que o leitor possa recuperar o percurso argumentativo proposto, uma vez que o efeito de sentido que as expressões referenciais anafóricas produzem na dinâmica discursiva é notório.

Verificamos que esse processo é sociointerativo, ou seja, proporciona o elo significativo entre produtor e leitor, contribuindo para produção, compreensão e interpretação do gênero artigo de opinião, exercendo funções que permitem organizar, introduzir e retomar o percurso argumentativo e, por conseguinte, construir o sentido do texto. Vale salientar, também, que outros tipos de expressões referenciais, tais como a função de introdução de informações novas, fazem parte das estratégias utilizadas pelo articulista, com vistas a produzir no leitor o efeito de sentido produzido por ele.

No entanto, com a introdução referencial o produtor de texto introduz um objeto até então não referido no texto, com o propósi-

to de que esse objeto fique saliente no texto. Já no processo de retomada, caso das expressões referenciais anafóricas, o escrevente se utiliza da estratégia de reativação de referentes de maneira que o objeto de discurso permaneça em foco.

Diante de todas as reflexões apresentadas, consideramos de extrema relevância novos estudos que contemplem a análise das funções cognitivo-discursivas do processo referencial anafórico sob a perspectiva da Linguística Textual, nos mais variados gêneros textuais/discursivos.

Assim, este trabalho objetiva, mesmo já tendo uma rica bibliografia sobre a temática, contribuir para que, no âmbito da disciplina língua portuguesa, o professor possa trabalhar a referenciação como estratégia indispensável para o processo de organização textual.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 1998.

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B; CIULLA E SILVA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 53-84.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

CIULLA E SILVA, Alena. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: O universo literário dos contos. 205 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual**. 2ª ed. São Paulo. Contexto. 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever** – estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda M. **Ler e Compreender** – os Sentidos do Texto. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1996.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. **Integração de fatos formulativos e interacionais na construção do texto: um estudo a partir da topicalidade**. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, Assis, 2003.

SILVA, Franciedson Pinto. **Manutenção temática em artigo de opinião: a construção de sentidos por meio de anáforas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, 2020.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Texto e Contexto**. Catedra: Madrid, 1995.



CAPÍTULO 16

DE EVA A LILITH: FIGURAÇÕES DO FEMININO EM A SAUNA, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Ana Carolina da Silveira Costa Santiago
Antonia Marly Moura da Silva

1 Considerações iniciais

Durante os séculos, a escrita de autoria feminina não era reconhecida como—relevante, comumente considerada como gênero menor, tal como diários pessoais ou cartas reconhecidos como autoficcionalização, confissão, narrativas do eu ou escrita de si, como concebe Foucault (2006) ao tratar de gêneros discursivos ligados aos relatos de experiências pessoais. Frente a isso, na tradição literária a produção de mulheres geralmente esteve associada a experiências pessoais vividas pela escritora, supostamente por isso, muitos críticos reduzem as obras de autoria feminina a “uma forma simplista de autobiografia, de pouca ou nenhuma literariedade” (SANDER, 1989, p. 38).

Para além dessa perspectiva, partindo do princípio de que vivemos em um mundo patriarcal, como devemos ler a escrita de autoria feminina, fugindo dos padrões preestabelecidos em nosso contexto sociocultural? Se a literatura escrita por mulheres revela e desvela a condição da mulher no âmbito social e cultural em que estão inseridas, bem como processos de sujeição e de subjetivação

sobre si e sobre o mundo, dando visibilidade ao lugar social ocupado por tais sujeitos - e também ao seu lugar no cenário literário - concordamos com a visão de Sander (1989, p. 38) ao ressaltar que “a especificidade da literatura de mulheres não a invalida, ela não pode ser apreciada do ponto de vista dos críticos tradicionais, eles não viram. Eles não vêem nada além dos limites de sua tradição”. No contexto desta reflexão, é mais do que oportuno discutir os sentidos e as perspectivas da literatura produzida por autoras mulheres, na contramão desse árduo e injusto embate, fortalecido durante séculos. De um modo geral, defendemos a hipótese de que a ficção de autoria feminina pode ser mais uma das formas de pôr em xeque verdades absolutas sobre estigmas de inferioridade e de desigualdade estabelecidos pelo poder patriarcal e disseminados em produções literárias de autoria masculina.

Considerando que na tradição da literatura nos deparamos com o ponto de vista masculino, podemos observar a tentativa de inviabilizar pontos de vista que entrem em confronto com o que já é de senso comum. De acordo com Gilbert e Gubar (1984, p. 67), “os estilos e gêneros literários são essencialmente masculinos – criados por homens para contar as histórias dos homens sobre o mundo”, logo, a visão de mundo da mulher é considerada inexistente, sem relevância. Desse modo, seguindo essa linha de reflexão este artigo tem como objetivo, analisar o conto “A sauna”, da autora Lygia Fagundes Telles, procurando ressaltar a importância da escrita feminina para a história das mulheres, sob a perspectiva do gótico feminino. Sob esse viés analisa-se o papel de duas mulheres e o espaço ficcional que em nossas hipóteses parecem definir a ação narrativa. Na abordagem do conto, evidenciaremos a posição imposta às mulheres e os espaços que as delimitam. Para tanto, elegemos como aporte teórico sobre feminismo e história das mulheres, autoras como, Showalter (1987) e Sander (1989), sobre a forma do conto teremos Bosi (2006), sobre o espaço, Armstrong (1987), Kimmel (1996), Heiland (2004), sobre o gótico feminino teremos Moers (1976), Gilbert e Gubar (1984), Santos (2008), Wallace e Smith (2009).

2 O gótico feminino

Muito se fala que a publicação da obra *The Castle of Otranto* (1764) de Horace Walpole foi o início para uma série de romances góticos. Casas, castelos, mausoléus sombrios caracterizam as histórias do gênero. Por afinidade esse tipo de escrita passou a ser mais utilizado por mulheres, entre os quais destacamos *The Children of the Abbey* (1796), de Regina Maria Roche, *The Old English Baron* (1777), de Clara Reeve, *The Mysteries of Udolpho* (1791), de Ann Radcliffe. Com a atmosfera de medo, de opressão e de perseguição foi se moldando o gótico na literatura de autoria feminina.

Por volta de 1960 em meados da segunda onda do Feminismo, houve um redescobrimento e o desenvolvimento de uma tendência na escrita de autoria feminina, denominada por Ellen Moers (1976) de *Female Gothic*. Mas somente a partir dos anos 1990 que começaram a surgir questionamentos sobre a independência do Gótico Feminino como um estilo à parte de uma já literatura preexistente, uma literatura feita com base na libertação, revolução, empoderamento, mas sempre circundada pelo medo.

Na escrita de estilo gótico feminino, os monstros e os fantasmas são personagens figurativizados sob uma nova perspectiva, muitas vezes ocupando o lugar de protagonistas homens, conforme um aparato que legitima o sistema patriarcal. De acordo com Moers (1976, p. 91-92),

já na década de 1790, Anne Radcliffe, firmemente define o gótico em uma das formas que iria ser para sempre: um romance em que a figura central é uma jovem que é, simultaneamente, uma vítima perseguida e uma heroína corajosa [...] O Frankenstein de Mary Shelley, em 1818, transformou o romance gótico no que hoje chamamos de ficção científica. Frankenstein trouxe uma nova sofisticação ao terror literário, e o fez sem uma heroína, nem mesmo uma vítima feminina importante. Paradoxalmente, porém, nenhuma outra obra gótica de uma escritora, talvez nenhum tipo de obra literária feita por uma mulher, representa melhor a análise à luz do sexo de sua au-

tora. Frankenstein é um mito de nascimento, e um que foi alojado na imaginação da romancista, estou convencida, pelo fato de que ela mesma era uma mãe.¹⁸¹⁹

Tendo citado duas importantes precursoras da escrita gótica na autoria feminina, podemos observar que em obras desse estilo, em sua maioria, possuem características como o sentimento de medo, bem como a expressão de atributos como culpa, depressão, ansiedade, morte, nascimento, entre outros. Tratamos do gótico enquanto estilo de escrita, por envolver gêneros variados não se restringe a uma escola literária em específico. Aplicamos o gótico de forma genérica para referenciar obras literárias cujos temas explorem esses elementos estéticos supracitados.

De modo recorrente, a mulher é delineada como figura que tem em seu entorno, um vilão que a persegue, que a denigre, mas que em sua maioria, ao final ela consegue perpassar por todas as dificuldades e se reerguer enquanto indivíduo. Outra característica bastante peculiar às narrativas de estilo gótico feminino são os espaços domésticos, categoria ficcional em que figurações de castelos e casas mal assombradas constituem representações prestigiadas no gótico tradicional. Convém destacar que, no contexto da contemporaneidade, espaços e ambientes ficcionais são reinventados na escrita de autoria feminina, indiciando atmosferas de enclausuramento e outras formas de prisões dentro dos espaços privados.

Em suma, a estética gótica, incluída à escrita de autoria feminina, tem sido um dos caminhos escolhidos por algumas autoras para expressar seus anseios em um mundo dominado por figuras masculinas, geralmente opressoras. A seguir, iremos tratar com

18 As citações em língua estrangeira foram por mim traduzidas.

19 *As early as the 1790s, Anne Radcliffe, firmly set the Gothic in one way of the ways it would go ever after: a novel in which the central figure is a young woman who is simultaneously persecuted victim and courageous heroine. [...] Mary Shelley's Frankenstein, in 1818, made the Gothic novel over into what today we call Science fiction. Frankenstein brought a new sophistication to literary terror, and it did so without a heroine, without even an important female victim. Paradoxically, however, no other Gothic work by a woman writer, perhaps no literary work of any kind by a woman, better repays examination in the light of the sex of its author. For Frankenstein is a birth myth, and one that was lodged in the novelist's imagination, I am convinced, by the fact that she was herself a mother.* (MOERS, 1976, p. 91-92).

mais consistência teórica e analítica, algumas características do estilo gótico feminino, na escrita de Lygia Fagundes Telles. O gótico é um traço marcante em alguns contos de Telles, porém este trabalho não tem a pretensão de traçar um caminho mais ambicioso sobre a obra da referida ficcionista; na abordagem pretendida, destacamos o conto “A sauna” para focalizar a representação feminina situada entre a mulher reprimida e a mulher transgressora.

3 O gótico feminino em Lygia Fagundes Telles

A ficção de Lygia Fagundes Telles é reconhecida pela crítica por sua engenhosidade com que a escritora figurativiza a realidade, confluindo o natural e o sobrenatural. Temáticas privilegiadas como vida e morte, amor e desamor, passado e presente realçam o cotidiano dos seres ficcionais com grande destaque para o universo feminino como se verifica em seus célebres romances *Ciranda de pedra* (1954), *As meninas* (1973) e *As horas nuas* (1989) e em contos como “Venha ver o pôr do sol” (1958), “Tigrela” (1977), “O espartilho” (1978), “Boa noite, Maria” (2009), entre outros. Considerada uma das maiores contistas e romancistas da literatura brasileira, Lygia Fagundes Telles valoriza em sua escrita aspectos da sociedade contemporânea como a representação da vida moderna e cosmopolita marcada por traços ideológicos, que muitas vezes dizem respeito às mulheres.

É destacada como uma das representantes da literatura contemporânea, pois sua escrita prestigia temáticas que realçam muitas das angústias vividas por mulheres. “A narrativa de Lygia Fagundes Telles, além de seguir temas caros ao gótico, também é banhada de imagens e palavras que nos remetem ao universo do gênero” (SANTOS, 2008, p. 74). Em diversas de suas coletâneas de contos como, *Antes do baile verde* (1975) e *Seminário dos ratos* (1977), por exemplo, nos deparamos com a perspectiva de vida de mulheres em uma sociedade que as concebe como loucas ou as tornam invisíveis. No discurso mimético, o silêncio das protagonistas mulheres geralmente se quebra de forma abrupta e escan-

dalosa, de acordo com Showalter (1987, p. 144),

os distúrbios nervosos das mulheres expressam o conflito indissolúvel entre o desejo de agir como pessoa e as obrigações sociais internalizadas de se submeter às necessidades da família e de se conformar com a prática do auto sacrifício, obrigatoriamente associada ao modelo de comportamento feminino.²⁰

A loucura é um aspecto do estilo gótico feminino, a histeria, as neuroses, atributos geralmente considerados uma forma de transgressão. Mulheres que fugiam dos padrões sociais também eram consideradas histéricas, transgressoras, e que deveriam ser punidas. A loucura é um componente abjeto, ligado ao desconhecido, umas das peças chave que dão forma à literatura gótica, como afirma Snodgrass (2005, p. 189), “insanidade é um tema central na literatura gótica, em parte como um distanciamento da mente de eventos sensacionais ou macabros e aparições que destroem a razão”.²¹

No conto “O Jardim selvagem” (1965), por exemplo, não se trata de uma mulher louca ou vitimizada, mas de uma mulher independente e transgressora, uma marca da literatura gótica feminina. Podemos observar no diálogo entre Ducha e Tia Pombinha, personagens do conto referido, surpresos por Daniela ter tomado banho nua na cachoeira da chácara, “Quando estiveram na chácara, nesse último fim de semana, ela tomou banho nua debaixo da cascata. — Nua? — Nuinha” (TELLES, 1965, p. 76). Em “Venha ver o pôr-do-sol” (1976), Telles vai passeando pelo estilo gótico de escrita. A história situada em um cemitério, a melancolia de se assistir ao pôr do sol de dentro de um lugar como aquele, nos remete às narrativas góticas. Ricardo, o vilão, aprisiona Raquel à uma catácumba, deixada lá para morrer, devido ao fato de ela não querer

20 *Their nervous disorders expressed the insoluble conflict between their desires to act as individuals and the internalized obligations to submit to the needs of the family, and to conform to the model of self-sacrificing “womanly” behavior* (SHOWALTER, 1987, p. 144).

21 *Insanity is a pivotal theme in Gothic literature, in part as a retreat of the mind from sensational or macabre events and apparitions that overthrow reason* (SNODGRASS, 2005, p. 189).

reviver seu romance com ele. Estes são exemplos ínfimos de traços do estilo de escrita gótica nas obras de Lygia Fagundes Telles.

A seguir, analisaremos o conto “A sauna” (1977) sob a perspectiva de teorias do gótico feminino, salientando características da mulher independente, transgressora e a mulher vítima, assim como os espaços em que ambas vivem.

4 “A sauna”: nos domínios do gótico feminino

No conto “A sauna”, de Lygia Fagundes Telles encontramos características bem representativas do gótico na escrita feminina. No que se refere a configuração do tempo, o conto possui muitos lapsos temporais, confluindo passado e presente. O narrador-personagem relata uma história amorosa do passado, para a sua atual companheira, recuperando um retorno no tempo, e, de repente, sem anunciar ao leitor, volta a ação para o presente. O narrador é um pintor que decide ir a uma sauna, com o propósito de talvez relaxar, de perder peso ou de se distanciar um pouco de suas obrigações, mas o que se verifica como ponto central nessa busca é o diálogo do personagem consigo mesmo. Na sauna, o narrador-personagem se vê inebriado por um cheiro de eucalipto e o faz rememorar experiências de um amor passado mal resolvido. Nas rememorações do pintor, o personagem descreve Rosa, seu amor do passado, como uma moça anêmica, frágil, pálida, traços que de imediato nos remete a heroína gótica,

Quando esbocei o oval do seu rosto, estava tão séria que parecia posar para uma foto frente-perfil datada. Rosa Retratada, eu disse e ela aproveitou o sorriso para molhar os lábios com a ponta da língua. Continuaram sem brilho os lábios anêmicos. Minha Rosa anêmica. (TELLES, 1977, p.33)

Convém lembrar que na configuração gótica, a mulher depende da aprovação de um homem, normalmente o vilão, sua ação é sempre voltada para as necessidades dele e para o lar, espaço que ela deve ocupar com contentamento e amor. Na ficção

gótica de um modo geral, a castidade está relacionada diretamente a pureza, inerente a heroína. No conto, o narrador logo esclarece que Rosa é uma moça virgem, um traço pueril que nos remete, de imediato, à literatura gótica. Segundo Tóth (2010, p. 25) “a heroína gótica arquetípica tem como principal característica o desamparo e a impotência em seu confronto com poderes institucionais que em nada lhe são favoráveis”, e seguindo essa mesma lógica temos Williams (1995, p. 41), que diz “O negócio da vida de uma mulher é encontrar um marido adequado e obedecê-lo (mesmo que o conto implique que tal obediência é improvável, dada a curiosidade feminina e a intransigência)”.²²

Entre idas e vindas nos diálogos com o funcionário da sauna, o narrador-personagem lembra de Rosa com afeto, mas sua companheira atual, Marina, é lembrada com um certo teor de escárnio. Rosa era “magrinha como um galho daquela planta que agora esqueci o nome, tinha no nosso quintal várias prateleiras só com esses potes de folhinhas trementes se estendendo nervosas para o lado da sombra” (TELLES, 1977, p.65). E Marina, por sua vez, é assim referida: “E agora já nem sei se foi Marina ou se sou eu que pensa nisso, tanta pergunta que começo a me misturar com as dela. Marina, meu juiz” (TELLES, 1977, p. 65). Marina é configurada como uma mulher livre, independente, viajada, sem filhos, basicamente o oposto de Rosa. Esta por sua vez interpreta a heroína gótica transgressora, aquela que não se dá por vencida, assim como podemos observar na afirmação de Wallace e Smith (2009, p. 77), “a própria heroína gótica, cuja fuga da prisão tirânica desafia a autoridade patriarcal e descoroa o poder do sobrenatural”.²³ Marina é a figura questionadora, curiosa, e isso incomoda o seu companheiro que diz,

Tempo de perguntar e tempo de olhar e esse olhar soma,
subtrai e soma de novo, ela é excelente em contas. A re-

²² *The business of a woman's life is to find a suitable husband and to obey him (even as the tale implies that such obedience is unlikely, given female curiosity and intransigence)* (WILLIAMS, 1995, p. 41).

²³ *Gothic heroine herself, whose flight from tyrannical imprisonment defies patriarchal authority and decrowns the power of the supernatural* (WALLACE; SMITH, 2009, p. 77).

volução das mulheres devia aproveitá-la para a contabilidade. Mas parece que lá no Inferno o sistema é de entrevista. Perguntas. Num certo período perguntou tanto sobre Rosa, ficou tão fixada, uma curiosidade tamanha por nós dois. (TELLES, 1977, p. 34)

No conto podemos observar a insatisfação do narrador-personagem ao passar pela fase “inquisidora” de Marina. Um demônio em oposição a Rosa, ser santificado. Arquétipos femininos que, na tradição de Eros sobre a relação amorosa, indiciam dualidades como boa e má, casta e impura, bruxa e santa, anjo e demônio, Lilith e Eva, dentre outras. Na literatura, essa configuração dual instiga profundas reflexões sobre a cultura machista, amparada pelo patriarcado, posições expressas em discursos canônicos – fabulativos ou não – em torno do feminino.

No relato, Marina tem outros interesses, busca conhecimento, é envolvida com movimentos feministas, os quais seu companheiro tanto criticava. Rosa se limita ao lar, larga tudo para viver em prol de seu relacionamento, praticamente como um anjo, enquanto que Marina, com atitudes transgressoras, é vista como uma mulher má, uma bruxa, uma *femme fatale*, “uma característica feminina da heroína gótica frágil, adorável e de bom coração, é sua contraparte fictícia, a imperiosa, sombriamente emocional *femme fatale*, ou mulher fatal” (SNODGRASS, 2005, p. 120).²⁴ Enquanto Rosa aceita tudo, Marina tudo questiona.

Os espaços nesse conto também nos remetem àqueles que nos deparamos nas histórias góticas, mas é importante ressaltar que no estilo gótico feminino moderno, esses espaços são ressignificados. Rosa é prisioneira em seu próprio lar. Marina é livre em tudo, de corpo e mente. Em um cotejo entre personagens, Lygia Fagundes Telles parece destacar instâncias duais que envolvem as relações de gênero. Metáforas, imagens e arquétipos enaltecem a selvageria do amor conjugal. Segundo Heiland (2004, p. 6) “...o desenvolvimento do *gótico doméstico* se concentra particularmente em formas pelas quais relacionamentos estranhos perturbam a

24 *A womanly FOIL of the frail, lovely, and goodhearted Gothic heroine is her fictional counterpart, the imperious, darkly emotional femme fatale, or fatal female* (SNODGRASS, 2005, p. 120).

própria possibilidade de um “lar” funcional”²⁵, e é este tipo de descrição que encontramos no conto. A “Retórica doméstica lança mulheres nos papéis de ‘anjos na casa’ e ícones morais”²⁶ (ARMSTRONG, 1987, p. 124), e concluindo o raciocínio, “elas são as amantes absolutas no domínio privado, mas elas não são somente domésticas, elas eram domesticadoras”²⁷ (KIMMEL, 1996, p. 60).

A sauna em que o narrador-personagem se encontra parece mais uma espécie de purgatório, onde ele reflete sobre seus comportamentos enquanto companheiro, sua culpa, egoísmo, o vazio de sua existência, podemos talvez inferir uma certa procura por uma redenção.

As possibilidades que as estratégias da narrativa do gênero fornecem para a evocação e a problematização do passado atingem os objetivos de uma obra que busca reabrir feridas, deixando os personagens em carne viva. Lygia Fagundes Telles faz isso de forma magistral, adaptando o gênero gótico à sua escrita, mas também dialogando com uma tradição que vem desde o século XVIII. (SANTOS, 2008, p. 74)

Como se estivesse pagando penitências pelo seu egocentrismo em relação a Rosa e todo o mal que a fez, “O vapor ardente sopra dos quatro cantos da sauna como da boca do dragão, tinha sempre um dragão nas histórias da minha mãe, com homens maus castigados até o fim, o castigo quente era obrigatório” (TELLES, 1977, p. 49). Por outro lado, o narrador, também se sente frágil, em relação a Marina, e como vilão gótico, transforma essa sensação de fragilidade em manipulação e violência psicológica quando diz,

Se ao menos tivéssemos tido filhos, Marina. Mas você nunca pôde ter filhos, espero que não me culpe também por isso. Então estamos sós, sem desejo. Sem paixão, quer

25 ...whose development of what we might call “domestic gothic” focuses particularly on ways in which uncanny relationships disrupt the very possibility of a functional “home” (HEILAND, 2005, p. 6).

26 Domestic rhetoric casts women into the roles of ‘angels in the house’ and moral icons (ARMSTRONG, 1987, p. 24).

27 They are the absolute mistresses of the private domain, but they are not only domestic, they were domesticators (KIMMEL, 1996, p. 60).

dizer, sem paixão, eu, porque você está toda fervorosa com suas irmãzinhas, seu jornal. (TELLES, 1977, p. 48)

Ao final da história, o homem, personagem principal, é chamado pelo funcionário da sauna, avisando que o tempo dele havia acabado. E ele sai daquela sauna, se sentindo mais leve, talvez por ter “passado a limpo” seus pensamentos questionadores, se confessado consigo mesmo e conseguido a absolvição de seus pecados. Neste conto é perceptível a questão de gênero e jogos de poder entre mulher e homem, a heroína gótica representada de duas formas e o vilão, o qual não sabemos se conseguiu sua redenção ou se seus sentimentos de remorso e culpa perduram para o resto de sua vida, “Vejo os seus pés enormes e comunico que estou um tanto enfraquecido, mas limpo” (TELLES, 1977, p. 52).

5 Considerações finais

No cenário das letras brasileiras, Lygia Fagundes Telles se sobressai com uma ficção representativa de anseios, angustias e desafios em torno da condição da mulher, dando visibilidade a paradigmas ligados ao teor masculinizante que ainda rege preceitos sociais na atualidade. Identificamos nessa análise alguns vestígios do gótico, assim como do gótico feminino na escrita de Telles. Na leitura do conto selecionado foi possível observar que atributos ligados aos arquétipos são formas que se perpetuam de geração para geração em diversas culturas.

Na narrativa, “A sauna”, vemos um vilão que subjuga sua primeira companheira e em seu segundo relacionamento sente-se subjogado, e é nesse momento de subjogado que ele se mostra e entra em conflito com seu próprio ser.

De um modo geral, podemos dizer que a poética gótica nas narrativas femininas, sugere obscuridade, imaginação, tensão, horror e terror para os (as) leitores (as). Mulheres prisioneiras de seus espaços privados e maridos, afazeres domésticos como eternas punições. Supostamente, não foi por menos que as escri-

toras passaram a adotar esse estilo de escrita para atrair olhares críticos e descortinar tal problemática. Elementos como a loucura, opressão, libertinagem feminina, melancolia, o erótico, a maternidade, são temas centrais utilizados para se sobressair entre tantas obras já consolidadas. De acordo com essa amostra, quanto ao conto e as características analisadas, cabe dizer que o conjunto de aspectos do estilo de escrita gótica aliado a escrita feminina, contribuem bastante para a manutenção da tensão e dos horrores na vida cotidiana de mulheres e ainda sendo passível de ampliar e somar mais estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Nancy. **Desire and Domestic Fiction**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

FOUCAULT, Michel. Escritas do Si. In: _____. **Escritas, sexualidade, política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006, p. 144 -162.

HEILAND, Donna. **Gothic and gender: an introduction**. United Kingdom: Blackwell publishing, 2004.

KIMMEL, Michael. Consuming Manhood: The Feminization of American Culture and the Recreation of the Male Body, 1832 - 1920. In.: **The Male Body: Features, Destinies, Exposures**. Laurence Goldstein (Ed.) Ann Arbor: University of Michigan Press, 1994, p. 12 - 41.

MOERS, Ellen. **Literary women: the great writers**. New York: Oxford University Press, 1985.

SANDER, Lúcia. O Caráter Confessional da Literatura de Mulheres. In.: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **A Mulher e a Literatura/Revista Organon** - Vol. 16, n. 16. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 38-51.

SANTOS, Camila de Mello. O gótico em Lygia Fagundes Telles. In: **XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura**, 2008, Ilhéus. Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural. Ilhéus: Editus, 2008. p. 70-75.

SHOWALTER, Elaine. **The female malady:** women, madness and the english culture. London: Virago, 1987.

SNODGRASS, Mary Ellen. **Encyclopedia of Gothic Literature.** New York: Facts on file, 2005.

TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr-do-sol. In.: **Antes do baile verde.** São Paulo: Companhia das Letras, 1975. P. 94-100.

_____. O Jardim selvagem. In.: **Antes do baile verde.** São Paulo: Companhia das Letras, 1975. P. 74-79.

_____. A sauna. In.: **Seminário dos ratos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1977. P. 33-52.

TÓTH, Réka. The Plight of the gothic heroine: female development and relationships in Eighteenth century female gothic fiction. In.: **Eger jornal of english studies.** Eger, v. 10, p. 21 – 37, 2010.

WILLIAMS, Anne. **Art of Darkness:** a poetics of gothic. Chicago: The university of Chicago press, 1995.

WALLACE, Diana. SMITH, Andrew. **The female gothic:** New directions. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2009.



CAPÍTULO 17

TRANSFERÊNCIA PRAGMÁTICA: ESTUDO COMPARATIVO DE HISPANOFALANTES E BRASILEIROS COM O ATO DE FALA AGRADECER

Marta Regina de Oliveira
Pedro Adrião da Silva Júnior

Introdução

A presente pesquisa tem como escopo central investigar os estudos que concernem à interlíngua pragmática (ILP). Este fenômeno nos oferece a explicação da TRP, que ocorre quando um aprendiz transfere regras e normas comunicativas de sua língua materna (LM) para aquisição de novas línguas. Tem como objetivo geral, analisar a TRP em hispanofalantes na aquisição do PB como L2.

Com isso, tentamos responder à seguinte pergunta-problema: de que modo a TRP atua na aquisição da segunda língua (ASL)? Partimos da hipótese que os falantes em ASL tendem a transferir padrões comunicativos (pragmáticos) da sua LM na aquisição de outras línguas, ou seja, realizam estrategicamente atos de fala e regras de cortesia da LM na ASL.

Do ponto de vista metodológico, nos enquadrados em uma

pesquisa descritiva, de abordagem quali-quantitativa e de base interpretativa. Optamos pela metodologia de corte transversal e com *corpus* de análise, questionários e gravações de hispanofalantes residentes na cidade de Mossoró/RN. Por se tratar de uma pesquisa que compara e analisa LM e L2, verificamos a importância de se realizar os mesmos procedimentos investigativos com falantes nativos do PB.

Após essa breve apresentação, iniciamos a seguir o segundo capítulo, abrindo para discussão a fundamentação teórica.

2 Transferência pragmática

O termo transferência desponta no âmbito da Análise Contrastiva (AC). Para os teóricos dessa vertente da Linguística Contrastiva (LC), ao aprender uma L2 estaríamos sujeitos a processos de transferências. Nesse contexto, a aquisição da L2 se produz por uma transferência de hábitos da LM para a língua alvo. Logo, a transferência será positiva em todos os casos em que coincidam as estruturas da LM com as da língua que se aprende, enquanto que será negativa se houver diferenças entre os sistemas (BARALO, 2004, p.36).

No entanto, essa perspectiva foi colocada em dúvida, pois a transferência frequentemente não acontecia quando havia diferença entre a LM e L2. Entre outros questionamentos (metodológicos e didáticos), a AC é reformulada e a AE entra em cena. E ao invés de somente examinar a LM e a L2 do aprendiz fornece uma nova metodologia para investigação de línguas.

Sobre os processos investigativos citados, podemos considerar que foram motivados pelo desejo de melhorias nas práticas metodológicas e pedagógicas. Corder, como percussor da segunda perspectiva percebeu que as transferências forneciam informações sobre a aprendizagem dos falantes e nelas as evidências de transferências em todos aspectos da língua: fonológico, sintático, semântico e pragmático.

Para compreender o processo citado, remetemos aos estu-

dos de Selinker (1972). Segundo ele, na tentativa de aprender uma nova língua, o aprendiz desenvolve uma língua intermediária entre a LM e a L2, diferente de ambas. Como resultado desse processo, Selinker argumenta que a Interlíngua (IL) resulta na ocorrência de cinco processos centrais, dentre eles se encontra a transferência linguística.

De modo semelhante, ao adquirir uma L2 o aprendiz desenvolve a Interlíngua Pragmática (ILP), tendo a Transferência Pragmática (TRP) como um dos seus processos centrais (GALINDO MERINO, 2005). Assim, dessa maneira, podemos defini-la como o processo de transferência de regras e padrões comunicativos da língua do aprendiz para a língua alvo.

Sobre transferências, Escandell Vidal (2009, p. 99) reitera que elas podem afetar qualquer segmento do uso da língua, desde o uso linguístico ao uso pragmático. E nessa circunstância, será considerado transferência linguística quando o que se transfere são propriedades ou regras características da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. E será considerado TRP, quando o aprendiz de L2 aplica a língua que se aprende padrões e formas de conduta que regem sua LM.

Karper e Blum-Kulka (1993) consideram a TRP como a influência linguística e cultural dos aprendizes no desempenho e conhecimento pragmático da L2. Sobre essa influência, Lopez Vásquez (2014) nos diz que a LM nos conduz a usos estratégicos (hipóteses) que consistem em transladar elementos pragmáticos próprios da LM a L2, e ainda, que este fenômeno pragmático incluso persiste em níveis mais avançados de aquisição/aprendizagem.

Outro fator observado é que os aprendizes de uma L2 não iniciam a aquisição da nova língua sem nenhuma bagagem. Nas palavras de López Vásquez (2014), não iniciam a aquisição da L2 “culturalmente vazios”, ou seja, que não possua nenhum tipo de conhecimento de mundo. Nesse caso, a partir desses conhecimentos o falante fará com que suas atitudes pragmáticas se traduzam em transferências pragmáticas positivas. (LÓPEZ VÁZQUEZ, p. 2014).

Para dar continuidade, é necessário mencionarmos que o estudo da ILP se divide em: a) pragmalinguística²⁸ e, b) sociopragmática²⁹. Desse modo, na mesma circunstância, dentro da TRP também se distingue dois tipos, são eles: a) transferência pragmalinguística e, b) transferência sociopragmática. (ESCANDELL VIDAL, 2009, p. 99).

Para Escandell Vidal (2009), constituirá uma transferência pragmalinguística o uso em uma língua com fórmula própria de outra e com o significado que necessita na primeira. Em outros termos, a referida autora cita as palavras de Thomas (1983), que considera transferência de estratégias de atos de fala de uma língua para outra, ou ainda, transferência de enunciados sintáticos ou semanticamente equivalentes, que por diferentes culturas tendem a transmitir uma força ilocucional diferente em outra língua.

Para todo estudo em questão, Escandell Vidal (2009) nos reporta o fato de algumas estratégias (atos de fala) serem comuns em sua estrutura em determinados idiomas. Desse modo, a autora considera muito mais difícil detectar transferência, pois a estratégia utilizada tanto pode ser empregada como interpretada igualmente em ambas as línguas. No entanto, o grau de dificuldade em detectar uma transferência pragmalinguística aumenta quando o que varia de uma cultura para a outra não é a fórmula, e sim o significado associado a ela (ESCANDELL VIDAL, 2009).

Quanto a transferência sociopragmática, consiste em transferir a outra língua as expectativas de comportamentos e as representações sociais próprias de outra cultura. Estes fenômenos se relacionam com o modo em que os falantes de cada cultura conceituam as relações sociais e a conduta que consideram apropriada em uma interação verbal (ESCANDELL VIDAL, 2009).

Para a referida autora, se na transferência pragmalinguística em certas ocasiões apresentam dificuldades para serem detectadas, na transferência sociopragmática as dificuldades aumentam pelos fatores que podem dar lugar as transferências, já que elas

²⁸ Se interessa pela análise dos usos linguísticos que proporciona uma determinada língua para transmitir diferentes tipos de ilocuições (ESCANDELL VIDAL, 2009).

²⁹ Se interessa pela análise de como as representações de tipo social e cultural determinam o uso linguístico (ESCANDELL VIDAL, 2009).

não estão associadas às fórmulas mais ou menos específicas de cada cultura e, sim, a conceituação da conduta adequada e das relações sociais entre os participantes da interação.

As diferenças entre as culturas podem afetar toda a compreensão de um ato de fala. Como exemplo disso, citamos a modo de exemplificação o ato de fala agradecer. Nas culturas orientais um trabalhador não espera receber nenhuma ação de agradecimento por realizar seu trabalho, isto é, significa que qualquer atividade que um indivíduo realize como parte de sua função laboral não há necessidade de agradecimento, pois se entende que está compensada de outra maneira. No entanto, em outras culturas como a nossa, os agradecimentos são necessários desde ações simples como um favor e incluso na prestação de serviços pagos (ESCANDELL VIDAL, 2009).

Todos esses critérios são significativos na constatação da transferência. As transferências de tipo pragmática se diferenciam das de tipo gramatical, desde os efeitos que produzem até a dificuldade de aboli-las, pois, os hábitos pragmáticos são mais difíceis de corrigir que os gramaticais. Nas palavras de Escandell Vidal (2009, tradução nossa³⁰), podemos considerar que “na maioria dos casos não se percebe, nem se interpreta como erros, apenas como manifestações de antipatia, descortesia, má intenção, sarcasmo, sentimento de superioridade, etc.”.

3 Metodologia

Visando os estudos da TRP, evidenciamos os participantes da nossa pesquisa. Todavia, ressaltamos que nosso objetivo é analisar e descrever a TRP de hispanofalantes em aquisição do PB. No entanto, como se trata de uma investigação que analisa e compara LM e L2, verificamos a importância de se realizar os mesmos procedimentos investigativos com falantes nativos do PB, pois, partimos do pressuposto que os hispanofalantes são mais diretos

³⁰ Texto original: En la mayoría de las ocasiones no se perciben ni se interpretan como errores, sino como manifestaciones de antipatía, descortesía, mala intención, sarcasmo, sentimiento de superioridad y etc.

em rituais conversacionais (perguntar, pedir, agradecer e etc.), enquanto nós brasileiros priorizamos uma conversação oposta, ou seja, de forma indireta.

Dessa forma, dividimos os informantes em dois grupos: GRUPO I - hispanofalantes que residem na cidade de Mossoró, Participante Hispanofalante (PH); GRUPO II - brasileiros com naturalidade mossoroense e que residem na cidade de Mossoró, Participante Nativo (PN).

O primeiro grupo é composto por 10 (dez) hispanofalantes³¹ residentes em Mossoró. Deste grupo, 5 (cinco) participantes são do sexo masculino e 5 (cinco) do sexo feminino, com idades que variam entre 19 a 65 anos.

O segundo grupo, o de brasileiros, consta da mesma quantidade de informantes, 10 (dez). Estes informantes possuem nacionalidade brasileira, preferencialmente com naturalidade mossoroense, e residentes no referido município. A constituição desse grupo foi sistematizada de acordo com o quantitativo do Grupo I, no qual conseguimos equilibrar em 5 (cinco) homens e 5 (cinco) mulheres, com idades que variam entre 16 e 67 anos, aproximando-se criteriosamente do perfil dos hispanofalantes.

Desse modo, os critérios utilizados para a seleção dos informantes foram: GRUPO I - a) todos os informantes deveriam ser de origem hispânica e possuir a língua espanhola como idioma oficial; b) não apresentar problemas de audição e/ou fala; GRUPO II - a) todos os informantes deveriam ser falantes do português brasileiro como língua materna; b) ser preferencialmente mossoroense e residente nesta cidade; c) não apresentar problemas de audição e/ou fala.

A seleção desses dois grupos transcorreu na observação do uso do ato de fala agradecer – e como as variabilidades desse ato de fala nos idiomas investigados podem ocasionar a transferência da LM para a L2.

Em nossa investigação, contamos com 2 (dois) procedimen-

31 Grupo de hispanofalantes da cidade de Mossoró-RN: 3 (três) argentinos, 2 (dois) cubanos, 2 (dois) costarriquenhos, 1 (um) boliviano, 1 (chileno), 1 (um) espanhol. Compete esclarecer que estes informantes foram observados e analisados sob um ponto de vista grupal, fazendo parte do grupo de hispanofalantes referenciados nessa pesquisa

tos. No entanto, apresentamos apenas o segundo procedimento por se tratar de um recorte de nossa dissertação. O primeiro, trata-se da realização de uma entrevista para examinar o perfil do participante. O segundo, traz questões objetivas que envolvem situações comunicativas com o ato de fala expressivo agradecer.

Sobre o segundo procedimento investigativo, trata-se da seleção de 2 (duas) questões objetivas envolvendo situações comunicativas que prioriza o ato de fala agradecer. As situações comunicativas foram elaboradas criteriosamente na consecução de verificar e identificar se os hispanofalantes investigados transferem por meio dos atos de fala, normas e regras da LM na aquisição do PB como L2.

4 Análise comparativa do ato de fala agradecer

Sobre o ato de fala agradecer e a categoria que se encontra, a expressiva, constatamos que esse específico ato revela um estado psicológico do falante, isto é, expressa certo estado de ânimo do emissor em uma determinada situação ou acontecimento.

Nesse contexto, a elaboração da primeira situação comunicativa previa o agradecimento pela concessão de um pedido ao chefe no ambiente de trabalho, mais precisamente, a solicitação para sair antes do horário. Com a concessão, surgia a interpelação aos entrevistados de como reagir a determinada situação. Para análise dessa abordagem, segue a seleção de respostas dos hispanofalante e brasileiros:

Quadro 01: Comparativo hispanofalantes e brasileiros – situação comunicativa 01.

HISPANOFALANTES	BRASILEIROS
PH01 – <i>Agradezco</i> , obrigado! PH04 – Obrigada! PH05 – Muito grato por ter me deixado sair, não sei como <i>le</i> agradecer. PH08 – Muito obrigado! <i>Yo</i> agradeço!	PN01 – Obrigada! Fico muito agradecida pela sua compreensão. Mais uma vez muito obrigada! Precisando de mim, estou às ordens! PN03 – Obrigada por abrir essa <i>exceção</i> . Muito obrigada! PN07 – Senhor muito obrigado por ter me compreendido. Muito obrigado! PN09 – Valeu aí chefe... muito obrigado! (gesto de positivo com a mão)

Fonte: Elaboração nossa.

Verificamos nesse primeiro momento que os hispanofalantes optaram em grande parte pela comunicação direta. Para esse grupo, podemos considerar que as respostas se limitaram ao formato de agradecimento “obrigado”, “agradeço/*agradezco*” ou “muito obrigado”. Quanto aos brasileiros, constatamos o oposto, ou seja, verificamos que uma parcela considerável de respostas optou pela comunicação indireta e com uso de recursos gestuais.

Como exposto anteriormente, além dos recursos verbais de agradecimento, averiguamos que no grupo dos brasileiros o sorriso (expressão facial) se caracterizou também como forma de agradecimento. No gestual, inclui o sinal de positivo com as mãos e no contato físico são exemplos: o aperto de mão e abraço como forma de agradecimento entre o referido grupo.

Sobre o aperto de mão e o abraço, queremos acrescentar que essas condutas foram descritas como forma de agradecimento em sua maioria pelos participantes do sexo masculino. No entanto, tivemos um participante hispanofalante do sexo feminino detalhou que além do agradecimento verbalizado realizaria o aperto de mão se fosse homem e se fosse mulher, abraçaria.

Quanto a essa forma de tratamento ou categorização relatada

pelo participante hispano no ato de agradecer, é interessante enfatizar que outros participantes hispanofalantes relataram estranheza em determinadas ações e condutas dos brasileiros. Para esses participantes, é de difícil compreensão a ênfase que os brasileiros dão as questões de gênero, tendo em vista, que o Brasil é um país “liberal e avançado” isto se comparado aos seus países. Vejamos o relato do PH05 para essa colocação: “*Percebí* que aqui no Brasil, uma mulher casada agradece de uma forma, a mulher *soltera* de outra e o homem também diferente, os bolivianos não *actuamos* assim”.

A partir desse ponto de vista e de outros apontamentos dos hispanofalantes, observamos que a significação dada ao ato de fala agradecer varia entre as culturas estudadas. Ressaltamos que nesse caso temos como contexto o agradecimento no ambiente de trabalho.

Dessa forma, a partir do reconhecimento da significação dada ao ato de fala em cada cultura estudada, verificamos que as respostas do grupo de hispanofalantes consistem na transferência e representação do comportamento adequado em sua cultura. Para esta constatação trazemos as considerações do PH06. Este participante, nos relatou que “o agradecimento não depende da pessoa e sim da ação que exerce” e complementa: “na Rússia sim necessitaria de formalidade e imposição por hierarquia”.

Sobre o respectivo participante, ainda nos chamou atenção que em sua abordagem optou pelo estilo comunicativo direto, que se constitui como uma transferência da LM para a L2. Dessa forma, podemos considerar que a L2 não interferiu na conduta dessa abordagem. Além disso, verificamos que a proximidade pragmatolinguística entre os idiomas português e espanhol conduziu estrategicamente a transferência. Nesse caso, temos como resposta desse participante o “Agradeço, obrigado!”. Sobre esse uso, no entanto, verificamos que o caráter sociopragmático indicou que há divergência de uma comunidade linguística para outra. Em síntese, apresentamos a elaboração da imagem a seguir.

Figura 02: Significação dada por hispanofalantes e brasile-

iros ao ato de fala agradecer.



Fonte: Elaboração nossa.

Dessa forma, quando perguntamos ao grupo de brasileiros se o formato de agradecimento de um hispanofalante como: “Agradeço, obrigado!”, lhes provocariam algum incômodo ou desconforto na determinada situação comunicativa, os resultados foram o seguinte:

a) 7 (sete) participantes relataram que não consideram a interação desrespeitosa nem uma insubordinação. Como relata o PN02: “achei normal”;

b) 3 (três) participantes revelaram que nesse caso demonstrariam mais gratidão pela permissão, e por isso, manifestariam mais agradecimentos. É o caso do PN01: “Precisando de mim, estou às ordens! (.)

Dando continuidade e associando ao exposto acima, apresentamos o quantitativo de abordagens diretas e indiretas dessa situação comunicativa.

No grupo dos hispanofalantes, verificamos que 90% revelou que agradeceria no formato comunicativo direto. No entanto, constatamos 1 (um) participante que em seu agradecimento optou pela comunicação indireta. Quanto ao perfil, consta de um participante do sexo feminino, com idade acima de 50 anos e com tempo de permanência na cidade de Mossoró superior a 10 anos. Vejamos o exemplo: “Muito grato por ter me deixado sair, não sei como *le* agradecer”. Em consonância com esses dados apresentamos o gráfico a seguir:

Gráfico 01: Quantitativo de comunicação direta e indireta – situação comunicativa 01.



Fonte: Elaboração nossa.

Após essa constatação quantitativa, verificamos também casos de transferência pragmatolinguística. Para alguns participantes do sexo feminino, não houve distinção desinencial de gênero na forma de agradecimento. Em língua espanhola, a expressão *gracias* é utilizada como forma de cortesia e manifestação de agradecimento, ou seja, gramaticalmente não há diferenciação quanto a questão de gênero. Dessa forma, verificamos a transferência nas respostas do PH01 “Muito obrigado...” e do PH05 “Muito grato...” com o uso do formato masculino de agradecimento.

Outra observação constatada foi a comunicação formal e informal nas respostas dos participantes. A formalidade esteve presente tanto nas abordagens dos hispanofalantes quanto na dos brasileiros, entre homens e mulheres de faixas etárias diferentes. Quanto a informalidade, ou melhor, um uso mais coloquial da linguagem, observamos que apenas 2 (dois) participantes brasileiros (jovens) aplicaram o determinado estilo em suas respostas. É o caso do PN02: “Valeu aí chefe, obrigada!

Ainda sobre o uso da formalidade nas abordagens, queremos exteriorizar um fato interessante. Observamos que entre os

mais jovens dos dois grupos de participantes, entre aqueles que não tinha experiência laboral, verificamos que esses participantes levaram em consideração o discurso e experiência de outros, isto é, a partir da observação e conhecimento de mundo determinaram suas condutas na abordagem.

Finalizando a análise do Gráfico 12, incluímos o quantitativo dos brasileiros. Nele, constatamos o quantitativo inverso aos hispanofalantes, ou seja, no Grupo I verificamos 9 (nove) abordagens diretas e 1 (uma) indireta. No grupo dos brasileiros, detectamos 9 (nove) abordagens indiretas e 1 (uma) direta.

Dessa forma, consideramos como uma abordagem indireta o exemplo do PN07: “Senhor muito obrigado por ter me compreendido. Muito obrigado!”. Nela, acrescentamos o conceito de indiretividade com vertente positiva. Recapitulando sobre esse conceito, vimos no capítulo sobre os estudos pragmáticos que a vertente positiva baseia-se em uma comunicação em que o emissor expressa intenso apreço e cuidado ao destinatário.

Além disso, verificamos também nas respostas dos brasileiros o uso de gírias, ou melhor, marcas identitárias. É o caso do PN09: “Valeu aí chefe...”. Sobre esse uso, é perceptível a demonstração de intimidade, de familiaridade, caracterizando dessa forma, uma reciprocidade entre ambas as partes. Dessa maneira, esse uso constitui um fato interessante, isto é, ao analisar a conduta dos hispanofalantes e esse caso específico de abordagem do grupo brasileiro, podemos considerar que esse tipo de abordagem talvez gerasse estranhamento por parte dos hispanofalantes.

É importante ressaltar que o referido pressuposto surge apenas como uma observação. Tendo em vista que não realizamos nessa investigação o fenômeno inverso, ou seja, não foi questionado nem tampouco investigado como os hispanofalantes reagiriam aos estilos comunicativos dos brasileiros em contraposição aos seus. Dessa forma, fica aqui o desejo ou sugestão para as próximas investigações.

Dando prosseguimento, submetemos para apreciação a segunda situação comunicativa.

A segunda situação comunicativa abordou o contexto do

agradecimento no âmbito familiar. Sobre o agradecimento no âmbito familiar, consta especificamente o pedido do saleiro durante a refeição em um jantar familiar. Ao solicitar o saleiro, o pedido é instantaneamente atendido por um familiar não especificado. Nesse contexto, surge a indagação de como proceder o agradecimento nessa ocasião.

Nessa respectiva circunstância, também pretendíamos observar como os dois grupos investigados se comportariam e/ou reagiriam ao ato de fala agradecer. Trata-se de uma interação comunicativa diferente da proposta anterior, que tínhamos como exemplo: o agradecimento ao chefe no ambiente de trabalho.

Como detalhamos acima, não especificamos o parentesco familiar, apenas justificamos que na interação comunicativa interagem membros de uma mesma família. Curiosamente, não imaginávamos que ao não determinar o grau de parentesco na interação, que isto modificaria completamente as abordagens entre os brasileiros.

Citamos o caso do PN03. De acordo com este entrevistado, a conduta verbal do agradecimento depende praticamente da definição do interlocutor. No seu ponto de vista, não se agradece a um irmão da mesma forma que se agradece a uma mãe ou pai e/ou familiares com idade superior à sua.

Ao analisar as respostas dos dois grupos investigados, observamos que essa situação comunicativa ultrapassou de certa forma nossas expectativas investigativas, tanto no grupo de hispanofalantes quanto no grupo dos brasileiros. Constatamos distintos tipos de abordagens e significações ao ato de fala agradecer no âmbito familiar. Vejamos as respostas selecionadas no quadro a seguir:

Quadro 02: Comparativo hispanofalantes e brasileiros – situação comunicativa 02.

HISPANOFALANTES	BRASILEIROS
PH02 – Obrigada!	PN01 – Muito obrigada!
PH03 – Agradeço!	PN02 – Valeu!
PH08 – Não agradeceria.	PN03 – Valeu <i>boy</i> ! Obrigada!
PH10 – “Agradeceria com um sorriso, gestos”	ou Obrigada mãe/pai/avô/avó.
	PN09 – Valeu, obrigado!

Fonte: Elaboração nossa.

No Grupo I, os hispanofalantes, constatamos: a) o agradecimento (direto); b) o não agradecimento; c) uso de gestos faciais e corporais. Quanto ao grupo dos brasileiros, verificamos: a) agradecimento (direto)³²; b) diferença no formato de agradecimento em relação ao grau de parentesco familiar; c) uso de gíria.

Além do exposto acima, acrescentamos o uso da comunicação informal ao contexto dos dois grupos. Ao compararmos com as situações anteriores, observamos que nessa os hispanofalantes optaram pela informalidade em suas respostas. No entanto, ainda verificamos um participante que revelou formalidade (mesmo em família) na interação, é o caso do PH06. Esse entrevistado nos declarou que mesmo sendo uma ocasião familiar é necessário manter a respeitabilidade.

No Grupo II, ademais do uso informal, constatamos o uso de gírias. Como detalhamos anteriormente, o PN03 revelou a seguinte resposta: “Valeu *boy*!” (.) Em um contexto totalmente descontraído o participante optou pelo uso da determinada gíria “*boy*”. Na linguagem coloquial brasileira, significa fazer referência a alguém. Vale ainda salientar que não há variação de gênero, podendo ainda ser usada como diminutivo *boyzinha* ou *boyzinho*.

Para melhor compreensão do exposto anteriormente, apresentamos o gráfico a seguir com o resultado quantitativo da respectiva situação comunicativa.

³² Sobre a comunicação direta, acreditamos que de certa forma todo contexto conduzia a essa utilização. Compreendemos que a situação comunicativa delimitava desde o grau de familiaridade/intimidade até o contexto alimentar, ou seja, durante as refeições aconselha-se (regras de etiqueta) não falar de boca cheia e nem em assuntos que estimulem a comunicação.

Gráfico 02: Quantitativo de comunicação direta e indireta – situação comunicativa 02.



Fonte: Elaboração nossa.

Como relatamos no início, sobre a imprevisibilidade dessa situação comunicativa, verificamos que o grupo dos brasileiros priorizou a comunicação direta em 100%. Desse modo, reiteramos uma observação feita na outra situação comunicativa, a que os brasileiros investigados reavaliam suas condutas linguísticas em virtude da relação social.

Sobre essa consideração, parece até bem óbvia que o indivíduo se comporte de acordo com o contexto linguístico e social. No entanto, observamos que nas situações comunicativas anteriores os hispanofalantes procederam em maior parte em relação contexto do ato de fala, isto é, reagiram em consonância com o ato de fala pedir e agradecer sem levar tanto em consideração vínculos sociais como família, amizade, trabalho, etc.

Sobre esta constatação, nos reportamos aos estudos de Escandell Vidal (2009) para os fatores extralinguísticos como emissor, destinatário, intenção comunicativa, situação, contexto, relação entre social ou conhecimento de mundo. Para esta autora, são fatores que privilegiam a relação social e incluem tudo aquilo que cercam o ato de enunciação como crenças, opiniões, suposições, etc.

Nessa circunstância comunicativa, também constatamos no

grupo de hispanofalantes a não realização do agradecimento. Para o participante PH08, não há necessidade de agradecer a uma solicitação no âmbito familiar. Em outras palavras, no contexto cultural (Espanha) desse participante todos compreendem que a cooperação entre eles é como um princípio de relacionamento harmonioso. Dessa forma, considera indispensável a verbalização (ato de fala) do agradecimento.

No que se refere ao uso de gestos faciais e corporais, temos o caso do PH10. Para esse participante o formato de agradecimento seria por meio de um sorriso ou alguma sinalização gestual. Além disso, acrescentamos a este apontamento a consideração do PH09. Segundo o entrevistado, para demonstração de afeto e agradecimento na cultura argentina, normalmente se inclui o beijo, inclusive entre homens. No entanto, este participante reconhece que a prática não é considerada natural entre os brasileiros do sexo masculino.

Desse modo, ao analisar as significações dadas ao ato de fala agradecer nesse contexto específico, questionamos ao Grupo II, se lhes causariam incômodo e/ou desagrado caso interlocutor não agradecesse ou que apenas gesticulasse como forma de agradecimento, as respostas foram que:

a) 8 (oito) participantes consideram o agradecimento indispensável na interação. Dessa forma, acreditam que ao não agradecer pode transparecer indelicadeza e “má-criação”, mesmo no ambiente familiar. Segundo o PN01: “é para agradecer, fui educada assim e do mesmo jeito ensinei meus filhos”;

b) 2 (dois) participantes revelaram não sentir incômodo, porém, pediriam obrigado (a). De acordo com PN05 há certa complexidade em “compreender estrangeiros”. Para este participante, “não conhecer a língua deles é complicado” e relata: “eu *num* sei falar nada, aí acho tudo estranho e esquisito”.

A partir desses apontamentos, podemos inferir que nessa situação comunicativa a transferência de tipo sociopragmática merece mais atenção e prudência por parte de seus usuários. Em

outras palavras, queremos explicar que ao analisar essa específica situação verificamos que o uso comunicativo direto e a informalidade estiveram presentes nos dois grupos de participantes, ou seja, não constatamos nenhuma inconveniência pela transferência pragmalinguística.

No entanto, a significação dada ao ato de fala agradecer no âmbito familiar diverge entre os grupos investigados. Dessa forma, por mais que o quantitativo apresente uma porcentagem relativamente pequena de participantes que não agradeceram no contexto específico, é importante ressaltar que são a partir dessas situações que se constata a variação, e que diferentemente das variações linguísticas, geralmente não se interpretam como erros, apenas como manifestações de antipatia, descortesia, má intenção, sentimento de superioridade, etc.

Considerações finais

No que concerne à análise, observamos que os aprendizes de L2 transferem comportamentos e regras de ações linguísticas da LM para a aquisição da nova língua, verificando, dessa forma, que a LM influencia notavelmente nas ações comunicativas da L2. Sobre a TRP, constatamos que a comunicação direta é uma estratégia comunicativa para a realização dos atos de fala e que permanece tanto em hispanofalantes do gênero masculino e feminino, de diferentes faixas etária, e de menor e maior tempo de aquisição do PB como L2.

Além disso, constatamos que as significações dadas aos atos de fala merecem atenção, pois as variações diagnosticadas acarretam na transferência de tipo negativa. Desse modo, acreditamos que as considerações apresentadas nesse trabalho são pertinentes para uma melhor compreensão dos estudos da ILP com foco na TRP.

Dessa forma, consideramos que a partir dessas interpretações abordadas nas análises das situações comunicativas ocorram problemas na comunicação dos hispanofalantes e brasileiros, em outras

palavras, uma transferência sociopragmática de caráter negativo. Sobre as consequências dessas variações, vimos no decorrer da investigação que não são necessariamente consideradas como erros, e sim, como manifestações de antipatia, descortesia, sentimento de superioridade, etc.

REFERÊNCIAS

BARALO, Marta. **La adquisición del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco Libros, 2004.

ESCANDELL VIDAL, María Victoria. "Los fenómenos de interferencia pragmática" In: Didáctica del español como lengua extranjera. Madrid: **Colección Expolingua, cuadernos de tiempo libre**. ISSN 1885-2211 n. 9, 2009, p. 95-110.

GALINDO MERINO, María del Mar. **La transferencia pragmática en el aprendizaje de ELE**. Actas ASELE XVI, 2005, p. 289-297.

KASPER, Gabriele.; BLUM-KULKA, Shoshana. **Interlanguage Pragmatics**. New York: Oxford University Press, 1993.

LÓPEZ VÁSQUEZ, Lucía. **Nuevos retos para la investigación sobre interlengua pragmática en ELE**. La enseñanza del Español como LE/L2 en el siglo XXI / Narciso Miguel Contreras Izquierdo (Org.), 2014, ISBN 978-84-617-1475-9, p. 409-416.

SELINKER, Larry. **Interlanguage**. *IRAL*, 10, V. 2. Tradução para o espanhol de M. Marcos, em J.M. Liceras (comp.) **La adquisición de las lenguas extranjeras**. Madrid: Visor, 1972.



CAPÍTULO 18

ANÁLISE DA INTERFONOLOGIA RÓTICA PB-ELE EM FALA ESPONTÂNEA/CONTROLADA SOB A ÓTICA DA TEORIA DE EXEMPLARES

José Rodrigues de Mesquita Neto
Clerton Luiz Felix Barboza

1 Introdução

Temos como objetivo geral analisar o efeito de experimentos com foco na obtenção de dados de fala controlada x espontânea na realização da interfonologia rótica do português brasileiro (PB) - espanhol língua estrangeira (ELE) de professores brasileiros. Temos como pergunta-problema: de que maneira os experimentos com foco na fala controlada x espontânea influenciam na realização da interfonologia rótica do PB-ELE de professores brasileiros? Temos por hipótese básica que no experimento de fala controlada haverá uma maior proximidade entre a realização dos informantes e a forma-alvo do ELE, dessa forma aproximando-se mais da realização prevista pela gramática fonológica do espanhol.

Vários são os motivos que justificam a escolha para pesquisar os aspectos fonético-acústicos dos róticos tendo como foco a interfonologia entre o PB e o espanhol. O primeiro ponto que nos instigou foi a necessidade como discentes, inicialmente em cursos de

idiomas, depois na universidade. Percebíamos a dificuldade constante em diferentes níveis de ensino, também entre nossos colegas discentes, ao pronunciarmos alguns sons, mais especificamente as vibrantes. Mais adiante, já na universidade, a preocupação foi aumentando quando percebemos que muitos dos colegas de curso, futuros professores de espanhol, estavam concluindo o curso sem uma gramática fonológica relativamente próxima à de um falante nativo. Fernández (2007) afirma que as vibrantes do espanhol são os fones de maior dificuldade por crianças espanholas, assim como de estrangeiros ao tentarem aprender o espanhol.

Quando se trata de professores de uma língua estrangeira, uma realização mais próxima ao falante nativo torna-se relativamente importante. Todo professor de línguas é responsável por ensinar a gramática fonológica da língua estudada. Não se advoga, neste momento, que o profissional de ensino exija em sala de aula uma fala nativa ou próxima à nativa de seus alunos. Todavia, o professor de ELE deve ter consciência que seu sucesso profissional, muitas vezes, encontra-se relacionado à capacidade de aproximar sua interlíngua o máximo possível do nativo.

Outro ponto que nos instigou a aprofundar os estudos no campo da interfonologia foi a necessidade, enquanto professor, de encontrar os motivos que causam variação na aquisição do ELE. Além disso, poucos são os trabalhos envolvendo a interfonologia rótica PB-ELE com foco na realização de experimentos, com base na teoria de exemplares (PIERREHUMBERT, 2001).

Tendo em vista essa visão, este artigo está dividido em 3 (três) partes, excetuando a introdução e a conclusão. Na primeira, de cunho teórico, expomos as características do Modelo de Exemplares (ME). Na segunda, explicamos a metodologia utilizada neste estudo, descrevendo os sujeitos, o campo de pesquisa, os experimentos e as variáveis. Por fim, apresentamos os resultados e discutimos nossa análise. A seguir, apresentamos o referencial teórico.

2 Modelo de exemplares

O ME aproxima-se dos princípios da Fonologia de Uso (BY-BEE, 2001), compartilhando assim, a concepção de representações linguísticas múltiplas e formulando parâmetros organizacionais de gerenciamento do conhecimento linguístico.

Representações linguísticas múltiplas são interligadas em redes nos vários níveis da gramática, com o ME e a Fonologia de Uso tentando explicar como as várias representações são gerenciadas no uso da linguagem. As conexões existentes dentro de cada nível nos permitem fazer generalizações que são realizadas no uso, ou seja, através de nossas experiências linguísticas.

A teoria de exemplares surgiu com Johnson e Mullennix (1997) ao questionar a não-utilização do detalhe fonético na representação mental, característica dos modelos fonológicos tradicionais. Os autores acreditavam que era possível e necessário o estudo do detalhe fonético e que sua influência na construção da representação mental é decorrente da frequência de ocorrência.

Johnson e Mullennix (1997) criticam a ideia trazida pelos modelos fonológicos tradicionais de um dicionário mental, em que só existe um modo para realizar determinada palavra em seu contexto específico, assim ignorando a variação do detalhe fonético e eliminando a análise dos alofones. Para os autores, as representações mentais são complexas, visto que incorporam o detalhe fonético de modo direto. Desse modo, o ME defende um mapeamento simples e uma representação mental complexa, assim, opondo-se ao modelo fonológico tradicional.

Pierrehumbert (2001) discute algumas questões relacionadas à visão fonológica tradicional, tais como: a) o léxico dissociado da gramática e, conseqüentemente, da fonologia; b) uma única forma de falar (fala ideal); e, c) padrões fonológicos vistos como propriedade do desempenho e não da competência. A autora defende que com o ME é possível avaliar conteúdos das representações mentais e que esta teoria resolve a questão da grande variabilidade existente nas línguas.

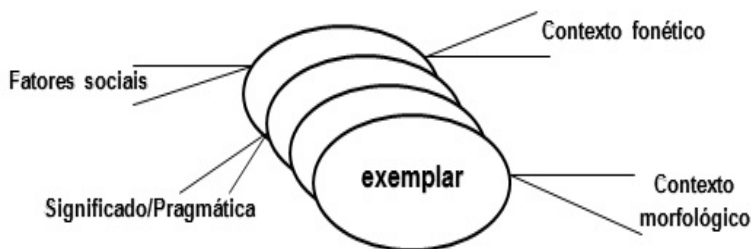
A inovação do modelo de Pierrehumbert (2001) é que ele

sugere uma proposta que incorpora a percepção e a produção da fala e é também utilizado por um modelo fonológico: Fonologia de uso. (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p. 208).

Assim, o armazenamento do detalhe fonético permite ao ME lidar satisfatoriamente com o problema da variação sociolinguística. Para Johnson (2007), as características articulatórias e acústicas do exemplar são incorporadas à representação mental.

Um exemplar pode ser considerado uma associação entre propriedades auditivas e um conjunto de rótulos categóricos associados às características pessoais dos falantes tais como: sexo, idade, região, condição social, entre outros. Esses exemplares são armazenados em forma de conjuntos ou nuvens (ver Figura 1), cujas propriedades estão mais próximas ou distantes de um dado exemplar prototípico (PIERREHUMBERT, 2001).

Figura 1: Modelo de nuvem de exemplares.



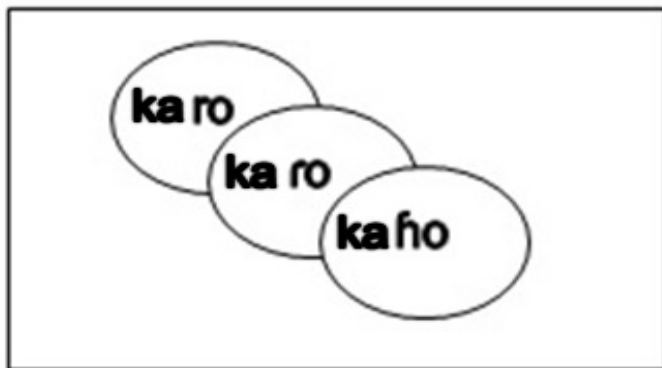
Fonte: Bybee (2001, p. 52).

Os exemplares são organizados num mapa cognitivo, no qual uma nuvem de exemplares abarca tanto informações linguísticas (contexto morfológico e fonético) quanto extralinguísticas (fatores sociais e individuais). Bybee (2010) ilustrou o conceito de proximidade a um protótipo através da categoria “pássaro”, cujo exemplar prototípico é um animal pequeno e voador, como um pardal. No entanto, galinhas e mesmo pinguins também fazem parte da mesma categoria.

Por sua vez, a frequência de tipo é importante para a com-

preensão dos efeitos de produtividade, pois um grande número de palavras com um tipo linguístico específico é necessário para a produtividade – o que justifica o armazenamento em nuvens e em redes. Com relação ao detalhe fonético, ele é adquirido de forma gradual, associado diretamente à maior ou menor recorrência dos padrões. Um exemplo disso é a tendência do brasileiro de fricativizar a vibrante múltipla do espanhol em posição intervocálica ao realizá-la. Na Figura 2, tentamos exemplificar através de uma nuvem de exemplares em competição o que acontece com os róticos na interfonologia PB/ELE.

Figura 2: Nuvem de exemplares em competição.



Fonte: elaboração nossa.

Na Figura 2, analisamos o comportamento do tipo fonotático **ro**³³, como na palavra *carro* do espanhol. Podemos notar que nesse estágio as sequências fonéticas **ro**, **□o** e **□o** estão em competição. Os referidos tipos se relacionam por ajustes fonéticos e articulatorios. O som fricativo é um atrator profundo por emergir do PB, língua materna dos informantes desta pesquisa. Assim, a fricativa entra em competição com a vibrante múltipla, que nesse contexto é a forma esperada do ELE. Desse modo, percebe-se que a competição na nuvem de exemplares é decorrente das características

³³ Neste trabalho abolimos o uso de colchetes [...] e barras transversais /.../ para indicação dos níveis fonético e fonológico, uma vez que o ME defende a não-distinção entre os níveis. Assim, usaremos o negrito para indicar transcrições que envolvam concomitantemente os níveis fonético e fonológico.

principais do ME, que conforme Cristóforo-Silva (2003) aponta, focam na análise do detalhe fonético de realização da palavra e em sua frequência de uso.

Na próxima seção, expomos nossa metodologia. Dessa forma, apresentamos nossos sujeitos, *corpus*, experimentos e os procedimentos para a realização da análise.

3 Metodologia

Esta é uma pesquisa de cunho quali-quantitativo, seguidora de uma metodologia quase-experimental e de corte transversal. Adicionalmente, usaremos parâmetros acústicos para realizar a análise quantitativa. Para uma melhor explanação da metodologia a dividimos em três partes: Constituição da amostra, Experimentos e Análise dos dados.

3.1 Constituição da amostra

Tivemos como *corpus* de análise a gravação de dez professores de ELE das cidades de Mossoró e Pau dos Ferros, municípios do Rio Grande do Norte. Utilizamos os seguintes critérios para a seleção dos informantes: a) falantes do português brasileiro como língua materna; b) não apresentar problemas de audição e/ou fala; c) não ter períodos de residência fora do Brasil (em países de língua espanhola); d) não utilizar o espanhol com um cônjuge/parente próximo; e, e) utilizar o falar potiguar do PB.

Como tratamos de um trabalho experimental, é necessário apresentarmos as variáveis que levamos em consideração na aplicação dos experimentos. Assim, iniciamos apontando a variável dependente: a realização do rótico no ELE. Desse modo, para avaliar a qualidade da realização, optamos por uma variável binária. Desse modo, verificamos se os informantes realizaram ou não as vibrantes (simples ou múltipla) em contextos específicos.

Apresentada a variável dependente, partimos para as

variáveis independentes: a) Indivíduo: verificamos como a realização da palavra emergiu na fala de cada sujeito; b) Palavra: consideramos que a organização do léxico varia de indivíduo para indivíduo, desse modo, verificamos como os informantes lidaram com o mesmo item lexical; e, c) Frequência de ocorrência: buscamos organizar as palavras analisadas em itens mais e menos frequentes, posto que segundo o ME, a frequência de ocorrência pode influenciar na emergência de diversos fenômenos fonológicos. A seguir apresentamos os experimentos.

3.2 Experimentos

Dada a especificidade de análise das variáveis apresentadas anteriormente, fica clara a necessidade da elaboração de experimentos para a obtenção do *corpus* de análise. Desse modo, as pesquisas linguísticas que envolvem a aquisição e a aprendizagem de línguas devem partir de situações mais reais e espontâneas possíveis, assim como aponta Barboza (2013).

Para a coleta dos dados, optamos pela utilização de dois experimentos, sendo o primeiro a leitura de frases-veículo e o segundo uma atividade em que os sujeitos deveriam indicar como chegar a determinados lugares, seguindo um mapa. Os experimentos foram pensados com base na fala controlada e espontânea ou, pelo menos, mais e menos controlada.

As palavras foram selecionadas baseadas em diferentes contextos fonotáticos para as vibrantes (posição intervocálica, coda final, coda medial, onset, encontro tautossilábico com <n>, <s>, <l> + <r>).

Analizamos 770 *tokens* na pesquisa. No primeiro experimento analisamos 350 *tokens*, sendo 35 palavras lidas por cada sujeito. Já no segundo experimento, 14 palavras foram selecionadas, no entanto foram realizadas três vezes por cada informante, assim, totalizando 420 *tokens*. Apresentamos as palavras utilizadas em ambos os experimentos no Quadro 1. As palavras em *itálico* foram utilizadas no Experimento 2. Nos parênteses apresentamos a fre-

quência de ocorrência. Consideramos palavras de baixa ocorrência as que têm número igual ou inferior a 10.000.

Quadro 1: Contextos, palavras e frequências dos Experimentos 1 e 2 do ELE.

Contextos	Palavras (frequências)	Contextos	Palavras (frequências)
Posição intervocálica	<i>caro</i> (51.517) <i>señorita</i> (15.422) <i>mirada</i> (121.092) <i>tirados</i> (4.378) <i>grosera</i> (3.599)	Onset em início de palavra	<i>religión</i> (126.539) <i>respuesta</i> (414.416) <i>rechazar</i> (28.441) <i>ricón</i> (89) <i>reñir</i> (633)
Encontro consonantal tautossilábico	<i>grandeza</i> (26.133) <i>mientras</i> (886.991) <i>treinta</i> (61.300) <i>tramposo</i> (2.653) <i>perogrullo</i> (1.028)	Vibrante múltipla em posição intervocálica	<i>perro</i> (94.679) <i>hierro</i> (51.543) <i>ferrocarril</i> (14.570) <i>destierro</i> (5.242) <i>gorra</i> (6.461)
Coda medial	<i>esfuerzo</i> (212.670) <i>puerta</i> (188.814) <i>horno</i> (27.683) <i>estornuda</i> (570) <i>zurdo</i> (5.610)	Vibrante múltipla após <n>, <s> e <l>	<i>sonrisa</i> (68.698) <i>alrededor</i> (257.004) <i>honra</i> (17.209) <i>enredo</i> (2.637) <i>israelita</i> (7.676)
Coda absoluta	<i>estudiar</i> (135.834) <i>mirar</i> (125.923) <i>hablar</i> (464.270) <i>fotografiar</i> (8.040) <i>retroceder</i> (9.297)		

Fonte: elaboração nossa.

Temos consciência que a leitura de frases influencia na realização dos fonemas, constituindo-se uma amostra artificial, pois o aluno estará mais preocupado com a sua articulação do que propriamente com a mensagem lida. No entanto, apoiamo-nos no que Carvalho (2004, p. 16) diz “ela [leitura de textos] pode ser utilizada para representar o estilo formal da língua, possibilitando, ao mesmo tempo, a qualidade das gravações”.

Tendo em vista essa questão, optou-se pela realização do segundo experimento, cuja característica principal é a utilização da língua(gem) enquanto ferramenta na construção de sentido, num role-play, visando aproximar o máximo possível a realização do experimento do desempenho diário do informante (BARBOZA, 2013). Dessa maneira, poderemos verificar como os róticos se

comportam em situação de fala controlada x espontânea, comparando-as. Expomos, a seguir, como se deu a análise dos dados.

3.3 Análise dos dados

Os meios físicos para a obtenção das gravações foram um gravador digital Zoom H6 e um microfone Shure SM 58. O gravador possui configurações que podem ser alteradas dependendo das condições do ambiente em que a gravação é realizada. O microfone utilizado foi um modelo dinâmico unidirecional, cuja frequência de resposta vai dos 50 aos 15.000Hz. Temos consciência que o ambiente ideal para as gravações seria em uma sala com isolamento acústico. No entanto, devido à dificuldade de horário para reserva do estúdio da universidade e a inviabilidade de locomoção e tempo dos informantes, optamos por uma sala de aula, com ar condicionado e baixo nível de ruído.

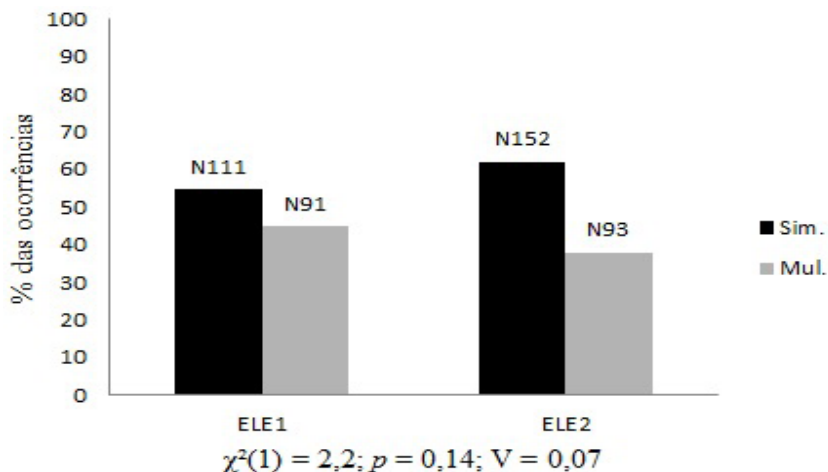
O estudo foi desenvolvido com a ajuda do programa computacional Praat versão 5.1.43 (BOERSMA; WEENINK, 2012). O mesmo foi utilizado para a observação espectral e oscilográfica dos róticos do PB e ELE. Os dados analisados nesta pesquisa foram primordialmente quantitativos. Utilizamos principalmente testes estatísticos de chi-quadrado em sua análise. O programa estatístico utilizado na análise foi o SPSS, versão 20.1. Dados qualitativos foram também apresentados, principalmente na discussão de emergências dos róticos do ELE em padrões inesperados. Na próxima seção apresentamos a análise e discussão dos dados.

4 Análise

Nesta seção, realizamos uma comparação entre os resultados obtidos através das análises de dois experimentos, sendo o primeiro focado em fala controlada (ELE1) e o segundo em fala espontânea (ELE2). Para isso, no Gráfico 1, apresentamos a análise da emergência das vibrantes, à exceção da posição coda absoluta,

totalizando 300 ocorrências analisadas no experimento ELE1 e 360 no experimento ELE2. Uma vez que o foco é na emergência das vibrantes, dados de realização de fricativas ou elisão não são apresentados nos gráficos. As barras pretas e cinzas indicam o número de ocorrências, ou seja, as características de realização do rótico, sendo as pretas referentes à vibrante simples e a cinza à vibrante múltipla. A emergência esperada seria de 50% para cada tipo de vibrante. A altura de cada barra corresponde ao percentual das ocorrências, indicado no eixo vertical (canto esquerdo).

Gráfico 1: Emergência das vibrantes nos experimentos ELE1 e ELE2



Fonte: elaboração nossa.

No experimento ELE1, analisamos 300 *tokens*. Um total de 202 realizações variaram entre vibrantes simples e múltiplas, sendo 111 para a primeira e 91 para a segunda. Já no experimento ELE2, foram verificados 360 *tokens*. Um total de 245 realizações variaram entre vibrantes simples e múltiplas, sendo 152 para a primeira e 93 para a segunda. Os demais casos, não apontados no gráfico, foram fricativas e elisões.

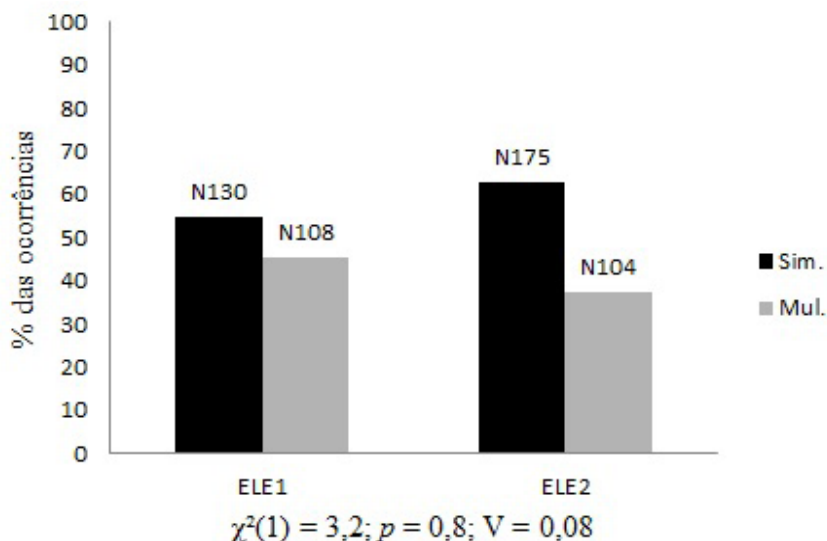
A análise dos dados apresenta uma tendência pela diferença entre os experimentos, uma vez que a emergência da vibrante

simples é maior no experimento ELE2, como esperado, posto que o objetivo deste experimento era a fala de modo mais espontâneo, causando relaxamento e despreocupação com a articulação durante o processo comunicativo. Por esse motivo, acreditávamos que no segundo experimento ocorreria um menor número de vibrantes múltiplas.

Todavia a análise estatística reportou apenas diferença não-significativa entre os grupos. O resultado é indicativo que a tendência pela maior dificuldade de emergência da vibrante múltipla é presente nos dois experimentos. Esta dificuldade pode ser melhor observada no experimento ELE2, pois o atrator associado à vibrante simples é mais forte em contexto não associado à leitura. Gomes (2013) aponta que as falas espontâneas proporcionam usos linguísticos fora da norma padrão de realização. Dessa maneira, a autora verificou que seus informantes tinham um maior Índice de Realização Não-Padrão (IRNP) no experimento em que utilizava a língua de forma mais relaxada.

No Gráfico 2, analisamos a emergência das vibrantes simples e múltipla, adicionando a emergência das vibrantes em competição na posição de coda absoluta. Desse modo, no experimento ELE1 analisamos 350 *tokens*. Um total de 238 realizações variaram entre vibrantes simples e múltiplas, sendo 130 para a primeira e 108 para a segunda. Já no experimento ELE2 foram analisados 420 *tokens*. Um total de 279 realizações variaram entre vibrantes simples e múltiplas, sendo 175 para a primeira e 104 para a segunda. Os demais casos não apontados foram fricativas e elisões.

Gráfico 2: Emergência das vibrantes em competição em posição final nos experimentos ELE1 e ELE2.



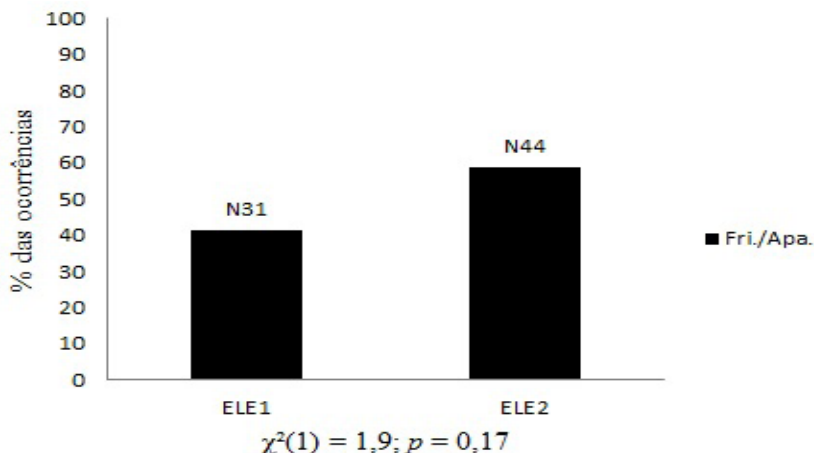
Fonte: elaboração nossa.

Uma análise impressionista dos dados, mais uma vez, leva à conclusão que a emergência das vibrantes é distinta nos diferentes experimentos. No entanto, isso não é confirmado pela análise estatística, pois apresenta apenas diferença não significativa entre os grupos. Assim, o resultado indica que a tendência pela maior dificuldade de emergência da vibrante múltipla está presente nos dois experimentos, apesar de esta dificuldade ser bem mais observável no experimento ELE2. Apesar de a diferença não atingir níveis estatísticos significativos, tomamos que tais resultados corroboram os achados de Gomes (2013), em que a autora afirma que a fala espontânea proporciona usos linguísticos fora do padrão da realização da LE. Por sua vez, nos estudos de Carvalho (2004) e Silva (2007) observamos que os contextos relacionados à vibrante simples não sofrem tanta influência da LM. Assim, as autoras apontam uma tendência de realizações não padrão no que se refere à vibrante múltipla.

Além da emergência de vibrantes (simples e múltipla), os in-

formantes também realizaram fricativas e apagamentos em alguns tipos fonotáticos. Desse modo, no Gráfico 3, mostramos a análise da emergência da fricatização e da elisão em todos os contextos, em ambos os experimentos. As fricativas e elisões emergiram nos seguintes tipos fonotáticos: coda absoluta (40), coda medial (21), múltipla em posição intervocálica (10), <n, l, s> + vibrante (3) e onset inicial (1), totalizando 75 realizações. Na região de nossos informantes, é comum que nestas posições o rótico seja fricativo, exceto em posição de coda absoluta, em que o rótico pode ser apagado (CRISTÓFARO-SILVA, 2013).

Gráfico 3: Emergência da fricatização e apagamento nos experimentos ELE1 e ELE2.



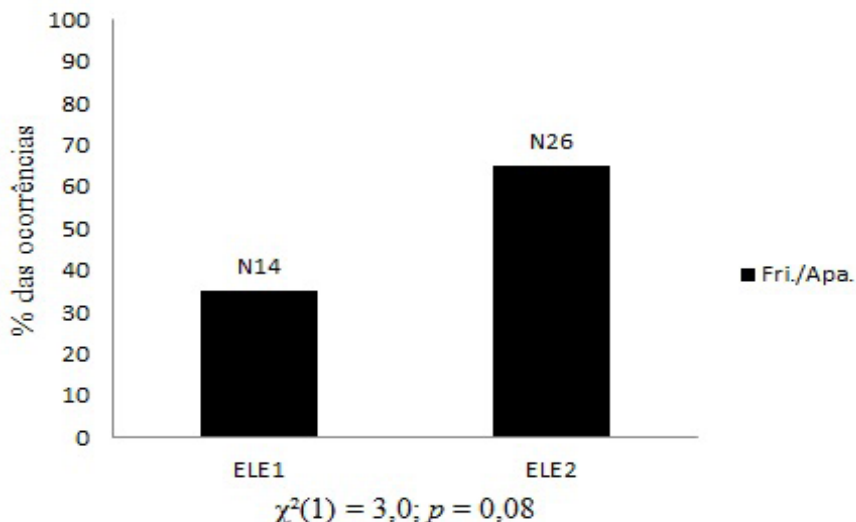
Fonte: elaboração nossa.

A análise visual dos dados indica diferença na emergência do fenômeno entre os experimentos, mas a análise estatística indica, mais uma vez, diferença não significativa entre os grupos. Dessa maneira, mesmo que no ELE2 o número de ocorrências tenha sido maior, podemos afirmar que não há indícios de que o experimento focado na fala espontânea proporciona maior influência do atrator do PB.

Ainda sobre a emergência de fricativas e elisões, no Gráfico 4, exibimos a análise realizada dos róticos em posição de coda

absoluta nos experimentos ELE1 e ELE2, visto que este foi o tipo fonotático em que ocorre o maior número de realizações não padrão. Dos 40 casos de fricativas e apagamentos, 14 ocorreram no experimento ELE1, enquanto 26 foram realizados no experimento ELE2. No experimento ELE1, o total de 7 fricativas e 7 elisões foi observado, enquanto no experimento ELE2, 19 fricativas e apenas 7 elisões emergiram.

Gráfico 4: Emergência da fricatização e apagamento em posição final nos experimentos ELE1 e ELE2.



Fonte: elaboração nossa.

Visivelmente a emergência inesperada dos atratores associados ao PB são maiores no experimento ELE2, ou seja, há um número de ocorrências maior que no ELE1. Todavia, mais uma vez, a diferença estatística é apenas não significativa entre os grupos. Portanto, conclui-se que, diferentemente do observado por Gomes (2013), a variável fala controlada x fala espontânea não influencia de modo significativo na emergência das vibrantes no ELE de aprendizes brasileiros.

Encerramos neste momento a seção de análise e discussão dos dados. Apresentamos na próxima seção as considerações fi-

nais do artigo.

5 Considerações finais

Este estudo teve por objetivo geral analisar o efeito de experimentos com foco na obtenção de dados de fala controlada x espontânea na realização da interfonologia rótica envolvendo o PB-ELE de professores brasileiros. Buscamos responder à seguinte pergunta-problema: de que maneira os experimentos com foco na fala controlada x espontânea influenciam na realização da interfonologia rótica envolvendo o PB-ELE de professores brasileiros? Tínhamos como hipótese básica que no experimento de fala controlada haveria uma maior proximidade entre a realização dos informantes e a forma-alvo do ELE.

Concluímos que a hipótese básica foi parcialmente confirmada, pois os experimentos não influenciaram de modo significativo na emergência das vibrantes no ELE dos informantes deste estudo. O resultado é indicativo que a tendência pela maior dificuldade de emergência da vibrante múltipla é presente nos dois experimentos. Apesar de esta dificuldade ser melhor observada no experimento ELE2, os dados estatísticos apontaram para uma diferença não significativa.

Diversas questões surgiram durante a realização deste estudo, mas não puderam ser discutidas devido às limitações de tempo de realização da pesquisa. Consideramos, assim, possíveis desdobramentos/sugestões para pesquisas futuras. Destacamos a posição de coda absoluta que é o contexto fonotático de maior variação em informantes avançados (professores), desse modo, merecendo maior atenção. O uso de um corte transversal também foi um limitador da nossa pesquisa, pois pesquisas longitudinais nos permitem uma análise mais aprofundada da interfonologia. Adicionalmente, o pequeno número de dados analisados pode ter causado um poder do teste estatístico relativamente baixo, dificultando assim a observação de uma diferença significativa entre os grupos caso ela existisse (DANCEY; REIDY, 2019).

Este trabalho foi pertinente para uma melhor compreensão do detalhe fonético de falares do PB e sua influência no percurso de construção da fonologia do ELE de professores potiguares. Estudos posteriores enfatizarão aspectos outros dos róticos do ELE, com ênfase no papel do indivíduo na construção da interfonologia de aprendizes brasileiros.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Clerton Luiz Felix. **Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do inglês língua estrangeira**. 2013. 165f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BOERSMA, Paul, WEENIK, David. **Praat: doing phonetics by computer**. Version 5.1.43. Disponível em: <http://www.praat.org>. 2012.

BYBEE, Joan. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Nova York: Cambridge University Press. 2010.

CARVALHO, Kelly Cristiane. **Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol**. 2004. 213f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. Descartando fonemas: a representação mental na fonologia de uso. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHON, Gisela. **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 200-231.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2013.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. **Estatística sem matemática para psicologia**. Porto Alegre: Penso, 2019.

FERNÁNDEZ, Juana. **Fonética para profesores de español: de**

la teoría a la práctica. Madrid: Arco/libros, 2007.

GOMES, Aline Silva. **A vibrante múltipla espanhola em aprendentes de Espanhol como língua estrangeira na Bahia e em São Paulo: uma abordagem sociolinguística.** 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Curso de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

JOHNSON, Keith. Decisions and mechanisms in exemplar-based phonology. *In: SOLE, M. J.; BEDDOR, P.; OHALA, M. (Ed.). Experimental approaches to phonology in honor of John Ohala.* Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 25-40.

JOHNSON, Keith; MULLENNIX, John W. Complex representations used in speech processing: overview of the book. *In: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. W. (Ed.). Talker variability in speech perception.* San Diego: Academic Press, 1997. p. 1-8.

PIERREHUMBERT, Janet B. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. *In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Comp.). Frequency and the emergence of linguistic structure.* Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-158.

SILVA, Kátia Cilene. **Ensino-Aprendizagem do espanhol: o uso interlinguístico das vibrantes.** 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.



CAPÍTULO 19

CARTOGRAFIAS IDENTITÁRIAS EM *VOZES DO DESERTO* DE NÉLIDA PIÑON: RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA

Maria do Socorro Souza Silva
Roniê Rodrigues da Silva

1 Introdução

Os estudos a respeito da (des)construção identitária dos sujeitos têm se constituído como matéria recorrente em diferentes campos do saber, sobretudo na área das Ciências Humanas e Sociais. Teóricos como Zygmunt Bauman (2005), Stuart Hall (2005), dentre tantos, propõem problematizar a referida temática, entendendo-a cada vez mais em constante processo de (re)elaboração, especialmente com o advento da passagem da modernidade para a pós-modernidade, quando as relações aparecem representadas pelo signo da liquidez. Assim, a identidade passa a ser compreendida como algo não estável, mas em permanente transformação, longe de uma noção estanque e sem modificações, conforme destaca Bauman (2005, p. 19):

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para

defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

Segundo o pensamento do estudioso, a formulação da identidade encontra-se nesta relação de embate entre as questões próprias de cada indivíduo e àquelas provenientes da influência das outras pessoas. Assim, nossa existência é como um mosaico organizado em pequenos fragmentos, pedacinhos de cores, formas e tamanhos diferentes que, muitas vezes, não se encaixam.

No atual cenário, enquanto sujeitos contemporâneos, transfiguramos subjetivações momentâneas e fragmentadas, de forma que a própria forma como convivemos nos permite adquirir identidades passageiras e em constante processo de mudança. Segundo Bauman (2005, p. 19):

[...] em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados". (BAUMAN, 2005, p. 19)

Por esse motivo, a compreensão de identidade no contexto pós-moderno é bastante complexa, inserida numa era fragmentada em que tudo ao nosso redor, como os relacionamentos e as pessoas, absorvem as características deste cenário, do qual a literatura não tem ficado à parte. Por isso, há uma infinidade de obras e de estudos sobre voltados para esse eixo temático, problematizando a identificação dos sujeitos de uma maneira geral, mas sobretudo das chamadas minorias, dentro das quais se encaixa a figura feminina.

Nessa perspectiva, este estudo objetiva analisar a representação da identidade feminina a partir da leitura da personagem Scherezade, protagonista do romance *Vozes do deserto*, de Nélida Piñon (2004), num contraponto com a identificação do personagem Califa, e considerando uma relação com os conceitos filosóficos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na obra *Mil Platôs*, sobretudo as

noções de Corpo sem Órgãos (CsO), Poder e Potência.

2 O Califa: identidade organizada dentro de uma lógica hierarquizante

Considerando o pensamento deleuze-guattariano, procuraremos estabelecer relações entre as identidades das personagens Scherezade e Califa com alguns conceitos problematizados pelos filósofos franceses, como com a ideia de Corpo sem órgãos – CsO e a noção de organismo. De acordo com os estudiosos, o organismo, na acepção de um corpo organizado pelas instituições, seria constituído a partir de três grandes estratos: o do próprio organismo, responsável pelo seu modo de funcionamento dentro de normas preestabelecidas; a significância, que se prestaria a estabelecer um sentido e uma interpretação; e o da subjetivação responsável por fixar o indivíduo como sujeito, numa subjetivação. Nesse sentido, o Estado, a religião, a família e outras instituições se encarregariam de operar, a partir dos estratos referidos, com a intenção de dar ao corpo uma utilidade, sobretudo dentro de uma sociedade capitalista. Observando essa automatização do corpo como organismo, e a partir de uma leitura crítica da obra do dramaturgo Antonin Artaud, Deleuze e Guattari (2012) propõem a noção de CsO, sobre o qual afirmam:

Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto – CsO – mas já se está sobre ele – arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, viajamos, que lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.12)

Através da noção de CsO, os filósofos sugerem a libertação dos estratos que organizam as nossas vontades dentro de uma lógica hierarquizante e que impedem o sujeito de se realizar como potência. Compreendido através da ideia de um CsO, o corpo pode ficar livre para agir e criar, nesse caso o corpo torna-se um campo de imanência do desejo, pois desprende-se das funções institucionalizadas. Para entender o CsO é preciso vivê-lo através das práticas diárias, porém, nem tudo que fazemos sugere uma configuração de Corpo sem Órgãos.

Pensando esse construto teórico a partir de uma leitura da narrativa de *Vozes do Deserto*, observamos que o personagem do Califa se constitui como um homem sistematizado, sua rotina é previamente organizada, seus atos e reações são previstos, seus impulsos são controlados, seus desejos reprimidos, dentre outros aspectos que possibilitam a associação de sua identificação com a concepção de organismo. A personalidade do soberano, o seu modo de ser e agir como chefe de Estado é o de um homem que tem a vida organizada, que precisa, a todo instante, se autocontrolar. O trecho a seguir trata do motivo principal que levou o Califa a decretar a morte de suas recentes esposas. A motivação para tal não é de ordem sentimental, mas sim proveniente da honra ferida que precisava ser restaurada, pois enquanto homem pertencente a uma ordem sistematizada, não permitiria ser humilhado perante toda Bagdá, e para reestabelecer a ordem o Califa lança uma lei pela qual institui uma penalidade. Vejamos a passagem da narrativa:

A despeito de reinar sobre o califado de Bagdá, a desonra, que ainda hoje o persegue, inflige-lhe noções distorcidas da realidade. Como confiar na figura feminina que, mesmo sob vigília, o envergonhara diante dos súditos? Jurara que nenhuma mulher voltaria a traí-lo, mas para manter intacta a palavra havia que condenar à morte cada esposa que lhe aquecera o leito. (PIÑON, 2004, p. 71).

Com o intuito de manter a honra da sua família, conhecida pela virilidade dos homens, o soberano decreta a morte das futu-

ras esposas. O motivo pelo qual ele instaura o veredito é simplesmente pelo fato de a mulher tê-lo envergonhado e principalmente porque a traição propagou-se pelo califado, gerando inúmeras intrigas e histórias distorcidas em torno da sua masculinidade. Sendo assim, há nessa ação do Califa a manifestação de uma força institucional representada pela ordem abássida e pela condição de chefe de Estado, as quais sedimentam as ações da personagem, fazendo com que elas sejam previsíveis e determinadas segundo a força hierarquizante dessas instituições. De acordo com Deleuze e Guattari (2012), o Organismo impõe aos órgãos certas determinações e por isso é considerado o inimigo do CsO:

O organismo já é isto, o juízo de Deus, do qual os médicos se aproveitam e tiram seu poder. O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 24)

Desse modo, compreendemos que o Organismo em *Vozes do deserto* pode ser visto nestas manifestações institucionais que buscam dominar as ações das personagens. O Califa, por ser o representante maior das instâncias de poder, tem dificuldade de seguir o plano de imanência do desejo presente na constituição do CsO, e assim passa a maior parte da narrativa sedimentado em preceitos hierarquizados. Devido a esses aspectos, a identidade do monarca vai construindo-se a partir de uma significação organizada, predetermined. Como exemplo dessa identificação, o texto narrativo destaca que apenas os relatos da jovem é o que o tiram, por alguns instantes, de sua condição fixada de homem do poder, ressaltando que o encanto pelas narrativas de Scherezade “cria nele expectativa que, ao final das audiências, o devolve às histórias de Scherezade, cujo epílogo aspira a conhecer”. (PIÑON, 2004, p. 235). Fora disto, o homem segue os mesmos passos todos os dias, frequenta as audiências para resolver os problemas do reino e ao cair da

noite segue para os aposentos, onde a contadora de histórias o aguarda com suas fábulas. São os relatos inventados pela mulher que entretêm o Califa, desterritorializando o seu pensamento fixo e enraizado, limitado pelos estratos da significância e subjetivação relacionados ao cargo que ele ocupa. Existem várias passagens no romance nas quais podemos perceber que o Califa, após dias de convivência com Scherezade, anseia pela chegada da noite para, após a cópula, ouvir o desenrolar de mais uma aventura. No trecho que segue, é possível perceber o que afirmamos:

Admite, certamente, que a fantasia daquela contadora lhe azeita o corpo, e suas palavras, as vezes cultas, quase sempre de raiz popular, suspendem as noções que tivera até então da realidade. Sem precisar abandonar o palácio ou visitar o reino, a filha do Vizir traz-lhe aos aposentos, à sala de audiências, ao repertório de seu coração, por onde enfim, caminhe, a visão de seres grotescos, de terras incógnitas, de aventuras que ambicionara viver desde a adolescência, mas faltava-lhe a coragem de abandonar o reino em troca da miséria humana, da instabilidade da sorte. (PIÑON, 2004, p. 134)

Nota-se que o Califa, embora atraído pela voz narrativa de Scherezade, sente grande dificuldade de se desapegar de uma subjetivação estatal, ligada às normas que organizam a sua identificação de monarca. Nos instantes em que está sob o efeito da imaginação scherezadiana, ele percebe que as noções do real, nas quais acredita, são postas à prova, são testadas, pelo teor criativo e a potência que emanam das histórias inventadas pela jovem, capazes de provocar no homem algum tipo de transformação.

Os pressupostos que se relacionam à ideia de organismo ajudam a explicar o comportamento do Califa quando ele é tentado a ceder aos caprichos da contadora de histórias. No desenvolvimento da leitura, notamos que ele deseja, desde criança, estabelecer agenciamentos com o universo da imaginação, mas acaba sendo capturado, preso aos estratos de uma realidade estatal. Nessa condição, o Califa não consegue entregar-se à potência, ao *plano de*

imanência do desejo, à experimentação como faz a contadora:

Desde a infância, o Califa sonhara fabular o cotidiano, e só agora, mediante este truque, sentia-se capaz de assegurar transcendência a qualquer fato sórdido, fora da linha divisória de um realismo que seu poder estabeleceu. Mas, confrontado com dilema de prosseguir com esta encenação e perder, no entanto, o sentido de qualquer realidade, ele se assusta. (PIÑON, 2014, p. 159)

É possível perceber que se estabelece uma espécie de tensão provocada pelo fato de o homem desejar ceder ao mundo do sonho, da fabulação, à possibilidade de inventar novas realidades e ao mesmo tempo assustar-se com essa ideia. Associando o comportamento do personagem às questões problematizadas por Deleuze e Guattari a respeito do CsO e do conceito de devir, poderíamos dizer que o Califa esmaga o próprio desejo, aborta a realização de seu CsO para não perder 'o sentido de qualquer realidade', ainda mais a sua realidade de representante do aparelho de Estado. Por meio das histórias criadas por Scherezade, ele tem ainda a chance de devir-criança, o que é diferente de imitar uma criança, infantilizar-se. O devir-criança se manifesta pela probabilidade de liberar a vida onde ela está aprisionada e isso ocorreria por influência de uma força criativa que o indivíduo criança tem de sobra. Caso tornasse possível essa experiência, ele não se assustaria diante da ideia de fabular o cotidiano, uma vez que o devir-criança passa, necessariamente, pelo acolhimento da aventura. Diante dessa decisão que mudaria completamente a sua história, ele, no entanto, recua. Por um determinado instante, o homem experimenta a sensação de liberdade, deixando-se afetar pelos relatos, mas para ele isso aparece como algo arriscado, é como se aquela experiência, mesmo instantânea, fosse vestígios da sua consciência tentando viver algo diferente daquela rotina preestabelecida e sistematizada, é como se o seu corpo desejasse ser esvaziado e povoado pelas intensidades dos relatos criados pela jovem narradora. Os filósofos franceses destacam que quando os órgãos são estratificados,

o CsO clama pela libertação: “[...] O CsO grita: fizeram-me um organismo! dobraram-me indevidamente! roubaram meu corpo! O juízo de Deus arranca-o da sua imanência, e lhe constrói um organismo, uma significação, um sujeito”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 25). O retorno ao organismo é feito em função do medo, mas essa será uma dialética que aparecerá representada durante todo o enredo. Até certo ponto, o personagem oscilará entre os eixos de uma significância e de uma subjetivação fechadas e o campo de imanência no qual se produz o CsO, por isso que:

[...] o que o Califa queria naquele instante era uma realidade que constituísse fonte de surpresas e entretenimento. Pois crescia nele a aspiração de roubar um dia o desempenho de Scherezade e emocionar seus súditos reunidos no bazar, apresentando-se a eles como personagem de dimensão universal, da altitude de Harum Al-Rachid³⁴, abássida como ele. Estes delírios felizmente se eclipsavam, retomando ele sua índole ativa, resistente às mudanças. (PIÑON, 2004, p. 116)

Mais uma vez notamos uma tensão entre o *plano de imanência do desejo* e o *plano de organização*. O trecho traz um termo bastante sugestivo, “delírios”, ao referir-se aos momentos em que o soberano permite que a imaginação faça parte de sua identificação, porém, como a própria palavra suscita, trata-se de um ato de devaneio, de alucinação, que não deve ser repetido e nem considerado. Desse modo, ao final da experiência, ele retoma ‘sua índole ativa, resistente às mudanças’.

3 Scherezade e a constituição do seu Corpo sem Órgãos

Em oposição ao modo de vida do Califa, preso à realidade,

³⁴ **Hārūn al-Rashīd** foi o quinto califa abássida, reinando entre 786 e 809, numa época marcada pela prosperidade científica, cultural e religiosa no Islã. Ele foi o fundador da lendária biblioteca chamada de “Casa da Sabedoria. Informações disponíveis em: <http://www.cultseraridades.com.br/harun-al-rashid-o-califa-das-1001-noites/>. Acesso em 10/12/2018.

a uma subjetivação organizada mediante normas e ditames institucionalizados, a contadora de histórias vive uma subjetivação que se assemelha a de um Corpo sem Órgãos, que se contrapõe às funções pré-estabelecidas socialmente, especialmente para a figura feminina. A experiência de um CsO em Scherezade se principia pelo movimento de devir, quando sai de sua condição favorável de filha do Vizir para se submeter a uma espécie de guerra na qual busca salvar, dia após dia, a própria vida. Nessa empreitada, mostra-se uma figura igualmente transgressora quando se liberta das convenções sociais que preveem para as mulheres islâmicas uma condição inferior ao homem, que as impedem, por exemplo, de escolher um marido. Na narrativa, em certo sentido, ela faz essa opção, quando, por vontade própria, resolve se entregar ao Califa, na intenção de travar com ele uma espécie de combate do qual deseja sair vencedora. Trata-se de uma decisão com fins sociais, confirmando mais ainda que ela não é uma jovem como as demais da sua grei. Nessa perspectiva de destituir-se de uma significação uniforme e organizada segundo as normas sociais, Deleuze e Guattari (2012) enfatizam que o ato de desfazer o organismo pressupõe principalmente:

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidades, territórios e desterritorializações mediadas à maneira de um agrimensor. [...] E quanto aos sujeitos, como fazer para nos descolar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam numa realidade dominante. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 25-26)

Considerando o exposto, poderíamos indagar a respeito das estratégias utilizados pela figura feminina do romance nelidiano para escapar dessa realidade dominante, da qual nos falam os filósofos, em pleno contexto de uma sociedade patriarcal, numa Bagdá do século X. Assim, perguntaríamos como age Scherezade para se libertar destes pontos de subjetivação que ao longo da

existência procuram fixá-la como um sujeito subordinado às vontades masculinas? A insubordinação de Scherezade começa logo na infância quando costuma visitar o mercado de Bagdá acompanhada de Fátima, sua ama, a fim de ouvir histórias, aprender a sabedoria popular dos povos nômades, sentir e respirar o ar que circula no ambiente do mercado. Esses passeios poderiam colocar sua reputação em risco, pois, para uma jovem de sua grei, não era permitido aventurar-se pelas ruas do mercado. Ainda assim, ela o faz com frequência porque coexiste nela um forte desejo de conhecer o proibido, há nela uma curiosidade que faz com que, ainda criança, transgrida as normas impostas pelo pai. Ressaltamos que nessa fase da vida Scherezade já criava meios para escapar da sujeição imposta pela figura paterna. Logo nos primeiros anos de sua juventude, começa a coletar informações para tornar-se uma jovem conhecedora das histórias de seu povo. O texto literário nos mostra uma Scherezade, ainda menina, mas dotada de peculiaridades, vejamos o trecho a seguir:

Sua precoce devoção de propagar o cotidiano dos humildes que faziam de Bagdá centro irradiador da civilização árabe. Mediante tais recursos, a menina exigia que os membros da família a questionassem sobre qualquer assunto. Postada no meio da sala, como uma esfinge, aguardava o encaminhamento de questões disparatadas, que lhe testassem o conhecimento. Mesmo se falhasse, de modo algum deviam prescindir de suas respostas. Pois tudo que lhe dissesse tinha respaldo pela memória do Islã. Caso quisessem de verdade escrutinar o passado de grei familiar, ou rastrear a trajetória do Profeta que forjara a grande nação espiritual, confiassem a ela, apesar da idade, a tarefa de aglutinar lendas e registros soltos, espalhados pelo califado. (PINON, 2004, p. 38)

De modo semelhante ao que propõem os filósofos franceses a respeito de uma ciência nômade, Scherezade, ainda na infância, estabelece conexões entre os diferentes saberes postos ao seu dispor. O fato dela exigir que seus familiares a questionem a partir

de assuntos diversos mostra-nos que sua identidade, ainda em construção, já busca se formular a partir de agenciamentos com a alteridade. De tal maneira, ela enquanto sujeito feminino, mesmo que inconscientemente, vai desprendendo-se dos modos de subjetivação que tentam organizar, sistematizar o corpo/identidade de gênero, pois, naquele contexto não era comum existir meninas/mulheres com peculiaridades semelhantes à sua. Às mulheres era reservado apenas o conhecimento das virtudes de mãe e senhora do lar, porém, a protagonista resiste “as superfícies de estratificação sobre as quais ele, o CsO, é rebaixado e submetido ao juízo”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 25). Diferentemente do Califa que ao ser posto entre dois eixos, o da significância e o da subjetivação, acaba por se territorializar na imagem de organismo, Scherezade não se deixa rebaixar e nem submeter ao “juízo de Deus”, ela, logo cedo, vai dando início a construção do seu CsO, escapando daquilo que está predestinado para ela, por ser mulher e pertencer a uma origem nobre cheia de pré-requisitos a seguir.

A experiência de criar para si um Corpo sem Órgãos se potencializa em Scherezade quando ela, inconformada com o decreto estabelecido pelo Califa, resolve opor-se à penalidade de morte que pesa sobre as mulheres do reino. O trecho a seguir mostra o inconformismo de Scherezade em relação à situação instaurada:

Non ama aquele homem. Luta apenas pela vida, obedecendo ao instinto da aventura narrativa e à paixão pela justiça. Desde que o terror se difundia pelo reino, com o sacrifício das jovens entregues inicialmente à luxúria do Califa e mais tarde ao cadafalso, Scherezade decidira opor-se a tal crueldade. Para tanto, confronta-se com o pai, o poderoso Vizir, disposta a embarcar em uma viagem sem retorno. (PIÑON, 2004, p. 29).

Assim, ao contrapor-se ao pai que, segundo os ditames sociais de uma sociedade patriarcal, é a figura de maior poder na família, Scherezade transgride uma regra bastante clara que é a de respeitar e obedecer aos progenitores. Desse modo, podemos interpretar que a partir dessa decisão a protagonista esvazia seu

corpo, subtrai a significação conforme, destitui-se na condição de princesa e, conseqüentemente, potencializa o processo de criação do seu CsO. Tal processo, vivenciado pela personagem pode ser explicado através dos conceitos dos filósofos, pois para eles isso ocorre de forma ininterrupta. Nesse momento da vida dela, e da narrativa, a subjetivação de Scherezade adquire maior *plano de consistência*, porque ela se destitui da função de filha criada para uma finalidade, que é casar com um varão escolhido pelo pai, optando por unir-se ao Califa por escolha própria. Mesmo sabendo que desde a infância ela já se mostrava desobediente ao pai, saindo às escondidas em fuga ao mercado, ainda assim, vemos que é na fase adulta, quando ela resolve enfrentar o Califa, que seu corpo/identidade passa, de forme mais intensa, pelo *plano de imanência*.

Assim como o CsO ocorre pela desautomatização das funções estabelecidas para cada órgão, Scherezade sai de uma condição estável para outra instável, pois, como aparece representado no trecho citado, ela embarca numa viagem sem volta, seu destino passa a ser impreciso. Dentre as inúmeras passagens da narrativa nas quais apresenta-se uma mulher insubordinada aos ditames sociais, podemos trazer esta, localizada logo no início do enredo, quando o texto narrativo afirma que:

Scherezade não teme a morte. Não acredita que o poder do mundo, representado pelo Califa, a quem o pai serve, decreta por meio de sua morte o extermínio da sua imaginação. Tenta convencer o pai de ser a única capaz de interromper a sequência das mortes dadas às donzelas do reino. Não suporta ver o triunfo do mal que se estampa no rosto do Califa. Quer opor-se à desdita que atinge os lares de Bagdá e arredores, oferecendo-se ao soberano em sedicioso holocausto. (PIÑON, 2004, p. 07).

Conforme está assinalado no excerto do texto literário, Scherezade é uma personagem destemida, característica incomum para uma jovem como ela, que tem o futuro à mercê das decisões do pai. Carregando uma força invisível, a qual se manifesta por meio do seu discurso, dos seus relatos, ao longo da trama, ela ex-

erce sob os outros personagens grande influência. Seu ato audacioso torna-se notícia no califado, conforme aponta o texto literário: “[...] a notícia da filha do Vizir, a mais brilhante princesa da corte, que, tendo em mira salvar as jovens das garras do Califa, decidira casar-se com ele”. (PIÑON, 2004, p.08). Assim, vemos que a partir dessa decisão, Scherezade através de um propósito nobre, passa a se configurar como uma espécie de heroína, mesmo que para exercer seu objetivo ela tenha que sacrificar sua liberdade ou até a própria vida. Seu corpo não estará mais a serviço de uma sociedade patriarcal, ela não estará à espera do príncipe encantado, um esposo escolhido pelo pai. Em lugar disso, tornar-se um CsO, um corpo de resistência capaz de travar um embate com um Organismo de grande poder estatal, representado na figura do Califa de Bagdá.

Na discussão sobre como criar para si um CsO, os filósofos franceses aconselham: “[...] Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide””. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 13). Os mesmos estudiosos lembram que ao CsO não se chega, visto que ele é um limite. Nesse sentido, o CsO é devir, é um processo de nomadização constante, que em Scherezade se desenvolve ao longo do romance, quando ela precisa destituir-se de toda a sua história; abrir mão do amor e da convivência com o seu pai; privar-se das viagens ao mercado, passando a viver enclausurada no quarto do palácio. Nessa feita, Scherezade encena um processo de reestruturação de sua identidade, saindo da condição de princesa, filha do Vizir, para se transformar na grande fabuladora de histórias.

Segundo Deleuze e Guattari (2012), para vivenciar o CsO é necessário “experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e aí as conjunções de fluxo [...]”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 27). Por isso, insistimos no fato de que o CsO em Scherezade vai se formulando desde a infância, passando pela juventude e consequentemente na fase adulta. Ainda que ela seja filha do vizir

e, por conseguinte, pertença ao campo do institucionalizado, ela vai construir sua subjetivação num agenciamento com o fora, por uma linha de fuga, num movimento de desterritorialização.

4 Conclusão

Neste estudo, sob o prisma do pensamento deleuze-guattariano, estabelecemos relações entre as identidades das personagens Scherezade e Califa com a ideia de Corpo sem órgãos – CsO e a noção de organismo. Em nossa pesquisa, descobrimos que a ideia de organismo em *Vozes do deserto* pode ser vista nas manifestações institucionais que buscam dominar as ações das personagens. O Califa, por ser o representante maior do poder, tem dificuldade de seguir o plano de imanência do desejo presente na constituição do CsO, e assim passa a maior parte da narrativa sedimentado em preceitos hierarquizados. A identidade do monarca, por essa feita, vai construindo-se a partir de uma significação organizada, predeterminada. O texto narrativo mostra que apenas os relatos da jovem é que são responsáveis por desterritorializar o Califa, por alguns instantes, de sua condição fixada de chefe de Estado.

Diferentemente do modo de vida do Califa, preso à realidade, a uma subjetivação organizada mediante normas e ditames institucionalizados, Scherezade vive uma subjetivação que se assemelha a de um Corpo sem Órgãos, que se contrapõe às funções pré-estabelecidas socialmente, especialmente para a figura feminina. A experiência de um CsO em Scherezade se principia pelo movimento de devir, quando sai de sua condição favorável de filha do Vizir para se submeter a uma espécie de guerra na qual busca salvar, dia após dia, a própria vida. Mostra-se uma figura igualmente transgressora quando se liberta das convenções sociais que preveem para as mulheres islâmicas uma condição inferior ao homem, que as impedem, por exemplo, de escolher um marido.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.3. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012.

PIÑON, Nélida. **Vozes do Deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2004.



CAPÍTULO 20

AS MULHERES GUINEENSES NA NARRATIVA SUNGUILA DE FILOMENA EMBALÓ

Marília Gabrielly Peixoto de Sousa
Sebastião Marques Cardoso

1 A tradição de resistência

A linha do colonialismo português que separa o visível, a hegemonia cultural europeia, do invisível, a base cultural do povo colonizado, foi a mesma utilizada nos cinco países africanos dominados por Portugal. A violência e a exploração também foram semelhantes. Porém, as políticas coloniais foram específicas e diferenciadas de acordo com a realidade encontrada em cada país. Assim, veremos uma breve introdução ao contexto da colonização em Guiné-Bissau, pois é importante para compreendermos a análise da narrativa.

Em linhas gerais, a República da Guiné-Bissau localiza-se na costa ocidental de África, é banhada pelo oceano atlântico, com cerca de um milhão e meio de habitantes, a capital é a cidade de Bissau e a agricultura se destaca como principal atividade produtiva do país. Além do território continental, Guiné-Bissau possui o Arquipélago dos Bijagó, formado por mais de 80 ilhas. Considerado uma das “joias da África”, o território é protegido e reconhecido como “celeiro da vida”. Para os povos locais, os deuses se

manifestam através da natureza, as ilhas são espaços sagrados e a convivência nesses locais é conduzida por crenças e tradições místicas, que refletem, inclusive, na preservação da natureza.

Na costa da Guiné Bissau, o primeiro contato com os portugueses data em 1446. Lembrando que o país foi o primeiro a se tornar colônia de Portugal e o primeiro a conquistar a independência. Nesse território, existe uma história dos povos antes da invasão portuguesa. Naquela região, existiam os “Mandinga”, que constituíam o Império de Mali, de etnia mulçumana que já tinham iniciado um processo de dominação dos povos originários daquele território, como os “Balanta”, os “Mandjaco”, os “Bijagó”, “que cultuavam os antepassados e as forças da natureza, povos que praticavam um regime comunitário acéfalo, sem poder estatal, sem hierarquia, e que guardaram, apesar de tudo, suas culturas originais” (AUGEL (2007, p. 51).

Guiné Bissau, conforme esclarece Augel (2007), por muito tempo, não foi utilizada como colônia de assentamento para a agricultura, como aconteceu em Angola e Moçambique, mas serviu à metrópole como ponto de apoio para a comercialização e tráfico de escravizados. Assim, durante todo o processo de instalação do colonialismo português, em Guiné-Bissau, houve, paralelamente, uma forte resistência por parte dos guineenses. Essa tradição de resistência retardou o domínio dos portugueses sobre o território guineense e, apesar do forte armamento e preparo militar, apenas no século XX, as forças da metrópole conseguiram esse controle. Ainda assim, a autora esclarece que, mesmo após o domínio português, continuaram “a resistência passiva, emigração, fuga, não pagamento dos impostos, recusa aos trabalhos forçados e protesto contra uma agricultura voltada à exportação.” (AUGEL, 2007, p.57).

Vale destacar que, ao mesmo tempo em que existiam as estratégias de resistência do povo guineense, havia a colaboração e submissão de parte da população, inclusive, porque o tratamento colonial português, como em todas as colônias, era de brutalidade, crueldade, desrespeito, violência e inexistência dos direitos humanos básicos. A partir dos anos de 1930, sob as ideias de Sala-

zar³⁵, instalou-se, na então Província Portuguesa de Ultramar, o colonialismo centralizador que explorava de forma predatória as colônias para enriquecer a metrópole, esse era seu principal projeto, revestido de “missão civilizatória”. Nas reflexões de Moema Parente Augel:

A insatisfação minava a aparente consolidação do poder colonizador, o que não passava despercebido, e foram em vão as tentativas de aliciar o povo a partir de benefícios a alguns régulos e de certo afrouxamento da severidade dos governadores [...] culminando com a iniciativa já improdutiva de uma ação que visava, face aos fracassos militares, a aliciar a população, abrandando (aparentemente) a repressão, [...]. O clima para a reação anticolonial organizada e alargada tornava-se cada vez mais propício. (AUGEL, 2007, p. 59).

As tentativas de Portugal em aliciar a população com estratégias psicológicas, sociais e de reformas na atuação da política colonial nos territórios foram inviabilizadas pelo sentimento anticolonial e pela consolidação dos movimentos de luta pela libertação que estavam se expandindo em toda África, no caso de Guiné-Bissau foi liderada por Amílcar Cabral³⁶. Guiné Bissau passou por onze anos de luta armada. Após anos de destruição, de violência e mortes, se declarou independente em 24 de setembro de 1973, mas, Portugal só reconheceu depois da queda do ditador Salazar, em 1975. A partir de então, o país enfrentou o desafio de fazer uma profunda reformulação estrutural e territorial, além da urgente necessidade de reafirmar a cultura, resgatar os processos históricos, reconstruir identidades a partir dos laços e das tradições da África, depois dos escombros deixados pela colonização portuguesa.

35 Salazar, a época, era ministro das colônias, posteriormente, exerceu um regime autoritário em Portugal que durou até a Revolução dos Cravos que derrubou o a ditadura salazarista em 1974. Esse momento foi crucial para consolidar, ao menos, oficialmente, a independência das colônias africanas de Portugal.

36 Amílcar Cabral nasceu em Guiné Bissau, cresceu em Cabo Verde, estudou em Lisboa e era poeta. Ele foi assassinado antes de alcançarem a independência, mas acreditava na libertação coletiva, escreveu suas ideias sistematizadas, foi mentor do projeto de unidade dos dois países e é considerado o maior líder da resistência guineense e caboverdiana.

2 Contadoras de história, guardiãs da memória

Sabemos que a repressão e a violência fizeram parte do desenrolar histórico dos países africanos colonizados por Portugal. No âmbito teórico das reflexões sobre a condição das mulheres nesse contexto colonial e pós-colonial, no nosso caso, nos contextos dos países de Língua Portuguesa, é importante destacar as diferentes perspectivas e abordagens, considerando que, na história da colonização de Guiné-Bissau, se destaca a representação da realidade vivida pelas mulheres guineenses através da literatura.

Filomena Embaló é guineense, embora tenha nascido em Angola e seus pais sejam caboverdianos, ela traçou sua trajetória a partir da identidade guineense e participou ativamente da reconstrução do país no período pós-independência, ocupando cargos públicos no país e no exterior. Embaló foi a primeira mulher a publicar um romance em Guiné-Bissau, intitulado *Tiara*, em 1999, no auge da guerra civil. Em 2005, a autora publicou o livro de contos *Carta Aberta* e em 2008, uma coleção de poesia, *Coração Cativo*. A escritora transita pelas várias formas de produção literária. Antes de adentrarmos na análise literária, vale ressaltar a reflexão sobre o estudo da literatura guineense:

Ao estudar a literatura guineense, é essencial encarar o ato criativo tanto por seu valor estético quanto como reverberação do substrato cultural ali implícito. O texto literário se engendra num encadeamento de múltiplas significações, e seu sentido mais profundo advém de sua dimensão simbólica. (AUGEL, 2007, p. 36).

A partir desse ponto de vista, observamos que a escritora, através da ficção, resgata o passado, os significados da luta de libertação, e o presente, a reafirmação, na forma escrita, dos costumes, cultura e valores da tradição guineense, além da memória histórica, política e social. A nossa perspectiva de análise passa por entender a narrativa como *textos-memória*, expressão utilizada por Inocência Mata (2006), quando se refere que os textos literários registram o percurso histórico do país onde está inserido, con-

tribuindo para a afirmação nacional e para “partilhar memórias históricas e forjadas e colectivizar angústias e aspirações.” (MATA 2006, p. 17).

“Sunguila” faz parte do livro *Carta Aberto* (2005), obra que reúne 10 narrativas curtas e, podemos considerar, que são acervos de memórias. Filomena Embaló faz um compilado de situações que são parte do contexto histórico e político da Guiné-Bissau. Em nota no livro, a escritora descreve que o termo *Sunguila* tem origem kinbundo³⁷ e significa “Passar a noite a conversar, geralmente a contar histórias ou adivinhas”. No contexto dos países colonizados, onde a grande maioria da população não possuía a habilidade da escrita e nem o direito de aprendê-la, a contação de histórias se torna o principal instrumento de preservação da tradição e de registro dos processos vivenciados pelos povos. Dessa forma, podemos considerar que a narrativa mostra o encontro do passado com o presente da Guiné-Bissau, através do resgate da memória, em diálogo, narrado em primeira pessoa, entre duas personagens.

Os contos africanos foram, por séculos, transmitidos por gerações através da oralidade que se torna uma prática tradicional e marca a identidade dos povos colonizados. A tradição das narrativas orais se faz como instrumento de resistência anticolonial. Na memória dos povos reside o acervo da cultura. Nesse acervo também se apoiam os pilares dos valores e crenças da ancestralidade africana. Na tese de Odete Semedo, ela destaca, fundamentando-se em Hampâté Bâ (1982), que o lugar da tradição “é preservação da memória coletiva que tem o seu espaço na história dos povos, um espaço que evolui, mas que conserva sua essência. Ela está do fazer cotidiano, que difere de cultura para cultura.” (SEMEDO, 2010, p. 76).

A partir dessa consideração, a tradição como instrumento de preservação da memória coletiva, observamos, pela perspectiva do conto *Sunguila*, como as mulheres são guardiãs da tradição e da memória, principalmente nas sociedades que passaram pelo processo de luta armada para a conquista da independência. A narrativa escolhida mostra um diálogo que demarca a linguagem coloquial e expressões africanas, entre duas pessoas que, nitida-

³⁷ Kinbundo é uma das línguas Bantu falada em Angola.

mente, fazem parte de dois grupos sociais diferentes, conforme expresso no texto:

- Tia Velha, conta aí uma das tuas estórias! - Mjjjjjjj! Já lhe disse que não sou tua tia! E se sou velha, tu é mais ainda! Ou já esqueceu que quando eu vim morar aqui, ainda menina e moça, tu já estavas a criar caruncho aí no teu poleiro?! E que estória tu quer pra eu te contar? Já te contei todas as minha estória! (EMBALÓ, 2005, p. 15).

A “tia velha” ou “Maria Manguêra” era uma mulher simples que residia vizinho ao Liceu³⁸, na capital, Bissau, e se tornou testemunha das articulações das lideranças estudantis contra a metrópole, como também, das invertidas da Polícia colonial contra os estudantes. O outro personagem é alguém a quem ela chama de “Mestre Sino das Torres”. No primeiro parágrafo, podemos perceber que o diálogo ocorre entre um homem que estudou, fala a língua da forma padrão e uma mulher sem estudos formais, contudo, ele, o mais instruído, que vai em busca da contação de história registrada, oralmente, pela senhora: “- Eh! eh! Bons tempos aqueles em que eras menina e moça! [...], cabeleira frondosa e aqueles brincos doirados que trazias em cacho. Eras mesmo um pedaço! - É, você quer me adoçar minha boca pra ver se eu conto!” (EMBALÓ, 2005, p. 15).

Na sequência da narrativa, após insistência para a história ser contada, o diálogo mostra detalhes reveladores:

Ma não conto, não! - Deixa-te de fitas! Conta lá aquela do dia em que a polícia te foi visitar! - Hummmm... Só conto si você cantar pra mim! - Cantar?! Sabes bem que perdi a minha voz depois de tantos anos em silêncio. Conta essa da polícia. Não te lembrás? - Como não mi lembro! Nunca tive tanto medo na minha vida... Só por causa dos safados daqueles meninos! - Safados? Mas são os teus

38 O Colégio Liceu de Bissau foi a primeira escola pública de ensino secundário do país, foi construída nos anos 50, como uma nova forma de colonização, voltada para a conquista da população no sentido de submergir o movimento de independência. Assim, não precisava mais a juventude de Guiné-Bissau partir para Portugal em busca de aprofundar seus estudos. Atualmente é o Liceu Nacional Kwame N’krumah.

queridos meninos que sempre defendeste e com cujas patifarias te deleitavas! Os teus maravilhosos alunos do liceu! (EMBALÓ, 2005, p. 15).

Nesse trecho, a personagem resiste em lembrar o episódio em que a polícia foi visitá-la e que ela nunca tinha sentido tanto medo da vida. Podemos identificar que a narrativa é desenvolvida no contexto pós-colonial, depois que o país alcançou a independência, contudo rememora o período colonial através da recordação das personagens. A lembrança dos anos de silêncio, nos remete ao período de repressão da polícia colonial para conter o movimento de libertação que estava se estabelecendo na sociedade guineense pois, “O clima para a reação anticolonial organizada e alargada tornava-se cada vez mais propício.” (AUGEL, 2007, p. 59).

O processo de reconstrução dos países, no período pós-colonial, é enfrentar o que Augel (2007) chama de *desafio do escombro*. Faz parte dessa etapa a dialética entre o lembrar e o esquecer: enquanto uma personagem insiste em não contar a história, não relembrar as situações, a outra personagem afirma que perdeu a voz, esqueceu o canto, não se expressa mais devido aos tantos anos em silêncio. Conforme destaca Augel (2007): “A sociedade, [...] é imaginada nos moldes de um conjunto social detentor de uma história própria que vivencia, na dialética entre o lembrar e o esquecer, dramas, tensões e contradições reais [...]” (AUGEL, 2007, p. 41).

E, como vimos, quanto mais crescia a articulação pela independência da colônia, mais a ação militar da polícia colonial se intensificava com violência para reprimir as iniciativas revolucionárias. Devido ao sentimento de libertação nacional, que cada vez se entranhava na população guineense, a repressão e as estratégias violentas da polícia colonial se tornavam cada vez mais frequentes e a narrativa aborda isso também, como veremos no trecho a seguir:

Tu lembras bem como eu dizia sempri pra eles parar com aquelas conversa mesmo aqui dibaixo da minha janela. - Mas afinal o que diziam eles? - Hum! Conversa de genti

grande, qui minino de liceu não deve falar. - Mas que conversa? - Hum! Política... Luta... Independência... Genti do mato sei lá! Muita coisa não entendia mêmo. E falava também dum barbudo qui si chamava Maxismo. Isso é nomi de genti?! - Não é maxismo, mas sim marxismo e não é nome de ninguém. É uma teoria criada por um homem, de facto barbudo, que se chamava Karl Marx. (EMBALÓ, 2005, p.15).

Nesse trecho da narrativa, está expressa a memória que identificam o período histórico lembrado no relato das personagens. Observamos que, possivelmente, estavam dialogando sobre o contexto do auge da repressão e da iminência da luta armada pela independência, período em que a metrópole proibiu a, então, província de qualquer expressividade que remetesse a desafiasse o poder do colonizador.

A referência que o texto literário faz aos assuntos que não se deve falar, relacionados à política, luta e independência, nos recorda que foi mais de dez anos, o período da luta pela libertação de Guiné-Bissau. Nesse contexto, a repressão à cultura e a todas as demonstrações artísticas locais foram proibidas, pois, em sua maioria, retratavam a violência, a dominação e as injustiças da colonização, ao mesmo tempo em que exaltava a importância de a população reafirmar sua própria cultura e sua própria identidade.

Apesar do momento de forte repressão, as manifestações literárias se fortalecem na Guiné-Bissau desse período. O sentimento anticolonial faz surgir produções que exprimem a ânsia de se libertar dos mais de cinco séculos de dominação portuguesa. A poesia de Amílcar Cabral, por exemplo, retrata esse momento:

...NÃO, POESIA

...não poesia:

Não te escondas nas grutas do meu ser,

Não fujas à vida.

Quebra as grades invisíveis da minha prisão,

Abre de par em par as portas do meu ser - e sai...

Sai para a luta (a vida é luta),

Os homens lá fora chamam por ti,
E tu, poesia, és também um homem.
Ama a poesia de todo o mundo,
-Ama os homens
Solta os teus poemas para todas as raças,
Para todas as coisas.
Confunde o teu corpo com todos os corpos do mundo,
Confunde-te comigo...

Vai, poesia:
dá-me os teus braços para que abrace a vida.
A minha poesia sou eu.
(Amílcar Cabral, 1946).

Não temos a pretensão de analisar o poema, contudo, destacamos as referências, trazidas nos versos, sobre: enfrentar a vida, libertar-se das grades invisíveis, lutar a abraçar a vida. Tais temas se relacionam diretamente com os ideais de libertação disseminados entre a população que ansiava a independência. Outro ponto de destaque, revelado na narrativa, foi à influência da teoria marxista na construção dos ideais de libertação. Inclusive, os maiores organizadores do movimento de independência, Amílcar Cabral e Samora Machel foram dirigentes que pautaram os rumos da luta armada a partir das ideias socialistas, como nos confirma o texto:

Foi criado um sentido de unidade e, na Guiné-Bissau, as idéias de Cabral iam no sentido de que o futuro podia ser construído mais pelo retorno ao espírito comunitário africano do que a partir da cópia de modelos sociais e políticos do colonizador – o caminho escolhido para a superação do atraso e do subdesenvolvimento foi a via do socialismo. (AUGEL, 2007, p. 335).

Não vamos, aqui, adentrar para o viés da análise política sobre os direcionamentos dos líderes guineenses pós-independência, mas, mostrar o que a narrativa reflete ao trazer a representação das mulheres como contadoras da História, como relatoras da memória. O diálogo que ocorre no conto de Filomena Embaló,

revela o medo da personagem pelas conversas de gente grande que eram proibidas na escola, entre a juventude, para que não se espalhassem as ideias de libertação entre o povo. Falar de política, luta e independência eram assuntos que deveriam ser silenciados e reprimidos. E o medo que a personagem expressa é explicado no trecho logo em seguida:

- E como é que tu quer que eu sei? Não andei na escola como você que virou mestre! Pequinininha, comecei minha vida na quitanda a vender o fruto do meu suor! - Mas conta lá! O que disseram os polícias? - Ué! Ninguém falou! Chigou só e começou a dar porrada nos minino. Tem dois qui conseguiu fugir nas traseira do meu quintal e depois saltou nos campo de jogo do liceu. Os qui ficou levou bué de porrada... (EMBALÓ, 2005, p. 15).

A repressão da polícia colonial estava presente em todo o contexto da luta pela independência, em Guiné-Bissau, e está representada na memória de Maria Manguêra. A narrativa mostra que a personagem presencia esse momento de violência, situações constantes no período inicial de articulação dos movimentos pela independência. A autora utiliza expressões do crioulo guineense no diálogo apresentado. Inclusive, Embaló (2004) destaca, em sua “Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau”, texto publicado virtualmente, a importância do uso do crioulo na produção literária para “evidenciar a riqueza metafórica dessa língua, profundamente enraizada na cultura popular”.

Outra questão de destaque, no trecho, é o relato da personagem sobre o fato de não ter frequentado a escola. Como vimos, devido a colonização, na Guiné-Bissau, ter ocorrido para a exploração e não para o povoamento, isso resultou nesse país ser dos últimos a se desenvolver em termos de educação. A literatura se desenvolveu mais tardiamente, igualmente a imprensa, em relação aos outros países colonizados por Portugal. A primeira instituição de ensino secundário foi aberta em 1958 e a primeira editora pública, foi aberta depois da independência. As sequelas da colonização, na Guiné-Bissau, perpassam, também, por esses

aspectos. Amílcar Cabral relata que:

Na Guiné, 99% da população não podia ir à escola. A escola era só para os assimilados, ou filhos dos assimilados, vocês conhecem a história toda, não vou contá-la outra vez. Mas é uma desgraça que o tuga causou na nossa terra, não deixar os nossos filhos avançarem, aprender, entender a realidade da nossa vida, da nossa terra, da nossa sociedade, entender a realidade da África, do mundo de hoje. Isso é um obstáculo grande, uma dificuldade enorme para o desenvolvimento da nossa luta. (CABRAL, 1945, p. 33).

A afirmação de Cabral (1945), nos traz a reflexão sobre a privação do conhecimento como instrumento de dominação. Além de revelar que a personagem da narrativa, que dialoga com Maria Manguêra, possivelmente, é um assimilado ou filho de assimilado, ou seja, um guineense que assimilou os costumes e comportamentos europeus para se sentir “aceito” pelo colonizador e conseguir alguns poucos privilégios em relação aos “não assimilados”, como, por exemplo, frequentar a escola. Assim, era mais um mecanismo do colonizador de anular a cultura e as tradições do povo colonizado. A narrativa mostra essa perspectiva em outros trechos em que ele repreende Maria Manguêra por falar utilizando termos crioulos:

- Ué?! Então por que você me corrigiu si não é a mêma coisa?
- É o mesmo acto, mas dito de uma maneira mais... correcta. Bem, mas isso não importa que eu já desisti de te ensinar a falar como deve ser... Nem com todos esses anos a escutar conversas de estudantes tu conseguiste aprender! (EMBALÓ, 2005, p. 15).

Assim, ao identificarmos tais questões sobre a colonização, primeiro, elas se dão de uma forma para os homens e de outra forma, mais aprofundada, para as mulheres. A narrativa aborda que os dois personagens são negros e guineenses, passaram pela colonização e, provavelmente, presenciaram a luta pela libertação. Ambos conheciam a realidade do local e os processos sociais que

o país vivenciou para se tornar independente de Portugal. Porém, há um fator que separa as duas personagens reveladas do trecho da fala de Maria Manguêra, o qual ela cita: “Não andei na escola como você que virou mestre! Pequeninha, comecei minha vida na quitanda a vender o fruto do meu suor!” (EMBALÓ, 2005, p. 15). A Tia Velha, por ser mulher, não conseguiu frequentar a escola e precisou trabalhar desde criança.

As relações de gênero, no contexto colonial e pós-colonial, foram também desenvolvidas a partir da relação de poder do homem sobre as mulheres. Os discursos coloniais aprofundaram a separação dos papéis de gênero, na África, principalmente depois da chegada do Islã e, posteriormente, do Cristianismo.

Conforme relata Menezes (2008), citando Sylvia Tamale (2005), “o colonialismo, em conjunto com os líderes patriarcais africanos, desenvolveu um sistema inflexível de direito costumeiro, o qual deu origem a novas estruturas e formas de dominação”. (MENEZES, 2008, p. 75). Essas estruturas de dominação se aprofundam nos contextos em que o colonialismo se soma ao patriarcalismo.

Entretanto, a narrativa segue o diálogo com Maria Manguêra relatando que a polícia colonial levou, com violência, os meninos que falavam sobre política e independência e que eles não apareceram mais para conversar perto do seu muro. E ainda, ocorreu que a polícia foi ameaçá-la de derrubar seu muro, caso outros estudantes voltassem com aquelas conversas. Maria Manguêra não era uma ameaça ao colonizador, muito menos o seu muro, mas a possibilidade de organização social e de disseminação da ideia de libertação era o grande oponente que ameaçava o poder colonial.

Analisamos, no decorrer da narrativa, que a personagem faz referência a “monangambé”, quando relata mais uma das memórias sobre sua experiência com a juventude do liceu, a polícia e o muro:

- Si os minino não pára de vir juntar aqui no pé da minha janela, êlis deita meu muro abaixo! Você viu se eu ficava mêmo sem muro? Agora é qui os safadinho entrava mêmo no meu quintal pra roubar meu ganha pão! - Mas

esse teu muro nunca os impediu de entrar e ir roubar o teu ganha pão! - É, nisso tu tem razão! E ainda se era pra comer! Mas muita vez era pra atirar nos camião dos monangambé! Os coitado já ia no castigo na carroça do camião e inda levava com coisa nas cabeça! (EMBALO, 2005, p. 16).

É respeitável destacar este fragmento, já que, mais uma vez, a narrativa traz o registro da história. Nessa parte, a expressão “monangambé”, no relato do conto, se refere aos homens que iam na carroça do caminhão e os alunos do liceu jogavam as frutas, tiradas de Maria Maguêra, em suas cabeças. A partir das pesquisas, identificamos o termo em duas referências artísticas: no poema de Antônio Jacinto (1961)³⁹ e na produção cinematográfica de Sarah Maldoror⁴⁰ de 1969, ambos são registros que se entrelaçam com a referência ao termo na narrativa.

No poema, monangambé significa “o contratado”, homens de várias localidades da África, principalmente, angolanos, que deixavam suas famílias e comunidades para trabalhar, longe dos seus lugares de origem, nas roças dos brancos. O poema foi musicado por Rui Mingas e reflete:

Naquela roça grande
não tem chuva
é o suor do meu rosto
que rega as plantações;
Naquela roça grande
tem café maduro
e aquele vermelho-cereja
são gotas do meu sangue
feitas seiva.
O café vai ser torrado
pisado, torturado,
vai ficar negro,
negro da cor do contratado.

39 Poema “Monangambé” de Antonio Jacinto (Guiné-Bissau). Disponível em: <http://jardimdepedra.blogspot.com/2006/07/monangamb.html>.

40 Curta Metragem “Monangambé” de Sarah Maldoror (Guiné-Bissau). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=md4y6itkwno>.

Negro da cor do contratado!
(Antônio Jacinto, 1961).

Já no curta-metragem de Sarah Maldoror, também intitulado “Mongangambé”, a expressão representa um grito de resistência significando “morte branca” e conta sobre o momento político que estava sendo vivenciado naqueles anos de guerra colonial com a repressão violenta e brutal às ideias de libertação. Assim, é possível encontrar relação entre as três referências ao termo, mostrando que a autora resgata a história através da narrativa.

O conto encerra com o trecho:

- É, velhos tempos minha amiga, mas agora os tempos são outros, os meninos já não têm tempo para brincar! A vida está difícil. - Difícil mesmo! Vender fruta já não chega pra viver! Agora é só esperar nossa hora... - Hi! Tanta desanimação! Qual nossa hora! A gente está aqui ainda para durar! Deus é pai e a Virgem é mãe! Vais ver que tu ainda hás-de voltar a vender a tua fruta e a ter o teu muro caiado. E eu vou recuperar a minha voz! E ainda vais ter muitas histórias de meninos para contar, pois eles voltarão a sentar-se no teu muro! - Ai! Mestre Sino das Torre! Só memo você pra adoçar a boca daqui da Maria Manguêira! (EMBALÓ, 2005, p. 16).

O fragmento nos faz observar que, possivelmente, as personagens ainda estariam vivenciando o período pós-independência em que o país passou por muitos conflitos, guerra civil e instabilidade política, afetando profundamente a vida das pessoas e trazendo maiores prejuízos para quem estava na linha de frente da luta pela libertação e esperava que a saída dos portugueses significasse a consolidação da democracia no país.

Apesar disso, diversos fatores, internos e externos, contribuíram para um período turbulento e de perdas para a Guiné-Bissau. Mas, assim como no conto, em que a personagem remete à esperança de recuperar sua voz, a história desse país é de resistência à colonização desde as primeiras tentativas. A voz,

silenciada pela violência, é a voz anticolonial e de reafirmação da cultura dos povos, do resgate da pluralidade e da tradição.

No contexto da narrativa, que se relaciona com o contexto histórico e social da Guiné-Bissau, pudemos refletir sobre como, ao mesmo tempo em que as mulheres têm seus direitos e espaços negados enquanto sujeitos, são elas que contam a histórias da formação e das transformações da sociedade, constatando que Literatura e História caminham lado a lado na narrativa de Filomena Embaló, mostrando ainda que são as mulheres que guardam e transmitem os valores e as tradições para as próximas gerações como guardiãs da vida e da memória.

3 Considerações finais

Embora as narrativas sejam ficcionais, elas resgatam diálogos sobre o processo de independência, sobre a influência externa na reconstrução do país, situações políticas e cotidianas, mostrando tradições e costumes do povo guineense com uma linguagem carregada de expressões das etnias africanas. Ou seja, observamos que as narrativas estão expressas entre a ficção e a história, logo, surge a necessidade do conhecimento sobre processo histórico vivenciado pelos povos colonizados, especialmente, os guineenses.

Desse modo, é importante destacar como a leitura da narrativa nos remete a importantes momentos históricos que são resgatados pela personagem de uma mulher simples, mas que observou e registrou a história de formação e de transformação de uma sociedade colonial para outra pós-colonial e que, possivelmente, vivenciou a guerra civil e as disputas internas em seu país, determinados por questões externas e pela latente sequela da colonização.

REFERÊNCIAS

AMADO, Leopoldo. “A Literatura Colonial Guineense”. *Revista ICALP*, vol. 20 e 21, p. 160-178. Julho – Outubro. 1990.

_____. “Guiné-Bissau: 30 Anos De Independência”. **Revista Africana Studia**, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Nº 8. p. 109-135. Porto. 2005.

AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BAHRI, Deepika. **Feminismo e/no Pós-colonialismo**. Revista Estudos Feministas, 2013.

CABRAL, Amílcar. **Livro. Praia**, [Editora sem referência], 1945.

COUTO, Hildo Honório do. EMBALÓ, Filomena. **Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau**. Nº 10. Brasília: Thesaurus Editora, 2010.

CRUZ, Luciene Rocha dos Santos. **As Representações das Mulheres Guineenses nas Obras Eterna Paixão e A Última Tragédia, de Abdulai Sila**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense. p. 96. Niterói, 2018.

DUARTE, Zuleide. “A Tradição Oral na África”. Estudos de Sociologia. **Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**. v. 15. n. 2, p. 181 – 189.

EMBALÓ, Filomena. **Carta Aberta**. Bissau: UNEAS, 2005.

_____. **Biografia. Didinho**. Disponível em: <http://www.didinho.org/Arquivo/filomenaembalobiografia.htm>.

_____. **Breve resenha sobre a literatura Guineense**. Didinho. Novembro. 2004. Disponível em: <http://www.didinho.org/Arquivo/resenhaliteratura.html>.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais**. 2ed. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

MATA, Inocência. SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Trajectórias Culturais e Literárias das Ilhas do Equador: Estudos sobre São Tomé e Príncipe**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

_____. **Laços de Memória & Outros Ensaios Sobre Literatura Angolana**. 1ª ed. Luanda: Praxis, 2006.

MENESES, Maria Paula. “Mulheres Insubmissas? Mudanças e conflitos no norte de Moçambique”. **Revista ex æquo**, n.º 17, p. 71-87, Março de 2008.

SANTOS, Bárbara dos. “O conto africano de língua oficial portuguesa e as lutas de libertação”. **Revista Mulemba**. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, pp. 39-49, jan/jul 2010. ISBN 2176-381X.

SECCO, C. T. SEPÚLVEDA, M. C. SALGADO, M. T. (orgs). **África e Brasil: letras em laços. Vol. 2**. São Caetano do Sul-SP: Yendis Editora, 2010.

SEMEDO, Maria Odete. **As Mandjuandadi - Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: Da Tradição Oral à Literatura**. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. p. 452. Belo Horizonte, 2010.



CAPÍTULO 21

SACRIFÍCIO, RESISTÊNCIA E CONSTITUIÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE LÍTERO DISCURSIVA DO CONTO *THE LOTTERY* DE SHIRLEY JACKSON

José Roberto Alves Barbosa
Lucas Sales Barbosa

Considerações iniciais

O sacrifício é um tema retomado na sociedade contemporânea, não apenas no contexto do discurso religioso, também neocapitalista, considerando que a subsistência da humanidade, de acordo com alguns posicionamentos econômicos, depende de vidas sacrificadas. A religião, desde os antigos tempos, apela ao “bode expiatório”, e esse é constituído socialmente, a fim de aplacar a ira das divindades. Essa posição também foi retomada no contexto da obra, alimentando um *ethos* no discurso literário, por meio dos quais se instaura uma condição paratópica na bibliografia (MAINGUENEAU, 2006).

Neste artigo, pretendemos analisar a constituição do sacrifício enquanto constituição social, a partir de um conto de Shirley Jackson, intitulado “A Loteria”, identificando como acontece o processo de naturalização social, que se impõe como “verdade”, ancorada na tradução, principalmente a religiosa. Para refletir sobre o conceito de naturalização do sacrifício, tanto em uma dimensão

religiosa quanto social, nos voltaremos para as contribuições de Girard (2004), e suas incursões a respeito da violência, do sagrado e do “bode expiatório”.

1 O discurso literário e sua “auto” constitutividade

Os discursos pretendem ser ahistóricos, na busca pelo o status de “auto”-constitutividade (MAINGUENEAU, 2006). É nesse contexto que os discursos, sejam eles religiosos, científicos, filosóficos e literários apenas podem ser considerados “auto”, assim mesmo entre aspas, constituintes. Os discursos, conforme expôs Foucault (1996), se constituem em uma vontade de verdade, na interdição de outros discursos, através de um processo de controle social, nas relações de poder, apelando a diversos dispositivos, dentre eles a disciplina dos corpos.

Nessa “auto”-constitutividade, Maingueneau (2006) explica que o “autor” do texto é o responsável pela enunciação e o “escritor” é o equivalente ao “sujeito falante”. Assim, o texto literário em sua materialidade tem o “autor” e também o “escritor”, cada qual com a sua voz compondo o tecido literário, podendo manifestar-se através de uma ironia ou de outra materialidade discursiva. A análise do discurso literário, nessa perspectiva, considera o conceito de “enunciado”, que é o texto quando ainda não estão observadas as nuances que ocorrem na materialidade.

Um texto, consoante ao que defende Maingueneau (2006), é o “rastro de um discurso em que a fala é ‘encenada’” (p. 250). Faz-se necessário, nesse processo analítico, atentar para a cenografia, o processo interno da situação discursiva de uma fala. Essa e o tecido literário, por meio do qual o discurso funciona, em seus efeitos. A cenografia, mais propriamente, diz respeito à unidade textual por meio da qual a obra se sustenta, dando-lhe validade. A “cena”, no discurso literário, não é apenas um contexto, mas sua própria constitutividade, a fim de validar o enunciado em seu diálogo com a pretensão de verdade.

A “verdade”, no contexto da obra literária, é constituída at-

ravés de uma tessitura própria, diferente daquela pretendida pelo discurso religioso e científico. Há um *ethos* próprio do “enunciador”, que orchestra uma gama de sentidos, a fim de retomar discursos outros, sejam eles científicos e/ou religiosos. O texto literário, em seu plurilinguismo interlinguístico, retoma outras vozes (BAKHTIN, 2003) e se inscreve em posicionamentos, cujo proposta também é a de desconstruir “verdades”, na medida em que o próprio “autor”, em sua biobibliografia é desposicionada em uma condição paratópica, ao enunciar fora do lugar comum (MAINGUENEAU, 2006).

A condição paratópica coloca o autor na condição de profeta, pois esse ao anunciar-se identifica com aqueles que se encontram em um “não-lugar”, entre a integração e a marginalidade. Isso porque, conforme explicita Maingueneau (1995), a literatura é nutrida da irredutível instabilidade entre a miséria e a riqueza. Ele se encontra, portanto, em um paradoxo, pois “se os homens de letras formam uma república, esta só existe de maneira paradoxal, dispensa no interior do corpo político (MAINGUENEAU, 1995, p. 28).

E assim se constitui, também se “auto”-constituindo, o discurso literário, por meio da circulação na sociedade, sobretudo na “instituição literária”, definida por Maingueneau (2006) como “o conjunto de quadros sociais da atividade dita literária, tanto as representações coletivas que se tem dos escritores, como a legislação... os *habitus* as carreiras previsíveis e assim por diante” (p. 53). A paratópica do escritor, anteriormente identificada, é apenas uma das categorias na análise do discurso literário. Além desses Maingueneau (2006) destaca o *ethos*, a interlíngua, médium, entre outras.

2 A instituição da naturalização do sacrifício na sociedade de controle

A naturalização do sacrifício se impõe como uma necessidade no discurso religioso. Mas esse se instaura na sociedade

como um mecanismo, figurado por Girard (2004) como um “bode expiatório”. Esse tem importante papel na sustentação ideológica da ordem social. A destruição de uma vítima estabelece os fundamentos da ordem política, por meio do processo de naturalização da violência. Essa acontece como uma transcendência, na medida em que se busca uma harmonia, que se concretiza na materialização do sagrado, com o objetivo de se invocar uma divindade.

Por mais paradoxal que seja, Girard (1990) destaca que a violência é o coração e alma secreta do sagrado. Para esse, faz-se necessário ponderar a respeito do desejo mimético e a vitimização, enquanto elementos constitutivos das origens religiosas e sociais. É nesse contexto que a violência se espalha como um incêndio, sendo figurada no “bode expiatório”, expressão tomada da Bíblia, no capítulo 16 de Levítico, como parte de um ritual religioso, por meio do qual o sacerdote transfere os pecados das pessoas para um bode, que depois é despedido para a floresta. A canalização é, nesse sentido, uma forma da sociedade a fim de lidar com a violência coletiva, evitando que essa se propague de maneira descontrolada.

O mecanismo do “bode expiatório”, no contexto da teoria mimética girardiana, retoma o conceito de pulsão da psicanálise, pois é no sacrifício do outro que o desejo é sublimado. Assim, todo o desejo de violência humano é posto sobre um indivíduo, a vítima é escolhida para receber o castigo do pecado da coletividade. A noção de transferência é significativa, pois está associada também à religião, que busca pacificação por intermédio desse artifício. A violência, na instituição sagrada, segundo Girard (1990), evoca a transcendência, essa prática não está restrita ao judaísmo, mas a todas as práticas religiosas antigas.

Na sociedade contemporânea, o deus-mercado também recorre à mesma lógica, Sung (2010), com base na teoria girardiana, assume que

o incentivo do desejo mimético exige mais sacrifícios para manter a estabilidade de uma ordem que vive em permanente instabilidade e crise pela própria dinâmica do progresso-desejo-mimético. Agora, o sacrifício dos

menos competentes, os que são hoje excluídos da dinâmica econômica, é uma necessidade do progresso. (...) é preciso sacrificar aqueles que não aceitam a “sacralidade” do mercado e pretendem intervir nele em nome de metas sociais e da justiça social (p. 71).

A insensibilidade, nesse contexto, é uma lógica com a qual a sociedade se acostuma, tornando o sacrifício, além de necessário, como algo inalienável. Esse discurso econômico se apropria do conceito da meritocracia, a fim de excluir aqueles que são considerados indignos, e até mesmo responsável pela sua condição social. Assim, o “bode expiatório” segue para o sacrifício, a fim de que alguns poucos “privilegiados” possam satisfazer seus desejos miméticos. De modo que as pessoas são condicionadas a existir em função das exigências não apenas do mercado, mas das imposições da sociedade, em nome de determinados valores, considerados inquestionáveis.

3 Shirley Jackson: incursão biobibliográfica de resistência

A condição paratópica de Shirley Hardie Jackson é construída em sua narrativa, resultante também das suas intempéries, no contexto em que viveu, também como “bode expiatório”. Essa escritora norte-americana se destacou por temas como terror e mistério, tendo escrito vários romances, ainda que tenha se destacado pelos seus contos, o mais conhecido deles: *A Loteria* publicado em 1949, com o título de *The Lottery and Other Stories*. O primeiro romance dessa autora a ser publicado foi *The Road Through the Wall* (1948), trata-se de uma biobibliografia com enfoque em sua infância na Califórnia. As histórias de horror sempre foram sua especialidade, patente em uma das obras mais aclamadas: *The Hounting of Hill House* (1959), um romance sobrenatural, sobre fantasmas.

Shirley Jackson nasceu em São Francisco, em San Francisco filha de Leslie e Geraldine Jackson, com ancestralidade britânica. A jovem Shirley Jackson foi criada no subúrbio de Burlingame.

Desde cedo, teve dificuldade de convivência com os amigos, além de problemas dentro de casa, principalmente com sua mãe, que não se conformava com o nascimento precoce da filha. Ela tinha pouco tempo de casada quando engravidou. Esse relacionamento turbulento fazia com que a menina passasse a maior parte do tempo reclusa, fazendo aquilo com que mais se identificava: escrever.

Shirley Jackson estudou na Burlingam, mas sua família se mudou para Rochester, ainda quando estava no Ensino Médio. Posteriormente, estudou no Brighton High School, onde foi diplomada em 1934. Seus pais a matricularam na Rochester University, talvez porque poderiam supervisionar seus estudos. Mas Jackson estava insatisfeita com a universidade, por isso parou de estudar por um tempo, até que se transferiu para Syracuse University, nessa universidade publicou o primeiro conto, “Janice”, sobre a tentativa de suicídio de uma adolescente.

No final da vida, após anos de luta contra a ansiedade, e tentar se desvencilhar do sobrepeso, Shirley Jackson buscou tratamento com vários médicos, alguns deles prescreveram barbitúricos e anfetaminas, que intensificaram mais ainda suas crises de ansiedade. Aos poucos, sua saúde passou a declinar, também por causa do consumo de medicamentos fortes, associado ao fumo e álcool. Apesar dessa condição limitante, a autora continuou escrevendo e publicando, seu último romance, intitulado *We have always lived in the Castle*, foi publicado em 1962. Em 1964, teve uma melhora considerável, permitindo que voltasse a alguns eventos literários. Mas em 1965, faleceu em seu leito em North Bennigton, aos 48 anos de idade, decorrente de complicações cardíacas.

4 The Lottery, sacrifício e resistência, contra o (des)posicionamento social

É a história dos habitantes de uma pequena cidade dos Estados Unidos, que vive primordialmente da agricultura, e que realiza um ritual de sacrifício a cada dia 27 de junho, reconhecido como a “loteria”. Por ocasião desse ritual, papéis são sorteados,

uma da família da localidade receberia um papelzinho preto, que implicaria no apedrejamento de uma pessoa dessa, inclusive pelos próprios familiares. Esse conto foi adaptado pela Enciclopédia Britânica em 1969, disponível em inglês para ser assistido em vários canais da internet.

A edição que usamos para a análise foi publicada na edição impressa do The Yorker em 26 de junho de 1948, disponível *on-line* em <<https://www.newyorker.com/magazine/1948/06/26/the-lottery>> com acesso em 09 de janeiro de 2020. A tradução para o português, que acompanha o texto em inglês é o da coletânea de Contos de Terror, publicada pela Companhia das Letras em 2018, organizados por Júlio Jeha, esse conto especificamente foi traduzido por Débora Landsberg, e se encontra nas páginas 335 a 348. Ao longo do artigo, citaremos a tradução para português, disponibilizando também o texto em inglês.

Destacamos, inicialmente, a disposição do ser humano para a maldade, tema recorrente nas obras de Shirley Jackson, que se materializa em um dia qualquer.

Na manhã de 27 de junho estava clara e ensolarada, com o calor revigorante de um dia de alto verão; as flores brotavam em abundância e a grama exibia um verde esplêndido.

[The morning of June 27th was clear and sunny, with the fresh warmth of a full-summer day; the flowers were blossoming profusely and the grass was richly green]

A maldade, ao contrário do que se espera, está mais próximo do que se imagina. Não precisa ir muito longe, para se deparar com o que há de pior nos seres humanos. Em meio à natureza deslumbrante que nos cerca, em um dia claro e ensolarado, nos deparamos com o que nos apavora. E esse nos chega na trivialidade da existência, nas práticas normais (ou normalizadas) do cotidiano, quem sabe, mesmo antes do jantar. Por isso, em *The Lottery*, como na maioria das cidades, a praça é o símbolo de onde as coisas mais importantes da cidade acontecem, não é mera coincidência que essa se encontre entre o correio e o banco. A cenografia e

topologia, conforme explica Maingueneau (2006), contextualizam a constituição da obra literária.

As pessoas do vilarejo começaram a se reunir na praça, entre a agência dos correios e o banco, por volta das dez horas; em algumas cidades havia tanta gente que a loteria durava dois dias e tinha de começar em 26 de junho, mas nesse vilarejo, onde viviam apenas umas trezentas pessoas, a loteria toda levava menos de duas horas, então podia começar às dez horas da manhã e ainda terminar a tempo de os aldeões chegarem em casa para almoçar ao meio-dia.

[The people of the village began to gather in the square, between the post office and the bank, around ten o'clock; in some towns there were so many people that the lottery took two days and had to be started on June 26th but in this village, where there were only about three hundred people, the whole lottery took only about two hours, so it could begin at ten o'clock in the morning and still be through in time to allow the villagers to get home for noon dinner].

Seria importante que a loteria fosse realizada aos olhos das crianças, para que essas dessem continuidade à tradição. As práticas religiosas costumam ser repassadas de pais para filhos, essa é uma maneira de perpetuar os “bons costumes”. Levá-las à praça – ou mesmo à igreja – para testemunhar a “necessidade” dos sacrifícios. Esse também é um processo de naturalização, a fim de que não seja considerado estranho para as crianças. Por isso, durante o período das férias, as crianças estão todas prontas para “atirar a primeira pedra”. Aquele pode ser, pela força das circunstâncias, um momento de liberdade, que, talvez, a própria escola incentiva. Por esse motivo,

As crianças se encontraram primeiro, é claro. Fazia pouco tempo que a escola tinha entrado em recesso de verão, e a sensação de liberdade repousava inquietamente sobre a maioria delas; tendiam a se reunir com tranquilidade por um tempo antes de irromper em brincadeiras ruidosas, e as conversas ainda eram sobre a sala de aula e a professora, sobre livros e reprimendas. Bobby Martin já tinha enchido os bolsos de pedras, e os outros meninos logo seguiriam seu exemplo, escolhendo as pedras mais lisas e redondas...]

[The children assembled first, of course. School was recently over

for the summer, and the feeling of liberty sat uneasily on most of them; they tended to gather together quietly for a while before they broke into boisterous play, and their talk was still of the classroom and the teacher, of books and reprimands. Bobby Martin had already stuffed his pockets full of stones, and the other boys soon followed his example, selecting the smoothest and roundest stones...]

O processo de naturalização do sacrifício, da escolha do “bode expiatório, para usar uma expressão gerardiana, é assustador. Em nome da tradição, a família se apressa a ajuntar suas pedras, as donas de casas param seus serviços, os pais de família comandam seus filhos. E como se isso não fosse o bastante, fazem piada com a vitimização do outro, tratam-no como se fosse escória da sociedade. Em nome da família tradicional, não importa que as pessoas mais vulneráveis sejam sacrificadas. É preferível, nesse contexto, que as famílias “desajustadas” sejam extirpadas, por comprometerem a ordem e os bons costumes. Por isso,

Elas se cumprimentaram e trocaram fofoquinhas enquanto iam ao encontro dos maridos. Em seguida, as mulheres paradas ao lado dos maridos, começaram a chamar seus filhos, e os filhos foram com relutância, depois de serem chamados quatro ou cinco vezes. Bobby Marin se abaixou sob a mão ávida da mãe e correu, aos risos, de volta para a pilha de pedras. O pai ergueu a voz com rispidez, e Bobby voltou depressa e assumiu seu lugar entre o pai e o irmão mais velho.

[They greeted one another and exchanged bits of gossip as they went to join their husbands. Soon the women, standing by their husbands, began to call to their children, and the children came reluctantly, having to be called four or five times. Bobby Martin ducked under his mother's grasping hand and ran, laughing, back to the pile of stones. His father spoke up sharply, and Bobby came quickly and took his place between his father and his oldest brother].

Para que a loteria acontecesse, seria necessário ficar atento às regras, e essas deveriam ser seguidas, cumprindo religiosamente o ritual. Em nome da tradição, não se deve permitir inovações, muito menos modificações do sistema, isso pode comprometer o sacrifício, provocando a ira inflamada dos deuses. Os mais velhos, por serem detentores dos princípios divinos, devem determinar

como as coisas serão feitas. A velha caixa preta que sempre foi usada, ainda que estivesse em condição deplorável, deveria ser mantida intacta, bem como a liturgia. A substituição por uma nova poderia não surtir o mesmo efeito, não importa que esse fosse o desejo dos mais jovens.

Aqueles que se opõem à tradição são rotulados de subversivos, representam uma ameaça para a sociedade. É desse modo que o conto destaca o valor simbólico atribuído à velha caixa preta:

A parafernália original da loteria havia se perdido fazia muito tempo, e a caixa preta que agora repousava sobre o banco tinha sido posta em uso antes mesmo de o Venho Warner, o homem mais velho da cidade, nascer. O sr. Summer volta e meia falava com os aldeões sobre a fabricação de uma nova caixa, mas ninguém queria comprometer nem mesmo a pouca tradição representada pela caixa preta (...) Todo ano, após a loteria, o sr. Summers começava a fala outra vez sobre uma caixa nova, mas todo ano deixavam que o assunto morresse sem que nada fosse feito.

[The original paraphernalia for the lottery had been lost long ago, and the black box now resting on the stool had been put into use even before Old Man Warner, the oldest man in town, was born. Mr. Summers spoke frequently to the villagers about making a new box, but no one liked to upset even as much tradition as was represented by the black box (...) Every year, after the lottery, Mr. Summers began talking again about a new box, but every year the subject was allowed to fade off without anything's being done].

Ainda que Mr Summers conversasse a respeito da necessidade de uma nova caixa, esse assunto sempre caía no esquecimento. Aqueles que conservam as tradições não estão interessados em mudanças. A tradição é mantida, entre outras estratégias, por meio do silenciamento. As pessoas simplesmente não dão qualquer atenção àqueles que questionam o status quo. Os rituais deveriam ser respeitados, inclusive nos pequenos detalhes, a liturgia farisaica se alimenta dos detalhes, que não poderiam ser desconsiderados. Os detalhes, as inúmeras regras, servem burocraticamente para cercear direitos, e calar aqueles que se contrapõem aos dogmas. Por isso, nos preparativos para a Loteria,

Havia muito rebuliço a ser feito antes que o sr. Summers declarasse

aberta a loteria. Havia listas a preparar – de chefes de família, chefes das casas de cada família, membros de cada casa de cada família. Havia a cerimônia de tomada de posse do sr. Summers pelo agente dos correios como dirigente da loteria; certa vez, algumas pessoas lembraram, houvera um recital qualquer, apresentado pelo dirigente da loteria, um cântico mecânico, dissonante, repetido de memória no momento adequado todo ano; alguns achavam que o dirigente da loteria ficava parado quando o recitava ou cantava; outros acreditavam que deveria caminhar entre as pessoas, mas anos e anos atrás havia permitido que essa parte do ritual caducasse...]

[There was a great deal of fussing to be done before Mr. Summers declared the lottery open. There were the lists to make up – of heads of families, heads of households in each family, members of each household in each family. There was the proper swearing-in of Mr. Summers by the postmaster, as the official of the lottery; at one time, some people remembered, there had been a recital of some sort, performed by the official of the lottery, a perfunctory, tuneless chant that had been rattled off duly each year; some people believed that the official of the lottery used to stand just so when he said or sang it, others believed that he was supposed to walk among the people, but years and years ago this part of the ritual had been allowed to lapse...]

As crenças das pessoas precisam ser fomentadas, a repetição faz parte da consolidação desse processo. Portanto, a necessidade de uma cenografia, as roupas escolhidas previamente para o evento. Os posicionamentos dos personagens, aqueles que pragmaticamente são responsáveis pelos enunciados. Aos fiéis, cabe o cântico que dá ao momento um tom solene, à obediência cega e irrestrita. Mr. Summers conduz a Loteria, e tem a autoridade instituída pela comunidade. É ele quem declara aberta a Loteria, quem controla os movimentos das pessoas. A liderança calcula seus passos, evita que fazem algum juízo deles mesmos, ainda que ela mesma não seja tão obediente como exigem que os outros sejam.

Os responsáveis pela condução do ritual não aceitam a diferença, o outro deve ser expurgado. É preciso que todos ocupem seus devidos lugares, os paradigmas devem religiosamente respeitados. A Sra. Hutchinson parece não se coadunar a esse siste-

ma, a paratopia é uma condição de inquietação. Ela se atrasa para a Loteria, está mais preocupada com seus afazeres. Esses sinais começam a ser percebidos por aqueles que controlam o ritual. Mas ela, talvez como tentativa de escapar daquelas imposições, decide sacralizar outras práticas:

A sra. Hutchinson prosseguiu, “e então olhei pela janelas e as crianças tinham sumido, e foi aí que lembrei que era dia 27 e vim correndo.” Ela secou as mãos no avental, e a sra. Delacroix disse: “Mas você chegou a tempo. Eles ainda estão batendo papo lá em cima”.

[Mrs. Hutchinson went on, “and then I looked out the window and the kids was gone, and then I remembered it was the twenty-seventh and came a-running.” She dried her hands on her apron, and Mrs. Delacroix said, “You’re in time, though. They’re still talking away up there.”]

O sistema tradicional aguarda, mas não com muita paciência, desde que o atraso seja do cordeiro, daquele que como nos tempos de Abraão, haverá de ser sacrificado. O esquecimento da Sra. Hutchinson, e sua dedicação devota aos afazeres, é uma maneira de fugir de toda aquela engrenagem. Ela não tem pressa, pois sabe que, no final das contas, nada daquilo importa. Mas os inquisidores buscam remir o tempo, a fim de garantir que o ritual seja feito, e que depois de tudo. Os participantes demonstram interesse de que tudo aquilo termine, para que a vida siga a normalidade. Depois do sacrifício da vítima, as coisas poderão prosseguir normalmente.

De modo que, é preciso que tudo seja feito com certa pressa, sem lhes dá o devido valor. Mais importante é que todos os nomes estejam na lista, e que as famílias estejam representadas, nem mesmo os doentes estão isentos do sacrifício, caso não possam comparecer, um substituto deveria ser apresentado. A engrenagem burocrática da loteria não considera os que se encontram em posição vulnerável, nem mesmo o homem caído, à beira do caminho da cidade de Jericó. Sacerdotes, juízes e doutores são insensíveis à vida, o cumprimento dos horários e ritos religiosos, não podem ser transgredidos. A dor do outro não interessa, a roda precisa girar:

“Dunbar”, várias pessoas responderam. “Dunbar. Dunbar”.

O sr. Summers consultou a lista. "Clyde Dunbar", ele disse. "Isso mesmo. Ele quebrou a perna, não foi? Quem vai sortear por ele?"

"Eu. Imagino", disse uma mulher, e o sr. Summers se virou para olhá-la. "A esposa sorteia pelo marido", disse o sr. Summers. ["Dunbar," several people said. "Dunbar, Dunbar."

Mr. Summers consulted his list. "Clyde Dunbar," he said. "That's right. He's broke his leg, hasn't he? Who's drawing for him?"

"Me, I guess," a woman said, and Mr. Summers turned to look at her. "Wife draws for her husband," Mr. Summers said.]

A esposa, no caso a senhora Dunbar, deve ocupar o lugar do seu esposo, caso esse venha a ser sorteado. As mulheres, no contexto da religião, sobretudo no patriarcado, recebem as "penalidades". Desde os tempos antigos, no próprio relato do Gênesis, cabe a Eva a culpa de ter "comido o fruto proibido", e depois "ter dado ao seu marido". O "bode expiatório", nessa sociedade machista, pode muito bem ser ocupado pela mulher. Essa condição lhe foi imposta, ela não se sente confortável, mas decidiram por ela. Nas relações de poder, a tradição persiste, a culpa do pecado original é da mulher, essa deve sofrer as penas da sua transgressão.

O modelo de família tradicional é estruturante, o distanciamento desse padrão, comumente idealizado por aqueles que a defendem, é um risco para a constituição da sociedade como um todo. Por isso, em *The Lottery*, a hierarquia da sociedade patriarcal é recorrente na narrativa. Os personagens, principalmente aqueles que determinam a condução do sorteio, são homens que se tornaram arautos da tradição, as mulheres devem obedecer aos seus maridos, espera-se que essas se sacrifiquem por esses, ou mesmo pela família. Essa representação da mulher é assumida por Bill Hutchinson, em seu estoicismo, disposição para aceitar resignadamente o sofrimento que lhe é imposto. Os homens assumem a condição patriarcal com naturalidade, e seguem o ritual hierárquico como parte das regras. Assim,

O povo tinha feito aquilo tantas vezes que meio que só ouviam as in-

struções; a maioria estava quieta, umedecendo os lábios, sem olhar ao redor. Então o sr. Summers ergueu bem a mão e anunciou: “Adams”. Um homem se desprende da multidão e se apresentou. “Oi, Steve”, cumprimentou o sr. Summers, e o sr. Adams retribuiu: “Oi, Joe”. Trocaram sorrisos sem humor e com nervosismo. Em seguida, o sr. Adams enfiou a mão na caixa preta e tirou um papel dobrado. Segurou-o com firmeza por um dos cantos ao se virar e voltar depressa para o seu lugar na plateia, onde guardou certa distância da família, sem olhar a própria mão.

[The people had done it so many times that they only half listened to the directions; most of them were quiet, wetting their lips, not looking around. Then Mr. Summers raised one hand high and said, “Adams.” A man disengaged himself from the crowd and came forward. “Hi, Steve,” Mr. Summers said, and Mr. Adams said, “Hi, Joe.” They grinned at one another humorlessly and nervously. Then Mr. Adams reached into the black box and took out a folded paper. He held it firmly by one corner as he turned and went hastily back to his place in the crowd, where he stood a little apart from his family, not looking down at his hand.]

A questão identitária é perceptível no desenrolar de *The Lottery*, a distinção entre “nós” e “eles”, fica evidenciada na maneira como as famílias são abordadas. Isso porque há uma supervalorização da família nos diálogos dos personagens, pois cada família se considera importante, bem mais significativa que as outras. Assim, não há problema se uma família – ou um membro dela – for sacrificado, desde que “a minha” família seja preservada, mesmo em detrimento das “outras”. Esse é um fenômeno bastante comum nas comunidades religiosas, uma excessão de valorização da família, dos valores morais estabelecidos pela divindade.

Em *The Lottery*, essa diferenciação identitária, pode ser identificada em vários momentos, quando as famílias discutem quem serão os representantes, aqueles que estarão disponíveis para o sacrifício. No desfecho do conto, há um diálogo no qual a demanda de um membro da família é posta, em nome de “nós” e da tentativa de que o mal seja revisto. Mas, infelizmente, essa não recebe a atenção devida, pois se trata de uma condição de pouco interesse dos demais, por não ser da “minha família”:

“Acho que a gente precisa recomeçar do zero”, sugeriu a sra.

Hutchinson, com a voz mais baixa que lhe era possível. Estou dizendo que não foi justo. Você não deu tempo suficiente para ele escolher. Todo mundo viu."

O Sr. Greves tinha escondido os cinco papéis e colocado na caixa, e deixou todos os papéis menos esses caírem no chão, onde a brisa os pegou e levantou no ar.

["I think we ought to start over," Mrs. Hutchinson said, as quietly as she could. "I tell you it wasn't fair. You didn't give him time enough to choose. Everybody saw that."

Mr. Graves had selected the five slips and put them in the box, and he dropped all the papers but those onto the ground, where the breeze caught them and lifted them off.]

No contexto do ritual religioso, importam muito mais as regras, as famílias não passam de um simulacro, de uma construção discursiva, a fim de garantir determinados privilégios, às vezes, penalizado as demais pessoas. A preservação da família, bem como dos seus valores, é uma prerrogativa institucional, em nome da manutenção das regras, mesmo que essas estejam sendo revisitas em alguns contextos, a tradição se esforça para que aquelas sejam mantidas. Em alguns lugares, como expressa sra. Adams, uma das mulheres do vilarejo, há muito abandonaram a prática da loteria:

"Alguns lugares já abandonaram as loterias", disse a sra. Adams.

"Isso só traz problemas", o Velho Warner disse categoricamente. "Bando de jovens tolos".

["Some places have already quit lotteries," Mrs. Adams said. "Nothing but trouble in that," Old Man Warner said stoutly. "Pack of young fools."]

Esse comentário despretensioso, carrega um desejo, a manifestação de uma ruptura com a tradição, mas que geralmente não acontece, pois a força litúrgica impera, cerceando a voz, e não poucas vezes, marginalizando os "contradizentes" e "subversivos", transformando-os, na linguagem girardiana, em "bodes expiatórios". Há um sistema repetitivo, que se retroalimenta, nas práticas discursivas, interditando na ordem, conforme destacou Foucault (1996), suas manifestações. Por esse motivo, as sociedades fun-

damentadas na liturgia tradicional, expurgam ideologicamente qualquer discurso contrário, por considerá-lo ameaçador.

Considerações finais

A análise do conto *The Lottery*, de Shirley Jackson, no contexto da obra literária, enquanto prática discursiva, se inscreve em um posicionamento, no qual em sua condição paratópica, a autora reconstrói sua biografia, questionando os lugares determinados pelos contextos sociais. A liturgia do sorteio, que se repete temporariamente, reforça um padrão que visa, através da violência e do sagrado, na teoria gerardiana, expurgar o contraditório. *Ethos* são evocados na constituição desse discurso, na medida em que os personagens se posicionam, favoráveis à permanência do *status quo*. Há uma prática discursiva que objetiva a interdição do outro, enquanto categoria foulcautiana, a fim de desposicionar os sujeitos que questionam o sacrifício.

A fim de denunciar essa condição, a autora desconstrói, discursivamente, ao longo da obra literária, o processo de naturalização do sorteio sacrificial. O ‘bode expiatório’, ainda que esse seja aceito pela comunidade, não passa de um pretexto, a fim de legitimar a exclusão e o expurgo do outro. No contexto da religião, esse é um discurso recorrente, considerando que o sacrifício é uma condição, por meio do qual a sociedade é convencida a conviver com a violência. Para tanto, faz-se necessário que alguém seja injustiçado, para que outros se beneficiem, a fim de que os “valores tradicionais” sejam preservados, em nome da manutenção de uma moralidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola,

1996.

FRANKLIN, R. **Shirley Jackson**: a rather haunted life. New York: Liveright Publishing Corporation, 2016.

GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

HARRIS, L. L.; ABBEY, C. D. **Biography today**: profiles of people of interest to young readers. Detroit, Michigan: Omnigraphics, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

SUNG, J. M. **Desejo, mercado e religião**. São Paulo: Fonte Editorial, 4ª ed., 2010.



CAPÍTULO 22

DEVIR-MULHER E DEVIR-IMPERCEPTÍVEL EM *FOGO MORTO*

Antônio Cleonildo da Silva Costa

Fogo Morto, de José Lins do Rego, romance publicado em 1943, é repleto de aspectos voltados às tradições e às modernidades de uma sociedade açucareira em declínio. Assim como nessa época há a derrocada dos engenhos, definha também as condições existenciais do homem. A trama apresenta indivíduos fadados a destinos aparentemente introspectivos e de conotação trágica. Narrativa de fôlego, subdivide-se em três partes: *O mestre José Amaro*; *O engenho de seu Lula*; e *O capitão Vitorino*. Apesar de a obra ser de autoria masculina e protagonizada por igual gênero, a arte literária se mostra tensa, conflituosa e surpreendente quando a figura feminina eclode sentimentos, pensamentos e ações, propícias à discussão de gênero. Nessa perspectiva, objetivamos discorrer sobre o devir-mulher e o devir-imperceptível nas personagens femininas que integram o supracitado romance.

Dentre as mulheres que analisaremos neste escólio, está Sinhá e Marta na primeira parte do romance; d. Amélia, na segunda; e a velha Adriana na terceira. As personagens femininas de *Fogo Morto* extraem suas forças, por entre descompassadas vozes de submissão, dominação e dos devires por que passam. Elas são rizomáticas e enfrentam seus algozes com silêncios, gritos, prudên-

cia, loucuras; e sabem que “ser mulher” não se equipara a “ser homem”. Mais que lutarem por uma sociedade “igual”, potencializam forças para estarem em devir-mulher e devir-imperceptível, com empenho molecular e desejo de não ficarem o tempo todo reféns de regras e sistemas opressores.

A narrativa reguiana nos conduz a possibilidades de discutir a mulher do século XX em meio a um regionalismo patriarcal que bem representa as forças arbitrárias do estado. Está no homem a referência molar de uma maioria conceitual. Esse padrão molar-majoritário, pelo que lembra Altair de Sousa Carneiro (2013), considera o homem branco, adulto, heterossexual como o marco regulador de um estado fixo. A mulher, por sua vez, está aquém dessa força, inserida em um grupo menor, de micropolíticas, de micro-feminilidade. O ser feminino, nessa ótica, devém a sua condição identitária de existência, o fazendo por meio das forças do desejo, comum a todo ser vivo.

Não podemos, contudo, correr o risco de polarizar a presente discussão. Apesar de *Fogo Morto* não poupar espaço nem palavras para reforçar a aparente superioridade masculina, são as mulheres que mostram ser possível criar linhas de fuga. Ao saírem desse espaço estriado, elas conseguem devir em novos espaços lisos, os quais nem sempre se materializam, mas vão se constituindo em rizoma. São circunstâncias não fadadas ao começo e muito menos ao final; e sem ações lógicas previsíveis; premissas de um acontecimento voltado ao meio; circunstanciais a devires além-fronteiras. Na concepção de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012) o devir é um rizoma e não pretende imitar, identificar-se, pautar-se em regressões e/ou progressões; nem estabelecer relações correspondentes. Devir é um verbo próprio e não deve estabelecer ações reducionistas ou binárias.

Com Sinhá, esposa do mestre José Amaro, o devir vai se instaurando pelo desejo de romper com a aspereza com que é tratada. Por longos trechos da narrativa, a mulher do batedor de sola é percebida como objeto de uso, animal e até mesmo como um simples pedaço de couro de bicho, pronto para ser curtido pelo mestre ao seu bel prazer. Mas isso tende a mudar quando Sinhá,

“[...] ali, em frente do marido, que ela temia como um duro senhor, sentiu-se mais forte, mais dona de sua vida.”. (REGO, 2011, p. 136). Apesar de o marido a tentar intimidar, logo após, com olhar de quem deseja esmagá-la e com raiva de demônio, Sinhá dá um forte grito e sai para a cozinha.

O fato de Sinhá ter se enchido de coragem para gritar contra uma vida de abusos não acontece por acaso. Seu corpo já está tomado de uma revolta a qual não cabe dentro de si, afinal foram anos de silêncios, passividades e total submissão. As relações com o mundo externo ao lar foram também sempre planejadas para agradar a uma sociedade machista. Agora, a mulher que parecia perdida dentro de si própria resolvera participar de sua tão esperada fuga. Suas relações com as outras mulheres a ajudaram a encher-se de coragem. Via sua filha humilhada pelo pai e por causa disso dia a dia a jovem se entregava a loucura; percebia, além do mais, as vizinhas e suas ações de luta para, assim como ela, serem alguém no mundo. Finalmente, olhava ao seu redor e reconhecia-se como uma mulher sem educação, sem domínio dos livros, e tinha a certeza de que tudo aquilo se convertia em massa de manobra de dominação para afugentar quem não possuía domínio das letras. Por isso, contudo, reconhece que a submissão por causa da não-alfabetização era também tolice, medo ínfimo do povo, afinal mesmo sem tanto conhecimento formal, a vida lhe enchera de saberes determinantes para a busca potencializadora do ser feminino.

É inegável o conjunto de aspectos envoltos à existência de Sinhá. As relações que a compõem enquanto mulher não são simplesmente combativas ou apenas emotivas, mas modificam sua realidade por meio das intensidades que a afetam. Para Deleuze e Guattari (2012), ao se referirem a afetar e ser afetado, o indivíduo encontra sua potência de agir, provenientes de partes exteriores ou interiores, e a transforma em afectos. Afectos não podem ser resumidos a somente sentimentos, como no caso dos afetos, mas possibilidades de o sujeito reunir experiências de existência e mudar o curso das coisas. “Os afectos são devires.”. (*Idem.*, 2012, p. 44).

Sinhá reconhece que precisa tirar toda a mágoa de dentro de si, o que mostra muitos sentimentos emanados do seu íntimo. Mas ao mesmo tempo não permite ser refém da emoção, reconhecendo-a e potencializando todo o sofrimento em força para devir-mulher. Após não ter podido evitar a violência do marido para com a filha, Sinhá “estava com medo de sua casa. Em poucos minutos viu-se uma infeliz, uma mulher sem coragem, sem força, um trapo. Teve vergonha de seu medo.”. (REGO, 2011, p. 153). O misto de sensações, oscilantes entre avançar e recuar no seu projeto de autenticidade feminina, constituem partículas em constante relações de movimento e repouso, que parecem acelerar em alguns momentos e entrar em lentidão em outros.

O devir-mulher em Sinhá potencializa nela um desejo de equilíbrio, de autocontrole porque é afectada e afecta. Teria todos os motivos para esbravejar, reivindicar em voz toante seu direito de ser gente, mas prefere a serenidade. E isso não quer dizer derrota, mas ao contrário a sabedoria de quem calculou como agir frente a uma estrutura molar, não de simples apanágio do homem, e sim de uma conquista proveniente de seu próprio organismo feminino, de história e subjetividade próprias. Um dos trechos do romance mostra o quanto a maneira de agir da mulher incomoda José Amaro: “Doía mais a palavra mansa de Sinhá, aquele falar de seda que parecia cortá-lo como a sua quicé afiada.”. (REGO, 2011, p. 161). O fato é que atravessando um possível binarismo, Sinhá devém-mulher ao concluir de si a força necessária para um entendimento geral: o de que os maus tratos, a violência contra a sua filha e as estruturas molares da sociedade coniventes com os ditames machistas a fizeram perceber-se ser humano em estado molecular de transformação.

Sinhá anseia por liberdade, sendo sua atitude uma difusão surpreendente para a sociedade patriarcal. “Naquele dia a velha arrumara os trapos e se fora para a casa do compadre Vitorino.”. (REGO, 2011, p. 352). José Amaro, apesar de saber do ódio da esposa para com ele, não imaginara ser deixado por ela. É nesse momento que a própria escrita parece entrar em devir-mulher, pois Sinhá e José Amaro conseguem perceber que um já havia roubado

o corpo do outro, entretanto ambos conseguem ressurgir por uma feminilidade atômica. É o que podemos perceber quando Deleuze e Guattari (2012), ao esclarecerem sobre o devir-mulher em seus escritos, acrescentam que esse tipo de devir pode sim ser como átomo de feminilidade, insurgindo por meio da escrita. Os autores concluem:

É preciso antes que a escrita produza um devir-mulher, como átomo de feminilidade capaz de percorrer e de impregnar todo um campo social, e de contaminar os homens, de tomá-los num devir. Partículas muito suaves, mas também duras e obstinadas, irredutíveis, indomáveis. [...] a questão não é, ou não é apenas, a do organismo, da história e do sujeito de enunciação que opõem o masculino e o feminino nas grandes máquinas duais. A questão é primeiro a do corpo – o corpo que nos *roubam* para fabricar organismos oponíveis. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 72).

Sendo, pois, o corpo da mulher furtado por um conjunto de convenções pré-estabelecidas, enfatizando como esta deve se comportar, se vestir ou até mesmo agir frente ao homem, é possível dizer que o devir-mulher constitui muito mais do que um simples estado de espírito feminino. Sua dinâmica faz o ser humano atentar para linhas abstratas de capturas, advertindo-o para movimentos ora truculentos, ora de calma. Não é novidade, desse modo, dizer que não é suficiente codificar qualquer medida ou intensidade dos acontecimentos. Cada captura é um marco em curso e tem sua representatividade peculiarmente condicionada ao movimento de desestabilização da identidade.

É imprescindível sabermos, ademais, “que todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave dos outros devires.”. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p.74). Sem generalizações, cada ser devém a seu modo e à sua maneira, mas todos têm uma influência do devir-mulher. O que une ou distancia os sujeitos são as zonas de vizinhança, por meio das linhas abstratas que se encontram em conexões múltiplas, estando acima ou abaixo das percepções. Por isso, notar cada limiar do devir requer prudência para que possamos capturar algo que escape ao alhar do outro.

O devir-mulher em Sinhá vai além dela e lança-se para todo ambiente familiar. Um jogo de afectos emite partículas que entram em zona de vizinhança, permitindo à própria escrita romanesca, já em micro-feminilidade, movimentar um fluxo de transformações. O mestre José Amaro e Marta além de sentirem as mudanças realizadas em/por Sinhá, também se transformam. Ele sente um vazio esquisito, pois estava sem a presença das mulheres em seu domínio, passando à introspecção dos pensamentos vagos ao sair sem rumo a caminhar pela noite. Marta ao partir para o Recife em busca de tratamento psiquiátrico, também apreende as transformações de si e as de sua mãe, deixando para traz seu passado de injustiças e violência doméstica.

A trajetória de Sinhá no romance também se constrói pelo devir-imperceptível, um misto de sensações que nem ela mesma controla. Frente ao que passou, seu corpo físico respondia com repulsa a todo tipo de tratamento agressivo e machista, doía-lhe o estômago e o vômito amargava em sua boca. Porém, uma incontável força surge por motivação de um bendito religioso, algo que foge ao controle interno e externo; uma transcendência possível de fuga aos dissabores vividos. Acompanhemos o trecho:

De muito longe, talvez de um outro mundo, ela ouvia como se fosse uma mentira que o vento lhe trouxesse, aquele bendito que a filha de seu Santo cantava na igreja: *Bendito sejais/Ó Maria amada!/E a boa hora/Em que fostes gerada.* (REGO, 2011, p. 154).

O devir-imperceptível em Sinhá revela um limiar de perspectiva para sua vida, uma vez que nem ela mesma compreende a contradição imbuída em sua existência. De toda sorte, ouvir um bendito e agregar a grandeza de Maria ao ser gerada e amada à sua própria sina, é também encontrar linhas de fuga no plano de uma organização e desenvolvimento que se percebe sem ser percebido, afinal de contas é como se em meio ao caos surja uma possibilidade de transcender; como se fosse um período de associação entre o desejo e o acontecimento. A dor de uma mulher presa a um lar de agruras encontra, sem saber explicar como, uma esperança,

uma vontade de ser também escolhida pelo amor para, quem sabe, ser feliz. Contudo, o que parece ser realidade e sonho é também imperceptível ao dado acontecimento.

Deleuze e Guattari (2012) ao tratarem do devir-imperceptível esclarecem bem o que abordamos acima sobre o devir-imperceptível. Os autores completam:

Se o movimento é imperceptível por natureza, é sempre em relação a um limiar qualquer de percepção, ao qual é próprio ser relativo, desempenhar assim o papel de uma mediação, num plano que opera a distribuição dos limiares e do percebido, que dá a sujeitos perceptivos formas a serem percebidas: ora é esse plano de organização e de desenvolvimento, plano de transcendência que dá a perceber sem poder ser percebido, sem que ele próprio seja percebido. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 79).

O próprio plano da não-realidade das ações, do transcendente, só se explica pela relativização da compreensão, porque nem sempre é possível chegar a um entendimento concreto, racional e fechado sobre as coisas. O fato é que tanto no devir-mulher como no devir-imperceptível, as capturas realizadas pelo sistema dominante tendem a não perdoarem seus alçózes, tanto é assim, que a feminilidade de Marta, filha de Sinhá e José Amaro é roubada pelo sistema patriarcal e machista do pai. É dessa captura da mulher, mencionada anteriormente, que nasce o devir-mulher.

Homem e Mulher, segundo um estudo de Lúcia Osana Zolin (2019) sobre o feminismo, deveriam estar em pé de igualdade sob a pressuposto do que se entende por ser humano, pelo que é transcendência. Entretanto, o destino de “ser macho” se contrapõe ao destino de “ser mulher”, em um jogo de imanência. Esse não é um problema biológico tão somente, mas de gênero. Está arraigada entre os seres humanos a superioridade masculina, advinda de um processo histórico-social, político, religioso e cultural. O sistema patriarcal em *Fogo Morto* tenta mostrar a superioridade do pai, que precisa ter domínio sobre os “ímpetos” da filha.

Em reação às imposições machistas, o devir-mulher em Mar-

ta insurge como força não meramente combativa contra seu pai José Amaro, porém de natureza identitária. Uma mulher de mais de trinta anos fadada ao silêncio, às injúrias depreciativas do genitor e à violência doméstica, agora quer ter seu lugar de voz garantido; externar o que sente; existir para si mesma. Todavia, sua empreitada traz à tona surtos de loucura; seu desejo em movimento se configura em rizomáticos blocos de coexistência. Marta devem-mulher porque rompe com os modelos familiares estabelecidos em sua casa. Muito embora a velha Adriana, amiga da família, já tivera advertido de que Marta precisava ter mais vida, a família, na ótica de Sinhá

Não fazia questão. Moça era para viver dentro de casa, dar-se a respeito. E Marta foi crescendo e não mudou o gênio. Botara na escola do Pilar, aprendeu a ler, linha um bom talhe de letra, sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido. Havia moças mais feias, mais sem jeito, casadas desde que se puseram em ponto de casamento. Estava com mais de trinta e agora aparecera-lhe aquele nervoso, uma vontade desesperada de chorar que lhe metia medo. Coitada da filha. E depois ainda por cima o pai nem podia olhar para ela. Vinha com gritos, com despropósitos, com implicâncias. O que sucederia à sua filha, porque Deus não lhe dera uma sina mais branda? (REGO, 2011, p. 82).

A impressão de Sinhá sobre sua filha Marta só reforça as capturas da sociedade para com o ser feminino, imprimindo a este uma série de regras e padrões. A convivência da mãe com relação a filha só reforça o que Zolin (2019) ressalta acerca das discussões sobre o feminismo: “a aquiescência das mulheres é uma indisposição de má fé de enfrentar sua própria falta de poder.”. (ZOLIN, 2019, p. 218). Na obra em análise as mulheres, em alguns momentos, tendem a aceitar o perfil mandatário do patriarcado. Está arrigado até nelas os mandos majoritários do homem.

Frente ao exposto, Félix Guattari e Sueli Rolnik (2011) ao se referirem às cartografias do desejo, especificamente às máquinas

de produção da subjetividade, entendem que em sistemas tradicionais, a subjetividade tende a ser mais territorializada. Melhor dizendo, no seio de uma família tradicional como as que vigoraram fortemente até meados do século XX, as tradições impostas pelo senhor da casa são levadas à risca, sendo tais mandos internalizados até mesmo pela senhora da casa. Essa territorialização proposta pelos autores representa os moldes impositivos de um padrão que não responde pelos anseios individuais do ser humano. Por causa disso os sujeitos, com destaque o ser feminino, buscam se desterritorializar a procura de anseios próprios; de subjetividades não presas a inércia dos acontecimentos.

Marta, mediante territorialização de sua família, se desterritorializa e devem-mulher. A priori as suas manifestações corporais podem parecer apenas uma patologia psíquica. E mesmo que apenas o fosse, a narrativa se encarrega de mostrar além dessa constatação. Em Marta estava uma vida em estopim de guerra contra os amalgamas externos que a aprisionaram; que a fizeram refém a contragosto do que para ela era essencial. Para Andreia Morais da Costa Bühler (2005), quando escreve sobre o feminino em José Lins do Rego, a insanidade de Marta funciona como alerta para a preservação da vida, contra as ameaças da não-liberdade que a esmaga. A moça, entretanto, passou a não mais se calar, pelo contrário gritava alto e batia com o corpo no chão; precisava ser notada e respeitada pelo que pensava e acreditava. Em um de seus devires-mulher, marta se levanta e grita:

– Miseráveis, pensam que me matam, pensam que mijam em cima de mim?

O mestre chegou para ver o que era. Quase não podia falar.

– O que é que tens, menina?

– Menina, menina, menina, eu sou menina, menina, menina, onde está a menina?

E correu para fora de casa. A velha Sinhá abraçou-se com ela que dava risadas, que gritava cada vez mais. (REGO, 2011, p. 150).

Sua felicidade a tanto tempo suprimida é colocada para fora, fator de incômodo para o pai que a surrava com sola. O mestre José Amaro desejava territorializar a sua filha para aplacar, segundo ele, a sua ira de mulher. Ao fazê-lo, aumentava a vontade de desterritorialização de Marta que corria estrada a fora, batia nas paredes do quarto e ria-se. Mesmo levada para ser internada no Recife, o devir-mulher em Marta a torna livre de seu próprio medo e dos ditames impostos pelo seu entorno. A moça, além do mais, afectou o coração duro do seleiro. José Amaro chorou como um menino a partida de sua filha única e amargou um vazio esquisito de transformação. Nele, o devir-mulher, quase devir-imperceptível, o condiciona a refletir que se até um bode que o lambia as mãos naquele momento difícil berrava como se tivesse coração de gente, quanto mais ele e as mulheres de sua casa. Teriam sim, todos, um coração cheio de ressentimentos e a todo instante pedindo respeito.

Nessa perspectiva, embora nos lembre Sandra Maria Pereira do Sacramento (2000), ao discorrer sobre a perfil feminino reguião, que não se pode deixar de lado a fragilidade da mulher em *Fogo Morto*, é o ser feminino proposto por José Lins do Rego que também galga seu próprio espaço na sociedade. Amélia, esposa de Luís César de Holanda Chacon, Lula de Holanda como é conhecido, representa a oscilação de uma vida rizomática. Já o marido sinaliza a força tirana do estado e tenta territorializar todas as mulheres de sua casa, inclusive sua esposa Amélia. Entretanto, Amélia devem-mulher e devem imperceptível, sendo que sua desterritorialização acontece na sutileza de suas ações.

Com um casamento arranjado pelo pai, a esposa de seu Lula vai se decepcionando com o cônjuge ao longo dos anos de convivência. O marido passou a ser um tirano, pois tinha ódio da sogra, que morrera e deixara a administração do engenho Santa Fé em suas mãos; reclamava sempre dos trabalhos dos negros; só dava atenção à sua filha Neném; e, além do mais, tratava sua companheira como se fosse uma escrava. Com o passar do tempo a senhora do engenho Santa Fé se vê cada vez mais só, pois seu Lula trancara a filha no quarto para evitar o contato dela com supostos

invasores; sua irmã Olívia também recolhida com seus pensamentos alucinatórios; e o seu esposo com o hábito de dormir cedo.

Com a morte dos pais, a loucura da irmã Olívia, a tristeza da filha, o silêncio indiferente do marido, o abandono dos empregados, a falência e o sustento da casa e do engenho sob sua responsabilidade, d. Amélia “via-se cercada de pensamentos que não desejava que fossem seus.” (REGO, 2011, p. 235). E, como se não bastasse, ainda gerara um filho nascido morto, com aparência facial de monstro. A mulher sumida no corpo e envelhecida pela carga de uma família inteira nas costas, devem-mulher ao reunir forças para buscar soluções combativas a todo aquele caos, no intuito de se sentir plena em seu próprio existir. Primeiro sugere ao marido construírem juntos seu próprio lar, um lugar que fosse só deles; segundo, assume o comando da casa, herdara de sua mãe a força para gerir um engenho de fogo morto, uma família em ruínas. Passou a criar galinhas e com a venda dos ovos tirava o sustento de todos.

Os papéis se invertem e a costumeira submissão no sistema patriarcal passa a ser de seu Lula. O devir-mulher afetara agora o homem de rígida aspereza, por meio de um sistema de micropolítica por que passa o mesmo. D. Amélia não tinha lá grandes privilégios, mas era agora quem resolvia todas as pendências da casa. Os sujeitos dessa trama entraram em devir-mulher através do jogo de afectos. Para explicar melhor esta afirmativa, retomamos os dizeres de Deleuze e Guattari (2012) ao se referirem ao devir:

O devir-mulher afeta necessariamente o homem tanto quanto as mulheres. De uma certa maneira, é sempre “homem” que é sujeito de um devir; mas ele só é um tal sujeito, ao entrar num devir-minoritário que o arranca de sua identidade maior. (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p. 93).

Os referidos personagens são alocados de suas identidades e submersos em uma identidade micro. Oscilam em suas ações e estabelecem conexões de afectos por meio do devir-mulher. Além

do mais, nas situações expostas, d. Amélia entra em devir-imperceptível em dois momentos: o primeiro é quando vai à misa e “atravessa a rua grande, que via gente na janela, mulheres e homens de olhos virados para o cabriolé que enchia aquele mundo desprezível, ela era feliz, bem feliz mesmo.”. (REGO, 2011, p. 269). Sua realização está em ser notada por meio do cabriolé. Experimentar a sensação dos olhares lançados para o seu transporte seria estar investindo no campo do que é próprio da plenitude do desejo, afinal de contas aquele acontecimento nada mais era do que uma linha de fuga para conseguir o olhar do outro para si, nem que fosse o olhar daquele povo interesseiro vivendo em um mundo desprezível. Todo esse acontecimento não tinha aparentemente explicação, apenas completava dentro de d. Amélia uma inexplicável sensação de repentina felicidade.

O segundo estado de devir-imperceptível em d. Amélia acontece ao ser esta solicitada pelo marido a tocar piano: “quando o marido pedia à mulher para tocar, enchia aquele mundo calado de mágoa, das melancolias das valsas. (REGO, 2011, p. 224). Ao experimentar a música como ponte de sentimentos, a senhora do Santa Fé estabelece micropercepções das vivências que estão pairando naquele espaço. Sem explicações racionais, a música refrata a mistura de emoções sem denúncias explícitas. As valsas lembram das melodias nas quais se constroem mensagens imperceptíveis de desejos. Ainda sobre o devir-imperceptível, é oportuno reforçar:

Então, quanto mais o imperceptível opõe-se ao percebido numa máquina dual, mais ele permanece imperceptível. Tudo muda num plano de consciência ou de imanenência, que se encontra necessariamente percebido por conta própria ao mesmo tempo em que é construído: a experimentação substitui a interpretação; o inconsciente devindo molecular, não figurativo e não simbólico, é dado enquanto tal às micropercepções; o desejo investe diariamente o campo perceptível onde o imperceptível aparece como o objeto percebido do próprio desejo, “o não-figurativo do desejo”. (DELEUZE e GUATTARI,

Imperceptível também são as ações em devir de Adriana, esposa de Vitorino Carneiro da Cunha. A velha Adriana sofria com as malcriações de seu esposo que vez ou outra a chamava de vaca velha e a via como instrumento de uso pessoal. Não se importava se a esposa o deixasse, tanto é que Adriana entra em devir-imperceptível ao sonhar com a ideia de deixar o marido turrão para viver com o filho no Rio de Janeiro:

Passou o resto do dia sem pensar em outra coisa. Uma alegria como nunca sentira tomou conta dela. Faria tudo para que o filho fosse mais feliz do que foram os pais. Às vezes imaginava que tudo aquilo fosse um sonho. Aquele Luís, que via em casa, que lhe parecia tão bonito, tão correto, não era de verdade. Era sonho. Mas era de verdade o seu filho. Tudo lhe dizia que os últimos anos de vida seriam um mar de rosas. (REGO, 2011, p. 328).

As grosserias sofridas ao longo da vida de casada revelaram para a velha Adriana um estado de devir-imperceptível em que esta se desterritorializaria da submissão do marido para se reterritorializar na subserviência ao filho. Sua condição de mãe a deixa muito mais feliz e realizada, o que não apaga seu passado de dor e seu presente a serviço de um outro homem, seu rebento. O fato é que essa articulação se instaura no inconsciente da mãe em sonhar com uma realidade possível, sem data para acontecer e desprovida de qualquer projeção racional de como será a nova vida. No entanto, a potência do desejo já instaurou uma felicidade indescritível para o instante, uma subjetividade singular. Uno e Santos (2016) no livro das confrontações ressalta sobre a subjetividade, lembrando que esta é altamente diferenciada, processual por natureza e está em volta com o rizoma. O autor acrescenta: “[...] um agenciamento criador, produtor de novas realidades, é algo que conjuga, associa, neutraliza, monta outros processos.”. (UNO e SANTOS 2016, p. 18).

A nova realidade criada em devir-imperceptível pela velha

Adriana sucumbe ao zelo que tem por Vitorino. Apesar de ter casado sem amor, para fugir da miséria da seca, pensava em abandonar o esposo deixando-o sem seus préstimos de dona de casa. Decide, por fim, ficar ao lado do esposo mal-agradecido e falastro. Porém o que a narrativa transparece é o zelo que a velha Adriana tem pela comadre Sinhá, Marta e Amélia. Em micro-feminilidade, o devir-mulher vai se processando na velha esposa de Vitorino cada vez que ela consegue de algum modo avizinhar-se das amigas por meio de agenciamentos.

É Adriana a idealizadora de internarem Marta, livrando-a da violência do corpo e da alma e, sendo sua madrinha, sente o peso da dor daquela moça tão surrada pelas mazelas da vida patriarcal. Quando Sinhá decide deixar José Amaro, Adriana a acolhe em sua casa e a aconselha a pensar bem antes de tal atitude. Mesmo assim, tem o apoio incondicional da comadre de todas as horas. Além disso, é Adriana que sempre está a ajudar Amélia comprando ovos ou se dispondo a qualquer trabalho no Santa Fé. Os agenciamentos múltiplos em intersecção com outros agenciamentos de micro-feminilidade embutem em Adriana um devir-mulher, reunindo forças molares e moleculares que resultam em um processo rizomático de produção. Deleuze e Guattari (2012) esclarecem ainda sobre o devir que:

[mulheres] não extraem suas forças do estatuto molar que as doma, nem do organismo e da subjetividade que recebem; elas extraem todas suas forças do devir molecular que elas fazem passar entre os sexos e as idades [...] devir-mulher do homem como da mulher. [...] a moça é o devir-mulher de cada sexo. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 73).

Desse modo, o devir-mulher e o devir imperceptível são resultantes de conectividades indiscutivelmente abertas e em estado de movimento. O sujeito, como lembra Jonathan Culler (1999), é ator ou agente, está imerso em uma subjetividade livre de sujeito e/ou de sujeitado. Na verdade, os devires são experimentações em curso, resultantes do inacabamento dos corpos, os quais em mov-

imento singularizam o mundo; se desterritorializam e se reterritorializam constantemente; ficam em repouso e em movimento. As mulheres analisadas em *Fogo Morto* não encerram esta discussão, mas instigam outras perspectivas de estudos sob as contribuições teóricas sugeridas por Deleuze e Guattari, entre outros autores.

O fato é que sem polarizar o assunto, sobretudo levando em conta as discussões atuais de gênero, discutimos os silêncios, as vozes e as ações das mulheres reguianas em limiar de percepções. Seguindo o seu próprio fluxo no mundo e projetando outros mundos, os devires criam existências e micropolíticas de desejos que capturam linhas de fuga e se avizinham em sua própria multiplicidade.

REFERÊNCIAS

BÜHLER, Andreia Morais Costa. **A (R)evolução de um novo olhar: o feminino em José Lins do Rego**. João Pessoa: Manufatura, 2005.

CARNEIRO, Altair de Sousa. **Deleuze e Guattari: uma ética dos devires**. Dissertação de mestrado em Filosofia, UNIOESTE, Paraná, 2013.

CULLER, Jonathan. Identidade, Identificação e Sujeito. In.: CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Produções Culturais Ltda., 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. In.: **Mil Platôs 4: Capitalismo e esquizofrenia** (vol 4). 2. ed. Trad. Poter Pelbart; Janice Ciafa. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 11. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto: romance**. 71. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **O Perfil Feminino na Obra de José Lins do Rego: opressão e discernimento**. São Paulo: Cone Sul, 2001.

UNO, Kuniichi e SANTOS, Laymert Garcia. **Guattari**: confrontações. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica feminista. In: ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4. ed. amp. e rev. Maringá: Eduem, 2019.

SOBRE OS AUTORES

Adriana Morais Jales - Possui graduação em Letras – Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (1995), especialização em Ensino da Língua Inglesa pela UERN, mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2007) e Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (2015). É professora do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE/FALA) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). É membro do Grupo de Pesquisa em Linguística e Literatura – GPELL. Coordena pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UERN/CNPq e é Coordenadora de Área do Subprojeto Letras/Língua Inglesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES.

Email: adrianajales@uern.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7857480317946854>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7466-4534>

Ana Carolina da Silveira Costa Santiago - Professora de Língua Inglesa. Aluna no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) e membro do Grupo de Estudo de Literatura e suas interfaces críticas (GELINTER), ambos da UERN. Graduada em Letras, com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN (2018). Suas áreas de interesse incluem literatura gótica e literatura de autoria feminina.

Ana Karulyne Lopes de Oliveira - Graduada em Letras, habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2011) e Especialista em Psicopedagogia com Abordagem Clínica e Institucional pela Faculdade do Vale do Jaguaribe - FVJ (2016). Atualmente é Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências

da Linguagem – PPCL/UERN e professora da Rede Pública Estadual de Ensino junto à Secretaria do Estado de Educação e Cultura – SEEC/RN. É membro da Associação de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais - PODES (UERN), do Grupo de Pesquisa em Literatura de Língua Portuguesa - GPORT e do Grupo de Estudos em Tradução - GET UERN. Fora bolsista voluntária PIBIC CNPq (2010-2011).

E-mail: ana_karulyne@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6853785774648844>

Ana Keila Tavares de Souza – Mestra em Ciências da Linguagem, área de concentração Linguagens e Sociedade, pela Universidade do Estado do Rio Grande. Professora efetiva da Secretaria de Educação do Ceará, atuando na área de formação. Tem interesse de estudo na ficção brasileira contemporânea, especialmente com narrativa curtas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5436452493101010>

E-mail: anakeilatavares@hotmail.com

Antonia Marly Moura da Silva - Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo com pós-Doutoramento em Letras pela Universidade de Coimbra - PT. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Desenvolve pesquisas na área da literatura brasileira contemporânea, com foco no estudo do conto e do fantástico. É membro do Grupo de Estudos da Literatura e suas Interfaces Críticas (GELINTER), integrando as Linhas de pesquisa “Literatura Comparada” e “Literatura e Imaginário”. Também é membro do Grupo de Pesquisa em Linguística e Literatura (GPELL). Autora de artigos, periódicos e capítulos de livros na área de Literatura Brasileira.

Antônio Cleonildo da Silva Costa – Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Atualmente é Professor de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do

Norte – IFRN. Tem experiência nas áreas de Cultura Popular, Letramento Literário e Análise Literária.

E-mail: cleonildo.costa@ifrn.edu.br

Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/0062479143874340>

Camila Petrochely Borges Mendonça - Graduada em Letras, habilitação em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Mestra pelo Programa de Pós graduação em Letras -PPGL-UERN. Atualmente, é professora da educação básica em uma instituição privada do Estado do Rio Grande do Norte.

E- mail: camilapbmendonca@gmail.com

Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/3534962359705803>

Clerton Luiz Felix Barboza - Doutor em Linguística/UFC, Mestre em Linguística Aplicada/UECE. Docente do Departamento de Letras Estrangeiras/UERN, Campus Central, e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem/UERN. Líder do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia/GPeFF. Desenvolve pesquisas envolvendo o componente fonético-fonológico do português brasileiros e de línguas adicionais.

E-mail: clertonluiz@gmail.com

Débora Brenda Teixeira Silva - Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Letras – Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pela mesma universidade (2020), onde atuou como pesquisadora pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Participou como residente do Programa Residência Pedagógica (2018-2020), e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID (2016-2017; 2018), ambos Subprojetos de Língua Inglesa (CAPES). É membro do Grupo de Pesquisa em Linguística e Literatura (GPELL) da Faculdade de Letras e Artes (FALA/UERN).

Email: deborateix94@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0631750155671672>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2742-4463>

Diva Wellk de Oliveira Santos - Mestre no curso de Ciências da Linguagem pela UERN, possui graduação em Letra - Língua Inglesa e Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2000/ 2019), é especialista no ensino de gramática e no ensino de língua estrangeira ambas pela UERN. Professora Substituta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, atuando no Departamento de Letras Vernáculas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letra estrangeiras (Língua Espanhola), Língua Portuguesa, Metodologia do trabalho científico, Psicolinguística, Linguística e Sociolinguística, Produção Textual, Argumentação, Tópicos de Gramática, Prática de Ensino de Língua Espanhola I e II. Atuou na EAD como orientadora acadêmica do curso de Letras Língua Portuguesa a distância e como tutora no curso de Especialização em Mídias na Educação, ambas pela UERN; Experiência no curso de formação PARFOR (Prática de Ensino I e II).

E-mail: divawellk@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7730484202581759>

Emanuelle Kelly Alves de Souza - Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN e mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem -PPCL/UERN. Atualmente é instrutora de aprendizagem no Centro de Integração Empresa-Escola-CIEE. Mossoró, Brasil.

E-mail: emanuellekelly4@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1922744158629453>

Emilio Soares Ribeiro - Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, campus de São José do Rio Preto, com Estágio Sanduíche no Centre for Adaptations da De Montfort University, em Leicester, Inglaterra. É Professor Adjunto de Língua e Literatura de Língua Inglesa do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do

Norte (UERN), no Campus Central, em Mossoró. É membro do Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico e do Grupo de Estudos de Tradução (GET) da UERN, ambos cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Além disso, é professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UERN, no qual orienta trabalhos sobre adaptações fílmicas contemporâneas de obras literárias góticas. Seus temas de interesse incluem adaptação fílmica, literatura gótica, tradução, pós-modernidade e a semiótica peirceana.

Email: emilioribeiro@uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6618345602578843>

Franciedson Pinto da Silva – Graduado em Letras Vernáculas e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem – PPCL/UERN (Área de Concentração: Linguagens e Sociedade; Linha de Pesquisa: Estrutura e Funcionamento da Linguagem). Atualmente, é professor efetivo de Língua Portuguesa da educação básica do Município de Santana do Matos/RN.

Email: franciedson10@hotmail.com

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2139413872323347>

Francisca Janiele Buriti - Mestra em Ciências da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (2020), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Possui graduação em Letras (Língua Portuguesa) (2009) pela UERN. Dedicar-se a estudos centrados, principalmente, nas correntes teóricas: Análise Crítica do Discurso, Gramática do *Design* Visual e Linguística Sistêmico-Funcional. É membro do Grupo de Pesquisa MultiSemioTics (PPCL/UERN). E-mail: janieleburity@hotmail.com

Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá – Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora e pesquisadora do DLV/UERN e do Programa de Pós-graduação

em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN). Atua na área de Letras, principalmente, no ensino e no desenvolvimento de pesquisas sobre os seguintes temas: argumentação, análise de gêneros discursivos e Linguística Textual. Campus Mossoró, RN, Brasil.

Email: jammaravasconcelos@gmail.com.

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0529858718072617>

José Roberto Alves Barbosa - Doutor em Linguística pela (UFC), Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Licenciado em Letras Inglês e suas Respectivas Literaturas, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). É Professor e Pesquisador dessa mesma Instituição, vinculado ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), da Faculdade de Letras e Artes (FALA). Atua no Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras/UERN e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN), nas áreas de Análise de Discurso Crítica (ADC) e Letramento Multimodal Crítico (LMC).

E-mail: josealves@uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6863902903753881>

José Rodrigues de Mesquita Neto - Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/UERN, Campus Pau dos Ferros. Mestre em Ciências da Linguagem pelo PPCL/UERN e em Linguística Espanhola pela UNISAL (2016). Especialista em Docência da Língua Espanhola pela FVJ. Graduado em Letras com habilitação em língua espanhola e respectivas literaturas pela UERN. Docente do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos Aplicados em Línguas Estrangeiras (EALE) e membro do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia (GPeff) e do Grupo de Pesquisa em Prosódia, Variação e Ensino (PROVALE). Desenvolve pesquisas nas áreas da fonética e fonologia, interlíngua e ensino de línguas estrangeiras. E-mail: rodriguesmesquita@gmail.com

Katiene Rozy Santos do Nascimento - Professora adjunta no Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mestre (2010) e Doutora (2016) em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com ênfase Fonética e Fonologia do português brasileiro e do inglês língua estrangeira. Coordenadora do Grupo de Estudos em Fonética e Fonologia (GEFONE).

Lara Marques de Oliveira - Mestranda do PPCL (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem) no Campus Central (UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte). E-mail: laramarquesdeoliveira3@gmail.com.

Lidiane Moraes Fernandes - Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com especialização em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Mestra em Ciência da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Linguagem - PPCL - UERN. Atualmente é servidora efetiva técnica em biblioteca da Biblioteca de Medicina da UERN e professora temporária da SEEC do estado do RN.

E-mail: lidianemoraesfernandes@gmail.com e lidianefernandes@uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4236205703159388>

Lucas Sales Barbosa – Graduado em Letras Inglês e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN). Dedicar-se ao estudo da literatura gótica, tradução e adaptação fílmica da literatura. Membro do Grupo de Estudo da Tradução (GET) da UERN.

Email: lucasletrasingles@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4876130777889850>

Maria Gadêlha da Silva - Aluna regular do Programa de

Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada (2019) em Licenciatura em Letras Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Atuou como residente bolsista no Programa de Residência Pedagógica no projeto/subprojeto UFERSA - LÍNGUA INGLESA e como professora bilíngue no Instituto Educacional DóRêMí. Possui experiência na área de Linguística Aplicada, com ênfase em Fonética e Fonologia da Língua Inglesa. Atualmente, integrante do **Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia (GPeff)**.

Maria do Socorro Souza Silva - Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UERN). Atualmente é professora temporária do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC/RN), atuando no Ensino Fundamental II.

E-mail: mariasocorrosilva@alu.uer.br

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4121436841049869>

Marília Gabrielly Peixoto de Sousa - Graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem - PPCL/UERN.

E-mail: marilia.gabrielly@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1896761586545939>

Moises Batista da Silva - Graduado em Letras - Língua Portuguesa (1996) e Especialista em Linguística Aplicada (2000), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestre (2007) e Doutor (2012) em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É Professor Adjunto IV, lotado no Departamento de Letras Vernáculas, da Faculdade de Letras e Artes (FALA), Docente Permanente do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS (Unidade Mossoró) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), da UERN, atuando, principalmente, na linha de pesquisa “Estrutura e funcionamento da Linguagem”. Também é membro do Grupo de Pesquisa em Estudos

Linguísticos e Literários (GPELL/UERN). Atualmente, tem estudado e pesquisado sobre Multimodalidade, Gramática do Design Visual, Análise do Discurso Multimodal, Pedagogia dos Multiletramentos, Paisagens linguísticas e Geossemiótica, Letramento digital, bem como as novas tendências tecnológicas aplicadas em espaços escolares e não escolares.

E-mail: moisesbatista@uern.br

Pedro Adrião da Silva Júnior - Licenciado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande Norte – UERN (2001). Especialista em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (2003). Doutor em Língua Espanhola pelo programa em *Análisis del Discurso y sus Aplicaciones* - *Universidad de Salamanca* – USAL Espanha (2010). É Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, docente do Programa de Pós-graduação, stricto sensu, em Ciências da Linguagem/PPCL, desta instituição. É membro do Grupo de Pesquisa em Linguística e Literatura (GPELL). Atualmente é Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

E-mail: pedroadriao@uern.br

Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/5139339971563587>

Pedro Victor do Vale Carlos – Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN). Suas áreas de interesse incluem literatura africana de língua portuguesa (em especial a angolana), literatura pós-colonial, jornalismo literário e produção jornalística.

E-mail: pedrovvc3@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2991464600637221>

Roniê Rodrigues da Silva - Possui pós-doutorado em Literatura e Interculturalidade t(PNPD/UEPB). É docente do Programa de Pós-graduação em Letras e do Departamento de Letras

Vernáculos da Universidade do Estado do RN.

E-mail: rodrigopinon2014@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5453075942539188>

Sebastião Marques Cardoso - Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutor em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). É docente permanente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE - FALA) e dos Programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Presidente e sócio fundador da PODES- Associação de estudos pós-coloniais e decoloniais no ensino, na cultura e nas literaturas sul-sul. Membro da Rede Internacional de Pesquisadores de Literatura Comparada (REDILIC), da Faculdade de Humanidades e Educação, da Universidade de Los Andes, em Mérida-Venezuela. É fundador e líder do Grupo de Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa- GPORT, certificado pela UERN. Junto ao grupo de pesquisa, à iniciação científica, à graduação e à pós-graduação, coordena os projetos de pesquisa Cultura e representação nas literaturas pós-coloniais de Língua Portuguesa (PPGL) e Cultura, literatura e representação na pós-colonialidade (PPCL). Foi Leitor brasileiro em Guiné-Bissau, pelo MRE/CAPES, no ano de 2009, e o primeiro assessor científico da Universidade Lusófona da Guiné (ULG, antes UAC).

E-mail: sebastiaomarkes@uol.com.br

Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/7160975510328626>

Wilma Mesquita de Almeida - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Atualmente, é auxiliar de Biblioteca no Colégio Diocesano Santa Luzia - CDSL em Mossoró/RN.

E-mail: wilma.mesquita@hotmail.com

Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/3622190037255386>

Ylana Karla de França Lopes e Tavares - Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN). Especialista em Literatura e Ensino (IFRN) e Estudos Literários (UERN). Graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Atualmente é professora da Educação Básica do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC/RN).

E-mail: ylanafltavares@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4989138591742651>

